

# LAURELL K. HAMILTON



ANITA BLAKE  
*Café dos Loucos*



**LAURELL K. HAMILTON**

Café dos

Loucos

Título original: The Lunatic Cafe

## Prefácio

O negócio de levantar zombis diminuem em dezembro, nesse momento, Anita Blake começa a trabalhar em alguns casos estranhos. Ela tem uma lista datilografada de oito licantropos desaparecidos, entregue por Marcus, líder do grupo de homens-lobo local, que quer que ela os encontre. O problema é o, de vez em quando, peludo noivo da Anita. Richard está centrado na luta pelo poder contra Marcus. Jean-Claude, o mestre vampiro da cidade, tem interesse amoroso em Anita e também está com ciúmes. Para piorar, Anita tem que solucionar alguns assassinatos horrorosos e impedir que seu amigo de caça, Edward, mate ao Richard e ao Jean-Claude.

Hamilton alterna entre o divertido e o temível nesta divertida serie sobre uma caçadora de monstros com alguns segredos obscuros.

# Série

Anita Blake

A Caçadora de Vampiros

Prazeres Malditos

O Cadáver que Ri

Circo dos Condenados

Café dos Loucos

Ossos Sangrentos

A Dança Mortal

Oferendas Queimadas

Lua Azul

Borboleta Obsidiana

Narcissus Acorrentado

Pecados em Cerúleo

Sonhos de Íncubo

Micah

Dança Macabra

A Arlequina

Sangue Negro

Negociação de Pele

Flerte

Bala

Lista de Mortes

Beije a Morte

Aflição

Estávamos a duas semanas do Natal. Um péssimo momento do ano para levantar os mortos. Meu último cliente da noite estava sentado em frente a mim. Não havia nenhuma dica no seu nome. Nenhuma dica que dissesse: levantamento de zombis ou matança de vampiros. Nada. O que provavelmente significava que queria que fizesse algo que não podia fazer.

O mês do Natal é uma época morta do ano, não é um jogo de palavras. Meu chefe, Bert aceita qualquer trabalho que chega.

George Smitz era um homem alto, de aproximadamente 1,80 M. Tinha ombros largos e musculosos. Não a classe de músculos que se conseguem levantando pesos e correndo ao redor de uma pista de academia. É daqueles músculos que se conseguem com força e trabalho físico. Apostaria meu dinheiro que o Sr. Smitz era operário da construção, agricultor, ou algo similar. Estava amplo e firmemente constituído com imundície incrustada sob umas unhas que o sabão nunca tocava.

Sentou-se diante de mim esmagando seu chapéu, amassando-o em suas grandes mãos. O café que tinha aceito estava esfriando na beirada de minha mesa. Não tinha tomado nem um gole.

— Ela dirige uma loja de carnes especial. É um bom negócio. Herdou-o de seu pai.

Eu bebia meu café em uma grande caneca de natal que meu chefe, Bert, havia insistido que trouxesse. A caneca de natal personalizada era para acrescentar um toque pessoal ao escritório. Minha caneca tinha uma rena em um roupão e chinelos, com luzes de Natal em seus chifres, celebrando a alegre temporada com champanha e uma frase que dizia "Bingle Jells".

Bert, realmente, não gostava de minha taça, mas o deixava passar, provavelmente, temendo o que eu pudesse trazer. Mostrou-se muito contente com meu traje para a tarde. Uma blusa de gola alta, tão perfeitamente vermelha que tinha tido que usar maquiagem para não parecer tão pálida. A saia e o casaco completavam o conjunto, eram de um profundo verde escuro. Não me havia vestido para o Bert. Tinha me vestido para meu encontro.

O contorno de um anjo de prata brilhava em minha lapela. Parecia muito natalino. A 9 mm Browning Hi-power não parecia muito natalina contudo, mas já que estava escondida sob o casaco não importava.

Poderia ter incomodado ao Sr. Smitz, mas ele parecia preocupado o suficiente para não notar. Enquanto não desse um tiro nele pessoalmente.

— Então, Sr. Smitz, como posso ajudá-lo hoje? — Perguntei.

Contemplava suas mãos, e só seus olhos se elevaram para me olhar.

Era um gesto de menino, um gesto incerto. Parecia estranho em seu rosto de

homem adulto.

— Preciso de ajuda e não sei a quem mais recorrer.

— Exatamente que tipo de ajuda precisa, Sr. Smitz?

— É minha esposa.

Esperei que continuasse, mas só contemplou suas mãos. Seu chapéu era uma bola apertada.

— Quer que levante sua esposa de entre os mortos? — Perguntei.

Elevou a vista com os grandes olhos alarmados.

— Não está morta. Eu sei.

— Então, o que posso fazer por você, Sr. Smitz? Levanto os mortos e sou executora judicial de vampiros. O que há nessa descrição que possa ajudar a sua esposa?

— O Sr. Vaughn disse que você sabia tudo sobre os licantropos. Disse isso como se explicasse tudo. Não explicava.

— Meu chefe faz uma série de alegações, Sr. Smitz. Mas, o que têm os licantropos a ver com sua esposa? Esta era a segunda vez que perguntava sobre sua esposa. Acreditava que falava em inglês, mas possivelmente minhas perguntas eram realmente no Swahili<sup>[1]</sup> e não me dava conta. Ou talvez o que tinha acontecido era muito horrível para dizê-lo com palavras.

Acontece muito em minha profissão.

Inclinou-se para frente, seus intensos olhos sobre minha cara. Também me inclinei para frente, não poderia ajudá-lo.

— Peggy, minha esposa, é um licântropo

Pisquei. — E?

— Se soubessem ela perderia o emprego.

Não discuti com ele. Legalmente, não se podia discriminar aos licantropos, mas acontecia muito freqüentemente.

— Em que a Peggy trabalha?

— É açougueira.

Um licântropo açougueiro. Era muito perfeito. Mas via por que perderia seu trabalho. Preparava comida tendo uma enfermidade potencialmente fatal. Eu não acreditava. Eu sabia, e o ministério de saúde sabia, que a licantropia só podia ser transmitida por um ataque em sua forma animal. A maioria das pessoas não acreditavam nisso. Não posso dizer que as culpe. Tampouco quero ser peluda.

— Também era um licântropo? Perguntei.

Negou com a cabeça.

— Não, Peggy foi atacada uns anos atrás. Sobreviveu... — encolheu os ombros, — mas você já sabe.

Realmente sabia.

“Então, sua esposa é um licantropo e perderá seu negócio se isto vier à tona. Entendo-o. Mas, como posso lhe ajudar?”

Lutei contra o impulso de jogar uma olhada a meu relógio. Tinha as entradas. Richard não podia ir sem mim.

"Peggy desapareceu."

Ah.

"Não sou detetive particular, Sr. Smitz. Não procuro desaparecidos."

"Mas não posso ir à polícia. Poderiam descobri-la."

"Quanto tempo está desaparecida?"

"Dois dias."

"Meu conselho é que vá à polícia."

Sacudiu a cabeça obstinadamente. "Não."

Suspirei. "Não sei nada sobre a busca de desaparecidos. Levanto os mortos, mato vampiros, isso é o que faço."

"O Sr. Vaughn disse que você poderia me ajudar."

"Contou-lhe seu problema?"

Assentiu com a cabeça.

Merda. Bert e eu íamos ter uma longa conversa.

"A polícia é habilidosa em seu trabalho, Sr. Smitz. Só lhes conte que sua esposa desapareceu. Não mencione a licantropia. Verá como a encontram." Eu não gosto de dizer a um cliente que oculte informação da polícia, mas é melhor que não ir absolutamente.

"Sra. Blake, por favor, estou preocupado. Temos duas crianças."

Comecei a lhe dizer todos os motivos pelos que não podia lhe ajudar, depois me detive. Tinha uma idéia.

"Reanimators Inc. tem um detetive particular em sua lista de nomes. Verônica Sims interveio em muitos casos sobrenaturais. Poderia ser capaz de lhe ajudar.

"Posso confiar nela?"

"Pode"

Contemplou-me durante um longo momento, depois assentiu. "Bem, como entro em contato com ela?"

"Deixe-me fazer uma ligação, ver se pode lhe atender."

"Isso seria ótimo, obrigado"

"Quero lhe ajudar, Sr. Smitz. Caçar a cônjuges desaparecidos não é minha especialidade." Disquei o telefone. Sabia o número do Ronnie de cor. Treinávamos ao menos duas vezes por semana juntas, sem contar algum filme ocasionalmente, jantar, que seja. As melhores amigas, um conceito que a maioria das mulheres não superam com a idade. Pergunte a um homem quem é seu melhor amigo e ele terá que pensar. Não saberá. Uma mulher o saberia. Um homem não seria capaz de pensar em



um nome, não para seu melhor amigo. As mulheres conservam a pista dessas coisas. Os homens não o fazem. Não me pergunte por que.

A secretária eletrônica do Ronnie fez clique.

"Ronnie, se estiver aí, sou Anita, atenda."

O telefone fez clique, e um segundo mais tarde falava com a pessoa de verdade.

"Olá, Anita. Pensei que tinha um encontro com o Richard esta noite. Algo errado?"

Vê, melhores amigas.

"Não com o encontro. Tenho aqui um cliente que acredito ser mais seu estilo que meu"

"Conte tudo" Disse ela.

Fiz-o.

"Recomendaste que ele vá à polícia?"

"Sim."

"Não irá?"

"Não!"

Suspirou. "Bem, procurei antes a desaparecidos, mas geralmente, depois de que a polícia tivesse feito tudo o que podia. Têm recursos que não posso tocar."

"Estou consciente disso" Disse.

"Não mudará de idéia?"

"Não acredito."

"Então, sou eu..."

"Bert aceitou o trabalho sabendo que era um desaparecido. Poderia tratar de dar-lhe ao Jamison."

"Jamison não sabe fazer um buraco na terra, salvo levantar os mortos."

"Sim, mas sempre está impaciente por ampliar seu repertório."

"Pergunte-lhe se pode estar em meu escritório..." Fez uma pausa, enquanto folheava sua agenda. O negócio deve ir bem. "Amanhã às nove da manhã."

"Jesus, sempre foi uma madrugadora "

"Uma de minhas poucas falhas" Disse ela.

Perguntei ao George Smits se às nove da manhã estava bem.

"Seria possível ela me ver esta noite?"

"Quer te ver esta noite."

Pensou nisso durante um minuto. "Por que não? Não é como se tivesse um ardente encontro, diferente de algumas pessoas que poderia mencionar. Sim, pode mandar ele vir. Esperarei. A noite da sexta-feira com um cliente é melhor que a noite da sexta-feira sozinha, suponho."

"Realmente, deste com uma temporada de seca" disse.

"E você acertaste com uma temporada úmida."

"Muito engraçado."

Ela riu. "Vou aguardar ansiosamente a chegada do Sr. Smitz. Aproveite Guys e Dolls<sup>121</sup>."

"Aproveitarei. Te verei amanhã pela manhã para nossa corrida."

"Tem certeza que me quer aí tão cedo se por acaso o navio dos sonho decide ficar?"

"Conhece-me melhor que isso" Disse.

"Sim, conheço. Era só uma brincadeira. Verei-te amanhã."

Desligamos. Entreguei um cartão de visita de Ronnie ao Sr. Smitz, a direção de seu escritório, e o pus em caminho. Ronnie era o melhor que podia fazer por ele. Embora ainda me incomodava que não fora à polícia, mas esculta, não era minha esposa.

Temos duas crianças, ele havia dito. Não era meu problema. De verdade.

Craig, nosso secretário noturno estava no escritório, o que significava que era mais tarde que as seis. Estava atrasada. Realmente, não era o momento de discutir com o Bert sobre o Sr. Smitz, mas...

Joguei uma olhada ao escritório do Bert. Estava escuro.

"O chefe foi pra casa?"

Craig levantou a vista do teclado do computador. Ele tem o cabelo castanho curto, fino como o de um bebê. Óculos redondos que combinam com uma cara redonda. É magro e mais alto que eu, mas quem não o é?

Estava há vinte anos com esposa e dois bebês.

"O Sr. Vaughn partiu faz aproximadamente trinta minutos."

"Isso é típico..." Disse.

"Aconteceu algo?"

Neguei com a cabeça. "Agende algum horário para eu falar com o patrão amanhã."

"Não sei, Anita. Já tem bastante tempo reservado."

"Encontre-me um pouco de tempo, Craig. Ou interromperei uma das outras entrevistas."

"Está louca!" Disse ele.

"Pode apostar. Encontre tempo. Se reclamar, lhe diga que te aponte uma arma."

"Anita" disse com um sorriso, como se brincasse.

Deixei-lhe folheando a agenda tratando de me achar algum espaço. Quis lhe dizer isso. Bert falaria comigo amanhã. Dezembro era nossa temporada mais baixa para levantar zombis. As pessoas pareciam pensar que não podíamos fazê-lo tão perto do Natal, como se isto fosse magia negra ou algo parecido.

Então Bert programou outras coisas para passar o período de pouca atividade.

Tinha-me cansado de clientes com problemas sobre os que nada podia fazer. Smitz não era o primeiro este mês, mas ia ser o último.

Com aquele alegre pensamento me apertei em meu casaco e parti.

Richard esperava. Se o tráfego cooperasse, podia chegar antes de que o espetáculo começasse. Tráfego de uma sexta-feira de noite, certamente não.

O Nova 1978 que conduzia tinha morrido triste e tragicamente.

Conduzia agora um Jipe Country Cherokee. Era de um verde tão escuro que parecia negro de noite. Mas tinha tração nas quatro rodas, úteis para o inverno, e com suficiente espaço no porta-malas como para transportar cabras. Habitualmente, uso frangos para levantar os zombis, mas de vez em quando se necessita de algo maior. Transportar cabras no Nova era uma merda.

Deixei o Cherokee no último espaço de estacionamentos em todo Grant.

O casaco de inverno, comprido e negro, ondulava ao meu redor já que só tinha abotoado dois botões. Se abotoasse todos não poderia alcançar a arma.

Coloquei as mãos nos bolsos do casaco, com os braços aconchegando o tecido ao meu redor. Não havia posto as luvas. Nunca me pareceu cômodo disparar com luvas. A arma é uma parte da minha mão. O tecido não deve interferir.

Corri pela rua com meus sapatos de salto alto tomando cuidado com o piso congelado. A calçada estava rachada, com enormes pedaços faltando, como se alguém lhe tivesse batido com um pesado martelo.

Os edifícios estavam tão ruins quanto a calçada. Sentia falta da multidão, mas como era tão tarde, tinha toda a rua para mim. Era um passeio curto, mas solitário, durante uma noite de dezembro. Vidros quebrados sujavam o chão por isso tinha que ter muito cuidado onde pisava. Um beco cortou os edifícios. Parecia o hábitat natural do *Muggerus Americanus*<sup>[3]</sup>. Observei cuidadosamente a escuridão. Nada se movia. Com a Browning não estava muito preocupada, mas mesmo assim... Não tem que ser um gênio para disparar em alguém pelas costas.

O vento era bastante frio, para te deixar sem fôlego, quando me aproximei da esquina e à relativa segurança. Usava muitos suéteres no inverno, mas esta noite tinha optado por algo mais elegante, congelava-me o traseiro, embora esperava que Richard gostasse da blusa vermelha.

Na esquina havia luzes, carros e um policial dirigindo o tráfico no meio da rua. Nunca há muitos policiais nesta parte de St. Luis, a menos que o Fox tenha uma função. Uma grande quantidade de pessoas enriquecidas vêm a esta zona baixa usando suas peles, diamantes e relógios Rolex. Não se faz um amigo na prefeitura para assaltá-lo. Quando Topol veio para interpretar o papel principal no “Violinista no Telhado” o público era muito “crème de la creme” e o lugar estava infestado de policiais. Esta noite porem só o habitual. Principalmente, diante do teatro e controlando o tráfico, mas também dando olhadas às sórdidas zonas traseiras dos edifícios se por acaso alguém endinheirado perguntava muito longe da luz.

Atravessei as portas de cristal que davam a um corredor comprido e estreito. De algum jeito estava alegremente iluminado; brilhante. Havia uma pequena sala à

direita onde se podiam adquirir as entradas. Pessoas saiam apressadas dali, correndo para as portas interiores de vidro. Não era tão tarde como pensava se ainda havia muitas pessoas comprando suas entradas. Ou talvez, todos outros estavam tão atrasados quanto eu.

Vislumbrei ao Richard de pé na esquina direita mais longínqua. Com seu um metro e oitenta e cinco é mais fácil de se ver através de uma sala lotada de gente, que eu, com meu metro sessenta. Permanecia tranqüilo, seus olhos seguiam o movimento da multidão. Não parecia estar aborrecido ou impaciente.

Parecia estar só olhando às pessoas. Seus olhos observaram a um casal idoso quando passaram pelas portas de vidro. A mulher utilizava bengala. Avançavam penosamente devagar. A cabeça do Richard girava devagar com eles. Examinei à multidão. Todos os outros eram mais jovens, moviam-se a grandes passos, ou apressados. Richard procurava vítimas ? Presas?

Depois de tudo era um homem lobo. Tinha pego um lote ruim da vacina para a licantropia. Um dos motivos por que nunca participo de experiências. Se minha vacina contra a gripe

acidentalmente traz conseqüências, é uma coisa, mas ser peluda uma vez ao mês...

Não, obrigado.

Estava ali observando a multidão como um leão que contempla uma manada de gazelas? Ou talvez o casal idoso o tinha recordado a seus avós. Demônios, talvez atribuía motivos que só estavam em meu pequeno e desconfiado cérebro. Esperava que fosse assim.

Seu cabelo era castanho. À luz do sol brilhava com fios de ouro e rastros de cobre. Sabia que o cabelo lhe chegava até o ombro, quase como o meu, mas lhe tinha feito algo, tinha-o prendido para trás de alguma forma criando a ilusão de ser muito curto perto da nuca. Não devia ser fácil com um cabelo tão ondulado como o dele.

Seu traje tinha certo tom enriquecedor em verde. A maioria dos homens teriam parecido Peter Pan em um traje verde, mas nele ficava perfeito. Quando cheguei mais perto, pude ver que a camisa era de uma pálida cor nata quase dourado, com uma gravata de um verde mais escuro que o traje, com diminutas árvores de Natal em vermelho. Faria algum comentário mordaz sobre a gravata, mas com meu vestido vermelho e verde com um anjo de Natal na lapela, a quem devia me queixar?

Viu-me e sorriu. Um sorriso muito radiante que contrastava com sua pele permanentemente bronzeada. Seu sobrenome, Zeeman, é holandês, mas em algum ponto atrás em sua linhagem havia alguém que não era europeu. Nada loiro, nada atrativo, nada insensível. Os olhos eram de um perfeito marrom chocolate.

Estendeu a mão e tomou as minhas brandamente me atraindo para ele.

Seus lábios eram suaves sobre minha boca, um beijo fugaz, quase casto.

Retrocedi tomando ar. Não soltou minha mão e eu deixei. Sua pele estava muito quente contra a minha fria mão. Considerei lhe perguntar se tinha pensado em comer a esse casal idoso, mas não o fiz.

Acusá-lo de intenção de assassinato podia estragar a noite. Além disso, a maioria dos licântropos não era consciente de que fazia coisas pouco humanas. Quando alguém o indicava, parecia ferir seus sentimentos. Não queria machucar os sentimentos do Richard.

Enquanto transpassávamos as portas interiores do saguão lotado "Onde está seu casaco?"

"No carro. Não quis trazê-lo, assim o deixei."

Assenti. Era típico do Richard. Ou talvez que os licântropos não sentem frio. Nas costas podia ver que tinha o cabelo trançado e apertado ao couro cabeludo. A ponta da trança lhe roçava o pescoço. Ainda não podia entender como o tinha feito. Minha idéia de arrumar o cabelo é lavar, colocar um pouco de mousse e depois, deixá-lo secar. Não estava acostumada em alta tecnologia de desenho de penteados. Embora poderia ser divertido desembaraçar pausadamente esses nós depois do espetáculo.

Sempre estava disposta a aprender uma nova habilidade.

O saguão principal do Fox é uma mescla entre um restaurante chinês realmente agradável e um templo hindu, com uma decoração Art Deco para dar bom gosto. As cores são muito deslumbrantes, como se o pintor tivesse colocado vidros coloridos com pedacinhos de luz apanhados neles. Os leões do restaurante chinês, do tamanho do Pitbulls com os olhos vermelhos acesos, protegem o começo das escadas que conduzem até o balcão do Clube Fox onde por quinze mil dólares ao ano podem-se comer maravilhosas comidas e ter um camarote particular. O resto de nós, os peões, nos misturamos quase cotovelo a cotovelo no atapetado saguão, com ofertas de pipocas, bolachas salgadas, Pepsis, e algumas noites, cachorros-quentes, muito distante do frango de primeira qualidade ou seja o que fosse que oferecem ali acima.

Os corredores do Fox riscam uma linha maravilhosamente fina entre a ostentação e o fantástico. Amei esse edifício desde a primeira vez que o vi. Cada vez que venho, há uma nova maravilha que admirar. Um pouco de cor, uma escultura ou uma estátua que não notei antes. Quando você percebe que ele foi construído originalmente para ser um cinema, você percebe o quanto as coisas mudaram. Os cinemas agora têm alma de meias sem lavar. O Fox está vivo como só estão os melhores edifícios.

Tive que soltar a mão do Richard para desabotoar o casaco no resto do caminho, mas ei, ele estava me segurando pelo quadril. Estava próxima a ele entre a multidão sem nos tocar, mas podia sentir ele como uma linha quente contra meu

corpo.

"Vamos parecer os Gêmeos Bobsey<sup>[4]</sup> quando tirar o casaco." Disse.

Levantou as sobrancelhas.

Desdobrei o casaco como um exibicionista e riu. Era uma risada agradável, cálida e consistente, como um pudim de Natal.

"É a temporada." Me disse. Deu-me um abraço com um só braço, como o daria a um amigo, mas o braço permaneceu sobre meus ombros. Logo começava nosso encontro, mas este toque era novo; inesperado, estimulante. Seguimos procurando desculpas para nos tocar, tentando parecer indiferentes. Não é enganar os outros. Não estava certa de que se importassem. Deslizei o braço ao redor de sua cintura e me inclinei só um pouco. Era meu braço direito. Se fôssemos atacados agora, nunca tiraria a arma a tempo. Analisei por um minuto se valia a pena.

Girei ao redor dele lhe oferecendo a mão esquerda. Não sei se reconheceu a arma ou só o entendeu, mas seus olhos se alargaram. Inclinou-se para mim, sussurrando contra meu cabelo. "Uma arma aqui, no Fox? Pensa que os lanterninhas lhe deixarão entrar?"

"Deixaram na última vez."

Olhou-me sentido saudades. "Sempre anda armada?"

Encolhi-me de ombros. "Depois do anoitecer, sim. "

Seus olhos se mostraram perplexos, mas o deixou passar. Antes deste ano estava acostumada a sair desarmada depois do anoitecer, mas este tinha sido um ano agitado. Muitos tinham tentado me matar. Era pequena, até para uma mulher. Corro, levanto pesos, sou faixa preta em judô, mas ainda sou inferior à maioria dos tipos maus profissionais. Tendem também a levantar pesos, praticar artes marciais e me superar em peso por 45 kg ou mais. Não podia lutar corpo a corpo com eles, mas podia lhes dar um tiro.

Além disso, a maior parte deste ano tinha enfrentado a vampiros e outros insetos sobrenaturais. Podiam levantar grandes caminhões com uma só mão, ou algo pior. As balas de prata não matam aos vampiros, mas certamente, recuperam-se mais devagar. O suficiente para correr como o demônio. Para escapar. Para sobreviver.

Richard sabia o que eu fazia para ganhar a vida. Inclusive tinha visto algumas das sórdidas situações. Mas ainda esperava que protestasse. Que começasse a dar uma de "macho protetor e a fêmea necessitada" pela arma ou algo assim. É quase uma dor permanente na tripa, em espera que este homem diga algo horrível. Algo que arruíne tudo, que destrua tudo, machuca.

Até agora, tudo bem. A multidão começou a caminhar para a escada, separando-se a

ambos os lados do corredor que conduziam ao teatro principal. Caminhamos ao ritmo deles, de mãos dadas para evitar ser separados.

Uma vez que o saguão ficou atrás, a multidão fluiu para diferentes corredores como água que busca a rota mais rápida rio abaixo. A rota mais rápida era ainda bastante lenta. Tirei as entradas do bolso do casaco. Não tinha bolsa. Uma pequena escova, um batom, um delineador de lábios, a sombra de olhos, minha identificação e as chaves do carro enchiam meus bolsos. Coloquei o beeper discretamente para o lado entre as dobras dianteiras da saia. Quando não me visto elegantemente uso uma pochete.

A lanterninha, uma mulher maior com óculos, iluminou com uma diminuta lanterna nossas entradas. Levou-nos a nossos assentos, mostrou os lugares e voltou para ajudar ao grupo seguinte de pessoas que necessitavam de sua ajuda. Os assentos eram bons, perto da metade, bem próximos ao cenário. O suficientemente perto.

Richard se apressou a sentar-se a minha esquerda sem ter perguntado. É rápido. É um dos motivos pelos quais ainda saímos. Isso, e o feito de que sinto uma terrível luxúria por seu corpo.

Coloquei o casaco sobre o assento, estendendo-o, assim não seria muito volumoso. O braço do Richard se deslizou pela poltrona, seus dedos tocaram meu ombro. Lutei contra o impulso de pôr a cabeça no ombro dele. Muito mau, depois pensei, "que demônios". Me aconcheguei na curva de seu pescoço exatamente para aspirar o aroma de sua pele. A loção pós-barba cheirava a limpo e doce, mas por debaixo estava o aroma de sua pele, sua carne. Essa loção nunca cheiraria igual em ninguém mais. Francamente, sem uma gota de loção também amaria o aroma do pescoço do Richard.

Endireitei-me, me separando dele só um pouco. Ele me olhou de maneira inquisitiva. "Algo errado?"

"A loção pos barba é agradável." Disse. Não havia nenhuma necessidade de admitir que tinha tido um impulso quase irresistível de lhe morder o pescoço. Era muito embaraçoso.

As luzes se atenuaram e a música começou. Nunca vi realmente Guys and Dolls exceto no cinema. A versão do Marlon Brando e Jean Simmons.

A idéia do Richard de um encontro era uma escavação, caminhada, coisa que requeressem roupa mais velha e um par de bons sapatos para andar. Não havia nada de errado nisso. Eu gosto do ar livre, mas quis experimentar um encontro mais glamuroso. Queria ver o Richard de terno e vê-lo em algo que não fossem jeans. Sou, depois de tudo, uma garota, goste ou não de admiti-lo.

Mas tendo proposto o encontro, não queria organizar o típico dueto; jantar e filme. Então convidei-o ao Fox para saber que apresentações havia e perguntei ao Richard se gostava das comédias musicais. Gostava. Outro ponto a seu favor. E já que era minha idéia, comprei as entradas.



Richard não tinha discutido, nem sequer para pagar a metade. Depois de tudo, eu não tinha me oferecido para pagar nosso último jantar. Não me ocorreu. Apostaria a que tinha pensado em pagar as entradas, mas o tinha deixado passar. Um bom homem.

A cortina levantou e uma inicial cena guia de ruas apareceu ante nós, cores brilhantes, estilizados, perfeitos e alegres, era o que precisava.

"The Fugue for Tinhorns" invadiu o luminoso cenário e fluiu para a feliz escuridão. Boa música, humor, bailarinos, o corpo do Richard junto ao meu, uma arma sob o braço. Que mais podia pedir uma garota?

Alguns tinham escapado antes do final do musical para sair antes que a multidão. Sempre ficava até o final. Parecia injusto sair antes que se pudesse aplaudir. Além disso, odeio perder o final de algo. Sempre estive convencida de que a parte que perderia seria a melhor parte.

Participamos com entusiasmo na ovação. Nunca vivi em nenhuma cidade que conceda tantos aplausos. É verdade que às vezes, como esta noite, o espetáculo é maravilhoso, mas vi o entusiasmo da platéia em outras produções que não o mereciam. Não fico de pé a menos que o queira estar.

Richard se recostou depois de que ascenderam as luzes. "Prefiro esperar até que a multidão diminua. Se não te importar. " Havia um olhar em seus olhos marrons que dizia que não se importava.

Eu não. Tínhamos chegado em carros separados. Quando saíssemos do Fox a noite estaria terminada. Pelo visto, nenhum queria partir. Eu sabia que não queria.

Inclinei-me nos assentos da frente olhando-o fixamente. Sorriu-me, seus olhos brilhavam com luxúria, se não com amor. Eu também sorria. Não me ajudava.

"Sabe que este é um musical muito sexista?" disse ele.

Pensei nisso um momento, logo afirmei com a cabeça.

"Sim."

"Mas você gostou?"

Afirmar com a cabeça.

Seus olhos se estreitaram um pouco. "Pensei que podia estar ofendida. "

"Tenho coisas melhores com que me preocupar do que se Guys and Dolls reflete uma situação de equilíbrio no mundo."

Ele riu, com um breve e feliz som.

"Bom. Durante um minuto pensei que teria que me desfazer de minha coleção do Rodgers e do Hammerstein. "

Estudei seu rosto tentando decidir se tentava me provocar. Não pensava assim.

"Realmente coleciona discos de bandas do Rodgers e Hammerstein? "

Afirmou, seus olhos brilhantes e risonhos.

"Só Rodgers e Hammerstein ou todas as comédias musicais?"

"Não tenho todos eles, mas sim todas."

Neguei com a cabeça.

"O que há de errado?"

"Você é romântico."

"Você faz isso soar como uma coisa ruim."

"Essa merda de felizes para sempre é bom no palco, mas não tem muito há ver com a vida real."

Voltou a estudar minha cara. Claramente, não gostou do que viu porque franziu o cenho. "Este encontro foi idéia sua. Se não aprova todas estas coisas felizes, por que me trouxe?"

Encolhi os ombros.

"Depois de te perguntar sobre um encontro formal não sabia aonde te levar. Não queria fazer o habitual. Além disso, eu gosto dos musicais. Só que não penso que reflitam a realidade."

"Você não é tão durona quanto aparenta ser ."

"Sim" disse, "eu sou."

"Não acredito. Penso que você gosta dessa merda de felizes para sempre tanto quanto eu. Só tem medo de acreditar nisso."

"Não é medo, só cautela."

"Decepcionada muitas vezes?" perguntou.

"Talvez." Cruzei os braços sobre o estômago. Um psicólogo teria dito que era fechada, pouco comunicativa. Que se danem.

"O que você está pensando?"

Encolhi-me de ombros.

"Me diga, por favor."

Olhei fixamente seus sinceros olhos marrons e quis ir pra casa sozinha. Em vez disso. "Felizes para sempre é só uma mentira, Richard, e foi assim desde que eu tinha oito anos."

"A morte de sua mãe." disse ele.

Somente lhe olhei. Tinha vinte e quatro anos e a dor daquela primeira perda ainda estava muito crua. Você pode lidar com isso, suportar, mas nunca evitá-la. Nunca acreditei realmente em um lugar melhor. Nunca acreditaria que o mau realmente não ocorreria e levaria tudo. Prefiro lutar contra uma dúzia de vampiros que contra um acidente sem sentido.

Ele apertou com força sua mão em meu braço.

"Não morrerei por sua causa, Anita. Prometo."

Alguém riu, um suave sorriso que me acariciou a pele como as pontas dos dedos. Só uma pessoa tinha esta risada quase tangível, Jean-Claude. Girei e ali estava, de pé no meio do corredor. Não o tinha ouvido chegar. Não havia sentido nenhum movimento. Apareceu como magia.

"Não faça promessas que não possa cumprir, Richard."

Separei-me dos assentos dando um passo a diante e deixando espaço para o Richard se levantar. Senti sua presença reconfortante atrás de mim como se não tivesse estado mais preocupada com sua segurança do que com minha própria.

Jean-Claude estava vestido com um reluzente smoking negro completo, com cauda. Um colete branco com diminutos pontos negros ressaltava a brancura reluzente de sua camisa. O pescoço era alto e rígido, com uma gravata de suave tecido negro atado ao redor dele e metida no colete, como se nunca tivessem sido inventadas. O alfinete da gravata era feito de ônix negro e prata. Seus sapatos tinham perneiras sobre eles, como usava Fred Astaire, embora suspeitava que o conjunto inteiro era de um estilo muito mais antigo.

Seu cabelo estava elegantemente longo, os cachos quase negros contornavam o pescoço branco. Sabia de que cor eram seus olhos, mas não os olhei. Eram de um azul meia-noite, a cor de uma safira realmente boa. Nunca olhe a um vampiro nos olhos. É uma regra.

Com o mestre vampiro da cidade estando ali, esperando, compreendi como o teatro estava vazio. Tínhamos esperado que a multidão saísse, tudo bem. Estávamos sozinhos no silêncio ressonante. O murmúrio distante da saída da multidão parecia como o ruído branco<sup>[5]</sup>. Isso não significava nada. Contemplei os brilhantes botões de madrepérola do colete do Jean-Claude. É difícil resistir quando não se pode encarar os olhos de alguém. Mas eu podia.

"Deus, Jean-Claude, não usa alguma vez algo que não seja branco e preto?"

"Você não gosta, *ma petite*?" Deu uma pequena volta para que pudesse ver o efeito completo. O conjunto lhe sentava maravilhosamente. É obvio, tudo o que vestia parecia feito sob medida, perfeito, encantador, tal como ele.

"De qualquer forma, achava que Guys and Dolls não seria de seu agrado, Jean-Claude."

"Ou do teu, *ma petite*."

A voz era enriquecedora como a nata, com um ardor que só duas coisas podiam produzi-la, a cólera ou a luxúria. Apostava que não era luxúria.

Tinha a arma e as balas de prata o deixariam mais lento, mas não o matariam. É obvio, Jean-Claude não saltaria sobre nós em público.

Era muito civilizado para isso. Era um vampiro de negócios, um empresário. Os empresários, mortos ou vivos, não vão por aí rasgando as gargantas das pessoas. Normalmente.

"Richard, você está estranhamente quieto."

Cravou o olhar além de mim. Não olhei atrás para ver o que Richard estava fazendo. Nunca tire seus olhos do vampiro que tem diante para jogar uma olhada ao

homem lobo que tem à costas. Um problema cada de vez.

"Anita pode falar por si mesma" disse Richard.

A atenção do Jean-Claude retornou para mim.

"Isso certamente é verdade. Mas vim para ver se gostaram do espetáculo."

"E os porcos voam" disse.

"Não acredita em mim?"

"Não" disse.

"Vamos, Richard, desfrutasses da tua noite?"

Havia uma ponta de diversão em sua voz, mas por baixo ainda havia raiva. É melhor não estar perto dos mestres vampiros quando estão zangados.

"Estava maravilhosa até que chegaste." Havia uma nota de ardor na voz do Richard, um princípio de raiva.

Nunca lhe tinha visto zangado.

"Como poderia minha mera presença estragar seu... encontro?" O último foi cuspidor, queimando ardentemente.

"Por que está tão zangado esta noite, Jean-Claude?" perguntei.

"Por quê? *Ma petite*, nunca estou... zangado."

"Mentira."

"Esta com ciúmes de ti e de mim" disse Richard.

"Não estou com ciúmes."

"Sempre diz a Anita como pode sentir o cheiro de seu desejo por ti. Bem, posso sentir o teu. A desejas de uma forma tão doentia" Richard fez um som quase amargo, "que pode saboreá-la."

"E você, Monsieur Zeeman, não a cobiças?"

"Deixem de falar como se eu não estivesse aqui" disse.

"Anita me convidou a sair em um encontro. Eu disse que sim."

"É verdade, *ma petite*?" sua voz soou muito tranqüila. Aquela tranqüilidade era mais horripilante que a raiva. Quis dizer que não, mas ele teria sentido o cheiro da mentira.

"É verdade. E daí?"

Silêncio. Estava de pé ali, completamente em silêncio. Se não estivesse vendo ele, não saberia que estava ali. Os mortos não fazem ruído algum.

Meu bip soou. Richard e eu saltamos como se nos tivessem dado um tiro. Jean-Claude estava imóvel como se não o tivesse ouvido.

Apertei o botão e o número que cintilou me fez gemer.

"Quem é?" perguntou Richard. Colocou a mão em meu ombro.

"A polícia. Tenho que encontrar um telefone."

Apoiei-me contra o peito do Richard. Sua mão me apertou o ombro.

Contemplei o vampiro na minha frente. Faria mal Jean-Claude depois de que eu

saísse? Não estava certa.

"Estais usando uma cruz?"

Não me incomodei em sussurrar. Jean-Claude teria ouvido de qualquer maneira.

“Não”.

Eu me virei. "Não! Saio depois do anoitecer sem uma cruz?"

Encolheu os ombros. "Sou um homem lobo. Posso me cuidar."

Sacudi a cabeça.

"Não foi suficiente que lhe arrancassem a garganta uma vez?"

"Ainda estou vivo" disse ele.

"Sei que te cura de quase tudo, mas por Deus Richard, não de tudo."

Comecei a tirar a corrente de meu crucifixo de prata de minha blusa.

"Pode tomar emprestada a minha."

"É prata de verdade?" perguntou Richard.

"Sim."

"Não posso. Sou alérgico à prata, lembra."

Ah. Estúpida. Uma perita sobrenatural oferecendo prata a um licantropo. Coloquei a corrente dentro de minha blusa.

"Não é mais humano que eu, *ma petite*."

"Ao menos não estou morto."

"Isso se pode remediar."

"Vocês dois, parem."

"Viu seu quarto, Richard? Sua coleção de pingüins de pelúcia?"

Respirei profundamente e soltei o fôlego. Não iria ficar aqui e explicar como, Jean-Claude tinha conseguido ver meu quarto. Realmente deveria dizer, em voz alta, que não tinha dormido com o morto andante.

"Está tentando me deixar com ciúmes, mas não funcionará" disse Richard.

"Mas sempre fica uma ponta de dúvida, Richard. Conheço-te. És a criatura que convoco, meu lobo, e sei que dúvidas dela."

"Não duvido da Anita." Mas havia um tom defensivo em sua voz que eu não gostei absolutamente.

"Não te pertenço, Jean-Claude" disse Richard. "Sou o segundo na linha para liderar o bando. Vou aonde me agrada. O alfa rescindiu as ordens de te obedecer depois de que quase me matasse."

"O líder de seu bando se mostrou mais incomodado porque sobreviveu" disse Jean-Claude docemente.

"Por que o líder do bando queria Richard morto?" perguntei.

Jean-Claude olhou além de mim, ao Richard.

"Não lhe dissesse que está em uma batalha pela sucessão?"

"Não lutarei contra Marcus."

"Então morrerá." Jean-Claude o fazia parecer muito simples.

Meu bip soou outra vez. Mesmo número.

"Já vou, Dolph" resmunguei.

Joguei uma olhada ao Richard. A raiva brilhava intensamente em seus olhos. Suas mãos fechadas formavam punhos. Eu estava perto o suficiente para sentir a tensão saindo dele como ondas.

"O que está acontecendo, Richard?"

Sacudiu a cabeça rapidamente.

"É assunto meu, não teu."

"Se alguém te ameaçar, é assunto meu."

Cravou o olhar em mim.

"Não, você não é um de nós. Não te envolverei."

"Posso me cuidar sozinha, Richard."

Só sacudiu a cabeça.

"Marcus quer te implicar, *ma petite*. Richard se nega. És a... maçã da discórdia entre eles. Uma de muitas."

"Como sabe tanto sobre isso?" perguntei.

"Nós líderes da comunidade sobrenatural devemos nos comunicar um com o outro. Para a segurança de todo o mundo."

Richard simplesmente continuava a olhá-lo. Pela primeira vez me ocorreu que ele parecia poder olhar Jean-Claude nos olhos, sem efeitos adversos.

"Richard, pode olhá-lo nos olhos?"

Os olhos do Richard voltaram para mim, depois retornaram ao Jean- Claude.

"Sim. Sou um monstro também. Posso olhá-lo nos olhos."

Neguei com a cabeça.

"Irving não pode olhá-lo nos olhos. Não é só por ser um homem lobo."

"Sou um mestre vampiro, então, nosso formoso amigo aqui presente é um mestre homem lobo. Embora eles não o chamam dessa forma. Machos alfa. É assim, não? Líderes do bando."

"Prefiro líder do bando."

"Aposto que sim" disse.

Richard pareceu ferido, sua cara derrubando-se como a de um menino.

"Está zangada comigo, por que?"

"Tem toda essa merda com o líder do bando e não me diz nada. Jean-Claude insinua que seu líder te quer morto. É verdade?"

"Marcus não me matará" disse Richard.

Jean-Claude riu. O som pareceu amargo, como se não fosse uma risada absolutamente.

"És tolo, Richard."

Meu bip começou outra vez. Conferi o número e o apaguei. Não me parecia que Dolph me estivesse dando muito tempo para chamar. Algo grave estava acontecendo. Tinha que ir. Mas...

"Não tenho tempo para escutar a história inteira neste momento." Empurrei um dedo no centro do peito do Richard, dando as costas ao Jean-Claude. Causasse o dano que queria. "Vais me contar até o final o que está acontecendo."

"Eu não..."

"Poupe isso. Ou compartilha comigo este problema, ou não saímos mais."

Parecia impressionado.

"Por quê?"

"Ou deixou isso passar para me proteger, o que odiaria, ou tem alguma outra razão. Espero que seja uma maldita boa razão e não simplesmente alguma merda dessas do ego masculino."

Jean-Claude riu outra vez. Esta vez o som me envolveu como a flanela, cálida e reconfortante, densa e suave sobre minha pele nua.

Sacudi a cabeça. A risada do Jean-Claude era uma invasão à intimidade.

Voltei-me para enfrentá-lo, e deve ter visto algo em minha cara porque a risada morreu como se nunca tivesse estado ali.

"Quanto a ti, pode tirar o inferno daqui. Tiveste tua diversão por esta noite."

"O que quer dizer, *ma petite*?" Seu formoso rosto era tão puro e branco como uma máscara.

Sacudi a cabeça e avancei. Fui embora. Tinha trabalho a fazer. A mão do Richard agarrou meu ombro.

"Deixe-me ir, Richard. Agora estou mesmo zangada contigo." Não o olhei. Não queria ver sua cara. Tinha medo que o tivesse magoado porque o perdoaria de qualquer maneira.

"Já a ouviste, Richard. Não quer que a toque." Jean-Claude tinha dado um passo para mais perto.

"Nos deixe em paz, Jean-Claude."

A mão do Richard me apertou brandamente.

"Ela não te quer, Jean-Claude". Havia raiva em sua voz, mais raiva do que deveria haver. Como se tratasse de convencer mais a si mesmo do que ao Jean-Claude.

Segui avançando, tirando sua mão de cima de mim. Quis tratar de alcançá-lo, mas não o fiz. Me tinha escondido seu problema. Um problema perigoso. Não podia permiti-lo. Pior ainda, tinha acreditado em algum lugar escuro de sua alma que eu podia ter cedido ante o Jean-Claude.

Que confusão.



"Fodam-se todos."

"Então, ainda não tivesses esse prazer?" disse Jean-Claude.

"Essa é uma pergunta que Anita deve responder, não eu" disse Richard.

"Saberia se o tivesse feito."

"Mentiroso" disse.

"Não, *ma petite*. Sentiria o cheiro dele em sua pele."

Quis lhe dar um soco. O desejo de esmagar aquele belo rosto era físico. Esticava meus ombros, fazia doer meus braços. Mas o conhecia melhor. Não lhe ofereça voluntariamente para brigar a murros com vampiros. Diminui sua esperança de vida.

Aproximei-me muito de Jean-Claude, nossos corpos quase tocando-se.

Olhei-lhe fixamente o nariz, o que arruinou um pouco o efeito, mas seus olhos afogavam-me e eu sabia melhor que ninguém.

"Eu te odeio". Minha voz soou seca pelo esforço de não gritar. Nesse momento queria dizer isso. E sabia que Jean-Claude o sentiria. Queria que soubesse.

"*Ma petite...*"

"Não, já falou o bastante. É minha vez. Se machucar a Richard Zeeman, matarei você."

"Ele significa tanto para ti?" Havia surpresa em sua voz. Genial.

"Não, você significa muito pouco". Afastei-me dele lhe rodeando. Dei-lhe as costas e me afastei andando. Deixe que ele afundasse suas presas naquela parte de verdade. Esta noite queria dizer cada palavra.

O número de meu bip era do celular do Sargento da Polícia Rudolf Storr. Um presente de Natal de sua esposa no ano passado. Tinha enviado uma nota de agradecimento. O rádio da polícia fazia tudo soar em uma linguagem estranha. Dolph respondeu na quinta chamada.

Sabia que atenderia finalmente.

"Anita."

"E se fosse sua esposa?" perguntei.

"Sabe que estou trabalhando."

Deixei passar. Nem todas as esposas apreciariam que seu marido atendesse o telefonema de outra mulher por seu nome. Talvez Lucille fosse diferente.

"O que acontece, Dolph? Supõe-se que esta é minha noite livre."

"Infelizmente, o assassino não sabia isso. Se estiver muito ocupada, iremos começando sem você."

"O que, tem os calções retorcidos?"

Fui recompensada com um pequeno som que poderia ter sido uma risada.

"Não é culpa tua. Vem para o Six Flags pela 44."

"Onde exatamente na 44?"

"Perto do Centro de Natureza Audubon. Quanto tempo para chegar aqui?"

"O problema é que não sei onde diabos está. Como chego ao centro da natureza?"

"É através do caminho do St. Ambrose Monastery."

"Não o conheço" disse.

Ele suspirou.

"Demônios, estamos no meio de maldito lugar nenhum. Essas são as únicas referências."

"Só me dê as instruções. Encontrarei."

Deu-me isso. Eram muitas e não tinha caneta e papel.

"Espera, tenho que conseguir algo para escrever." Posei o telefone e aproveitei um guardanapo da área de descanso. Pedi uma caneta a um casal mais velho. O homem vestia um casaco de cachemira. A mulher usava diamantes verdadeiros. A caneta estava gravada e poderia ser de ouro autêntico. Não me fez prometer que a devolvesse. Crédulo, ou a cima de tão pequenas preocupações. Ia ter que me abastecer de meus próprios materiais de escritório. Era embaraçoso.

"Estou de volta, Dolph, continue."

Não me perguntou o que me tinha levado tanto tempo. Dolph não é dado a questões alheias. Deu-me as instruções outra vez. Eu as reli para estar certa que as tinha certo. Tinha.

"Dolph isto é, pelo menos, quarenta e cinco minutos de carro."

Geralmente sou a última perita a ser chamada. Depois que a vítima foi fotografada, gravada em vídeo, manuseada, cravada, etc.

Assim que chego, todo mundo retorna para casa, ou ao menos, abandonam a cena do crime. Às pessoas não gostam de me esperar impacientemente de pé durante duas horas.

"Chamei-te assim que entendi que nada humano o tinha feito. Nós levaremos pelo menos quarenta e cinco minutos para concluir e estará pronto para você."

Deveria saber que Dolph teria planejado de antemão.

"Bem, estarei aí assim que puder."

Desligou. Desliguei. Dolph nunca dizia adeus.

Devolvi ao homem sua caneta. Recebeu amavelmente como se nunca tivesse duvidado de sua devolução. A boa educação.

Fui para as portas. Nem Jean-Claude nem Richard a tinham ido para o lobby. Estavam em público, assim, realmente não pensava que tivessem uma briga a murros, insultos mas não violência. Então o vampiro e o homem lobo podiam se cuidar sozinhos. Além disso, se Richard podia se preocupar comigo quando não precisava, ao menos podia lhe devolver o favor. Não pensava que Jean-Claude, realmente, queria me empurrar tão longe. Não realmente. Um de nós morreria, e começava a pensar, que talvez, não fosse eu.

O frio me rodeou ao atravessar as portas. Encolhi meus ombros, acomodei meu queixo no pescoço. Um quarteto muito alegre caminhava vários metros a minha frente. Espremiam-se uns aos outros, se amontoando para proteger do frio.

Os saltos altos das mulheres produziam um dramático e intenso som. Ouvi uma risada muito alta, muito insistente. Um primeiro encontro de dois casais que tinha se saído bem, até agora. Ou talvez, estavam todos profundamente apaixonados e eu estava com inveja. Talvez.

O grupo se dividiu como a água ao redor de uma pedra deixando a vista uma mulher. Os casais voltaram a se juntar detrás dela, rindo, como se não a tivessem visto. O que era provável.

De repente a senti, uma ligeira alteração no ar frio. Uma sensação que não tinha nada haver com o vento. A mulher fingia ser invisível. Até os casais tinham notado ela, por ela não perceber, eu não tinha notado ela, tampouco. O que significava que ela era boa. Muito, muito boa.

Estava de pé sob o último poste de luz. Seu cabelo era como a manteiga, amarelo e espesso, ondulado. Mais comprido que o meu, chegava-lhe quase até a cintura. O casaco que tinha abotoado até em cima era negro. A cor era muito escura para ela. Empalidecia o tom de sua pele, inclusive maquiada.

Mantinha-se de pé no centro da calçada, de forma arrogante. Era de minha estatura, não impunha fisicamente. Por que estava ali de pé como se nada neste mundo pudesse lhe fazer mal? Unicamente três coisas dão essa classe de segurança: uma metralhadora, a estupidez, ou ser um vampiro. Não vi nenhuma metralhadora, e não parecia estúpida. Agora que compreendi o que olhava, parecia realmente um vampiro. A maquiagem era boa. Fazia seu olhar parecer quase vivo. Quase.

Surpreendeu-me contemplando-a. Olhou fixamente para trás tratando de apanhar meu olhar com o seu, mas eu era uma perita nesse pequeno jogo. Contemplar a cara de alguém sem centrar-se em seus olhos é um truque que se torna mais fácil com a prática. Olhou-me com o cenho franzido.

Não gostou que não funcionasse o jogo dos olhos.

Fiquei a aproximadamente a um metro e meio dela. Os pés separados, tão estabilizada quanto podia usando saltos altos. Minhas mãos estavam livres, prontas para tirar minha arma se fosse necessário.

Seu poder se deslizou sobre minha pele como se fossem dedos, apalpando em busca de alguma debilidade. Era muito boa, mas tinha pouco mais de cem anos. E cem anos não são suficientes para conseguir nublar minha mente. Todos os reanimadores têm uma inata imunidade parcial aos vampiros. Em meu caso parecia ser mais forte.

Sua bonita cara estava pálida pela concentração, como a de uma boneca de porcelana. Sacudiu uma mão como se lançasse algo contra mim.

Estremeci e seu poder me sacudiu com uma onda invisível abatendo de repente sobre meu corpo. Surpreendeu-me.

Agarrei a arma. Não tentou saltar sobre mim, mas sim tratou de me desconcentrar. Ao menos tinha duzentos anos. Tinha subestimado sua idade por mais de um século. Um engano que não estava acostumada a cometer frequentemente. Seu poder palpitou ao longo de minha pele como faz a luz de diminutos clubes, mas nunca chegou a tocar minha mente. Fiquei tão assombrada quanto ela quando viu que lhe apontava a arma. Tinha sido muito fácil.

"Ei!" Ouviu-se uma voz detrás de nós. "Largue a arma, agora!"

Um policial, justo quando precisava de um. Apontei para o chão.

"Ponha a arma sobre a calçada, agora" grunhiu.

Sem necessidade de lhe olhar soube que tinha tirado a sua. Os policiais levam muito a sério isso de tirar a arma. Levantei a Browning pela direita, deixei a mão à vista e me agachei para pôr a arma no chão com suavidade.

"Não preciso desta interrupção" disse a vampira.

Joguei-a uma olhada quando me incorporei, devagar, pondo as mãos sobre a cabeça, com os dedos entrelaçados. Talvez ganharia pontos por conhecer as normas.

Ela fixou seu olhar além de mim, no policial que se aproximava. Seu olhar não era amistoso.

"Não o machuque" eu disse.

Seus olhos voltaram para mim.

"Não somos autorizados a atacar à polícia" sua voz soou dura, com desprezo.

"Conheço as regras."

Eu queria perguntar "Que regras?", mas não o fiz. Era uma boa regra, com ela o policial conseguiria viver. É claro, eu não era uma policial e apostaria que a regra não se aplicava a mim.

O policial apareceu pelo canto do olho. Sua arma apontava para mim.

Empurrou a minha para fora de alcance. Vi como ricocheteava contra a parede do edifício. Uma mão pressionou minhas costas chamando minha atenção.

"Não precisa saber onde foi parar a arma."

Tinha razão, por enquanto. Revistou-me utilizando uma mão, não era muito minucioso. Me perguntei onde estaria seu companheiro.

"Basta" acrescentou a vampira.

Senti que o policial retrocedia.

"O que está acontecendo aqui?"

Seu poder se deslizou além de mim, passou por mim roçando na escuridão como uma grande besta. Ouvi o grito afogado do policial.

"Nada está acontecendo aqui" disse a vampira. Havia uma ponta de sotaque em sua voz, alemão ou austriaco, possivelmente.

Eu ouvi a voz dele dizer "Nada está acontecendo aqui".

"Agora, volte a dirigir o tráfego" ela disse.

Me virei devagar, com as mãos ainda sobre a cabeça. O policial estava ali de pé, com sua cara inexpressiva, seus olhos dilatados. Sua arma apontava para o chão, como se tivesse esquecido que a segurava.

"Vá embora" disse ela.

Ele se manteve de pé, paralisado. Usava seu prendedor de gravata com a cruz, e justo como supunha, com uma cruz benta, que estava funcionando muito bem.

Retrocedi. Queria estar armada se ela deixava de lhe dar atenção. Fui baixando os braços devagar, vigiando o policial. Se ela tirasse seu controle de forma repentina e eu não estivesse onde deveria, ele poderia me dar um tiro. Provavelmente não, mas poderia. Se voltasse a me ver com a arma na mão pela segunda vez, estou quase certa.

"Suponho que você não tirará a cruz para que possa lhe dar ordens?"

Meus olhos esquadrinharam a vampira. Observava-me. O policial se moveu, lutando como um sonhador contra as garras de um pesadelo. Ela voltou a olhar para ele e a luta cessou.

"Não penso assim" disse.

Ajoelhei-me tratando de manter minha atenção sobre ambos. Tateei a Browning e a agarrei com meus dedos gelados. Minhas mãos estavam rígidas por ter estado expostas ao frio durante tanto tempo. Não estava certa da velocidade com a que poderia disparar naquele momento. Talvez deveria usar umas luvas. Possivelmente das que deixam descoberto as pontas dos dedos.

Deslizei-a pelo bolso do casaco, mãos ainda prontas. Minha mão entraria em calor e poderia disparar através de meu casaco caso necessário.

"Sem a cruz poderia fazer com que partisse. Por que não posso lhe controlar com ela?"

"Somente sorte, acredito."

Seus olhos me fulminaram. Ele se moveu de novo. A vampira precisou lhe observar enquanto se dirigia para mim. Era interessante ver quanta concentração necessitava. Era poderosa, mas tinha seus limites. "É a Executora" afirmou.

"Acontece algo?"

"Não acreditava nas histórias. Agora acredito em algumas."

"Um prêmio para você. Agora, o que quer?"

Um leve sorriso curvou sua boca maquiada.

"Quero que deixe Jean-Claude sozinho."

Pisquei, não estava certa de ter escutado bem.

"O que quer dizer deixá-lo sozinho?"

"Não fique com ele. Não paquere com ele. Não fale com ele. Deixe-o em paz."

"Ficarei contente em fazer isso" respondi.

Ela me olhou assustada. Não se consegue surpreender a uma vampira de duzentos anos muito frequentemente. Sua cara, com seus olhos bem abertos em um pequeno "O" de surpresa, pareceu muito humana.

O policial suspirou e olhou a seu redor como um louco.

"Que demônios?" Olhou-nos. Parecíamos duas mulheres que tinham ficado para passar a noite. Jogou uma olhada a sua arma e pareceu envergonhado. Não recordava o porquê a segurava. Guardou a arma em seu lugar, murmurando desculpas e se distanciou de nós. A vampira o deixou ir.

"De verdade o deixaria? Assim, sem mais?" perguntou.

"Pode apostar."

"Não acredito em ti" acrescentou sacudindo a cabeça.

"Olhe, não me importa no que acredita. Se você tem uma queda por Jean-Claude, te desejo sorte. Tentei fazer com que me deixe em paz durante anos."

Sacudiu a cabeça de novo, deslizando mechas amarelas sobre sua cara. Era um gesto muito infantil. Teria resultado encantador se não fosse um cadáver.

"Estás mentindo. Deseja-o. Qualquer um o faria."

Não podia argumentar com isso. "Qual o seu nome?"

"Gretchen."

"Bom, Gretchen, te desejo sorte com o mestre. Se precisar de ajuda para lhe afundar as presas no pescoço, me avise. Eu adoraria que encontrasse a uma pequena vampira adorável e que se sossegasse com ela".

"Você ri de mim."

"Um pouco" me encolhi de ombros, "mas é um hábito, nada pessoal. Quero reafirmar o que eu disse. Não desejo ao Jean-Claude."

"Não achas ele bonito?" sua voz denotava uma leve surpresa.

"Bom, sim, também acho que os tigres são e ainda assim, não quero dormir com um."

"Nenhum mortal pode resistir a ele."

"Esta aqui, sim."

"Te afaste dele ou te matarei."

Gretchen realmente não me escutava. Ouvia as palavras mas não captava seu sentido. Lembrava ao Jean-Claude.

"Olhe, ele me persegue. Me afastaria dele se me deixasse. Não me ameace."

"Ele é meu, Anita Blake. Sou perigosa."

Agora era minha vez de negar com a cabeça. Talvez não soubesse que a estava apontando com uma arma. Ou que tinha balas de prata. Possivelmente ter vivido

dois séculos haviam a tornado arrogante. Genial, provavelmente era isso.

"Olhe, agora não tenho tempo para isto. Jean-Claude é teu, certo? Estou comovida. Mantenha ele longe de mim e serei a mulher mais feliz do mundo, viva ou morta." Não quis lhe dar as costas, mas tinha que partir. Se ela não saltasse sobre mim, Dolph estava me esperando neste momento na cena de um crime. Devia ir.

"Gretchen, do que você e Anita estão falando?"

Jean-Claude se aproximava de nós com passo majestoso. Usava, e não é brincadeira, uma capa negra de gola estilo vitoriano. Uma cartola com uma cinta de seda branca completava o conjunto.

Gretchen o contemplou. Era a única palavra para descrever isso. A sua adoração que mostrava seu rosto me adoecia, era muito humana.

"Queria conhecer minha rival."

Eu não era sua rival, mas achava que ela acreditava nisso.

"Disse que esperasse fora para que não a encontrasse. Você sabia disso."

Suas últimas palavras foram cuspidas e lançadas contra ela como pedradas.

Ela vacilou. "Não tinha intenção de lhe fazer mal esta noite."

Isso era quase uma mentira mas não comentei nada. Podia ter dito que tinha me ameaçado, mas de algum jeito me pareceu vão. Ela havia arranjado muitos problemas para me ver a sós. Para me advertir. Seu amor por ele era tão óbvio. Não podia pedir ajuda a ele. Estúpido, mas certo. Além disso, eu não gostava de dever favores ao Jean-Claude.

"Deixarei vocês a sós, pombinhos."

"Que mentiras contaste sobre nós?" suas palavras fizeram ferver o ar. Podia sentir sua raiva me afogando. Jesus.

Ela caiu sobre seus joelhos com as mãos elevadas, não para evitar um golpe, mas implorando, aproximando-se dele.

"Por favor, só queria conhecer ela. Ver a mortal que te roubaria de mim."

Não queria olhar, mas era como um acidente de trânsito. Em verdade, não podia partir.

"Ela não rouba nada. Nunca te amei."

A dor se mostrava amarga em seu rosto, e até com a maquiagem parecia menos humana. Sua cara era uma revelação, os ossos foram tornando-se mais visíveis, como se sua pele se encolhesse.

Ele agarrou-a e a atirou a seus pés com brutalidade. Seus dedos, embainhados em luvas brancas, cravaram-se em seu braço. Se fosse humano teria contusões.

"Te acalme, mulher. Estas perdendo o controle."

Seus lábios mostraram as presas. Ela grunhiu pra ele, sacudindo de seu aperto. Cobriu o rosto com umas mãos que pareciam garras.

Tinha visto a vampiros mostrar sua verdadeira forma, mas nunca de forma



descuidada,

nem ao ar livre, onde alguém podia lhes ver.

"Eu te amo" as palavras saíram afogadas e distorcidas, mas o sentimento que mostravam era muito verdadeiro. Muito... humano.

"Saia de minha vista antes de que nos desonre" lhe repreendeu Jean-Claude.

Elevou seu rosto, já não era humano. Sua pálida pele brilhou com uma luz interior. A maquiagem se igualou a aquela face acesa. O blush, a sombra de olhos e o batom pareceram flutuar sobre a luminosidade, como se sua pele não os absorvesse. Quando girou a cabeça, pude ver suas mandíbulas como sombras por dentro de sua pele.

"Isto ainda não terminou, Anita Blake" as palavras saíram entre as presas e os dentes.

"Parta!" As palavras de Jean-Claude foram como um ressonante rugido.

Lançou-se para o céu, não de um salto ou levitando, só para cima. Desapareceu na escuridão com uma corrente de vento.

"Doce Jesus" sussurrei.

"Sinto muito, *ma petite*. Enviei-a para fora para evitar que isto ocorresse." Encaminhou-se para mim com sua elegante capa. Uma rajada de vento gélido soprou muito perto e teve que segurar sua cartola. Era agradável saber que ao menos sua roupa não cumpria seus caprichos.

"Tenho que ir Jean-Claude. A polícia me espera."

"Não acredito que isto aconteceu."

"Nunca se pensa que vá acontecer alguma coisa, Jean-Claude. Mas ainda assim, acontece."

Levantei a mão para deter seu diálogo. Não queria ouvir mais.

"Tenho que ir" me virei e andei para meu carro através da noite geadas. Coloquei a arma em sua capa assim que estava fora de perigo.

"Sinto muito, *ma petite*."

Me girei para lhe mandar ao inferno. Já não estava ali. A luz iluminava a calçada vazia. Suponho que ele e Gretchen não precisavam de carro.

Vislumbrei umas majestosas casas antigas à direita, justo antes de dar a volta na Estrada 44. As casas estavam depois de uma cerca de ferro forjado e um portão de segurança. Quando foram construídas, estavam à altura da elegância da vizinhança. Agora eram casas urbanas, uma ilha em uma crescente inundação de projetos de alojamentos, e de meninos com olhos vazios que atiravam uns nos outros por uns tênis de esporte furados. Mas a alta sociedade

permaneceu, decidida a ser elegante ainda se isso os matasse.

No Fenton Chrysler a fábrica ainda é a maior empregadora. Uma rua lateral abrigava restaurantes de fast-food e negócios locais. Mas a estrada ultrapassa todos eles. Uma linha reta que vai sempre reto e não olhe para trás. O edifício Maritz se estende ao longo da estrada com uma faixa que parece o bastante grande para abrigar escritórios. Consegue atenção como uma data muito agressiva, mas conheço o nome do negócio, e não o posso dizer sobre outros muitos edifícios ao longo da 44. Às vezes funciona ser agressivo.

As Montanhas Ozark se elevam em ambos os lados do caminho. São suaves e arredondadas. Montanhas aprazíveis. Em um ensolarado dia de outono, com as árvores ardendo de cor, as montanhas são impressionantes em sua beleza.

Em uma fria noite de dezembro com apenas meus próprios faróis por companhia, as montanhas parecem um assentamento de apertados gigantes adormecidos perto do caminho. Havia bastante neve para que resplandecesse branca nas árvores nuas. As formas negras de novelo da folha perene formavam sombras permanentes à luz da lua. Um escarpado de pedra calcária brilhava onde as montanhas estavam gretadas, criando um fosso de cascalho.

As casas se aconchegavam na base das montanhas. Fantásticas fazendas com alpendres dianteiros feitos só para essa visão. Não tão arrumadas quanto fazendas construídas em madeira sem pintar com oxidados telhados de lata. Os currais se assentavam em campos vazios sem granjas perto.

Um solitário cavalo se mantinha em pé na geada, sua cabeça para baixo procurando os restos de grama que não tivessem morrido com inverno.

Muita gente não mantinha fora os cavalos além de Eureka — pessoas que não podiam permitir-se viver no Ladue ou Chesterfield, onde as casas custam mais que o dobro de um pequeno pedaço, mas continha celeiros, galinheiros e um curral no pátio de atrás. Aqui tudo o que se conseguia era um abrigo, um curral e quilômetros a dirigir para visitar seu cavalo, mas ao menos o tinha. Muitos problemas por um cavalo.

A cabeceira branca de um semáforo cintilou nos faróis. Reduzi a velocidade. Um carro tinha se chocado contra o poste e o havia partido como se fosse o caule

quebrado de uma flor. O sinal era difícil de ler em um ângulo de sessenta graus. Provavelmente por isso que Dolph me disse que procurasse o sinal quebrado mais que o nome da rua.

Virei no estreito caminho. Em St. Luis tínhamos uma camada de neve de 8 cm. Aqui se via como algo mais de 16cm. O caminho não tinha sido limpo e trocava bruscamente para cima, subindo as colinas. Os aros das rodas deixaram duas linhas na neve. Os carros patrulha estavam estacionados em cima da colina. Assim também poderia meu Jipe. Em meu velho Nova teria que atravessar trabalhosamente a neve fresca ainda com saltos altos. Embora tivesse um par do Nikes no porta-malas. Apesar disso, as sapatilhas regulares não são uma grande melhoria. Talvez devesse comprar um par de botas.

Não era comum nevar tanto no St. Luis. Era uma das nevascas mais intensas que tinha visto em quatro anos. As botas pareciam algo desnecessário.

As árvores se estendiam pelo caminho, ramos nus que arranhavam os faróis. Os troncos molhados, gelados, dobravam-se para a estrada. No verão, o caminho seria um frondoso túnel, agora só eram ossos negros que faziam erupção na branca neve.

No topo da colina havia uma pesada parede de pedra. Devia medir 3 m de altura, e com eficácia escondia algo à esquerda do caminho. Tinha que ser o monastério.

Aproximadamente a cem metros mais à frente havia uma placa na parede, ao lado de um portão com pontas de ferro. Monastério St. Ambrose, estava escrito em letras em relevo, metal sobre metal. A rodovia fazia uma curva e fora da vista ao redor da curva da colina. E justamente em frente à entrada havia um caminho de cascalho menor. Os rastros dos carros apareceram na escuridão ante mim e desapareceram na curva seguinte da colina. Se o portão não tivesse estado ali como um sinal, poderia ter me perdido. Só quando virei o Jipe em um ângulo de forma que meus faróis encontraram os rastros dos pneus que seguiam à direita.

Perguntei-me por todo o denso tráfico que havia diante. Não era meu problema. Fui pelo caminho menor. Os ramos raspavam o Jipe, arranhando a reluzente pintura como unhas em um quadro negro.

Genial, simplesmente genial.

Eu nunca tinha tido um carro novo antes. Esse primeiro toque monótono, onde tinha atropelado uma lápide coberta de neve, tinha sido o mais difícil. Depois do primeiro dano, o resto foi fácil de levar. Ceeerto.

A terra se abriu para ambos os lados do estreito caminho. Um grande prado, com grama alta morta pelo inverno, oprimida sob a neve.

Brilhos relampejantes de vermelho e azul sobre a neve, rechaçando a escuridão. O prado terminou repentinamente em uma perfeita linha reta, onde a colhedora o tinha cortado. Uma granja branca completamente protegida pelo alpendre se

assentava ao final do caminho. Os carros estavam por toda parte, como os brinquedos derramados de um menino. Esperava que o caminho formasse mais ou menos uma curva sob a neve. Se não, os carros

estariam estacionados por toda parte sobre a grama. Minha avó Blake odiava quando pessoas estacionavam sobre a grama.

Muitos carros tinham os motores ligados, inclusive a ambulância. Havia gente sentada nos carros, esperando. Mas, para o que? Quando chegava a uma cena do crime todo o trabalho geralmente já tinha sido feito.

Alguém esperava para levar o corpo depois de que eu tivesse terminado de examiná-lo, mas o resto da gente da cena do crime deveria ter terminado e ter ido embora. Algo acontecia.

Estacionei junto a um carro do Xerife do Condado do St. Gerard. Um policial se encontrava de pé na porta lateral do condutor, apoiado no teto. Estava contemplando o matagal de homens perto da granja mas se virou para me contemplar. Não pareceu feliz com o que viu. O chapéu do Smokey Bear<sup>[6]</sup> protegia sua cara, mas deixava seus ouvidos e a parte traseira de sua cabeça exposta ao frio. Era pálido e sardento, e media ao menos 1,80 M. Seus ombros eram muito largos sob a escura jaqueta de inverno. Parecia um homem grande que sempre foi grande, e essa idéia o fazia parecer rude. Seu cabelo era mais ou menos uma pálida sombra que absorvia as cores das luzes, assim que seu cabelo parecia alternativamente azul e vermelho. Assim como acontecia com seu rosto, a neve e todo o resto.

Saí do carro com cuidado. A neve se derramou ao redor de meus pés, empapando minhas meias, enchendo meus sapatos de verniz. Estava fria e molhada, e agarrei fortemente a porta do carro. Os saltos altos e a neve não combinam. A última coisa que queria fazer era cair de bunda diante do Departamento do Xerife do Condado do St. Gerard. Devia ter pego meus Nikes do porta-malas do Jipe e deixá-los no carro. Agora era muito tarde. O ajudante do xerife andava muito decididamente para mim. Usava botas e não tinha problemas com a neve.

Ele parou ao chegar perto de mim. Normalmente não deixo desconhecidos se aproximarem muito de mim, mas para retroceder teria que soltar a porta do carro. Além disso, era polícia supõe-se que não tenho medo da polícia. Certo?

"Isto é assunto da polícia, senhora, terei que lhe pedir que vá embora."

"Sou Anita Blake. Trabalho com o Sargento Rudolf Storr."

"Você não é policial." Parecia muito seguro disso. Senti-me ressentida por seu tom.

"Não, não o sou."

"Então vai ter que partir. "

"Pode dizer ao Sargento Storr que estou aqui... por favor."

Nunca faz mal ser cortês.

"Pedi amavelmente duas vezes, agora parta. Não me faça pedir uma terceira vez."

Tudo o que ele tinha que fazer era estender a mão e agarrar meu braço para me empurrar no Jipe, e iríamos. É obvio, não ia usar minha arma num policial quando havia outros policiais a tão pouca distância. Eu não queria levar um tiro esta noite.

O que podia fazer? Fechei a porta do carro com cuidado e me apoiei contra ele. Se tomasse cuidado e não me movesse muito de um lado para outro, não cairia. Se o fizesse, talvez poderia reclamar brutalidade policial.

"Agora, por que fez isso?"

"Conduzi quarenta e cinco minutos e abandonei um encontro para chegar até aqui." Tente o seu melhor recurso por natureza. "Deixe-me falar com o Sargento Storr e se disser que tenho que partir, partirei-me."

"Não me preocupa se chegou em avião de fora do estado. Digo que vá. Agora mesmo."

Ele não tinha um caráter melhor.

Ele avançou para mim. Retrocedi fora de seu alcance. Meu pé esquerdo encontrou um pedaço de gelo e terminei com a bunda na neve.

O ajudante parecia assustado. Ofereceu-me uma mão sem pensar nisso. Levantei-me usando o pára-choque do Jipe e me movendo mais longe do mal-humorado ajudante ao mesmo tempo. Ele entendeu isso. O cenho franzido fizeram mais profundas as rugas de seu rosto.

A neve se aderiu em cachos em meu casaco e se deslizava em regatos derretendo-se por minhas pernas. Estava ficando zangada.

Percorri o Jipe a grandes pernadas.

Retrocedi usando minhas mãos no carro como apoio.

"Podemos jogar ao Ring around the Rosie<sup>[7]</sup> se quiser, policial, mas não vou embora até que tenha falado com o Dolph."

"Seu sargento não é o responsável aqui" Aproximou-se um pouco mais.

Retrocedi. "Então, encontre a alguém que esteja."

"Você não tem que falar com ninguém que não seja eu" disse ele. Deu três rápidos passos para mim. Retrocedi mais rápida. Se continuássemos assim, correndo ao redor do carro, seria como um filme dos irmãos Marx, ou seriam os Keystone Kops<sup>[8]</sup>?

"Você está fugindo de mim."

"Com estes sapatos? Você deve estar brincando."

Estava quase no porta-malas do Jipe, logo estaríamos de volta onde começamos. Por cima do crepitar das rádios de polícia podia ouvir vozes zangadas. Uma delas soou como a do Dolph. Eu não era a única que tinha problemas com os policiais locais. Embora parecesse que era a única em ser perseguida ao redor de um

carro.

"Parada, fique onde está" disse ele.

"E se não ficar?"

Fez clique na aba de seu coldre. Sua mão descansou no extremo de sua arma. Nenhuma palavra mais era necessária.

Este cara estava louco.

Podia ser capaz de tirar minha arma antes que ele, mas era policial. Supõe-se que era um dos caras bons. Eu tento não atirar nos caras bons. Além disso, tente explicar a um policial por que deste um tiro em outro policial. Ficam mal-humorados como o inferno com algo assim.

Não podia tirar minha arma. Não podia fugir dele. Lutar era inútil.

Fiz a única coisa em que pude pensar. Gritei.

"Dolph, Zerbrowski! Tragam seus traseiros aqui!"

As vozes se detiveram como se alguém tivesse apertado em um interruptor. O silêncio e o crepitar dos rádios eram os únicos sons. Joguei uma olhada aos homens. Dolph olhava em minha direção. Com seus dois metros, Dolph sobressaía por cima de todos outros. Agitei uma mão.

Não freneticamente, mas queria estar segura de que me via.

O ajudante tirou sua arma. Custou-me muitíssimo não tirar a minha. Mas este insensato procurava uma desculpa. Eu não ia dar a ele.

Se atiraria em mim de qualquer maneira, estava começando a ficar zangada.

Sua arma era uma mágnun 357, genial para caçar baleias. Isso destruía por completo algo sobre duas pernas. Isso era humano. Senti-me muito humana ao fixar a vista no canhão da arma. Meus olhos retornaram a sua cara. Já não franzia o cenho. Parecia muito decidido e muito seguro de si mesmo, como se pudesse apertar o gatilho e não ser preso.

Quis gritar ao Dolph outra vez, mas não o fiz. O idiota podia apertar o gatilho. A essa distância e com esse calibre de arma, eu estaria em uma situação desesperadora. Tudo o que podia fazer era permanecer ali, na neve, meus pés adormecendo lentamente, minhas mãos segurando no carro. Ao menos não tinha me pedido que levantasse as mãos. Suponho que não queria que caísse outra vez até que fizesse meus miolos respingarem por toda a nova pintura.

Foi o detetive Clive Perry quem caminhou para nós. Sua cara escura refletia as luzes como o ébano. Era alto, embora não tão alto como o ajudante do inferno. Sua magra cara estava emoldurada por um pálido casaco tipo camelo. Um chapéu, que emparelhava perfeitamente, se assentava sobre sua cabeça. Era um bonito chapéu, mas não podia baixar-se o suficiente para cobrir suas orelhas. A maioria dos chapéus bonitos não podiam fazê-lo. Tinha que conseguir um gorro de lã, algo que arruinaria seu cabelo mas resguardaria suas orelhas. Nada elegante. Claro, eu não

tinha posto um chapéu absolutamente. Não queria bagunçar meu cabelo.

Dolph voltou a gritar a alguém. Não poderia dizer com exatidão a cor do niforme da pessoa com quem gritava, havia ao menos dois sabores para escolher. Vislumbrei um pouco de um que gesticulava com seu braço como um louco, o resto do homem se perdia depois da pequena multidão. Nunca tinha visto ninguém agitar seus punhos na cara do Dolph. Quando mede dois metros e estas constituído como um lutador, a maioria das pessoas lhe têm um pouco de medo. Provavelmente era sensato.

"Sra. Blake, não estamos completamente preparados para você" disse Perry.

Sempre chamava a cada um por título e sobrenome. Era uma das pessoas mais educadas que tinha encontrado alguma vez. De voz doce, trabalhador, cortês, o que tinha feito para terminar no Esquadrão Fantasma?

O nome completo do grupo era Brigada Regional de Investigação Sobrenatural. Encarregavam-se de todos os delitos relacionados com o sobrenatural na região. Uma espécie de grupo permanente de trabalho especial. Não acredito que alguém realmente planejasse a brigada para que resolvesse casos. Sua taxa de êxitos era bastante alta, inclusive Dolph havia sido convidado a dar uma conferência no Quântico. Dar uma palestra para o ramo de investigação sobrenatural do FBI não era nada desonroso.

Segui contemplando ao ajudante e sua arma. Não ia desviar olhar uma segunda vez. Realmente não acreditava que me desse um tiro, mas não estava certa. Havia algo em sua cara que me dizia que o faria, talvez quisesse fazê-lo. Dê uma arma a algumas pessoas e se convertem em valentões. Valentões legalmente armados.

"Olá, detetive Perry. O ajudante e eu aqui, parece que temos um problema."

"Ajudante Aikensen, sacou sua arma?" A voz do Perry era suave, tranqüila, uma voz para dissuadir a suicidas, ou a loucos com reféns.

Aikensen girou a cabeça, percorrendo com o olhar ao Perry.

"A nenhum civil é permitido o acesso à cena do crime, ordens do xerife."

"Não acredito que o Xerife Titus lhe tenha dito que atirasse nos civis, ajudante."

Jogou uma olhada ao Perry. "Está tirando sarro de mim?"

Passou bastante tempo. Poderia ter tirado minha arma. Quis empurrá-lo nas costelas. Queria ele desarmado, mas me comportei. Custou-me mais força de vontade que teria querido, mas não tirei minha arma. Não estava pronta para matar ao filho da puta. Se brincar com armas, sempre existe a possibilidade de que alguém termine morto. A menos que queira a alguém morto, não se brinca, tão simples assim.

Mas me doeu profundamente quando o ajudante se voltou para mim ainda com sua arma. Até agora meu ego estava machucado, mas podia viver com isso, e o

ajudante Aikensen também.

"O xerife disse que não devia deixar ninguém que não fosse policial passar no perímetro."

O perímetro era uma palavra bastante bonita para alguém tão estúpido. É obvio, era um termo militar. Provavelmente, durante anos teria estado morrendo para usá-la em uma conversa.

"Ajudante Aikensen, esta é nossa perita sobrenatural, Anita Blake."

Negou com a cabeça. "Nenhum civil, a menos que o xerife autorize."

Perry jogou uma olhada atrás para o Dolph e o que assumi era o xerife.

"Ele nem sequer permite que nos aproximemos do corpo, ajudante. O que o faz pensar que há possibilidades de que o Xerife Titus aceite que um civil possa ver o corpo?"

Aikensen então sorriu abertamente, mais desagradável. "Poucas e nenhuma." Ainda sustentava a arma muito firme apontando ao centro de meu corpo. Divertia-se.

"Guarda a arma em seu lugar e a Sra. Blake partirá .disse Perry."

Abri a boca para dizer "O inferno que vou", mas Perry deu uma pequena sacudida de cabeça. Calei-me. Ele tinha um plano melhor que o que eu.

"Não recebo ordens de nenhum detetive negro."

"Invejoso" eu disse.

"O que?"

"Isso é porque ele é um detetive de cidade grande e você não."

"Tampouco tenho que agüentar tolices de você, vadia."

"Sra. Blake, por favor, me deixe cuidar disto."

"Você não pode cuidar de merda nenhuma" disse Aikensen.

"Foi pouco cooperativo e grosseiro, você e seu xerife. Pode me chamar de todas as formas que lhe ocorram, se isso lhe faz sentir-se melhor, mas não posso lhe deixar apontar uma arma a um dos nossos.

Algo passou pela cara do Aikensen. Podia lhe ver pensar sobre a vida.

Perry também era polícia. Provavelmente tinha uma arma, e Aikensen o tinha a suas costas. O ajudante girou rapidamente, subindo a arma à vez que se movia. Sua mão flexionada.

Tirei minha arma.

As mãos vazias do Perry se levantaram por cima de seu corpo, mostrando que estava desarmado.

Aikensen respirava com força. Levantou a arma para o nível da cabeça, a duas mãos, firme, sem pressa.

Alguém reparou em nós e gritou, "O que diabos?". Realmente.

Apontei a Browning à costas do Aikensen.

"Não se mova, Aikensen, ou lhe dou um tiro."



"Não está armada."

Retirei a trava de segurança soando com um clique. Em um enfrentamento não tem que fazê-lo antes de disparar, mas esse som dramático era agradável.

"Não me revistou, imbecil."

Pessoas corriam para nós gritando. Mas não chegariam a tempo.

Isto era só entre nós três na psicodélica neve, aguardando.

"Solte a arma, Aikensen, agora."

"Não."

"Solte-a ou lhe matarei."

"Anita, não tem que disparar. Não vai me fazer mal" disse Perry.

Era a primeira vez que usava meu nome.

"Não preciso que nenhum negro me proteja." Seus ombros tensos.

Não podia ver o suficientemente bem suas mãos para estar segura, mas acreditei que apertava o gatilho. Comecei a apertar o meu.

Uma voz berrou "Aikensen, deixe essa maldita arma!"

Aikensen apontou a arma ao céu, como se nada acontecesse. Não tinha estado apertando o gatilho. Só estava nervoso. Senti que uma risada tola me subia pela garganta. Quase lhe tinha dado um tiro por estar nervoso. Engoli a risada e voltei o gatilho. Sabia o louco ajudante o quão perto tinha estado? A única coisa que o tinha salvo era o gatilho da Browning. Estava rígido. Havia muitas armas por aí e tudo o que precisavam era um muito pequeno apertão.

Virou-se para mim, ainda com sua arma, mas não me apontou.

A minha ainda lhe apontava. Começou a baixar sua arma para me apontar outra vez.

"Se esse canhão baixa outra polegada, vou lhe dar um tiro.

"Aikensen, deixe a maldita arma. Antes que mate a alguém." O homem que falou media aproximadamente 1.75 m e devia pesar 90 kg. Parecia perfeitamente redondo como uma salsicha com braços e pernas. Sua jaqueta de inverno se ajustava sobre sua pequena barriga redonda.

Uma evidente e incipiente barba cinza decorava seu queixo. Seus olhos eram pequenos, quase perdidos na massa que era sua cara. Sua insígnia brilhou na frente de sua jaqueta. Não a tinha deixado por dentro em sua camisa. Tinha colocado fora, onde os detetives da cidade grande pudessem vê-la. Algo assim como baixar a cremalheira de sua braguilha de forma que outros possam ver como é bem dotado.

"Este negro..."

"Não estamos aqui para falar disso, ajudante, você sabe disso."

Se tivesse visto o olhar na cara do Aikensen teria pensado que o xerife lhe havia dito que não existia Papai Noel. Apostava que o xerife era o menino bom no pior sentido da palavra. Mas havia inteligência naqueles olhos pequenos como

miçangas, mais do que podia dizer do Aikensen.

"Guarde isso em seu lugar, rapaz, é uma ordem." Seu sotaque sulista se fazia mais forte, fosse para impressionar, ou porque com ele conseguia controlar ao Aikensen. O sotaque de muita gente se torna mais forte sob pressão. Não era um sotaque do Missouri. Era algo mais ao sul.

Aikensen finalmente, a contra gosto, guardou a arma. Entretanto, não fechou o coldre. Tinha todas as papeletas para um murro. Estava contente porque não era eu quem devia dar-lhe. Claro que, se houvesse disparado antes que Aikensen tivesse levantado sua arma ao céu, nunca teria sabido que não apertava o gatilho. Se não tivéssemos sido todos policiais e tivéssemos tratado ao Aikensen como a um criminoso, isto teria se resolvido com um tiro limpo. Jesus.

O xerife Titus colocou as mãos nos bolsos de sua jaqueta e me olhou.

"Agora, senhorita, pode deixar sua arma também. Aikensen não vai atirar em ninguém."

Só lhe contemplei, a arma apontando ao céu, sustentada frouxamente.

Estava preparada para guardar a arma em seu lugar até que me disse que o fizesse. Eu não gosto de cumprir ordens. Só fique lhe olhando fixamente.

Sua cara ainda parecia amistosa, mas seus olhos perderam brilho. Zangado. Não gostava de ser desafiado. Genial. Era minha noite.

Outros três ajudantes se aproximaram do Titus por detrás. Todos pareciam mal-humorados e preparados para fazer algo que seu xerife lhes pedisse. Aikensen lhes adiantou, sua mão aproximando-se de novo da arma.

Algumas pessoas nunca aprendem.

"Anita, guarda a arma em seu lugar." O tom agradável e habitual do Dolph estava duro pela raiva. Como se o que quisesse fosse dar um tiro no filho da puta, mas seria difícil de explicar a seus superiores.

Embora não era oficialmente meu chefe, eu escutava ao Dolph. Ele merecia.

Guardei a arma em seu lugar.

Dolph estava constituído de ângulos duros. Seu cabelo negro estava cortado muito curto, deixando suas orelhas nuas ao frio. Suas mãos se afundaram nos bolsos de seu comprido casaco impermeável negro. O casaco parecia muito fino para este tempo, mas talvez fosse forrado. Embora fosse muito corpulento para deixar espaço para ele e o forro no mesmo casaco.

Nos chamou por gestos ao Perry e a mim a um lado.

"Me digam o que aconteceu" disse brandamente.

Fizemos.

"Realmente pensa que ia atirar em você?"

Perry apartou a vista da neve pisoteada durante um momento, logo respondeu.

"Não estou certo, sargento."

"Anita?"

"Pensei que o faria, Dolph."

"Não parece certa agora."

"A única coisa da que estou certa é de que eu sim lhe daria um tiro. Eu o estava espremendo, Dolph. Que demônios está acontecendo? Se acabo matando a um policial esta noite, eu gostaria de saber por que."

"Não acreditei que alguém fosse tão estúpido para tirar uma arma" disse Dolph. Seus ombros se encurvaram, o tecido de seu casaco se esticou com o movimento.

"Bem, não olhe agora," disse "mas o ajudante Aikensen ainda tem a mão sobre sua arma. Está desejando tirá-la outra vez."

Dolph fez uma grande inspiração pelo nariz e a expulsou em um branco e rápido fôlego pela boca.

"Vamos falar com o Xerife Titus."

"Estivemos falando com o xerife durante mais de uma hora" disse Perry. "Não escuta."

"Sei, detetive, sei."

Dolph seguiu andando para o xerife e seus ajudantes, que nos esperavam. Perry e eu lhe seguimos. Que mais podíamos fazer? Além disso, queria saber por que uma unidade inteira se encontrava na cena de um crime fazendo girar seus polegares.

Perry e eu nos colocamos um a cada lado do Dolph, como sentinelas. Sem pensar nisso, situamo-nos um passo atrás dele. Era, depois de tudo, nosso líder. Mas a organização automática me incomodava. Queria avançar e me colocar a sua altura, ser um igual, mas era um civil. Não era um igual. Não importa quanto tempo passasse ou o que fizesse, não era uma policial. Havia uma diferença.

A mão do Aikensen agarrava fortemente a culatra de sua arma. Realmente desejava tirá-la ante todos nós? Certamente, mas nem sequer ele seria tão estúpido. Me fulminava com o olhar, só mostrava o aborrecimento em seus olhos. Talvez sim, era tão estúpido.

"Titus, diga a seu homem que afaste a mão da arma" disse Dolph.

Titus jogou uma olhada ao Aikensen. Suspirou.

"Aikensen, afaste a maldita mão de sua maldita arma."

"Ela é civil. Resistiu a um policial."

"Tem sorte de que não lhe deu um tiro no rabo" disse Titus. "Agora, meta a arma no coldre e deixe-a aí, ou vou mandar lhe pra casa."

A cara do Aikensen pareceu ainda mais mal-humorada. Mas fechou seu coldre e colocou as mãos nos bolsos de seu casaco. A menos que tivesse uma Derringer no bolso, estávamos seguros. É obvio, era a classe de provinciano que levaria uma arma de reserva. Sinceramente, as vezes eu também, mas só quando o fator jacaré era alto. Quando estava na merda até o pescoço.

Um ruído de passos rangeu na neve detrás de nós. Girei a metade para poder vigiar ao Aikensen e ver os recém chegados. Três pessoas com uniformes azul marinho chegaram para situar-se frente a nós. O homem alto que tínhamos diante tinha a insígnia em seu chapéu, o que indicava que era o chefe de polícia. Um de seus ajudantes era alto, tão magro que parecia um esqueleto, e também muito jovem para barbear-se. O segundo ajudante era uma mulher.

Surpresa, surpresa. No geral, sou a única mulher na cena de um crime. Era pequena, só um pouco mais alta que eu, magra, com o cabelo cortado escondido sob um chapéu Smokey Bear. A única coisa que podia dizer à luz das luzes intermitentes era que tudo nela era pálido, desde seus olhos até seu cabelo. Era bonita, de um modo parecido a um duende, lindo. Aguardava com os pés separados, as mãos em seu cinturão Sam Brown. Levava uma arma muito grande para suas mãos. Apostava que não gostava de ser chamada de bonitinha.

Ia ser outra dor no traseiro, como Aikensen, ou um espírito parecido.

O chefe de polícia era ao menos vinte anos mais velho que qualquer de seus ajudantes. Era alto, não tão alto como Dolph, mas, quem o era? Tinha um bigode negro com cãs, olhos pálidos, e era abruptamente bem bonito. Um desses homens que não deviam ter sido muito atrativos quando jovens, mas a idade tinha dado caráter a seu rosto, profundidade.

Como Sean Connery, que se vê melhor com sessenta que com vinte.

"Titus, por que não deixa essas pessoas continuar com seu trabalho? Estamos com frio, estamos cansados e queremos ir pra casa."

Os pequenos olhos do Titus flamejaram voltando para a vida. Havia muita cólera neles. "Isto é assunto do condado, Garroway, não dos da cidade. Você e sua gente estão fora de sua jurisdição."

"Holmes e Lind estavam a caminho do trabalho quando o aviso de que alguém tinha encontrado um corpo chegou por rádio. Seu homem, Aikensen, disse que estava ocupado e que não podia chegar até o corpo em ao menos uma hora. Holmes ofereceu-se para se ocupar do corpo e assegurar-se de que a cena do crime não se poluísse. Meus ajudantes não tocaram nem deixaram que se tocassem nada. Só estavam sendo babás da cena do crime para sua gente. O que há de errado nisso então?" Disse Garroway.

"Garroway, o cadáver foi achado em nosso terreno. É nosso corpo. Não necessitamos nenhuma ajuda. E você não tinha nenhum direito de chamar ao Esquadrão Fantasma sem falar comigo primeiro" disse Titus.

O Chefe de Polícia Garroway estendeu as mãos em um gesto de impotência.

"Holmes viu o corpo. Ela fez a chamada. Pensou que o homem não tinha sido assassinado por nada humano. O protocolo exige que chamemos à Brigada Regional de Investigação Sobrenatural em qualquer momento em que suspeitemos de

atividade sobrenatural."

"Bem, Aikensen e Troy não acreditam que seja algo sobrenatural. Um caçador é devorado por completo por um urso e sua pequena senhora se precipita sobre a arma."

Holmes abriu a boca, mas o chefe elevou uma mão. "Está bem, Holmes." Ela se manteve detrás, mas não gostou.

"Por que não perguntamos ao Sargento Storr o que pensa que matou ao homem?" Disse Garroway.

Estava o bastante perto para ouvir o suspiro do Dolph.

"Ela não deveria ter deixado pessoas se aproximar do corpo sem nós ali para fiscalizá-lo" disse Titus.

"Senhores, temos um cadáver no bosque. A cena do crime não volta-se mais fresca. Estão perdendo valiosas provas enquanto estamos aqui, de pé, discutindo" disse Dolph.

"Um ataque de urso não é a cena de um crime, sargento" disse Titus.

"A Sra. Blake é nossa perita sobrenatural. Se disser que isto é um ataque de urso, iremos todos para casa. Se disser que é sobrenatural, você nos deixa fazer nosso trabalho, e tratá-lo como a cena do crime. De acordo?"

"Sra. Blake? Sra. Anita Blake?"

Dolph assentiu com a cabeça.

Titus semiserrou os olhos ao me olhar, como se tratasse de me enfocar.

"Você é a Executora?"

"Algumas pessoas me chamam assim, sim."

"Esta pequena garota é a que tem mais de uma dúzia de assassinatos de vampiros em seu currículo? " Havia diversão em sua voz, incredulidade.

Encolhi-me de ombros. Eram muitos mais que essas, mas muitas delas não se contavam como execuções. Não queria que a polícia soubesse. Os vampiros têm direitos, e matá-los sem autorização é assassinato.

"Sou a executora judicial de vampiros para esta área. Tem algum problema com isso?"

"Anita" disse Dolph.

Olhei-lhe, depois ao xerife. Não ia dizer nada mais, palavra de honra, mas ele o fez.

"Só que não acredito que uma coisinha tão pequena como você possa fazer todas as coisas que ouvi."

"Olhe, faz frio, é tarde, me deixe ver o corpo e todos poderemos ir pra casa."

"Não preciso que uma civil me diga como fazer meu trabalho."

"É isso" disse.

"Anita?" disse Dolph. Essa única palavra me dizia que não dissesse nada, que

não o fizesse independentemente do que fora.

"Tivemos o suficiente nesta conversa jurisdicional por esta noite, Dolph."

Um homem apareceu nos oferecendo grandes taças quentes em uma bandeja. O aroma do café se mesclou com o da neve. O homem era alto. Havia muitos destes perambulando esta noite. Uma mecha de cabelo loiro claro lhe obscureceu um olho. Usava uns óculos redondos de metal que faziam parecer sua cara ainda mais jovem do que era. Um gorro escuro de lã estava encasquetado sobre seus ouvidos. Luvas grossas, um agasalho impermeável multicolorido, jeans e botas de excursionista completavam seu equipamento. Não parecia estar na moda mas estava vestido para o mau tempo. Meus pés estavam adormecidos pela neve. Tomei agradecida uma grande xícara de café. Se íamos estar de pé aqui fora e discutindo, tomar algo quente era uma grande idéia.

"Obrigada".

O homem sorriu. "Você é bem-vinda." Todos tinham tomado uma caneca mas nem todos tinham dito obrigado. Onde estavam suas maneiras?

"Fui o xerife deste condado desde antes de você nascer, Sra. Blake. Este é meu condado. Não preciso de nenhuma ajuda de gente como você." Bebeu a sorvos seu café. Tinha dito obrigado.

"Gente como eu? O que se supõe que significa isso?"

"Deixe-o, Anita."

Contemplei ao Dolph. Não queria deixá-lo. Bebi a sorvos o café. O aroma só me fez sentir menos zangada, mais relaxada. Olhei fixamente aos pequenos olhos redondos e brilhantes do Titus e sorri.

"O que é tão gracioso?" Perguntou.

Abri a boca para dizer, você, mas o homem do café me interrompeu. "Sou Samuel Williams. Sou o vigilante. Vivo na pequena casa atrás da reserva florestal. Encontrei corpo." Sustentou a bandeja, agora vazia, abaixo ao seu lado.

"Sou o Sargento Storr, Sr. Williams. Estes são meus companheiros, o detetive Perry e a Sra. Blake."

Williams assentiu com a cabeça em um gesto de reconhecimento.

"Você nos conhece todos, Samuel" disse Titus.

"Sim, conheço-os" disse Williams. Não parecia muito emocionado por conhecê-los todos.

Saudou com a cabeça ao Chefe Garroway e seus ajudantes.

"Disse a ajudante Holmes que não acreditava que fosse de um animal. Ainda acredito, mas se for um urso, matou a esse homem. Qualquer animal que faça isso uma vez voltará a fazer" Fixou a vista na neve, depois a elevou, como um homem que se eleva de águas profundas.

"Comeu partes do homem. Espreitou-lhe e lhe tratou como um animal de presa.

Se realmente for um urso, tem que ser apanhado antes de que mate a alguém mais."

"Samuel é formado em biologia" disse Titus.

"Eu também" disse. É obvio, minha formação era em biologia sobrenatural, mas ouça, a biologia é biologia, certo?

"Estou trabalhando em meu doutorado" disse Williams.

"Sim, estudando a merda de mocho" disse Aikensen.

Era difícil de saber, mas acredito que Williams se ruborizou. "Estudo os hábitos alimentícios do mocho enjaulado."

Eu era formada em biologia. Sabia o que significava. Colecionava coco de mocho e colocava as bolinhas a secar. Então Aikensen tinha razão. Em certo modo.

"Será seu doutorado em ornitologia ou estrigiología?" Perguntei.

Estava orgulhosa de mim mesma por recordar a denominação latina dos mochos.

Williams me olhou com uma sensação de familiaridade em seus olhos. "Ornitologia."

Titus parecia haver engolido um verme.

"Não preciso de nenhuma formação de universidade para conhecer o ataque de um urso quando o vejo."

"A última vez que se viu um urso no St. Gerard County foi em 1941" disse Williams. "Não acredito que tenha visto nunca o ataque de um urso fora de um relatório."

A implicação estava aí. Como reconhecia Titus o ataque de um urso se nunca o tinha visto antes?

Titus atirou seu café na neve. "Escuta, menino de universidade..."

"Talvez seja um urso" disse Dolph.

Olhamos-lhe. Titus assentiu com a cabeça. "Isso é o que estive dizendo."

"Então será melhor que peça um helicóptero e consiga alguns cães aqui."

"De que fala?"

"Um animal que despedaça a um homem e o come, poderia meter-se nas casas. Nem o conto a quantidade de gente que o urso poderia matar."

A cara do Dolph era ilegível, séria, como se acreditasse o que dizia.

"Agora, não quero cães aqui. Provocaria o pânico se pessoas acreditassem que há um urso furioso solto. Lembro como enlouqueceram quando aquele puma doméstico andou solto faz aproximadamente cinco anos. As pessoas disparavam das sombras."

Dolph só lhe olhou. Todos lhe olhamos. Se fosse um urso, tinha que tratá-lo como um urso. Se não o era...

Titus trocou de pé incômodamente na neve.

"Talvez a Sra. Blake deveria dar uma olhada" Esfregava a fria ponta de seu

nariz. "Não quero provocar o pânico por motivos errôneos."

Não queria que a gente pensasse que havia um urso furioso solto. Mas pensava que ali havia um monstro solto. Ou talvez o Xerife Titus não acreditava em monstros. Talvez. Independentemente do que, estávamos a caminho da cena do crime. Cena do possível assassinato. Fiz esperar enquanto colocava os Nikes e o macacão de trabalho que guardava para estas ocasiões e os estacamentos de vampiros. Odiava ter sangue na roupa. Além disso, esta noite o macacão estava mais quente que as meias três-quartos.

Titus fez que Aikensen permanecesse com os carros. Tinha a esperança de que não atirasse em ninguém enquanto íamos.



A princípio não vi o corpo. Tudo o que via era neve. Esta havia se amontoado em uma dessas depressões que se encontram nos bosques. Na primavera se enchem de chuva e barro. No outono se enchem de folhas. No inverno mantêm a neve mais funda. A luz da lua esculpia cada rastro, cada pegada de pés em alto relevo. Cada impressão transbordante como uma taça de sombras azuis.

Me mantive na beira do claro, com o olhar fixo na miscelânea de rastros. Entre tudo isso, em algum lugar, encontravam-se os rastros do assassino, ou as pistas de um urso já que, a menos que se tratasse de um animal, desconhecia como alguém ia entender quais pistas eram as significativas. Talvez todas as cenas de um crime eram analisadas dessa forma, a neve só o fazia evidente. Ou talvez esta cena tinha sido manipulada. Sim.

Cada pista, policial ou não, conduzia a uma única coisa: o corpo. Dolph havia dito que o homem tinha sido despedaçado, devorado. Não queria vê-lo. Tinha passado um bom tempo com o Richard. Uma noite agradável. Não era justo que terminasse a noite olhando corpos parcialmente devorados. É claro, é provável que o morto pensasse que tampouco era muito divertido ser devorado.

Respirei profundamente o ar frio. Meu fôlego saiu embaciado quando exalei. Não podia sentir o cheiro do corpo. Se fosse verão, o morto estaria maduro. Viva pelo frio.

"Pensa olhar o corpo daqui?" perguntou Titus.

"Não" contestei.

"Parece que sua perita está perdendo a coragem, Sargento."

Me virei para Titus. Sua redonda cara com papada se mostrava satisfeita.

Não queria ver o corpo, mas perder os nervos, nunca.

"Espero que esta não seja a cena de um crime xerife, porque foi fodida de vinte formas diferentes de domingo.

"Não está ajudando em nada, Anita" disse Dolph suavemente.

Tinha razão, mas não estava certa de que me preocupasse.

"Você tem alguma sugestão para conservar a cena do crime ou posso seguir em frente, como parece que fizeram cinquenta trilhões de pessoas."

"Só havia quatro grupos de pegadas quando me ordenaram deixar a cena" contestou a Oficial Holmes.

Titus a olhou franzindo o cenho. "Quando determinei que era o ataque de um animal, não havia razão para mantê-la segura." Seu sotaque sulista voltava a ser notável.

"Sim, ótimo" afirmei. Joguei uma olhada ao Dolph. "Alguma sugestão?"

"Só verifique-o, não acredito que haja muito que possamos preservar agora."

"Criticando a meus homens?" perguntou Titus.

"Não" contestou Dolph. "Estou criticando você."

Virei para que Titus não me visse sorrir. Dolph não suportava de boa vontade os tolos. Agüentava a eles um pouco mais que eu, mas uma vez alcançado seu limite, melhor correr, procurar refúgio. Nenhum traseiro burocrático se livraria.

Dei um passo para o oco. Dolph não precisava de minha ajuda para ter a cabeça do Titus em uma bandeja. A neve se desmoronou pela borda do buraco. Meus pés escorregaram devido às folhas que estavam debaixo. Terminei sobre minha bunda pela segunda vez esta noite. Mas agora estava em uma ladeira. Deslizei quase até chegar ao corpo. A risada borbulhou detrás de mim. Sentei com a bunda na neve e contemplei o corpo. Podiam rir o quanto quisessem, era engraçado. O morto não era.

Estava deitado de barriga para cima sobre a neve. A luz da lua brilhou sobre ele, refletindo sobre a neve e lhe dando o brilho de meio-dia a parte debaixo do corpo. Tinha uma lanterna em um dos bolsos da jaqueta, mas não precisava dela. Ou talvez não a quisesse. Podia ver bastante por agora.

Sulcos desiguais desciam pelo lado direito de sua cara. Uma garra tinha cortado o olho derramando o sangue e o líquido espesso de seu globo ocular pela bochecha. A mandíbula inferior estava esmagada, como se uma mão enorme a tivesse agarrado e pressionado. Fazia sua cara parecer inacabada, com somente metade lá. Isto deve ter doído como o inferno, mas isso não o matou. É uma pena.

A garganta tinha sido arrancada, provavelmente isto lhe havia matado. Simplesmente, não havia carne. Sua coluna vertebral brilhou com um branco apagado, como se tivesse engolido um fantasma e este não se tivesse ido. Sua jaqueta de camuflagem estava rasgada à altura do estômago. Alguma ilusão óptica da luz da lua lançou uma sombra densa dentro daquele tecido rasgado. Não podia ver o dano no interior. E precisava.

Prefiro os assassinatos noturnos. A escuridão monopoliza a cor. Em certa forma, parece menos real de noite, nada mais. Ponha um pouco de luz e as cores estalam: o sangue é carmesim; o osso reluz; os fluidos não são só escuros, são verdes, amarelos, marrons. A luz te permite distinguir. Vantagens ou desvantagens, na melhor das hipóteses.

Coloquei as luvas cirúrgicas. Eram como uma segunda pele fria. Mesmo guardadas em meu bolso interior, as luvas estavam mais frias que minha pele. Acendi a lanterna. Seu foco diminuto e amarelado foi atenuado pela brilhante luz da lua, mas cortou as sombras como uma faca. A roupa do homem tinha sido cortada como as cascas de uma cebola; jaqueta de trabalho, calça e camisa, roupa interior térmica. A carne estava rasgada. A luz cintilou sobre o sangue congelada e os pedaços gelados de carne. A maior parte dos órgãos internos não estavam lá.

Iluminei sobre a neve que lhe rodeava mas não havia nada que ver. A carne e os órgãos não estavam.

O fluido escuro da cavidade do intestino se escapou por todas partes, mas estava congelado, sólido. Não senti o cheiro, nada, mesmo estando inclinada. O frio era uma coisa maravilhosa. As bordas da ferida eram desiguais. Não tinha sido feita por nenhuma faca. Se o tivesse sido, não parecia com nenhuma lâmina que tivesse visto alguma vez. O médico legista poderia dizer com segurança. Uma costela foi quebrada. Apontava para acima como um sinal de exclamação. Iluminei o osso. Estava descascado, mas não foram garras, nem mãos — foram dentes. Haveria apostado o salário de uma semana que observava marcas de dentes.

A ferida da garganta estava coberta por uma capa de neve congelada. Cristais avermelhados de gelo se congelaram em sua cara. O olho restante estava fechado, congelado com gelo sangrento. Havia marcas de dentes em cada lado da ferida da garganta, não de garras. A mandíbula esmagada mostrava evidentes marca de dentes. Certamente não se tratava de dentes humanos. O que significava que não eram espíritos malignos, vampiros, zombis ou algum outro não-morto humano. Tive que subir meu casaco para tirar a cinta métrica do bolso de meu jaleco. Teria sido melhor se tivesse gasto tempo para desabotoar meu casaco, mas ouça, fazia frio.

As marcas de garras na cara eram extensas. Mais que as garras de um urso, mais que algo natural. Monstruosamente enormes. Havia uma marca quase perfeita de dentes em ambos os lados da mandíbula. Como se a criatura tivesse mordido com força, mas não tanta como para rasgar. Mordendo para esmagar, para parar... de gritar. Não podia haver emitido muito ruído com a metade da boca amassada. Havia algo absolutamente deliberado naquela dentada. A garganta tinha sido arrancada, mas de novo, não era tão fatal como o poderia ter sido. Só o suficiente para matar. Foi só quando chegou ao estômago que a criatura tinha perdido o controle. O homem já estava morto antes que seu estômago fosse aberto. O teria apostado. Mas a criatura teve tempo suficiente para comer-lhe. Para se alimentar. Por quê?

Havia um rastro na neve, perto do corpo. Mostrava onde as pessoas tinham se ajoelhado, incluindo eu, mas a luz realçava o sangue drenado sobre a neve. Tinha estado de barriga para baixo até que alguém o virou.

As pegadas tinham sido rastreadas quase em cada centímetro de neve, exceto na zona salpicada com sangue. Se tinham opção, pessoas não andava entre o sangue. Cena do crime ou não, não havia tanto sangue quanto se esperaria. Fatiar uma garganta é um trabalho sujo. Mas, evidentemente, esta não tinha sido cortada. Tinha sido arrancada por uns dentes. O sangue correu para boca, não para neve.

O sangue tinha empapado a roupa. Se pudssemos encontrar a nossa criatura, também estaria coberta dela. Para o tamanho da carnificina, a neve estava surpreendentemente limpa. Havia uma poça espessa de sangue de um lado, a menos

a um metro do corpo, no lado direito da impressão do tamanho do corpo. O morto tinha estado ao lado dessa mancha bastante tempo, o suficiente para sangrar, depois havia sido virado sobre seu estômago, onde tinha estado o tempo suficiente para que a pele se congelasse na neve. Mais sangue se acumulou debaixo do corpo enquanto jazia de barriga para baixo. Agora estava de barriga para cima, mas o sangue não era fresco. O corpo não tinha sido girado até depois de estar totalmente morto.

"Quem virou o corpo?" perguntei.

"Estava assim quando cheguei à cena" contestou Titus.

"Holmes?" O chefe Garroway fez de seu nome uma pergunta.

"Estava de barriga para cima quando chegamos."

"Williams moveu o corpo?"

"Não lhe perguntei" respondeu ela.

Genial.

"Alguém o fez. Seria bom saber se foi Williams."

"Irei averiguar" se ofereceu Holmes.

"Patterson, vê com ela" ordenou Titus.

"Não preciso."

"Holmes, só vá" ordenou Garroway.

Os dois ajudantes partiram.

Voltei a olhar o corpo. Tinha que pensar nele como um corpo, não podia chamá-lo de "ele". Se o fizesse, começaria a me perguntar se tinha mulher e filhos. Não queria saber. Era só um corpo, muita carne. Não desejava saber. Iluminei com a lanterna sobre a confusão na neve. Ajoelhei e avancei lentamente. Sherlock Holmes e eu. Se a criatura tivesse subido atrás do homem, deveria haver alguma sinal na neve. Talvez não uma pegada completa, mas algo. Cada pegada que tinha encontrado era de sapatos. O que fora que tivesse feito isso, não usava sapatos. Inclusive com uma manada de policiais pisoteando por ali, deveria haver alguma rastro de garras e marcas de animais. Não era capaz de encontrar nenhuma. Talvez, o criminalista teria mais sorte. Esperava que fosse assim.

Se não havia nenhum rastro, podia ter chegado voando? Uma gárgula, possivelmente? Era o único predador alado que atacava ao homem. Excluindo os dragões, mas eles não eram originários deste país e teria sido um inferno muito pior. Ou talvez, muito melhor. Um dragão teria engolido ao homem inteiro.

As gárgulas atacariam e matariam a um homem, mas era estranho. Além disso, o grupo mais próximo estava no Kelly, Kentucky. As gárgulas de Kelly eram uma pequena sub-espécie que tinham atacado às pessoas, mas nunca tinham matado. Eram, acima de tudo, devoradores de carniça. Na França havia três espécies de gárgulas do tamanho do homem, ou ainda maiores. Eles comeriam você. Mas nunca se encontrou algo tão grande na América.

O que podia ser? Havia uns quantos trolls menores no leste de Ozarks, mas não estava perto do St. Louis. Além disso, tinha visto imagens de massacres de trolls e esta não o era. As garras eram muito curvas, muito largas. O estômago parecia ter sido limpo por algo com focinho. Os trolls se viam terrivelmente parecidos com os humanos, mas eram primatas.

Um troll menor não atacaria a um humano se tivesse a opção. Um troll maior da montanha podia fazê-lo, mas estavam extintos fazia mais de vinte anos. Além disso, tinham o costume de despedaçar árvores e gente até matá-los, depois os comiam.

Não acreditava que fora algo tão exótico como os trolls ou as gárgulas. Se houvesse pistas que conduzissem até o corpo, teria estado certa de que era a massacre de um licântropo. Sabia-se que os trolls vestiam a roupa desprezada. Assim que um troll poderia estar caminhando pesadamente pela neve, ou uma gárgula podia estar voando velozmente, mas um licântropo... Tinham que caminhar com os pés descalços já que não encaixariam em nenhum sapato humano. Mas como?

Eu teria esbofeteado minha testa, mas não o fiz. Se o fizer em cenas de crimes, encheria meu cabelo de sangue. Olhei para cima. As pessoas quase nunca olham para cima. Os milhões de anos de nossa evolução nos haviam condicionado para ignorar o céu.

Nada era grande o bastante para nos apanhar de acima. Mas isso não significava que algo não pudesse saltar sobre nós.

O ramo de uma árvore serpenteou sobre o vazio. A lanterna mostrou brancas cicatrizes frescas sobre a negra extremidade. Um transmorfo de forma tinha se contraído sobre a casca, à espera do homem que andava embaixo. Emboscada, premeditação e assassinato.

"Dolph, poderia vir aqui embaixo um minuto?"

Dolph andou com cuidado pela encosta coberta de neve. Suponho que não queria repetir minha atuação. "Sabe o que é?"

"Um transmorfo" eu disse.

"Explique isso." Segurava seu fiel caderno e sua caneta à espera.

Expliquei o que tinha encontrado. O que pensava que era.

"Não tivemos a um licântropo louco desde que a Brigada se formou. Está certa?"

"Estou certa de que isto é de um transmorfo, mas não disse que foi um licântropo."

"Explique."

"Todos os licântropos são trocadores de forma por definição, mas nem todos os trocadores de forma são licântropos. A licantropia é uma enfermidade contraída pelo sobreviver de um ataque ou ao conseguir um lote defeituoso de vacina contra a

licantropia."

Me olhou. "Pode adquirir com vacina?"

"Acontece."

"É bom saber" acrescentou. "Como pode ser um transmorfo e não um licântropo?"

"Na maioria das vezes uma condição hereditária. O cão guardião da família, a fera, o gato enorme. Sobre tudo na Europa. Uma pessoa de cada geração tem os gens e as mudanças."

"Está isso ligado à lua como a licantrópia normal?"

"Não. Um guardião familiar sai quando a família lhe necessita. Por uma guerra ou por alguma espécie de perigo físico. Há homens cisne. Estão ligados à lua, mas ainda é uma condição hereditária."

"Como?"

"Podem ser amaldiçoados, mas é realmente estranho."

"Por quê?"

Encolhi-me de ombros. "Tem que encontrar uma bruxa ou algo com uma magia o bastante poderosa para amaldiçoar alguém como transmorfo. Tenho lido os feitiços. As poções estão tão cheias de narcóticos que poderia acreditar que é um animal. Também poderia acreditar que é o edifício do Chrysler, ou poderia simplesmente morrer. Os verdadeiros feitiços são muito mais complexos, e em geral, requerem um sacrifício humano. Uma maldição está um passo a cima de um feitiço. Não é absolutamente um feitiço."

Tratei de pensar como explicá-lo. Nesta área Dolph era um civil. Não conhecia a linguagem.

"Uma maldição é como o ato de última vontade. Só juntas todo seu poder, magia, o que seja, e o enfoca em uma pessoa. Você vai amaldiçoá-lo. Sempre o faz em pessoa, então sabem que terá sido feito. Algumas teorias afirmam que se necessita da crença da vítima para fazer uma maldição. Não estou muito segura de acreditar nisso."

"Só as bruxas podem amaldiçoar?"

"As vezes alguém fica inimizado com uma fada. Um desses velhos Daoine Sidhe<sup>[9]</sup>, mas teria que estar na Europa para isso. Inglaterra, Irlanda ou partes de Escócia. Neste país seria uma bruxa.

"Assim é um transmorfo, mas desconhecemos de que classe ou como conseguiu sê-lo."

"Não, com estas marcas e pistas não."

"Se lhe visse cara a cara, poderia dizer de que classe é?"

"Que animal?" perguntei.

"Sim"

"Não."

.Poderia dizer se foram amaldiçoados ou se é uma doença?"

"Não."

Ele só me olhou. "Você é melhor que isso."

"Sou melhor com os mortos, Dolph. Me dê um vampiro ou um zombi e direi seus números da segurança social. Algo disto é talento natural, mas muito é prática. Nunca tive experiência com trocadores de forma."

"Que perguntas pode responder?"

"Pedes e descobrirei" eu disse.

"Acha que este transmorfo é novo?" perguntou Dolph.

"Não."

"Por que não?"

"A primeira vez se troca durante a noite de lua cheia. É demasiado cedo para um novo. Embora poderia ser seu segundo ou terceiro mês, mas..."

"Mas o que?"

"Se ainda for um licântropo que não pode se controlar, que mata indiscriminadamente, ainda poderia estar aqui. Nos caçando."

Dolph jogou uma olhada à escuridão. Segurou seu caderno e sua caneta em uma mão, mantendo a mão direita livre para sua arma. Era um movimento automático.

"Não se preocupe Dolph. Se fosse comer mais pessoas já teria pego ao Williams ou aos ajudantes."

Seu olhar percorreu a escuridão, logo voltou para mim. "Então, o transmorfo poderia se controlar?"

"Acredito que sim."

"Então, por que matar ao homem?"

"Por que se mata? Luxúria, avareza, raiva." Encolhi-me de ombros.

"A forma animal é usada como arma assassina" afirmou Dolph.

"Sim."

"Estará ainda em sua forma animal?"

"Isto foi feito por um metade homem metade animal, do tipo homem lobo."

"Um homem lobo."

Neguei com a cabeça. "Não posso dizer que classe de animal é. O homem lobo era somente um exemplo. Poderia ser alguma classe de mamífero."

"Um mamífero?"

"Por estas feridas, sim. Sei que há homens ave, mas não fazem este tipo de dano."

"Homens pássaro?"

"Sim, mas não é o que fez isto."

"Alguma idéia?"

Agachei-me ao lado do corpo, observando. Como se ele quisesse me contar seus segredos. Três noites depois, quando a alma tivesse abandonado seu corpo finalmente, poderia tratar de levá-lo e averiguar quem o matou. Mas não tinha garganta. Inclusive os mortos não podem falar se não tiverem o aparelho apropriado.

"Por que Titus pensou que isto era obra de ou urso?" perguntei.

Dolph pensou durante um minuto. "Não sei."

"Vamos perguntar a ele."

Dolph inclinou a cabeça. "Seja minha convidada." Me pareceu um pouco sarcástico. Se eu houvesse estado discutindo com o xerife durante horas, teria sido muito sarcástica.

"Venha Dolph. Não podemos saber menos que sabemos agora."

"Se Titus tiver algo que dizer a respeito, poderemos."

"Quer que lhe pergunte ou não?"

"Pergunte."

Chamei os homens que estavam esperando. "Xerife Titus."

Olhou para baixo, para mim. Tinha tirado um cigarro mas ainda não o tinha aceso. Fez uma pausa com o acendedor a metade de caminho de sua boca. "Quer algo Senhora Blake?" O cigarro oscilou em seus lábios quando falou.

"Por que pensa que é o ataque de um urso?"

Abriu a tampa de seu acendedor e agarrou o charuto sem acender de sua boca com a mesma mão. "Por que o quer saber?"

Quis lhe dizer "responda a maldita pergunta", mas não o fiz. Ponto para mim.

"Por curiosidade."

"Isso não é de um leão da montanha. Um leão teria usado mais suas garras. Arranhando-o mais."

"Por que não um lobo?"

"Animal de carga. Parece tão somente um animal."

Tive que estar de acordo com tudo o que foi dito. "Acredito que estive nos ocultando informação, xerife. Parece saber muito sobre animais que não são originários desta área."

"Vou caçar de vez em quando senhora Blake. Precisa conhecer os hábitos de sua presa se quer pegar alguma."

"Acreditou que era um urso por eliminação?" perguntei.

"Você pode dizer isso. " Devolveu o charuto a sua boca. A ponta flamejou cintilando contra sua cara. Quando apagou o acendedor, a escuridão pareceu mais densa.

"O que pensa que é, senhora Perita?" O cheiro de seu cigarro se propagou no ar frio.



"Trocadores de forma."

Inclusive na escuridão pude sentir o peso de seu olhar. Fez voar uma baforada fantasmagórica de fumaça. "Você pensa assim."

"Sei que é assim" afirmei.

Fez um som agudo de chateação. "Terrivelmente segura de você mesma, não?"

"Se quer vir aqui embaixo, xerife. Mostrarei o que encontrei."

Vacilou para a seguir encolhendo os ombros. "Por que não?" Ele desceu a encosta como uma escavadeira, suas pesadas botas levantavam esteiras de neve. "Bem senhora Perita, deslumbre-me."

"Você é uma dor no traseiro, Titus."

Dolph suspirou soltando o fôlego em uma nuvem branca.

Titus pensou que era verdadeiramente gracioso, riu dobrando-se e dando-se palmadas na perna. "Você é realmente graciosa, senhora Blake. Agora, me mostre o que encontrou."

Eu fiz.

Deu uma larga imersão a seu charuto. A ponta brilhou na escuridão. "Acho que não foi um urso depois de tudo."

Ele não ia argumentar. Genial. "Não, não foi."

"Puma?" perguntou com alguma classe de esperança.

"Você sabe que não" me levantei com cuidado.

"Transmorfo" acrescentou.

"Sim."

"Não há nenhum Transmorfo fora de controle neste condado há dez anos."

"A quantos matou?" perguntei.

"Cinco" encheu-se os pulmões de fumaça e o soltou devagar.

"Perdi aquele caso" sacudi a cabeça. "Foi anterior a mim."

"Estava no colégio quando aconteceu?"

"Sim."

Lançou seu cigarro sobre a neve e o afundou com a bota. "Queria que fosse um urso."

"Eu também" admiti.

A noite estava difícil, de uma fria escuridão. Duas da madrugada é uma hora deserta da noite, sem importar a estação. Em meados de dezembro as duas é como o coração congelado de uma noite eterna. Ou possivelmente, estava simplesmente desanimada. A luz sobre a escada que conduzia até meu andar brilhava como uma lua capturada. Todas as luzes tinham uma qualidade esmerada. Ligeiramente irreal. Havia uma neblina no ar, como uma névoa pequena.

Titus tinha me pedido para ficar caso eles encontrassem alguém na área. Eu era sua melhor opção para descobrir se a pessoa era um licântropo ou algum imbecil inocente. A solução era cortar a mão para ver se havia pelagem dentro do corpo. Se você estivesse errada, o que faria, pediria perdão?

Havia rastros de licântropo que conduziam até a cena do crime. As cópias de gesso tinham sido feitas, e por minha sugestão, estavam sendo enviadas ao departamento de biologia da Universidade de Washington. Quase os tinha encaminhado ao doutor Louis Fane. Ele ensinava biologia lá. Era um dos melhores amigos do Richard. Um cara legal. Um homem rato. Um intenso e escuro segredo que poderia lhe pôr em perigo se começasse a mandar impressões da garra de licântropo a ele. Praticamente toda direção do departamento garantia que Louis o veria.

Tinha sido minha maior contribuição da noite. Ainda procuravam quando parti. Tinham meu bip. Se encontrassem um humano nu na neve, podiam-me chamar. Embora se meu bip soasse antes que conseguisse dormir um pouco, eu ia ficar puta.

Quando fechei a porta do carro, ouvi um eco. Uma segunda porta de carro se fechou de repente. Estava cansada, mas era automático verificar o pequeno estacionamento por aquele segundo carro. Irving Griswold estava quatro carros mais abaixo, metido em uma jaqueta impermeável laranja Day-Glo, com um cachecol listrado amarrado ao redor do pescoço. Seu cabelo castanho formava uma auréola encrespada na zona calva. Os diminutos óculos redondos repousavam sobre um nariz de botão.

Parecia alegre e inofensivo, mas também era um homem lobo. Parecia que era minha noite para isso.

Irving era um repórter do The St. Louis Post-Dispatch. Qualquer historia sobre mim e Reanimador Inc, geralmente, levava sua assinatura. Sorriu quando caminhou para mim. Simplesmente, um repórter amistoso da vizinhança. Sim, certo.

"O que você quer, Irving?"

"Esse é o modo de saudar alguém que passou as últimas três horas no carro te esperando?"

"O que quer, Irving?" Talvez se continuasse a repetir a pergunta varias vezes

cansaria ele.

O sorriso desapareceu de sua pequena cara. Parecia solene e preocupado.

"Temos que conversar, Anita."

"Essa historia vai ser longa?"

Pareceu pensar durante um momento, logo afirmou.

"Pode ser."

"Então suba. Prepararei um pouco de café autêntico."

"Que diferença há entre o autêntico café e o café de imitação?" Perguntou.

Comecei a subir a escada.

"Vou preparar em uma taça de java<sup>101</sup>, isso fará crescer cabelo no teu peito."

Riu. Compreendi que tinha feito um trocadilho e não queria fazê-lo. Sei que Irving é um transmorfo. Inclusive vi sua forma de lobo. Mas a tinha esquecido. Era um amigo e não parecia nada sobrenatural em sua forma humana.

Sentamos na pequena mesa da pequena cozinha, bebendo a goles o café com nata de baunilha. O casaco do meu traje estava colocado nas costas da cadeira da cozinha. Isso deixou minha arma e coldre de ombro expostas.

"Pensei que tivesse um encontro esta noite, Blake."

"Eu tinha"

"De certa forma um encontro."

"Uma garota nunca pode ser muito cuidadosa."

Irving soprou sobre sua taça, bebendo a goles delicadamente. Seus olhos tinham percorrido tudo, tomando nota. Dias depois seria capaz de descrever a sala completamente, incluídos os Nike Airs e as meias três — quartos de correr que havia diante do sofá.

"O que está acontecendo, Irving?"

"Ótimo café." Desviava de meus olhos. Era um mau sinal.

"O que há de errado?"

"Richard te disse algo sobre o Marcus?"

"O líder do seu bando, certo?"

Irving pareceu surpreso.

"Ele disse isso?"

"Descobri esta noite que seu alfa se chama Marcus. Há uma guerra de sucessão acontecendo. Marcus quer ao Richard morto. Richard diz que não lutará contra ele."

"Oh, já lutou contra ele, tudo bem" disse Irving.

Isso me surpreendeu.

"Então por que Richard não é o líder do bando?"

"Richard tem escrúpulos. Ele tinha, Blake, as garras na garganta de Marcus." Irving sacudiu a cabeça. "Pensou que quando Marcus se recuperasse podiam conversar, chegar a um acordo." Fez um som grosseiro." Seu namorado é um

idealista."

Um idealista. Isso era quase o mesmo que tolo. Jean-Claude e Irving concordavam. Não concordavam em muito. "Explique."

"Você pode subir na hierarquia do bando lutando. Você ganha, sobe um degrau. Você perde, fica onde está." Tomou um comprido gole de café, os olhos fechados como se absorvesse a calidez. "Até que lutas para ser o líder do bando."

"Deixe-me adivinhar. Uma luta a morte."

"Sem morte, não há novo líder" disse.

Sacudi a cabeça, continuava sem tocar o café que tinha ante mim. "Por que me diz tudo isto, Irving? Por que agora?"

"Marcus quer te conhecer."

"Por que Richard não me disse isso pessoalmente?"

"Richard não quer te envolver."

"Por que não?" Irving continuou respondendo minhas perguntas, mas as respostas não ajudavam muito.

Encolheu-se de ombros. "Richard não cederá um centímetro para enlouquecer ao Marcus. Se Marcus dissesse preto, Richard diria branco."

"Por que Marcus quer me conhecer?"

"Não sei" disse Irving.

"Sim, certo."

"É verdade, Blake, não sei o que está acontecendo. Algo muito grande está se formando, e ninguém me diz nada."

"Por que não? É um trocador formas."

"Sou também jornalista. Há alguns anos cometi o erro de escrever um artigo. O licântropo com o que falei mentiu, disse que nunca me deu permissão para lhe citar. Perdeu seu trabalho. Alguns em particular quiseram a mim, também queriam que eu perdesse meu emprego." Aconchegou-se ao redor de sua grande caneca de café.

Recordando com olhos distantes. "Marcus disse que não, que era mais valioso para eles como jornalista. Ninguém confiou realmente em mim depois disso."

"Não é um grupo muito clemente" disse. Bebi meu café e o encontrei frio. Se o bebesse bem rápido, seria potável, apenas.

"Nunca perdoam e nunca esquecem" disse Irving.

Soava como um característico mau caráter, mas era um de meus princípios fundamentais, com que não podia me queixar muito. "Então Marcus te enviou aqui para falar comigo. Sobre o quê?"

"Quer te conhecer. Falar de uma espécie de negócio."

Levantei e reenchi minha caneca. Um pouco menos de açúcar esta vez. Começava a despertar, francamente, da frustração.

"Diga-lhe que venha a meu escritório."

Irving negou com a cabeça. "Marcus é um excelente cirurgião. Sabe o que aconteceria se houvesse algum indício do que é ele?"

Podia entendê-lo. Podia ser um transmorfo em alguns empregos. Médico não era um deles. Ainda havia um dentista no Texas sendo processado por uma paciente. Dizia que tinha contraído a licantropia dele. Absurdo. Não se contamina com mãos humanas que mechem na boca. Mas o caso não tinha sido descartado. Pessoas não tem muita simpatia por umas bolas peludas tratando dos dentes brilhantes de seu menino.

"Bem, que envie outro ao escritório. Certamente Marcus deve confiar em alguém."

"Richard proibiu que entrem em contato contigo."

Só lhe olhei. "Proibiu?"

Irving assentiu. "Qualquer um do dando em hierarquia menor que entrasse em contato contigo e pusessem em perigo."

Comecei a sorrir e parei. Estava sério. "Não está brincando."

Fez uma saudação com três dedos. "Palavra de escoteiro."

"Então como é que está aqui? Tentando subir no bando?"

Empalideceu. Juro por Deus, empalideceu. "Eu? Lutar com o Richard? Diabos, não."

"Então Richard não se importará que esteja falando comigo?"

"Oh, sim se importará."

Franzi a cara. "Marcus vai proteger-te?"

"Richard deu uma ordem específica. Marcus não pode interferir."

"Mas te pediu que viesse para ver-me" disse.

"Sim."

"Então por que arriscar que Richard te rompa as costelas?"

Irving sorriu abertamente. "Pensei que me protegeria."

Ri-me. "É um filho da puta."

"Talvez, mas te conheço, Blake. Você não gosta que Richard esteja escondendo coisas de ti. Sem dúvida, você não gosta que te proteja. Além disso, fui seu amigo durante anos. Não acredito que ficasse quieta enquanto seu namorado me golpeia."

Irving me conhecia melhor que Richard. Não era um pensamento muito consolador. Tinha sido enganada por uma cara bonita e um simpático senso de humor? Não tinha visto o verdadeiro Richard? Neguei com a cabeça. Podia ter sido enganada por completo? Esperava que não.

"Tenho sua proteção?" Ainda sorria, mas havia algo em seus olhos. Medo, talvez.

"Precisa que o diga em voz alta para que seja oficial?"

"Sim."

"Essa é uma regra licântropo clandestino?"

"Uma delas" disse.

"Tem minha proteção, mas quero informação em troca."

"Disse-te que não sei nada, Blake."

"Conte-me como é ser um licântropo, Irving. Richard parece decidido a guardar o segredo. Eu não gosto de estar às escuras."

Irving sorriu. "Ouvi isso."

"Pode ser meu guia no mundo peludo, e guardarei suas costas de Richard."

"De acordo."

"Quando Marcus quer reunir-se?"

"Esta noite." Irving teve a gentileza de parecer envergonhado.

Sacudi a cabeça. "De jeito nenhum. Estou indo pra cama. Me encontrarei com o Marcus amanhã, mas não esta noite."

Olhou seu café, as pontas dos dedos tocavam a caneca. "Quer que seja esta noite." Elevou a vista para mim. "Por que acha que estive te esperando no carro?"

"Não estou a disposição de cada monstro desta cidade. Eu nem sequer sei o que Cara Peluda quer me dizer." M inclinei na cadeira e cruzei os braços. "De maneira nenhuma vou sair esta noite para jogar com trocadores de formas."

Irving se retorceu na cadeira, girando a caneca de café devagar sobre a mesa. Não me olhava nos olhos outra vez.

"O que acontece agora?"

"Marcus me disse que marcasse uma reunião com você. Se eu recusasse, ele me... castigaria. Se viesse aqui, Richard ficaria chateado. Estou encurralado entre dois machos alfa, e eu não gosto."

"Está me pedindo que te proteja do Marcus, assim como de Richard também?"

"Não" disse, sacudindo a cabeça, "não. Você é boa, Blake, mas não está aliada com o Marcus."

"Fico feliz em ouvir isso" disse.

"Vais encontrar com o Marcus esta noite?"

"Se disser que não, estará em problemas?"

Olhou fixamente seu café. "Você não acredita?"

"Não!"

Olhou-me com seus olhos marrons muito sérios. "Ele ficará bravo, mas viverei".

"Mas te fará mal." Não era uma pergunta.

"Sim." Essa única palavra tão suave, tão indecisa. Não parecia Irving.

"Verei ele com uma condição. Que você esteja presente na reunião."

Sua cara floresceu com um sorriso que se estendeu de lado a lado.

"É uma amiga de verdade, Blake." Toda a tristeza desapareceu enrolada pelo

atrativo brilho de averiguar que demônios estava acontecendo. Apesar de ter o traseiro metido profundamente entre jacarés, Irving era um jornalista. Era quem e o que era, mais que um licântropo.

O sorriso de por si, merecia uma reunião. Além disso, queria saber se Richard estava realmente em perigo. Uma reunião com o homem que o ameaçava era a única forma de averiguá-lo. Na realidade, não sou compassiva por alguém que ameaça a um de meus amigos. As balas de prata tornavam mais lentos aos vampiros, a menos que possa lhe tirar a cabeça e o coração. As balas de prata matam a um homem lobo, sem segundas possibilidades, sem cura, só morte. Marcus poderia lembrar disso. Se ele insistisse, até poderia lembrá-lo.

Irving tinha chamado ao Marcus desde meu piso. De novo, Irving não sabia por que, tudo o que sabia era que Marcus lhe disse que chamasse antes que fôssemos. Entrei em meu quarto. Pendurei meu traje limpo e seco, e agarrei roupa para me trocar. Jeans pretos, pulôver vermelho, e nikes negros com o logotipo azul, e meias três — quartos de verdade. Tinha abandonado as meias três — quartos de correr pela roupa diária uma vez que tinha começado o inverno.

Alcansei o volumoso pulôver verde que tinha deixado sobre a cama.

Vacilei. Não era pelo fato de que o pulôver me fizesse parecer uma Árvore de Natal, ou que pudesse não ser muito afresco para levar. Isso não importava nada. Debatia-me em levar uma segunda arma. Um acessório de moda mais próximo e querido por meu coração do que qualquer objeto.

Ainda não me tinha ameaçado nenhum licântropo, mas sim Gretchen, a vampira. Ela podia não ser um professor vampiro, mas andava perto. Além disso, a lembrança do policial tirando meu Browning ainda estava fresca. Tinha muitos inimigos potenciais para andar desarmada.

Tirei meu colega de trabalho, Tio Mike, minha pistola de interior de calça, ajustava-se comodamente e não arruinava a linha de meu jeans, a menos que alguém olhasse de verdade.

Minha arma principal de reserva é uma 9 mm Firestar. Pequena, ligeira, bonita ao olhá-la, e podia levá-la em minha cintura e ainda ser capaz de me sentar. O pulôver pendurava a meia altura. A arma era invisível a não ser que me registrassem. Tinha colocado a arma diante, para um acesso rápido. Provavelmente não a necessitaria. Provavelmente.

O pulôver se avultava ao redor das correias da pistola de ombro. Tinha visto as pessoas levarem postas pistolas de ombro debaixo de sudaderas ou jerséis avultados, mas perdia uns segundos andando a prova sob o tecido. É preferível uma lombriga a menos na moda, e seguir viva.

O pulôver era muito comprido para a caçadora de couro, assim coloquei o impermeável negro.

Phillip Marlowe<sup>[11]</sup> e eu. Não peguei munição extra. Calculei que vinte e uma balas eram muitas para uma noite. Até deixei minhas facas em casa. Quase me dissuadindo a levar a Firestar. No geral, não levava duas armas, até que tinham tratado de me matar. Encolhi os ombros. Por que esperar? Se não a necessitava, me sentiria tola amanhã. Se a necessitasse, não me sentiria tola em absoluto.

Irving me esperava. Estava sentado no sofá como um menino bom.

Parecia um aluno ao que o professor tinha castigado na esquina.

"O que aconteceu?"



"Marcus quer que te dê só a direção. Não me quer na reunião. Eu disse que você não viria comigo. Que você não confia nele." Ele elevou a vista para mim. "Está bastante furioso."

"Mas manteve sua posição." Eu disse

"Sim."

"Por que não parece feliz?"

Ele encolheu-se de ombros. "Marcus de mau humor não é uma agradável experiência, Blake."

"Eu conduzirei, você só indica."

"Marcus disse que levássemos os dois carros, que eu teria que ficar depois da reunião para ter uma conversinha."

"Vamos, Irving, eu conduzo, você dá as indicações, e quando eu for embora, você vai."

"Eu aprecio a oferta, Blake, mas não quero o Marcus enfurecido contigo."

"Se estou te protegendo do Richard, também posso fazê-lo do Marcus."

Ele negou com a cabeça.

"Não, você segue meu carro." Levantou a mão "Acabou-se a discussão, Blake. Sou um lobisomem. Tenho que viver na comunidade. Não posso me permitir o luxo de me opor ao Marcus, não por uma pequena conversa."

Queria discutir, mas não o fiz. Irving conhecia seus problemas melhor que eu. Me opor ao Marcus pioraria as coisas, assim tinha deixado ir. Mas eu não gostava disto.

O Café Lunático estava situado na Cidade Universitária. Seu letreiro era uma meia lua acesa com o nome do restaurante em um suave néon azul. Exceto pelo nome e o letreiro engenhoso, o lugar não via-se muito distinto de todas as outras lojas e restaurantes do distrito do campus.

Era uma noite de sexta-feira e não havia estacionamento. Começava a pensar que Marcus teria que ir até meu carro quando um Empala granada escuro saiu dos dois lugares que tinha estado ocupando. Meu Jipe entrou em um deles deixando o outro ao lado para um segundo carro.

Irving esperava diante do restaurante. Suas mãos estavam colocadas até o mais fundo de seus bolsos. O ridículo cachecol quase arrastava pelo chão. Parecia distraído e nada feliz.

Caminhei para ele com o impermeável agitando ao meu redor como uma capa. Inclusive assim, a maior parte da gente não via a arma. Viam uma mulher pequena com um alegre pulôver de Natal. Viam o que esperavam ver a maior parte do tempo. Para os que levavam a arma, notariam, e saberiam que estava armada.

Irving empurrou a porta sem dizer uma palavra. Irving, calado? Não gostava de vê-lo submetido, quase golpeado, como um cão ao que deram uma patada. Não me

fazia simpatizar com o Marcus, e ainda não lhe conhecia.

O ruído nos envolveu ao passar pela porta. Um murmúrio de vozes tão intensas que parecia o rumor do mar.

Os talheres de prata tilintaram, alguém riu alto e claro, como uma mão se elevando sobre o ruído, para ser tragada outra vez e ser perdida. Havia um bar ao longo de uma parede, à madeira escura e polida, velha e carinhosamente cuidada.

O resto do espaço continha pequenas mesas redondas que podiam assentar comodamente a quatro pessoas aproximadamente. Cada assento estava ocupado, e ainda mais. Abertas três entradas; uma ao lado do bar, outra à direita, e uma mais no centro. Havia mais mesas colocadas nas salas mais pequenas.

A cafeteria tinha iniciado sua existência como a casa de alguém. Estávamos na sala de estar. As entradas que conduziam a outras salas eram arcadas abertas, como se tivessem derrubado umas quantas paredes. Mesmo assim, o lugar era claustrofóbico. A gente no bar esperava mesa. O lugar estava lotado de gente feliz, sorridente.

Uma das mulheres do bar se aproximou, limpando as mãos em um pano remetido no laço de seu avental.

Dedicou a nos um amplo sorriso de boas vindas. Tinha um par de menus em uma mão. Comecei a dizer que não necessitávamos... quando Irving me agarrou pelo braço. A tensão vibrava através de sua mão.

Tinha me agarrado do braço direito. Girei-me para lhe dizer que não fizesse isso, mas o gesto de sua cara me deteve. Contemplava a mulher sorridente como se tivesse lhe crescido uma segunda cabeça. Me virei a mulher, e a olhei. Olhei-a de verdade.

Era alta, magra, com o cabelo comprido e liso, de um favorecedor castanho avermelhado que brilhava sob as luzes. Sua cara era um suave triângulo, com um queixo talvez um pouco afiado, mas em geral, era atrativa. Seus olhos eram de um estranho marrom âmbar que emparelhava perfeitamente com seu cabelo.

Seu sorriso se alargou, só uma elevação da comissura dos lábios. Reconheci o que estava olhando. Licantropo. Um que poderia passar por humano. Como Richard.

Percorri a habitação com o olhar, e compreendi por que me sentia tão tensa. Não era só pela multidão. A maioria das pessoas felizes e sorridentes eram transmorfos<sup>[12]</sup>. Suas energias fluíam no ar como o peso de uma tormenta. Tinha pensado que a multidão era buliçosa, muito ruidosa, mas eram os transmorfos. Sua energia bulia e carregava a sala, disfarçando-se como se fora a energia de qualquer multidão.

Enquanto estava na porta, uma cara se elevou observando aqui e ali. Olhos humanos me olharam, mas o olhar não o era. O olhar estava avaliando, examinando. Quão dura eu era? Quão saborosa eu seria? Me lembrei como Richard tinha estado

olhando a multidão no Fox. Parecia um frango em uma convenção de coiotes. De repente me senti contente de levar minha segunda arma.

"Bem-vindos ao Café Lunático, Srta.Blake." Disse a mulher "Sou Raina Wallis, a proprietária. Se me acompanhar. Sua festa a espera."

Tudo isso com um sorriso e um brilho quente em seus olhos. Irving agarrando meu braço era quase doloroso.

"Isso é meu braço direito." Disse lhe sussurrando enquanto me aproximava dele.

Piscou. Seus olhos observaram a Browning e deixou de me agarrar.

"Desculpe." Resmungou.

Raina se aproximou mais. Irving se estremeceu.

"Não a morderei, Irving, ainda não."

Emitiu uma risada baixa, íntima e borbulhante. A classe de risada usada em dormitórios e nas piadas privadas. A risada deu a seus olhos e corpo um ar diferente. De repente pareceu mais voluptuosa, mais sensual do que fazia a um segundo. Bastante estranho.

"Não deveriam fazer Marcus esperar." Deu a volta e começou a deslizar entre as mesas.

Joguei uma olhada ao Irving.

"Quer me dizer algo?"

"Raina é nossa fêmea alfa. Se o castigo for ser realmente mau, será ela que a levará ao cabo. É muito mais criativa que Marcus."

Raina nos fez gestos sob a arcada próxima ao bar. Seu encantador rosto franzira o cenho, parecendo um pouco menos encantadora, e muito mais maliciosa.

Acaricieei o ombro de Irving. "Não vou deixar ela te machucar."

"Você não pode parar isso."

"Veremos." Eu disse.

Ele assentiu, mas como se não acreditasse. Seguiu-a por entre as mesas. Segui ele. Uma mulher tocou sua mão quando passou por diante. E deu um sorriso. Era de meu tamanho, e elegante, com um corte reto em seu cabelo negro que lhe emoldurava o rosto como encaixe negro. Irving roçou seus dedos e seguiu andando. Seus grandes olhos escuros se encontraram com meus.

Não me disseram nada. Tinham sorrido para Irving; para mim eram indiferentes. Como os olhos de um lobo que tinha visto uma vez na Califórnia. Estava passeando ao redor de uma árvore e ali estava parado. Nunca tinha entendido de verdade o que significava indiferente até esse momento. Aqueles pálidos olhos me contemplaram, esperando. Se eu o ameaçasse, atacaria. Se o deixava em paz, viveria. Era minha opção. O lobo não ligava se eu fosse embora.

Segui andando, mas meus ombros formigavam. Sabia que se me girasse, seus

olhos estariam sobre mim, em nós. O peso de seu olhar fixo era físico.

Senti o impulso de me girar e mostrar a língua, mas lutei com ele.

Tinha a impressão de que todos me contemplavam com indiferentes olhos desumanos, e não queria vê-lo.

Raina nos conduziu até uma porta fechada atrás dos comilões. Empurrou para abri-la e nos fez gestos ondeando teatralmente um braço.

Irving só a transpassou. Eu a transpassei, mas mantive os olhos fixos nela.

Estava o suficientemente perto para que pudesse me abraçar. O suficientemente perto para que, com seus reflexos, pudesse me agarrar.

Os licantropos são só mais rápidos que um humano normal. Não são jogos mentais como com os vampiros. Simplesmente, são melhores. Sem embargo, não estava segura quanto melhor em sua forma humana. Olhei a cara sorridente da Raina, não estava segura se queria analisá-la.

Passamos por um corredor estreito. Havia uma porta a cada lado, uma representava a fria noite através de sua vidraça, a outra fechada, um signo de interrogação.

Raina fechou a porta atrás de nós, apoiando-se sobre ela.

Ela pareceu sofrer um colapso, como se fosse dirigida a um enforcamento, soltando seu cabelo para diante.

"Está você bem?" Perguntei.

Tomou um profundo fôlego; trêmulo, e elevou a vista para mim.

Fiquei sem fôlego. Não poderia ajudar a mim mesma.

Era muito belo. Suas maçãs do rosto eram altas e esculpidas. Seus olhos mais amplos e mais centrados naquela cara.

Parecia ter irmã, um parecido familiar, mas não a mesma pessoa.

"O que você fez?"

Emitiu uma risada íntima de dormitório, outra vez.

"Sou a alfa, Srta. Blake. Posso fazer muitíssimas coisas que a maioria dos transmorfos não podem."

Estava disposta a apostar.

"Você removeu os ossos a propósito, como em uma cirurgia plástica que se faz a si mesmo."

"Muito bem, Srta. Blake, muito bom." Seus olhos marrons âmbar relampejaram para o Irving. O sorriso abandonou sua cara.

"Ainda insiste em estar na reunião?"

"Sim, insisto."

Seus lábios se franziram, como se tivesse provado algo ácido.

"Marcus disse que perguntasse, e que depois os levasse." Encolheu os ombros e se separou da porta. Era alguns centímetros mais alta que antes. Lamentava não ter

prestado mais atenção a suas mãos.

Tinham trocado também?

"Por que esculpe seu corpo?" Perguntei.

"A forma anterior é a do dia. Esta é a real."

"Por que o disfarce?"

"Se por acaso tivesse que fazer algo maléfico." Disse ela. Malévolo?

Caminhou majestosamente corredor abaixo para a outra porta fechada. Seu andar era deslizante, um movimento atlético como o de um grande felino.

Ou seria um grande lobo?

Bateu na porta. Não ouvi nada, mas a abriu. Aguardou ali, com os braços cruzados sobre o estômago, embalando os peitos, sorrindo. Começava a não gostar dos sorrisos da Raina.

O quarto era uma sala para banquetes com mesas cobertas de tecido e agrupados em forma de ferradura. Uma plataforma elevada com quatro cadeiras e um suporte de livro fechavam a boca da ferradura. Dois homens estavam de pé na plataforma. Um de mais ou menos um metro oitenta, magro, mas musculoso como um jogador de basquete. Seu cabelo negro muito curto, fazia jogo com um bigode fino como um dedo e barba de cabrito.

Estava quieto, agarrando com uma mão a palma da outra. Atitude de esportista. A postura de guarda-costas.

Tinha posto uns jeans negros muito rodeados, e um pulôver negro com um desenho negro que se ajustava a seus amplos ombros.

Sobressaía uma franja de escuro cabelo de seu peito, justo por cima do decote. Ornamentadas botas negras de vaqueiro e um maciço relógio completavam sua aparência de tipo rude.

O outro homem não media mais de um e setenta e cinco. Seu cabelo era de um curioso tom de loiro com reflexos castanhos quando bate a luz, mas que ainda consegue ser loiro. O cabelo era curto, mas com estilo e secagem com secador, teria ficado bonito se fosse um pouco mais largo. Sua cara quadrada estava bem barbeada, com uma covinha no queixo. A covinha deveria fazer a cara mais graciosa, mas não o fazia. Era uma cara autoritária. Aqueles finos lábios estavam constituídos para dizer: siga minhas regras, se não...

Levava posta uma caçadora de linho azul claro com calças negras. Um cachecol voltado para azul claro fazia jogo com a caçadora à perfeição, completando o traje. Seus sapatos eram negros, polidos com acetinado.

Tinha que ser Marcus.

"Alfred." Uma única palavra, mas era uma ordem. O homem maior desceu com um salto da plataforma. Saltando, com um movimento elegante. Deslizava-se sob uma nuvem de sua própria energia. Ondeava e bulia a seu redor mais ou menos

como o calor que se elevava do pavimento. Não podia ver de simples vista, mas seguro podia senti-lo.

Alfred se aproximava como se tivesse um objetivo. Coloquei minhas costas contra a parede, mantendo a Raina à vista, igual à todos outros. Irving retrocedeu comigo. Mantinha-se um pouco afastado de todos, mas mais perto de mim que de ninguém.

Apartei o impermeável, então a arma se mostrou claramente.

"Será melhor que suas intenções sejam amigáveis, Alfred."

"Alfred." Disse o outro homem. Uma só palavra, até o tom parecia o mesmo, mas desta vez Alfie deteve seu trajeto. Aguardava, com a vista cravada em mim. Seus olhos não eram indiferentes, eram hostis. Normalmente, as pessoas não se desagradavam comigo. Mas ouça, tampouco estava muito excitada por ele.

"Não vamos atacá-la, Srta.Blake." Marcus disse.

"Sim, certo. Alfie, conteu sua violência em um movimento. Quero saber quais eram suas intenções quando ficasse mais perto."

Marcus me olhou como se tivesse feito algo interessante.

"Uma descrição muito acertada, Srta. Blake. Então, pode ver nossas auras?"

"Se é assim que chama isso."

"As intenções do Alfred não são hostis. Somente a revistaria procurando armas. É o procedimento habitual para os que não são como nós. Não é nada pessoal, lhe asseguro."

O simples feito de que não me quisessem armada me fez desejar manter minhas armas. Isso pode ser chamado de teimosia, ou forte instinto de sobrevivência.

"Possivelmente esteja de acordo em que me reviste, se primeiro me explicar por que estou aqui." Evasiva, até que pudesse decidir o que fazer.

"Não falamos de negócios diante da imprensa, Sra. Blake."

"Bem, não penso falar com você sem ele."

"Não colocarei em perigo a todos para satisfazer pura curiosidade." Ainda estava de pé na plataforma, como um general inspecionando a suas tropas.

"A única razão pela que estou aqui é porque Irving é um amigo. Insultar ele não vai ganhar minha simpatia."

"Não desejo ganhar sua simpatia, Srta. Blake. Desejo sua ajuda."

"Você quer minha ajuda?" Não tentei ocultar a surpresa em meu tom de voz.

Assentiu brevemente.

"Que tipo de ajuda?"

"Ele deve partir."

"Não." Disse.

Raina se separou da parede e ficou ao nosso redor, apenas fora de alcance, mas nos rondando como um tubarão.

"O castigo do Irving poderia começar agora." Sua voz soou baixa e ofegante.

"Não sabia que os lobos ronronavam." Disse.

Ela riu. "Os lobos fazem muitas coisas, das que estou segura de que você sabe."

"Não sei o que quis dizer."

"De mulher para mulher." Apoiou um ombro contra a parede, com os braços cruzados, a cara amigável. Apostava que podia morder meu dedo e sorrir, tudo ao mesmo tempo.

Aproximou-se, como se compartilhássemos segredos.

"Richard está tão bom como parece, verdade?"

Cravei o olhar em seus olhos divertidos.

"Eu não beijo e conto."

"Contarei meu succulento bocado, se você me contar o seu."

"Raina, basta." Marcus tinha avançado até a borda do soaio.

Não parecia contente.

Dedicou um sorriso aborrecido. Incomodava ele mais que eu, e o desfrutava muitíssimo.

"Irving deve partir, e Alfred deve lhe tirar as armas. Não se negociam esses dois pontos."

"Farei um trato." Eu disse "Irving parte agora, mas não vai para casa."

Sem castigo.

Marcus sacudiu a cabeça.

"Decretei que seja castigado. Minha palavra é a lei."

"Quem morreu e lhe fez rei?"

"Simon." Disse Raina.

Pisquei.

"Lutou e matou ao Simon. Esse é quem morreu e o que lhe fez ser líder da manada."

Fiz uma pergunta tola. "Quer minha ajuda, Irving se vai livre e ileso. Sem castigo."

"Não faça isto, Anita." Disse Irving "Só piorará as coisas."

Raina permaneceu apoiada a meu lado. Simplesmente, uma conversa de menina pequena.

"Tem razão, e você sabe. Agora mesmo ele é meu brinquedo, mas se fizer que Marcus realmente fique bravo, vai dar ele ao Alfred. Torturarei sua mente e seu corpo. Alfred lhe destroçará animicamente."

"Irving se vai, sem castigo. Fico e deixo que Alfred me reviste. Se não, vamos."

"Não nós, Srta. Blake. Você é livre de ir, mas Irving é meu. Ficará, e com ou sem você, aprenderá a lição."

"O que tem feito?" Perguntei.

"Isso é nosso assunto, não seu."

"Não vou te ajudar a fazer merda nenhuma."

"Então vá embora." Saltou elegantemente da plataforma, e dirigiu seus passos para nós enquanto falava "Mas Irving fica. Você estará entre nós só por esta noite. Ele deve viver conosco, Srta. Blake. Ele não pode permitir sua bravura."

A última frase lhe levou justo detrás do Alfred. Em um primeiro plano, tinha linhas finas ao redor dos olhos e da boca, flacidez na pele do pescoço e nas mandíbulas. Acrescentei dez anos a sua idade. Uns cinqüenta.

"Não posso deixar Irving aqui sabendo o fará para ele."

"Ah, você não tem nem idéia do que lhe faremos." Disse Raina. "Nós nos curamos tão bem."

Separou-se da parede e caminhou para Irving. Passeou a seu redor em um estreito círculo, ombro, quadril, roçando contra ele, aqui e lá quando se movia.

"Inclusive os mais fracos dos nossos podem agüentar muitíssimos danos."

"O que quer para garantir a segurança do Irving?" Perguntei.

Marcus me olhou, sua cara cautelosa, neutra.

"Prometa nos ajudar, e deixe ao Alfred revistá-la. É meu guarda-costas. Deve lhe deixar fazer seu trabalho. "

"Não posso prometer ajudar sem saber que necessita."

"Então não temos nenhum trato."

"Anita, posso agüentar, independentemente do que façam. Posso agüentar. Tenho feito isso antes."

"Pedi que te protegesse do Richard, só chame isso de um pacote completo."

"Pedi para você proteção?" Raina se afastou dele, a surpresa fazia sua cara francamente bonita.

"Só contra Richard" Disse Irving.

"É inteligente." Disse Raina "Mas isso tem certas implicações."

"Ela não é membro do bando. Só tem efeito no Richard porque saem juntos." Disse Irving. Parecia um pouco preocupado.

"Que implicações?" Perguntei.

"Pedir proteção a membros do bando é reconhecer que pertencem a uma fila superior sem necessidade de lutar contra eles. Se derem sua proteção, então consentiram lhes ajudar a lutar em suas batalhas. Se são desafiados, você está obrigada por honra a lhes ajudar." Respondeu Marcus.

Joguei uma olhada ao Irving. Parecia doente.

"Ela não é uma dos nossos. Não pode fazê-la cumprir a lei."

"Que lei?" Perguntei.

"A Lei Do Bando." Disse Marcus.



"Perco o direito de sua proteção." Respondeu Irving.

"Muito tarde." Respondeu Raina.

"Você nos coloca em um dilema, Srta. Blake. Um membro do bando a reconheceu como de mais alta fila que ele. Reconhecendo você como dominante. Segundo nossas leis devemos aceitar isso como um compromisso".

"Não posso ser membro do bando." Disse.

"Não, mas você pode ser dominante."

Sabia o que a palavra significava no mundo real. Marcus a usava como se significasse algo mais.

"O que significa ser dominante?"

"Significa que você pode se manter como a protetora do Irving contra todos os participantes."

"Não." Disse Irving. Passou roçando a Raina e se deteve ante o Marcus, manteve-se de pé e lhe olhou fixamente aos olhos. Essa não era uma demonstração total.

"Não deixarei você me usar para isso. É o que pretendia desde o princípio. Sabia que lhe pediria proteção contra Richard. Contava com isso, enganou a gente, é um bastardo presumido."

Um grunhido baixo saiu de entre os perfeitos dentes de Marcus.

"Eu cuidaria minha língua se fosse você, cachorrinho."

"Se isso lhe ofender, eliminarei-o." As primeiras palavras do Alfred não eram acolhedoras.

Isto se estava descontrolando.

"Irving está sob minha proteção, Alfred. Se entendi a lei. Você tem que passar por cima de mim para fazer algo ao Irving, correto?"

Alfred girou seus frios e escuros olhos para mim. Assentiu.

"Se você me matar, então não poderei ajudar ao Marcus."

Isso pareceu deixar perplexo ao tipo grande. Genial, confundindo meus inimigos.

Marcus sorriu.

"Encontrou um defeito em minha lógica, Srta. Blake. Se realmente tem intenção de proteger ao Irving, pela lei escrita, então você, por suposto, morreria. Nenhum simples humano poderia resistir a um de nós. Inclusive o mais inferior a mataria."

Deixei passar aquele comentário. Por que discutir quando estava ganho de todo modo?

"Já que você não pode aceitar desafios, e não nos deixará machucar a Irving, está seguro."

"Genial, agora o que?"

"Irving pode ir, e não será prejudicado. Você fica e escuta nossa petição. Pode

decidir nos ajudar ou não, Irving não sofrerá por sua eleição."

"Isso é muito generoso de sua parte."

"Sim, Srta. Blake, é." Havia um olhar muito sério em seus olhos.

Raina podia jogar jogos sádicos. Alfred podia fazer mal por um arrebatamento ansioso. Mas para o Marcus, isto era só negócio. Era o chefe da turma peluda.

"Nos deixe, Irving."

"Não a abandonarei."

Marcus se virou para ele com um grunhido.

"Minha paciência não é infinita!"

Irving caiu de joelhos, a cabeça se inclinou, a coluna vertebral encurvada humildemente. Era uma demonstração total. Agarrei o braço de Irving e o levantei.

"Se levante, Irving. O agradável homem lobo não vai fazer mal."

"E por que, Sra. Blake?"

"Porque Irving está sob meu amparo, se Alfred não pode lutar contra mim, então você, seguro como o inferno, que não pode."

Marcus jogou para trás a cabeça, e emitiu uma risada aguda, como um latido.

"Você é inteligente e valente. Rasgos que nós admiramos."

A risada morreu em sua cara, permanecendo em seus olhos como um sonho agradável.

"Não me desafie muito abertamente, Sra. Blake. Não seria saudável."

A última risada morreu em seus olhos. Fiquei olhando fixamente esses olhos humanos, mas não havia ninguém ali com quem falar. Parecia um ser humano, falava como um ser humano, mas não o era.

Cravei meus dedos no ombro agasalhado do Irving.

"Vá, Irving. Saia daqui."

Ele tocou meu braço.

"Nunca te abandonaria em um lugar perigoso."

"Estou segura esta noite, você não. Agora vai, por favor, Irving."

Observei a luta em sua cara. Mas finalmente, depois de outro olhar furioso do Marcus, partiu. A porta se fechou e fiquei a sós com os três homens lobos. Descemos para quatro. A noite melhorava.

"Alfred a revistará agora."

Quanto por volta da noite melhorando.

"Então faça." Disse.

Fiquei em pé. Não elevei os braços. Não me apoiei contra a parede.

Não ia ajudar, não a menos que o pedisse. Tomou a Browning, depois revistou meus braços, pernas, até a parte baixa de minhas costas. Não revistou a parte dianteira de meu corpo. Talvez fosse um cavalheiro, ou talvez só fosse descuidado. Seja o que fosse, se esqueceu da Firestar. Tinha oito balas de prata e não sabiam. A

noite melhorava.

Marcus assumiu seu lugar na plataforma. Alfred permaneceu atrás dele como um bom guarda-costas.

"Una-se a nós Sra. Blake. Talvez tenha que suportar uma longa reunião."

Não queria me sentar com o Alfred a minhas costas assim me dirigi à última cadeira. A cadeira vazia entre nós parecia anti-social, mas estava fora do alcance do Alfred. Segurança antes que boas maneiras.

Raina se sentou à direita do Marcus, colocou a mão em seu joelho. Marcus se sentou da mesma forma como fazia tudo, rígido. Postura que teria feito minha tia Mattie se sentir orgulhosa. Mas não retirou a mão da Raina. De fato, colocou a sua sobre as dela. Amor? Solidariedade? Eles não me pareciam um casal realmente compatível.

Uma mulher entrou pela porta. O cabelo loiro cortado com estilo, mantido no lugar com gel. Usava um traje vermelho com tons rosados, como uma pétala de rosa. A blusa branca tinha um desses laços soltos que faziam parecer feminino o traje, e um pouco tolo.

"Christine, que bom que tenha vindo" disse Marcus.

A mulher assentiu e tomou o lugar ao final da ferradura que formavam as mesas perto da plataforma. "Que opção teria? Que opção deu a qualquer um de nós?" perguntou.

"Devemos ter uma frente unida nisto, Christine."

"Enquanto você estiver no comando, certo?"

Marcus começou a dizer algo mais, mas a multidão foi crescendo. As pessoas passavam lentamente pela porta de um em um, de dois em dois, de três em três. Deixou passar a discussão. Podiam discutir depois e apostava que o fariam. A queixa da mulher parecia antiga.

Reconheci uma pessoa. Rafael, o rei rato. Era alto, moreno e bonito; com o curto cabelo negro, fortes traços mexicanos e uma expressão arrogante. Parecia tão rígido como Marcus, exceto pelos lábios. Eram suaves e sensuais, arruinavam um pouco o efeito.

Rafael me saudou com a cabeça. E lhe devolvi o gesto. Levava a dois homens ratos em forma humana com ele. Não reconheci nenhum dos dois.

Havia quase uma dúzia de pessoas sentadas nas mesas quando Marcus ficou em pé e caminhou para o pódio.

"Meus amigos, reuni todos aqui para que conheçam a Anita Blake. Os vampiros a chamam a Executora. E acredito que ela pode nos ajudar."

"O que pode fazer uma caçadora de vampiros por nós?" Perguntou um homem alto que estava sentado sozinho, com cadeiras a ambos lados que serviam de

paredes. Tinha o cabelo curto grisalho, com um corte tipo Mia Farrow nos anos sessentas, mas mais suave. Usava camisa branca, gravata rosa pálido, jaqueta branca e calças cor nata. Parecia o simpático bom homem com dinheiro. Mas tinha um ponto a seu favor.

"Não precisamos que um humano nos ajude," Isto disse um homem que estava sentado junto a outro. Tinha o cabelo curto, por cima do pescoço, tão encaracolado que parecia pelagem, ou talvez... Nah. Tinha sobrancelhas grossas sobre olhos escuros, com traços sérios e sensuais. Os lábios do rei rato podiam parecer adoráveis, mas este homem parecia feito para fazer coisas perversas em lugares escuros.

A roupa combinava com sua cara. As botas, que tinha posto sobre a mesa, eram de um suave couro aveludado. As calças eram de couro brilhante. A escassa camisa que usava não tinha mangas e deixava uma boa parte superior do corpo descoberta. O braço direito estava coberto com tiras de couro do cotovelo até os dedos. O soco inglês tinha espigões saindo deles. O pêlo do peito era tão encaracolado e escuro como o do cabelo. Um casaco preto estava atirado sobre uma mesa a seu lado.

A mulher a sua direita esfregou sua bochecha ao longo do seu ombro como se um fosse um gato marcando-o com seu cheiro. O comprido cabelo escuro formava ondas sobre os ombros. O que eu podia ver era que sua roupa parecia apertada, preta e principalmente de couro.

"Aqui somos humano, Gabriel" disse Marcus.

Gabriel fez um ruído grosseiro. "Acredite no que quiser, Marcus. Mas sabemos o que somos, e o que ela não é." Apontou-me com o punho enluvado. Não parecia um gesto particularmente amigável.

Rafael ficou de pé. O gesto deteve a discussão. Havia algo na forma em que se mantinha de pé, com sua ordinária roupa de rua, que fazia você olha ele como se usasse uma coroa. Sua presença era mais dominante que o de levar uma tonelada de couro preto. Marcus fez um grunhido baixo. Muitos reis nesta sala.

"Marcus fala pela Anita Blake como fala pelos lobos?"

"Sim," disse Marcus. "Falo pela senhora Blake."

Pus-me de pé. "Não sei o que está acontecendo aqui, mas posso falar por mim mesma."

Marcus se virou como uma pequena tormenta loira. "Sou o líder do bando. Sou a lei."

Alfred se moveu para me enfrentar, flexionando suas grandes mãos.

"Fique calmo, cara peluda. Não é meu líder e não sou membro do bando."

Alfred se adiantou. Saltei para fora da plataforma. Tinha minha arma, mas talvez precisasse dela depois. Se a usasse agora, poderia não tê-la para mais tarde. Saltou da plataforma, um salto alto como se tivesse um trampolim do qual saltar.

Deixei-me cair ao chão e rodei. Sentia o ar de seu passo. Acabei contra a plataforma. Tentei agarrar a Firestar e já estava sobre mim. Mais rápido que uma bala, mais rápido que algo que tivesse visto antes.

As mãos me agarraram pela garganta e apertaram. Os lábios retrocederam ante os dentes e fez um grunhido, como o som que um Rottweiler faz.

Minha mão estava na Firestar, mas ainda tinha que levantá-la, apontar e atirar do gatilho. Nunca conseguiria. Rasgaria minha garganta antes que pudesse fazê-lo.

Me levantou usando minha garganta como uma alça. Os dedos apertavam o suficiente para me fazer sentir sua força. Tudo o que tinha que fazer era apertar o punho e minha garganta ficaria nele. Mantive minha mão na Firestar. Estaria agarrada a ela quando morresse.

"Por acaso Alfred luta suas batalhas agora?" Era Christine, a dos laços. "Os líderes dos bandos devem combater pessoalmente todos os desafios ou perdem a liderança. É uma de suas leis, Marcus."

"Não me diga quais são minhas leis, mulher."

"Ela desafiou a sua autoridade sobre ela, não a do Alfred. Se ele matar ela, será o novo líder do bando?" Havia um ligeiro tom de brincadeira em sua voz.

"Libera-a Alfred."

Os olhos do Alfred se fixaram em Marcus e depois em mim. Os dedos esticaram-se e se incrustaram me levantando até estar nas pontas dos pés.

"Disse que a deixasse ir!"

Soltou. Retornei cambaleando contra a plataforma e saqueei a Firestar com um movimento. Não foi bonito, mas a arma estava fora e apontando ao Alfred. Se me pusesse a prova de novo iria matá-lo e ia gostar disso.

"Pensei que a tivesse revistado, que não estivesse armada" disse Marcus.

"Revistei-a" disse Alfred afastando-se e sustentando as mãos diante dele para acautelar um golpe.

Escapuli pela plataforma mantendo Marcus vigiado.

Vislumbre a Raina ainda sentada, olhando divertida.

Me afastei de todos, tentando pôr uma parede detrás de mim. Se Marcus fosse mais rápido que Alfred, precisaria de uma distância, como 150 km, mas tinha que me conformar com a parede mais longínqua.

"Que a desarme" disse Raina. Estava sentada ali, com as pernas cruzadas, as mãos repousando sobre os joelhos e sorrindo. "Foi um descuido do Alfred, deixe que o corrija."

Marcus assentiu, Alfred me olhou.

Pressione minhas costas mais solidamente contra a parede, como se pudesse abrir uma porta se pressionasse o suficientemente forte. Alfred virou-se em minha direção, lentamente, como um maníaco cinematográfico. Apontei a arma a seu peito.

"Matarei-o" disse.

"Suas pequenas balas não podem me ferir" disse Alfred.

"Uma ronda do Glaser Safety<sup>[13]</sup> banhadas em prata" disse, "faria um buraco em seu peito o suficientemente grande para passar um punho através dele."

Ele hesitou. "Posso me curar de qualquer ferida, inclusive as de prata."

"Não se for um tiro mortal" disse. "Atiro no coração e está morto."

Olhou de novo ao Marcus. Tinha a cara contraída pela fúria.

"Você deixou-a trazer uma arma entre nós."

"Se a arma te causa medo, Marcus, tome você mesmo" Christine falou de novo, só que esta vez não estava segura de que estava me ajudando.

"Não pretendemos machucá-la, senhora Blake, mas prometi aos demais que não viria armada. Dei minha palavra. Se der sua arma ao Alfred, isto terminará."

"De maneira nenhuma."

"Está me desafiando, senhora Blake. Não posso deixar que ninguém ponha em dúvida minha autoridade."

"Deteve-se ao final da plataforma, mais perto de mim. Estava mais perto de mim que Alfred. Não estava certa de que era uma melhora.

"Desça dessa plataforma e atiro em você."

"Alfred." Simplesmente o nome, outra vez, mas foi suficiente.

Alfred subiu junto a ele, com os olhos na cara do Marcus. "Mestre?"

"Pegue-a Alfred. Ela não pode nos desafiar."

"Vais fazer que eu o mate, Marcus."

"Não acredito."

Alfred deu um passo à frente, diante de Marcus. Seu rosto estava neutro e os olhos ilegíveis.

"É uma maneira estúpida de morrer, Alfie."

"Ele dá as ordens. Eu obedeço. Assim são as coisas."

"Não faça isso" disse.

Alfred deu um passo para diante.

Respirei calma e pausadamente. Tinha sentido todos outros perifericamente, mas olhava só ao Alfred, um ponto no centro de seu peito.

"Não estou blefando."

Senti ele tenso, sabia o que ele ia fazer. Ele estava confiante de que poderia se mover mais rápido do que eu poderia apertar o gatilho. Nada era tão rápido. Eu esperava.

Deu um amplo salto e rodou, usando o mesmo salto que tinha feito antes. Apoiei-me em um de meus joelhos, apontando enquanto me movia. A bala lhe acertou no ar. Avançou dando tombos e se desmoronou no chão.

O disparo ecoou no silêncio. Me pus em pé, ainda lhe apontando com a arma.

Aproximei-me. Ele nunca se moveu. Se respirava, não podia vê-lo.

Ajoelhe-me até que minha arma lhe tocou a coluna vertebral. Nenhum movimento. Procurei o pulso no pescoço. Nada. Tirei a Browning do lado esquerdo da cintura dele. Mantive a Firestar apontando a todo mundo. Não era tão boa com a mão esquerda mas não queria perder tempo trocando de mão.

Marcus desceu da plataforma. "Não o faça" eu disse. Congelou-se e me olhou. Parecia surpreso, como se tivesse pensado que não o faria.

Rafael se moveu através das mesas. "Posso revistá-lo?"

"É claro." Mas retrocedi, teoricamente, fora de seu alcance.

Rafael deu a volta. O sangue tinha formado um atoleiro no chão do buraco no peito. Brilhantes linhas cor carmesim lhe saíam pela boca e se mesclavam com a barba. Não tão rápido quanto uma bala depois de tudo.

Marcus me olhou por cima do corpo. Tinha esperado ver cólera, mas tudo o que vi foi dor. Entristeceu-se pelo falecimento do Alfred. Pude ter apertado o gatilho, mas ele tinha empurrado Alfred a isto. Ele sabia, eu sabia. Todos sabíamos.

"Não tinha que matá-lo" disse brandamente.

"Não me deixou outra opção" lhe respondi.

Olhou o corpo do Alfred, depois a mim. "Não, suponho que não. O matamos juntos, você e eu.

"Para que saiba no futuro, para que não haja outro mal-entendido entre nós, Marcus. Nunca minto."

"Você disse isso."

"Mas não acreditasses em mim."

Observou como o sangue se disseminava pelo chão. "Acredito em você agora."



Mantivemos o corpo no chão. A velha pergunta persistia. O que faríamos com o corpo? Tive uma resposta tradicional. “Vou chamar à polícia” disse.

“Não” disse Marcus. Essa única palavra teve mais força do que tudo o que ele havia dito antes de Alfred cair no chão.

“Ele está morto, gente. Se eu tivesse atirado nele com uma bala normal ele teria sido capaz de se curar, mas era uma de prata. Temos que chamar à polícia.”

“Está tão disposta a ir para prisão?” Isso veio do Rafael.

“Não quero ir para a prisão, mas o matei.”

“Acredito que teve um pouco de ajuda com isso.” Christine havia se movido para nosso lado. Permanecia em pé com o traje de pétala de rosa, com as cómodas sapatilhas negras, olhando para baixo, para o corpo. Uma linha de sangue escorreu para os sapatos. Viu-a serpenteando para ela. Não tinha saído do caminho. O sangue se apressou ao redor da ponta do sapato seguindo seu caminho.

Raina surgiu por trás Marcus. Ela colocou seus braços em torno dos ombros dele, ela inclinou o rosto contra seu pescoço, perto o suficiente para sussurrar em seu ouvido. Aqueles lábios não se movem, mas havia sido um irritante comentário o que tinha empurrado as coisas ao limite. Uma pequena observação.

Marcus esfregando a mão dela ao longo do braço, baixando o rosto para beijar seu pulso.

Eu olhei em volta deles. Rafael ainda estava ajoelhado junto ao corpo. Uma linha de sangue se dirigia ao joelho de suas calças. Levantou-se com rapidez, as pontas dos dedos roçaram o sangue do chão. Levou-os a boca. Quis dizer, “não o faça”, mas não fiz. Levou os dedos à boca e os chupou para limpá-los.

Seus olhos negros se moveram rapidamente para mim. Baixou a mão como se estivesse envergonhado, como se o tivesse apanhado em uma íntima função do corpo. Talvez tivesse feito.

Os dois trocadores de forma vestidos de couro se moveram lentamente detrás das mesas, como se me rodeassem. Me joguei para trás. Ainda tinha as armas desencapadas em minhas mãos. O que tinha o soco inglês me olhou, com um sorriso brincalhão no canto da boca.

Os olhos eram de um estranho cinza líquido. O encaracolado cabelo negro tinha caído como um matagal sobre os olhos. Emanava uma alarmante luminosidade detrás desse cabelo negro. Não fez nenhum movimento para tirá-los dos olhos. Isso me deixava louca. Mas então talvez eu não estivesse acostumado a olhar para fora através da pele.

Deteve-se perto do corpo que estava perto de mim. Levantei as armas. A essa distancia, na verdade, não tinha que apontar. Não me sentia mais confiante com uma

arma em cada mão. O fato era que me sentia tola, mas não queria perder tempo guardando alguma delas. Para guarda a Firestar, tinha que tirar o suéter e empurrar a arma no interior do coldre de minhas calças. E provavelmente podia fazer isso sem olhar para baixo, mas não estava certa. O hábito podia aparecer. Como dirigir um carro. Não te dava conta quanto tempo tinha olhado para baixo até que tinha uma caminhonete surgindo na tua frente. Se Gabriel era tão rápido quanto Alfred, uma fração de segundo podia ser suficiente.

O sorriso se alargou, a ponta da língua riscou os carnudos lábios. O olhar tinha calor neles. Nada mágico, só o ardor que um homem podia pôr nos olhos. Esse olhar que dizia que estava se perguntando como te veria nua e se faria um bom trabalho oral. Rude mas preciso. Esse olhar não estava esperando fazer amor com ninguém. Esse olhar era puro sexo. Inclusive sexo era um termo suave.

Lutei com a necessidade de olhar para o outro lado. Não me atrevi a lhe tirar os olhos de cima. Mas também o queria. Minha pele se agitou lentamente sob o olhar. Senti calor chegando a minha cara. Não pude olhá-lo nos olhos sem me ruborizar. Meu pai me criou melhor que isso.

Deu um passo para diante, um pequeno movimento, mas o colocou quase ao alcance de meu braço. Com o corpo do Alfred ainda quente, estava jogando comigo. Levantei as armas um pouco mais firmes, apontando-o.

“Não façamos isto de novo” disse.

“Gabriel, deixe-a em paz” disse Christine.

Olhou-a. “Tigre! Tigre!/Que arde alegremente,/nos bosques da noite,/que mão imortal ou olho,/poderia formar sua espantosa simetria?”

“Basta Gabriel” disse ela. Estava ruborizando. Uma estrofe de Blake e estava envergonhada. Por que esse poema? Uma mulher-tigre talvez? Mas quem era o gatinho? Talvez os dois.

Ele se voltou de novo para mim. Vi algo deslizar-se detrás dos olhos. Alguma linha de perversidade que o fazia querer dar o próximo passo.

“Me provoque esta noite e terminará como seu amigo no chão.”

Riu, com a boca bem aberta, expondo os bicudos caninos, de acima a abaixo como um gato. Não presas, mas tampouco dentes humanos.

“A Sra. Blake está sob minha proteção” disse Marcus. “Não lhe farão mal.”

“Deixou que Alfred me estrangulasse, depois o incita para que me ataque. Não acredito muito em sua proteção, Marcus. Acredito que estou bem por conta própria.”

“Sem essas pequenas armas não sérias tão durona.” Isso veio da morena motociclista. Palavras valentes, mas estava parada no outro lado da pequena multidão.

“Não vou me oferecer para lutar contigo. E sei que sem uma arma estou em

desvantagem. É por isso que as tenho.”

“Nega minha proteção?” perguntou Marcus.

“Sim” disse.

“Você é uma idiota” disse Raina.

“Talvez, mas continuo sendo a que tem as armas.”

Gabriel riu de novo.

“Ela não acredita que possa protegê-la Marcus. E tem razão.”

“Questiona meu domínio?”

Gabriel se virou me dando as costas, olhando ao Marcus. “Sempre.”

Marcus avançou, mas Raina reforçou seu domínio sobre ele.

”Já lavamos muita roupa suja em frente à Sra. Blake por uma noite. Não achas?”

Ele hesitou. Gabriel só o olhou. Finalmente Marcus assentiu.

Gabriel deu uma risada e se ajoelhou junto ao corpo. Deslizou os dedos pelo sangue. “Esfria muito rápido”, limpou a mão no suéter do Alfred e tocou a ferida aberta do peito. Percorreu com a mão a bordo como se estivesse polindo uma tigela. A mão saiu carmesim. Levantou-a para a boca, o sangue escorrendo pelo braço. A língua lambeu ao longo dos ensangüentados dedos.

“Pare” disse Marcus.

A mulher se ajoelhou do outro lado do corpo. Ela ajoelhou-se inclinando o tronco, mas no ar, como leões bebendo de um buraco. Bebeu a linguadas do chão com rapidez, segura dos movimentos da língua.

“Jesus” sussurrei.

Houve movimento na sala como vento, ao longo de um campo de trigo. Todos estavam fora de seus assentos. Todos estavam se movendo para o corpo.

Retrocedi, pus a parede a minhas costas e comecei a procurar meu caminho em direção à porta. Se ia haver um frenesi de alimentação, não queria ser a única não-trocadora de forma no lugar. Não parecia saudável.

“Não!” A voz do Marcus rugiu através do quarto. Ele apressou-se para o corpo, empurrando a todos sem nenhum gesto. Inclusive Gabriel rodou sobre o lado esquerdo, apoiando-se, sentando-se sobre o sangue. A mulher avançou para trás, fora do alcance. Gabriel ficou a uma distância considerável do mestre lobo. Olhou fixamente ao Marcus, mas não havia nenhum temor em sua cara.

“Não somos animais para nos alimentar de nossos mortos.”

“Somos animais” disse Gabriel. Levantou a mão ensangüentada para o Marcus.

“Sinta o cheiro do sangue e me diga que não o quer.”

Marcus jogou a cabeça para longe, tragando o suficientemente forte para eu ouvi-lo. Gabriel se ajoelhou pressionando o sangue perto da cara de Marcus.

Ele golpeou a mão longe, mas se afastou também do corpo. “Sinto o cheiro do

sangue.”.A voz soou bastante áspera quando o disse, cada palavra saiu com dificuldade com um grunhido baixo. “Mas sou um ser humano, isso significa que não devo ceder a minhas urgências.” Deu as costas ao corpo e abriu caminho entre a multidão, tendo que parar no cenário para encontrar um lugar espaçoso no qual repousar. A respiração era forte e rápida. Como se tivesse se movido o mais rápido que pôde.

Eu estava a meio caminho atrás do palco. Podia ver a cara dele. Gotas de suor tocavam a pele. Tinha que sair daqui.

O homem de cabelo branco que tinha falado primeiro, perguntando o que podia um bom executor de vampiros fazer por eles, estava parado afastado dos outros. Estava apoiado contra a mesa com os braços cruzados. Estava me olhando. Do outro lado do quarto ele podia ver tudo o que queria. Tinha as armas fora e apontando a todos. Não havia ninguém no salão com quem queria estar desarmada.

Já estava quase na porta. Precisava de uma mão livre para abri-la. Estava a uma boa distância do quarto longe deles. Estava tão longe quanto podia ficar sem abrir a porta. Embainhei a Firestar. Transferi a Browning para minha mão direita. Enquanto, deslizava minha mão esquerda detrás de mim ao longo da parede até que toquei o trinco da porta. Girei o cabo e abri. Estava o suficientemente longe de todos eles, dei as costas ao quarto e abri a porta grande. E me detive.

O corredor estava cheio de licântropos. Todos estavam me olhando com olhos bem abertos, e assombrados. Pressionei a Browning no peito do mais próximo.

“Para trás”.

Ele só me olhou como se não entendesse o que dizia. Os olhos eram cor de café e perfeitamente humanos, mas lembrou o olhar que um cão faz quando trata de entender inglês. Quer entender, só que não o entende.

Atrás de mim houve um movimento. Botei minhas costas contra a porta, pressionando à parede, analisando o corredor com a arma. Se os trocadores de forma do corredor aumentassem, estava acabada. Podia atirar em alguns deles, mas não em todos.

Era o homem que tinha estado apoiado contra a porta. Tinha posto as mãos para cima para mostrar que estava desarmado, mas isso não ajudou. O que ajudou é que não havia suor em sua cara. Não tinha o olhar vidrado como os do corredor. Parecia muito humano.

“Meu nome é Kaspar Gunderson. Precisa de um pouco de ajuda?”

Olhei à horda de espectadores e de novo a ele. “Com certeza.”

Kaspar sorriu. “Aceitaria minha ajuda, mas não a do Marcus?”.Parecia surpreso.

“Marcus não oferece ajuda, dá ordens.”

“Muito certo.”

Rafael se moveu para o lado dele.

“Nenhum de nós recebe ordens de Marcus. Embora ele gostasse que o fizéssemos.”

Um som entre um gemido e um uivo se escutou da multidão do corredor. Escapuli um pouco mais contra a parede apontando a arma para a multidão. Havia muitos possíveis perigos, tinha que escolher a alguém em quem confiar. Rafael e o outro homem pareciam uma melhor opção que a multidão.

Um alto grito desigual chegou do quarto. Fixei minhas costas contra a parede e virei para a sala. E agora?

Vislumbrei um movimento agitado de extremidades através do grupo de licântropos. A mulher de cabelo negro jogou sua cabeça para trás e chiou.

“Está brigando”.disse o homem pálido.

“Sim, mas ela não ganhará a menos que um dominante se aproxime para ajudá-la” disse Rafael.

“Gabriel não a ajudará?”

“Não” disse Rafael. “Aprecio o show.”

“Não é lua-cheia ainda, que raios está acontecendo?” perguntei.

“O cheiro de sangue iniciou, Gabriel o alimentou. Ele e Elizabeth. Agora, a menos que Marcus possa controlá-los, podem se transformar e se alimentarem” disse Rafael.

“E isso é ruim?” perguntei.

Rafael só me olhou.

As mãos agarraram os antebraços tão forte que a pele empalideceu. As curtas unhas cortaram a pele e pequenos semicírculos de sangue se formaram sob as mãos. Respirou profundamente. Retirou os dedos dos braços. Os cortes se encheram de sangue, mas só uns quantos gotejaram. Corte pequeno, dor pequena. A dor às vezes ajudava e impedia a um vampiro controlar sua mente.

A voz saiu tensa, mas clara, cada palavra pronunciada com grande cuidado, como se tomasse grande esforço falar.

“Um dos antigos contos que são verdadeiros, é que os licântropos têm-se que alimentar depois de trocar de forma.” Os olhos me olharam, afogando-se profundamente. O negro tornou-se todo branco. Os olhos resplandeceram como botões brilhantes.

“Vai te tornar peludo aqui?”

Negou com a cabeça. “A besta não me controla. Eu me controlo.”

O outro homem permaneceu alí, de pé, tranqüilamente.

“Por que não está tendo problemas?”

“Não sou um predador. O sangue não me incomoda.”

Um gemido chegou do corredor. Um jovem que não devia ter mais de vinte

anos se arrastava sobre as mãos e os joelhos pelo corredor. Um gemido baixo se elevou da garganta como um mantra.

Levantou a cabeça farejando o ar. A cabeça girou com um impulso, os olhos me olhando. Arrastou-se até mim. Os olhos eram da cor do céu da primavera, inocentes como uma manhã de abril. O olhar neles não o era. Olhou-me como se perguntasse qual seria meu sabor. Como um humano acreditaria que pensava em sexo, agora, talvez, só pensava em comida.

Apontei a arma à frente. Os olhos olharam mais à frente da arma, a mim. Não estava segura que tivesse visto a arma. Tocou minha perna. Não lhe disparei.

Não tinha tentado me machucar. Não estava certa do que diabos acontecia, mas não podia atirar nele por me tocar. Não só por isso. Tinha que fazer algo para merecer uma bala no cérebro. Inclusive de mim.

Agitei a arma ligeiramente de lado a lado em frente dos olhos. Não a seguiram.

As mãos agarraram minha calça, puxando-as para meus joelhos. A cabeça estava um pouco por cima de meu quadril, esses olhos azuis olhavam meu rosto. Os braços se envolveram ao redor de minha cintura. Enterrou a cara nela, como se farejasse.

Golpeei brandamente a cabeça com o canhão da arma.

“Não te conheço tão bem para deixar que me fareje amigo. Levante.”

A cabeça se enterrou sob meu suéter. A boca mordeu gentilmente meu flanco. Ele reforçou, braços rígidos. A respiração se acelerou de repente. E de repente estava com medo. As carícias antes do sexo de um homem eram o aperitivo de outro.

“Tire isso de cima de mim antes que eu o machuque.”

Rafael gritou, a voz rugiu sobre o crescente caos. “Marcus!” Essa única palavra soou e o silêncio caiu. As caras viraram para ele. Caras manchadas de sangue. Elizabeth, a mulher de cabelo negro não se via em lugar nenhum. Somente Marcus permanecia limpo.

Estava de pé no rígido cenário, mas havia uma vibração nele, como um diapasão procurando sintonia. A cara estava gasta pelo esforço. Olhou para nós com olhos de um homem afogado, quem estava determinado a não gritar na última viagem para baixo.

“Jason tem algumas dificuldades para controlar-se” disse Rafael. “É seu lobo. Acalme ele.”

Gabriel ficou de pé, com a cara revestida em sangue. Descobriu os brilhantes dentes com uma gargalhada. “Surpreende-me que a Sra. Blake não o tenha matado ainda.”

Raina se levantou da matança com uma mancha de sangue no queixo.

“A Sra. Blake recusou a ajuda do Marcus. É dominante. Deixem-na descobrir o

que significa recusar nossa ajuda.”

Jason ainda estava rígido contra mim. Os braços se fecharam mais, a cara pressionada sobre meu estômago. Podia sentir o fôlego, através de minha blusa, quente e muito pesado pelo que estava passando.

“Vocês me pediram ajuda, Marcus. Empreste sua hospitalidade.”

Olhou-me. Mesmo do outro lado da sala podia ver o tic nervoso saltar na cara dele. Um movimento nervoso, como se algo vivo lutasse por sair.

“É muito tarde para negócios esta noite, Sra. Blake. As coisas estão descontroladas.”

“Não é brincadeira. Tire isso de cima de mim. Uma morte por esta noite é suficiente.”

Raina foi para ele, segurando-o com uma mão ensangüentada.

“Deixe-a que reconheça seu domínio sobre ela. Que reconheça que precisa de sua ajuda.”

Marcus me olhou.

“Reconhece meu domínio e tirarei Jason de cima.”

“Se começar a trocar, matarei ele. Sabe que o farei, Marcus. Chame-o.”

“Se for precisar da minha ajuda, deve me reconhecer.”

“Que merda, Marcus. Não estou pedindo que me salve. Estou pedindo a você que salve ele. Ou não lhe interessam os membros de seu bando?”

“Rafael é um rei” disse Raina. “Que ele a salve.”

Um estremecimento percorreu ao homem. O punho se apertou dolorosamente. Ficou de pé, os braços ainda fechados atrás de minhas costas. Se me segurasse mais perto, sairia pelo outro lado. Era mais ou menos de minha estatura, o que punha nossos rostos muito perto.

Os olhos estavam cheios de uma grande fome, uma necessidade. Inclinou a cabeça como se fosse me beijar, mas outro estremecimento lhe percorreu. Enterrou o rosto em meu cabelo, os lábios tocando meu pescoço.

Pressionei o canhão da Browning no peito. Se tentasse obter um pedacinho meu, estaria morto. Mas onde Alfred tinha sido uma rixa, este, Jason, parecia incapaz de conter-se, como uma compulsão. Se esperasse muito estaria igualmente morta. Mas até que não me machucasse me fazia não querer machucá-lo. Além disso, estava me sentindo um pouco infeliz por matar ao Alfred. Não muito, mas um pouco. Seria mais tolerante com o Jason.

Os dentes roçaram ao longo de meu pescoço. Tirando uma borda de pele com a boca. Estava a ponto de alcançar o final de minha paciência, mesmo que ele não se transformasse.

Um grunhido surdo vibrou ao longo de minha pele. O pulso se deteve em minha garganta. Apertei o gatilho. Não podia esperar que me despedaçasse a garganta.

Escutei ao Kaspar dizer. “Rafael, não!”

A cabeça do Jason se agitou bruscamente para cima, com olhos selvagens. Rafael se manteve entre nós, sustentando o braço frente à cara do Jason. O sangue correu pelos profundos arranhões.

“Sangue fresco, meu lobo” disse Rafael.

Jason se afastou bruscamente de mim tão rápido que me atirou contra a parede. Minha cabeça a golpeou, depois meus ombros impactaram, foi o que me salvou de desmaiar. Acabei com meu traseiro no chão, com a pistola na mão, só por instinto. A força nesse movimento deixou meus intestinos ociosos de medo. Tinha o deixado farejar meu pescoço, como se fosse humano. Podia ter me despedaçado com essas mãos humanas.

Podia ter matado ele primeiro, mas estaria igualmente morta.

Jason se desabou frente a Rafael. Uma ondulação percorreu suas costas como uma onda de água conduzida pelo vento. Jason caiu em uma pequena bola, as costas pulsando sob a camisa.

Rafael ficou com ele, o sangue gotejou sobre o chão.

“Espero que entenda o que fiz por você” ele disse.

Eu inalei ar suficiente para volta a falar. “Você quer que eu o mate?”

Um estranho olhar se apoderou de sua cara, deixando os olhos negros como botões mortos. “Você tem que oferecer sua proteção.”

“Proteção, ajuda. Você me ajudou, eu te ajudo.”

“Obrigado, mas eu comecei e o tenho que terminar, acredito que deveria ir antes de que lhe acabem as balas de prata.”

Kaspar me ofereceu a mão; tomei. A pele estava quente. Não parecia ter a urgência de me tocar ou me comer. Uma bela mudança.

A multidão estava encaminhando-se para a porta, em dois, em três e em dez. Alguns se moveram como sonâmbulos para o corpo no lugar mais afastado do quarto. Isso era bom. Outros foram para Rafael e Jason, que se retorcia. Disse que podia controlar a si mesmo. Mas perto de seis deles se viraram para mim e Kaspar.

Olharam-me com olhos famintos. Um deles, uma garota, havia se colocado de joelhos e começou a arrastasse para mim.

“Pode fazer algo a respeito disto?” perguntei.

“Sou um cisne, consideram-me comida.”

Requereu cada pedaço do meu autocontrole para não olhá-lo. Olhei à licántropo que se arrastava.

“Um cisne, genial. Tem alguma sugestão?” perguntei.

“Machuque alguns deles. Respeitam a dor.”

A garota elevou a mão para mim. Olhei fixamente o magro braço e não disparei. As balas de segurança de pequeno calibre podiam arrancar um braço. Não estava



certa de que os licântropos pudessem curar amputações. Apontei acima de sua cabeça, no grande macho atrás dela. Disparei instintivamente. Caiu no piso gritando, o sangue saía de entre os dedos. A garota se girou para ele, enterrando a cara no estômago.

Empurrou-a longe. Os outros seguiram adiante.

“Devemos sair enquanto podemos” disse Kaspar. Pôs-se a andar para a porta.

Não teve que me pedir isso duas vezes. Marcus estava ali, de repente. Não o tinha visto chegar, estava muito ocupada me concentrando na ameaça imediata, tirou dois homens de que estava ferido, arremessando-os como brinquedos.

Tirou uma pasta de papel Manila<sup>(14)</sup> de debaixo da jaqueta de linho azul e me entregou.

“Kaspar pode responder suas perguntas”.disse com uma voz que era mais um grunhido que outra coisa.

Voltou-se com um grunhido, rompendo contra os licântropos, protegendo ao que tinha ferido. Kaspar me empurrou pela porta e eu o deixei.

Dei uma última olhada ao Jason. Era uma massa de pele solta e ossos nus gotejando. Rafael era de novo o escorregadio homem rato negro que tinha conhecido meses atrás. A forma de coroa queimada na frente que marcava o reinado dos ratos se mostrava limpa. Já não estava sangrando. A mudança o tinha curado.

A porta se fechou. Não estava certa quem o tinha feito. Kaspar e eu permanecemos no corredor, sozinhos. Não havia sons detrás da porta. O silêncio era tão pesado, que golpeava em minha cabeça.

“Não posso escutá-los?”

“Sala a prova de som” disse.

Lógico. Olhei a pasta. Havia um rastro de sangue nela. Segurei cautelosamente pela borda esperando que o sangue se secasse.

“Supõe-se que temos que nos sentar e ter uma reunião de negócios?”

”Conhecendo Marcus, a informação estará completa. É muito bom burocrata.”

“Mas não um líder muito bom do bando.”

Olhou à porta. “Eu diria isso em outro lugar se fosse você.”

Tinha razão. Olhei-o. O cabelo fino de bebê era quase branco, quase como plumas. Neguei com a cabeça. Não podia ser.

Sorriu-me abertamente. “Anda. Toque-o.”

Fiz. Passei meus dedos pelo cabelo, e eram suaves e esponjosas como as plumas interiores de uma ave. O calor do couro cabeludo subiu como se fosse febre. ”Jesus.”

Algo pesado golpeou contra a porta. Senti a vibração através do chão. Retrocedi, duvidando sobre afastar a Browning. Cedi e pus a mão no bolso de meu casaco. Era o único casaco que possuía com bolsos suficientemente profundos para

esconder a Browning.

Kaspar abriu a porta para a lanchonete. Ainda havia pessoas comendo. Humanos fora em uma noite na cidade. Cortando a carne, comendo as verduras, alheios à destruição a só umas portas de distância.

Tive uma horrível urgência de gritar, “corram, corram por suas vidas”. Mas não o teriam entendido. Além disso, o Café Lunático tinha estado aí durante anos. Nunca tinha escutado de nenhum incidente aqui. Naturalmente, eu matei um homem lobo, que seja. Não pensava que fosse haver evidencia suficiente para a polícia. Talvez uns ossos bem roídos.

Quem sabia que desastres tinham acontecido aqui?

Kaspar me deu um cartão de negócios. Era branco e brilhante com letras gótica que dizia: KASPAR GUNDERSON, ANTIGUEDADES E COLEÇÕES.

“Se tiver alguma pergunta, tentarei respondê-la.”

“Inclusive se a pergunta é sobre, que demônios é?”

“Inclusive essa” disse.

Caminhávamos enquanto falávamos. Conhecia um dos homens do bar. Edward estava sentando tomando sorvos de uma bebida alta e fria. Nunca se virou, mas sabia que ele tinha me visto. Kaspar inclinou a cabeça para um lado.

“Algo errado?”

“Não” disse, “não.” Minhas palavras foram muito rápidas, nem mesmo eu acreditei nelas. Tentei meu melhor sorriso profissional.

“Só foi uma longa noite.”

Não acreditou em mim e não me importei. Não era boa inventando mentiras nesse momento. Kaspar deixou passar, mas os olhos analisaram à multidão enquanto caminhava para fora, procurando o que seja ou quem é que me tivesse incomodado.

Edward parecia um homem normal e corrente. Media um e oitenta, de constituição magra, cabelo loiro curto. Usava uma indescritível jaqueta negra de inverno, jeans e sapatos de sola suave. Parecia um pouco com Marcus, e a sua maneira, era igualmente perigoso.

Estava me ignorando sem esforço, o que queria dizer que não queria ser advertido. Caminhei passando por ele, esperando perguntar que raios fazia aqui, mas não queria estragar seu disfarce.

Edward era um assassino que se especializava em vampiros, licântropos e outros humanóides sobrenaturais. Começou matando humanos, mas havia se tornado muito fácil. Edward amava um desafio.

Permaneci na fria escuridão me perguntando o que fazer. Tinha a pasta ensangüentada em uma mão. A outra ainda estava segurando a Browning. Agora que a adrenalina estava passando, minha mão estava tendo câibras ao redor da arma. Sustentei-a por muito tempo sem dispará-la. Pus a pasta em baixo do braço e

guardei a arma. Todos os trocadores de forma estavam ocupados comendo uns aos outros. Provavelmente podia caminhar até meu carro sem ter uma arma desencapada em minhas mãos.

Edward não saiu. Meio que esperava que o fizesse. Estava caçando a alguém, mas a quem? Depois do que tinha visto esta noite, não estava certa de que caçá-los fosse uma má idéia.

É obvio, Richard era um deles. Não queria que ninguém o caçasse. Tinha que perguntar ao Edward que era o que estava fazendo, mas não essa noite. Richard não estava lá dentro. Todos outros podiam tomar as oportunidades. Tive um pensamento momentâneo sobre o Rafael, mas o deixei ir. Sabia como era Edward, embora não sabia o que fazia exatamente para viver.

Detive-me em metade da calçada. Deveria advertir ao Edward que Rafael o podia reconhecer e advertir aos outros? Doía-me a cabeça. Por essa noite deixaria que Morte se cuidasse assim mesmo. Os vampiros me chamavam de a Executora, mas eles chamavam o Edward, de Morte. Depois de tudo, eu nunca usei um lança-chamas sobre eles.

Segui caminhando. Edward era um grande e assustador menino. Podia se cuidar. E todos outros no quarto de atrás não precisavam de minha ajuda. Inclusive se a necessitavam, não estava segura de que queria dar-lhes. O que me trouxe de volta ao arquivo da pasta.

Para que precisavam de minha ajuda? O que eu podia fazer que eles não? Quase não queria sabê-lo.

Mas não atirei a pasta no lixeiro mais próximo. A verdade era que se não a lesse, ficaria incomodada.

A curiosidade matou ao gato. Aqui estava eu, esperando que não acontecesse o mesmo com os reanimadores.

Às 5:35 da manhã estava metida na cama com a pasta. Meu pingüim de pelúcia favorito, Sigmund, estava sentado junto comigo. Estava acostumado a utilizar ao Sigmund só quando pessoas tentavam me matar. Ultimamente, tinha estado dormindo com ele a maior parte do tempo. Tinha sido um ano difícil.

A Browning Hi-Power estava em seu segundo lar, um coldre na cabeceira. Às vezes dormia sem o pingüim, mas nunca sem a arma.

A pasta consistia em meia dúzia de folhas de papel. Todas ordenadamente datilografadas com espaço duplo. A primeira era uma lista de oito nomes com uma designação animal ao lado deles. As duas últimas eram uma explicação dos nomes. Oito licântropos desaparecidos. Desvanecidos. Sem corpo, sem rastro de violência. Nada.

Suas famílias não sabiam de nada. Nenhum licântropo sabia nada. Retornei aos nomes. Margaret Smitz era a número sete. Designação lobo. Poderia ser a esposa do George Smitz? Peggy era um apelido para a Margaret. Não me perguntem como se obtém Peggy de Margaret, mas vocês sabem.

As últimas páginas eram sugestões das pessoas com as que Marcus pensava que deveria falar. Pequeno bastardo controlador. Ofereceu-me uma explicação de por que me tinha pedido que o ajudasse. Pensava que os outros trocadores de forma falariam comigo com mais liberdade que com ele ou com qualquer de seus lobos. Não era brincadeira. Eu era, em certa forma, uma concessão. Não confiavam na polícia. E, quem mais iria ajudar aos desfavorecidos lunáticos?

Pois, sua amável vizinha reanimadora.

Não estava segura do que eu podia fazer por eles. Havia mandado George Smitz à Ronnie por uma razão. Não sou detetive. Nunca em minha vida tratei de um caso de pessoas desaparecidas. Quando me reunisse com Ronnie no dia seguinte, cancelaria isso, colocaria ela a par de tudo. A esposa desaparecida do George era uma coisa, mas oito licântropos desaparecidos era um padrão. Precisavam ir à polícia. Mas não confiavam na lei humana. Em 1960, os licântropos ainda eram perseguidos e queimados na fogueira.

Não os podia culpar por ser receosos.

Guardei a pasta na gaveta da mesinha de cabeceira. Tirei um singelo cartão de apresentação branco da gaveta. A única coisa que havia nele era um número de telefone. Edward me tinha dado o cartão fazia só dois meses. Foi a primeira vez que fui capaz de contatar com ele. Antes disso, só aparecia. Normalmente, quando não queria que o fizesse.

O número de telefone era de um serviço de mensagens vinte e quatro horas. Uma voz mecânica disse: “Depois do sinal deixe sua mensagem.” Um longo beep

soou. “É Anita. Que raios esta fazendo na cidade? Me ligue logo.” Normalmente não era tão cortante em uma mensagem telefônica, mas hey, era Edward. Me conhecia. Além disso, ele não apreciava as sutilezas sociais.

Pus o alarme, apaguei a luz e me acomodei entre os lençóis, com meu fiel pingüim a meu lado. O telefone soou antes de que comesasse a esquentar. Esperei a que a secretária eletrônica respondesse; depois do oitavo toque me dei por vencida. Tinha esquecido de ligar a secretária eletrônica. Genial.

“É melhor que seja importante” disse.

“Disse que ligasse logo.”

Era Edward. Coloquei o telefone sob os lençóis comigo. “Olá Edward.”

“Olá.”

“Por que está na cidade? E, por que estava no Café Lunático?”

“Por que você foi?”

“São perto das seis da maldita manhã. Ainda não dormi. Não tenho tempo para jogos.”

“O que havia na pasta que carregava? Havia sangue fresco nela. De quem era o sangue?”

Suspirei. Não estava segura do que lhe dizer. Podia ser de grande ajuda, ou podia matar às pessoas que supostamente devia ajudar. Decisões, decisões.

“Não posso te dizer uma merda até que saiba se estou pondo em perigo a mais pessoas.”

“Nunca caçaria pessoas, sabe.”

“Assim está caçando.”

“Sim.”

“O que desta vez?”

“Trocadores de formas.”

Que surpresa. “Quem?”

“Ainda não tenho nenhum nome.”

“Então, como sabe a quem matar?”

“Tenho um vídeo.”

“Um vídeo?”

“Venha amanhã ao meu quarto do hotel e te mostrarei o vídeo. Lhe direi tudo o que sei.”

“Normalmente não é assim tão atencioso. Qual é a armadilha?”

“Sem armadilhas. Talvez seja capaz de identificá-los, isso é tudo.”

“Não conheço muitos trocadores de formas” disse.

“Bem, só venha e olhe o que tenho.”

Soava tão seguro de si mesmo, mas sempre parecia seguro.

“Está bem, onde está hospedado?”

“Adam Marks. Precisa da direção?”

“Não, sei chegar. Quando?”

“Trabalha amanhã?”

“Sim.”

“Então, conforme te convenha, é óbvio.”

Estava sendo condenadamente educado.

“Quanto tempo nos levará sua pequena apresentação?”

“Duas horas, talvez menos.”

Neguei com a cabeça, então disse quando me dei conta de que ele não podia vê-lo.

“Terá que ser depois de minha última entrevista zombi. Até então estou ocupada.”

“Dê a hora.”

“Posso estar entre meia noite e meia, e a uma.” Mesmo dizendo isso me deixou cansada. De novo, não ia poder dormir.

“Espere, com que nome te registrou?”

“Quarto 212. Só bata.”

“Tem sobrenome, verdade?”

“É óbvio. Boa noite, Anita.”

A linha caiu, zumbindo em minha mão como um espírito inquieto. Coloquei o telefone em seu lugar e liguei a secretária eletrônica. Baixei o som ao mínimo possível, e me aconcheguei sob os lençóis.

Edward nunca compartilhava informação a menos que fosse forçado a fazê-lo. Estava sendo muito amável. Algo acontecia. Conhecendo o Edward, seria algo desagradável. Licântropos desaparecendo sem rastro. Soava como um jogo do qual Edward desfrutaria. Mas de algum jeito não pensava que fosse ele. Ele gostava de assumir o mérito de seus assassinatos sempre e quando a polícia não o relacionasse diretamente.

Mas alguém o estava fazendo. Havia caça-recompensas que se especializavam em licântropos patifes. Talvez Edward saberia quem eram e se toleravam assassinato. Porque se os oito estavam mortos, então era assassinato. Nenhum deles estava sendo procurado, até onde sabia. A polícia ia saber, mas eu não ia envolver a polícia.

Dolph devia saber se os licântropos estavam desaparecendo em seu território.

Dormi sendo arrastada aos confins do mundo. Vi claramente a vítima de assassinato. Vi sua cara congelada na neve, um olho aberto destroçado como uma uva. A mandíbula esmagada tentando mover-se para falar. Uma palavra saiu de sua arruinada boca: “Anita”. Meu nome uma e outra vez. Despertei o suficiente para me virar, o sonho me banhou como uma pesada e negra onda. Se sonhava de novo não

lembraria.

Cada ano me perguntava o que comprar para Judith, minha madrasta, no Natal. Acreditava que depois de quatorze anos isso melhoraria. Supostamente, pensava que era melhor comprar algo para mim. Judith e eu sempre terminávamos contemplando uma à outra através desse abismo de mal-entendidos. Ela queria que eu fosse a filha perfeita, feminina, e eu queria que ela fosse minha mãe morta. Já que eu não podia ter o que queria, assegurava-me que Judith tampouco conseguisse seu desejo. Além disso, tinha a Andria, que é perfeita. Uma criança perfeita na família era suficiente.

Ronnie e eu estávamos fazendo compras de Natal. Estávamos caminhando pelas ruas inverniais às nove da manhã. Tinha conseguido dormir aproximadamente três horas. Correr tinha ajudado. O vento gelado que tinha dado palmadas na minha cara, tinha ajudado muito mais. Estava completamente acordada e temporariamente energizada quando chegamos ao centro comercial, meu cabelo ainda úmido pelo banho.

Ronnie media perto de 1,80 cm. O cabelo loiro curto estava cortado ao estilo serviçal. Tinha o mesmo corte desde que a conheci, mas meu penteado tampouco tinha mudado. Ela usava jeans, botas de cowboy com aplicações em roxo, um casaco de inverno curto sobre um suéter lilás. Ela não usava uma arma. Não pensava que os duendes do centro comercial estariam fora de controle.

Eu estava vestida para o escritório porque tinha que ir diretamente para lá depois das compras. A saia era de um azul marinho comum, com uma faixa preta para meu coldre. A saia era quase quatro centímetros mais curta do que o comprimento para que me sentisse confortável, mas Ronnie tinha insistido. Estava mais na moda que eu. Mas, quem não estava? A jaqueta era de um rico azul escuro como a cor dos olhos do Jean-Claude. Os desenhos azuis mais escuros, quase pretos, convertiam-no em um modelo vagamente oriental. A blusa desabotoada no pescoço era azul, fazia jogo com a jaqueta. Com botas pretas de salto alto parecia o bastante elegante. Ronnie também tinha escolhido a jaqueta.

O único defeito era que isso não escondia minha Browning. Pessoas vislumbravam pequenos brilhos dela quando me movia. Até agora ninguém correu para a rua chamando por policiais. Se soubesse que carregava uma faca em cada antebraço sob a bonita jaqueta talvez o tivessem feito.

Ronnie olhava fixamente uma prateleira da joalheria Krigle e eu contemplava seus olhos. Eram cinzas. Da mesma cor que tinham sido os olhos do Gabriel ontem à noite, mas havia algo diferente. Os olhos eram humanos. Inclusive na forma humana os olhos do Gabriel não eram humano.

“O que há de errado?”

Sacudi minha cabeça. “Pensava em ontem à noite.”



“Como se sente sobre seu apaixonado depois de ontem à noite?”

A joalheria estava abarrotada de gente. Tínhamos entrado a força, mas sabia que não compraria nada ali. Então eu ficava ao lado de Ronnie, olhando à multidão. Todas as caras me pareciam hostis, mas não era nada pessoal. Estavam nas compras de Natal, faltavam duas semanas para o grande dia. Ho, ho, ho.

A loja era uma massa que se movia empurrando às pessoas. Eu estava ficando claustrofóbica.

“Vais comprar, alguma coisa?”

Ronnie levantou os olhos para mim.

“Você não respondeu minha pergunta.”

“Me tire deste lugar e talvez eu conte.”

Levantou-se e me fez gestos para que avançasse. Abriu para nos um caminho para a alameda. Era pequena e estava muito bem vestida para ser intimidante, mas as pessoas abriram caminho. Talvez tivessem visto a arma.

Quando estávamos em espaço aberto respirei fundo. Estava lotado, mas nada como as lojas. Ao menos aqui, pessoas realmente não se roçavam contra mim. Se o fizessem isso aqui fora, podia gritar para eles.

“Você quer sentar?”

Havia milagrosamente dois assentos livres em um banco. Ronnie me fez a oferta porque eu estava vestida para trabalhar, o que significava saltos. Com as sapatilhas cômodas de fazer footing não precisava sentar-se. Meus pés não doíam ainda. Talvez tivesse me acostumado a uso de saltos. Eeek.

Sacudi a cabeça.

“Vamos ao Nature Company. Talvez encontremos algo para o Josh ali.”

“Que idade ele tem agora, treze?” Perguntou Ronnie.

“Quinze” disse. “Meu querido irmão era da minha altura ano passado, será gigantesco este ano. Judith diz que está crescendo mais rápido que a roupa que compra pra ele.”

“Uma dica para comprar jeans?” Disse Ronnie.

“Se for isso, estou ignorando. Comprarei para o Josh algo divertido, não roupa.”

“Muitos adolescentes preferem ganhar roupa” disse Ronnie.

“Josh não, ainda não, de qualquer forma. Parece comigo.”

“O que você vai fazer com o Richard?” Ela me perguntou.

“Não vai deixar passar, certo?”

“Não há a menor chance.”

“Não sei o que vou fazer. Depois do que vi ontem à noite. Depois do que Jean-Claude me disse. Eu só não sei.”

“Você sabe que Jean-Claude fez isso deliberadamente” ela disse. “Para tentar

abrir uma brecha entre vocês.”

“Eu sei, e funcionou. Parece que não conheço o Richard. Como se tivesse estado beijando a um estranho.”

“Não deixe que o cara de dente venenoso os separe.”

Ri disso. Jean-Claude adoraria que o chamasse cara de dente venenoso. “Não vou.”

Apertou meu ombro brandamente. “Não acredito em você.”

“Não será Jean-Claude quem vai nos separar, Ronnie. Se Richard estiver mentindo para mim durante meses...” Não terminei a frase. Não tinha o que dizer.

Estávamos fora do Nature Company. Isso fervia de gente como um pote de vaga-lumes ativas, mas nem a metade do brilho.

“Sobre exatamente o que Richard mentiu?”

“Não me contou sobre a luta que tem contra Marcus.”

“E você tem contado tudo a ele” ela disse.

“Bom, não.”

“Não mentiu pra você, Anita. Só não lhe disse isso. Deixe que se explique. Talvez tenha uma boa razão.”

Me virei para ela e a contemplei. A cara estava toda cheia de preocupação. Fez-me olhar ao longe. “Ele esteve em perigo durante meses e não me disse. Eu precisava saber”

“Talvez não podia lhe dizer isso. Não saberá até que pergunte.”

“Vi licântropos ontem à noite, Ronnie.” Sacudi minha cabeça. “O que vi ontem à noite não era humano. Nem sequer se aproximava.”

“Então, ele não é humano. Ninguém é perfeito.”

Olhei para ela. Estava sorrindo para mim. Tive que sorrir para ela. “Falarei com ele.”

“Ligue para ele antes de sairmos do shopping e marque um encontro para jantar hoje.”

“Você é tão insistente” eu disse.

Ela encolheu os ombros. “Aprendi com a melhor.”

“Obrigada” disse. “O que encontraste sobre o George Smitz?”

“Nada novo que incluir na pasta que me mostrou. Exceto que ele não parece saber que a esposa é uma dos oito trocadores de forma desaparecidos. Acredita que é a única. Consegui uma fotografia dela. Você precisa de fotos de outros. A primeira coisa que precisa em um caso de desaparecidos é uma foto. Sem uma fotografia poderia cruzar com eles na rua e não saber.”

“Perguntarei ao Kaspar sobre as fotos.”

“Ao Richard não?”

“Estou chateada com ele. Não quero lhe pedir ajuda.”

“Você está sendo mesquinha.”

“É uma de minhas melhores características.”

“Vou verificar nos canais habituais para desaparecidos, mas se todos são licântropos, aposto que não estão desaparecidos.”

“Você acha que estão mortos?”

“Você não?”

“Sim.”

“Mas quem poderia levar a oito trocadores de forma sem deixar rastro?” Ela perguntou.

“Isso também me preocupa.” Toquei seu braço. “Usará uma arma daqui em diante.”

Sorriu. “Eu prometo, mamãe.”

Sacudi minha cabeça. “Podemos entrar em mais uma loja? Se puder conseguir o presente do Josh, terei a metade do caminho feito.”

“Terá que comprar para o Richard um presente, sabe disso.”

“O que?”

“Tem que comprar um presente. É a tradição.”

“Merda.”

Estava meio chateada com ele, mas tinha razão. Chateada ou não, tinha que comprar algo. E se ele tivesse comprado algo para mim e eu não o fizesse? Eu me sentiria culpada. Se comprasse algo para ele e ele não o fizesse, então poderia me sentir superior. Ou zangada. Quase esperava que não me comprasse nada.

Procurava uma desculpa para romper com o Richard? Talvez. Supostamente, depois do que tínhamos conversado me daria uma boa desculpa em uma bandeja de prata, perdão, em uma bandeja de ouro. Estava pronta para um golpe baixo, para prolongar sem necessidade a luta. Não era um bom sinal.

Minha entrevista da uma em ponto era Elvira Drew. Bebia a goles o café, com as unhas elegantemente frisadas ao redor da grande caneca. O esmalte de unhas era claro, fazendo que as pontas dos dedos brilhassem como conchas marinhas, incolores até que a luz se refletia. O resto era de bom gosto. O vestido era dessa atrativa cor que oscilava entre azul e verde. Essa cor era chamada de azul esverdeado, mas não era exato. O vestido era quase verde. Para que o tecido tivesse esse brilho, quase como se tivesse vida própria, como uma pele, tinha que ser caro. O vestido provavelmente valia mais que todo meu guarda-roupa.

O cabelo muito loiro caía pelas costas em uma linha elegante. Era o único que não fazia jogo. O traje, a manicura, os sapatos feitos a mão e a maquiagem quase invisível, deviam combinar com um penteado de bom gosto, mas complicado. Eu teria gostado mais de vê-la com o cabelo solto e sem pentear.

Quando me olhou, entendi por que tinha gasto tanto no vestido.

Os olhos eram do mesmo tom azul esverdeado. A combinação era impressionante.

Me sentei de frente para ela, bebendo meu café, contente por ter me arrumado. A maioria dos dias me teria feito sentir como um país pobre. Hoje podia me defender.

“No que posso ajudá-la, Sra. Drew?”

Sorriu, e o sorriso foi tudo o que devia ser. Sorriu como se soubesse o efeito que tinha na maioria das pessoas. Quase temi vê-la aproximar-se de um homem. Se me afetava assim, me assustava imaginar o que aconteceria com o Jamison ou Manny.

“Sou escritora. Estou trabalhando em um livro sobre os trocadores de forma.”

Meu sorriso se congelou no rosto.

“Verdade? E que a traz para os escritórios da Reanimators Inc.?”

“Decidi que cada capítulo do livro trate sobre um animal diferente. Relato uma história, incluo qualquer conhecido e também um perfil pessoal sobre o transmorfo na atualidade.”

Meu rosto começava a doer, e soube que meu sorriso era mais mostrar dentes que outra coisa.

“Soa como um livro interessante. Como posso ajudá-la?”

Seus encantadores olhos piscaram e ficou perplexa. Era hábil parecendo assombrada. Fazia um momento, tinha visto inteligência nesses olhos. A prática de loira estúpida era teatro. Sortiria efeito se fosse um homem? Esperava que não.

“Falta-me uma entrevista. Preciso encontrar a um homem rato. A entrevista pode ser estritamente confidencial” a loira estúpida desapareceu tão rapidamente

como tinha chegado. Deu-se conta que não funcionava comigo.

“A entrevista pode ser ou não confidencial.”

Suspirei e parei de sorrir. “O que a fez pensar que eu poderia encontrar a um homem rato?”

“O Sr. Vaughn me assegurou que se alguém podia me ajudar neste assunto, seria você.”

“Verdade?”

Sorriu, seus olhos brilharam intensamente. “Parecia muito seguro de que você poderia me ajudar.”

“Meu chefe promete um montão de coisas, Sra. Drew. A maior parte delas não é ele quem tem que as conceder.” Me levantei. “Se pudesse esperar aqui um momento, preciso falar com o Sr. Vaughn.”

“Esperarei aqui mesmo.”

Seu sorriso era muito doce, mas algo em seus olhos me fez pensar que sabia exatamente o tipo de conversa que eu tinha em mente.

O exterior do escritório estava pintado em verde claro, do papel de parede, até o esponjoso tapete. Plantas floresciam em cada canto vazio. Bert pensava que as plantas davam ao escritório um toque caseiro. Eu pensava que parecia um cenário barato da selva.

Mary, nossa secretária diurna, me jogou uma olhada sobre o teclado do computador com um sorriso. Mary tinha mais de cinquenta anos, com o cabelo loiro muito amarelado para ser natural.

“Precisa de algo, Anita?”

Seu sorriso era agradável. Quase nunca a tinha visto de mau humor. Era uma boa qualidade em uma recepcionista.

“Sim, quero ver o chefe.”

Inclinou a cabeça a um lado, me olhando cautelosamente. “Por que?”

“De qualquer forma tinha uma entrevista hoje com o Bert, disse ao Craig que a marcasse.”

Deu uma olhada à agenda. “Craig o fez, e Bert a anulou.” O sorriso desapareceu.

“Ele realmente está muito ocupado hoje.”

Parecia com Bert. Eu fui para a porta do Bert.

“Está com um cliente agora mesmo” disse Mary.

“Maravilhoso!” Exclamei.

Bati na porta e abri sem esperar permissão.

O escritório do Bert ocupava a maior parte do escritório azul claro.

Era o menor dos três escritórios, mas era dele. O resto de nós tinha que se alternar nos outros dois escritórios. Tinha jogado futebol na Universidade e ainda

aparentava. Ombros largos, mãos fortes, e 1,95 de altura, era consciente de cada centímetro. O bronzeado de velejador havia diminuído com a chegada do inverno. O cabelo branco cortado ao corte de barba contrastava contra a pele mais pálida. Seus olhos eram da cor do cristal sujo da janela, de um tom cinza.

Aqueles olhos me fulminaram com o olhar.

“Estou com um cliente, Anita.”

Joguei uma olhada ao homem que se sentava frente a ele. Era Kaspar Gunderson. Hoje estava todo vestido de branco, e isso enfatizava o conjunto.

Não conseguia compreender como podia tê-lo olhado alguma vez e acreditado que era humano.

Sorriu. “Sra. Blake, suponho.”

Estendeu a mão. A apertei.

“Se pudesse esperar fora durante só um momento, Sr...”

“Gunderson” disse.

“Sr. Gunderson, preciso falar com o Sr. Vaughn.”

“Acredito que isso pode esperar, Anita” disse Bert.

“Não” eu disse, “não pode.”

“Sim” disse ele, “pode.”

“Quer ter esta conversa em particular ou diante de um cliente, Bert?”

Observou-me, os pequenos olhos cinzas pareceram ainda mais pequenos quando se fixaram em mim. Era seu olhar ameaçador. Nunca havia funcionado comigo. Dirigiu-me um sorriso forçado.

“Estás insistindo?”

“Você entendeu.”

Respirou longa e profundamente, e o soltou devagar, como se contasse até dez. Concedeu seu melhor sorriso profissional ao Kaspar.

“Se nos perdoar durante uns minutos, Sr. Gunderson. Isto não levará muito tempo.”

Kaspar se levantou, saudou-me com a cabeça, e partiu. Fechei a porta detrás dele.

“Que demônios faz entrando aqui enquanto falo com um cliente?” Ficou em pé e seus amplos ombros quase tocavam as paredes.

Deveria me conhecer melhor e não tentar me intimidar com seu tamanho. Lembro de ter sido sempre, onde fosse, a menina mais pequena. O tamanho não me impressionava fazia muito tempo.

“Avisei a você que não receberia mais clientes fora de minha linha de trabalho.”

“Eu decido sua linha de trabalho. Sou seu chefe, lembra?” Recostou-se no escritório, com as palmas para baixo.

Recostei-me no escritório ao outro lado. “Enviou-me o caso do desaparecido

ontem à noite. Que merda sei sobre desaparecidos?”

“Sua esposa era um licântropo.”

“E isso significa que devíamos agarrar seu dinheiro?”

“Se você pode ajudá-lo, sim.”

“Bem, o dei a Ronnie.”

Bert se inclinou para trás.

“Vê? Você o ajudou. Nunca teria encontrado à Sra. Sims sem sua ajuda.”

Tudo parecia razoável de novo. Não lhe queria razoável.

“Tenho Elvira Drew em meu escritório agora mesmo. Que demônios você supõem que tenho que fazer com ela?”

“Conhece algum homem rato?” Sentou-se, as mãos cruzadas através de seu estomago ligeiramente volumoso.

“Esse é precisamente o ponto.”

“Você conhece, não é?”

“E se disser que sim?”

“Consiga uma entrevista. Certamente algum quer ser famoso.”

“A maior parte dos licântropos têm muitos problemas para esconder o que são. Ser exposto põe em perigo seus empregos e casamentos. Houve um caso em Indiana no ano passado onde um pai perdeu seus filhos e a sua ex-mulher depois de cinco anos de casamento porque ela descobriu que ele era um transmorfo. Ninguém quer se arriscar a esse tipo de exposição.”

“Vi trocadores de forma dando entrevistas na televisão” disse.

“São exceções, Bert, não a regra.”

“Então, não ajudará à Sra. Drew?”

“Não, eu não vou.”

“Não tentarei apelar a seu sentido da avareza, embora nos tenha oferecido muito dinheiro. Mas pense que um livro positivo sobre a licantropia poderia ajudar a seus amigos trocadores de forma. A boa imprensa sempre é bem-vinda. Antes de descartá-la, pergunte a seus amigos. Veja qual a opinião deles.”

“Você não se importa nem um pinga com a boa imprensa da comunidade licântropa. Você está animado apenas com o dinheiro.”

“Certo.”

Bert era um canalha sem escrúpulos e não se preocupava com quem sabia. É difícil ganhar uma batalha quando não pode insultá-lo. Sentei-me em frente a ele. Estava contente consigo mesmo, como se soubesse que havia ganho. Deveria ter melhor critério.

“Eu não gosto de me sentar frente aos clientes e não saber o que demônios querem. Não mais surpresas. Consulte-me primeiro antes de enviá-los em primeiro lugar.”

“Como quiser.”

“Você está sendo razoável. O que há de errado?”

Seu sorriso se alargou, fazendo brilhar seus pequenos olhos.

“O Sr. Gunderson nos ofereceu muito dinheiro por nossos serviços. O dobro de nossos honorários habituais.”

“É muito dinheiro. O que ele quer que eu faça?”

“Levantar um antepassado morto. Está sob uma maldição familiar. Uma bruxa disse a ele que se ele pudesse falar com o antepassado que lançou a maldição, poderia ser capaz de eliminá-la.”

“Por que o dobro dos honorários?”

“A maldição começou com um dos dois irmãos. Não sabe com qual”

“Então tenho que levantar os dois.”

“Se tivermos sorte, só a um.”

“Mas de todo modo fica com o segundo pagamento” eu disse.

Bert moveu a cabeça energicamente, feliz como um segundo pagamento.

“Esta é sua linha de trabalho. Além disso, não deixaria um companheiro passar pela vida com plumas na cabeça se pudesse ajudá-lo, certo?”

“Bastardo presumido” eu disse, mas minha voz soou cansada até para mim.

Bert só sorriu. Sabia que tinha ganho.

“Você vai tirar os clientes que não tenham a ver com zumbis ou matanças de vampiros?” Disse.

“Se você tem tempo para ler sobre cada cliente que atende, então certamente eu tenho tempo para escrever um relatório.”

“Não tenho que ler um relatório para cada cliente, só os que você está enviando ao meu caminho. Maldição, Bert.”

“Mas Anita, você sabe que é só sorte do sorteio de que você está no direito de qualquer determinado dia.”

“Maldição, Bert.”

“Já fez a Sra. Drew esperar muito, não achas?”

Levantei-me. Não tinha nada mais que dizer. Fui dominada com astúcia. Ele sabia, eu sabia. Quão único podia fazer era uma elegante retirada.

“Sua entrevista das duas em ponto está reprogramada. Farei que Mary a envie com o Gunderson.”

“Existe alguém a quem não aceitaria como cliente, Bert?”

Pareceu pensá-lo durante um minuto, logo negou com a cabeça.

“Se podem nos pagar, não.”

“Você é um guloso filho da puta.”

“Eu sei.”

A conversa não tinha sentido. Caminhei para a porta.



“Você está usando uma arma” soava dignado.

“Sim, por que?”

“Acredito que pode atender aos clientes em nosso escritório, a plena luz do dia, sem estar armada.”

“Eu não penso assim.”

“Só coloque a arma na gaveta do escritório como estava acostumada a fazer.”

“Não.” Abri a porta.

“Não quero que atenda aos clientes armada, Anita.”

“É seu problema, não o meu.”

“Poderia fazê-lo teu” disse.

Sua cara estava ruborizada, a voz irada. Talvez iríamos brigar depois de tudo. Fechei a porta.

“Quer dizer que me despede?”

“Sou seu chefe.”

“Podemos discutir sobre os clientes, mas minha arma não é negociável.”

“Sua arma assusta aos clientes.”

“Envie os afetados ao Jamison” disse.

“Anita” se levantou como uma tormenta enfurecida, “enquanto está no escritório não carregará a arma contigo.”

Sorri docemente. “Foda-se, Bert.” Tanto para uma saída elegante.

Fechei a porta e percebi que tinha conseguido nada menos que encher o saco ao Bert. Não era uma má hora de trabalho, mas não era um grande lucro. Ia dizer à Sra. Drew que podia ajudá-la. Bert estava certo a respeito da boa imprensa. Saudei com a cabeça ao Gunderson quando passei por ele. Sorriu. De qualquer forma eu não acreditava que ele queria realmente que eu ressuscitasse os mortos. Descobriria muito em breve.

A Sra. Drew estava sentada com as pernas cruzadas, as mãos dobradas em seu colo. Um modelo de paciência elegante.

“Posso ajudá-la, Sra. Drew. Não estou certa, mas acredito conhecer alguém que pode ajudá-la.”

Levantou-se, me oferecendo uma mão com manicura.

“Seria maravilhoso, Sra. Blake. Estou certa que agradecerei sua ajuda.”

“Mary tem um número onde posso localizá-la?”

“Sim” sorriu.

Sorri. Abri a porta, e ela caminhou diante de mim em uma nuvem de perfume caro.

“Sr. Gunderson, posso atendê-lo agora.”

Levantou-se, colocando a revista que tinha estado olhando na pequena mesa ao lado do Ficus Benjium. Não se moveu com aquela graça de dançarino que outros trocadores de forma tinham. Então os cisnes não eram especialmente elegantes em terra.

“Sente-se, Sr. Gunderson.”

“Por favor, Kaspar.”

Apoiei-me no canto do escritório, olhando para ele.

“O que faz você aqui, Kaspar?”

Sorriu. “Marcus quer lhe pedir perdão pela noite passada.”

“Então, deveria ter vindo em pessoa.”

Seu sorriso se alargou.

“Pensou que lhe oferecendo uma importante recompensa em dinheiro poderia compensar nossa carência de hospitalidade ontem à noite.”

“Ele estava errado.”

“Não vai ceder nem um centímetro, certo?”

“Não.”

“Não vai nos ajudar?”

Suspirei. “Trabalho nisso. Mas não estou certa do que posso fazer. O que ou quem poderia matar a oito trocadores de forma sem lutar?”

“Não tenho nem idéia. Nenhum de nós a tem. Por isso viemos à você.”

Genial. Sabiam menos que eu. Não era reconfortante.

“Marcus me deu uma lista de gente a quem perguntar.” Passei a lista a ele. “Alguma idéia? Algo que acrescentar?”

Franziu o cenho arqueando as sobrancelhas. Umas sobrancelhas brancas que não eram de cabelo. Pisquei, tentando me concentrar. O fato de que estivesse cheio de plumas parecia me incomodar muito mais do que devia.

“Estes são todos os rivais do Marcus. Encontrou-se com a maior parte deles na cafeteria.”

“Realmente pensa que ele suspeita deles? Ou simplesmente está criando problemas a seus rivais?” Perguntei.

“Não sei.”

“Marcus disse que podia responder a minhas perguntas. Realmente sabe algo que eu não saiba?”

“Diria que conheço muito mais sobre a comunidade dos trocadores de forma que você.” Parecia um pouco ofendido.

“Sinto muito, acredito que são só ilusões do Marcus tentando fazer acreditar que seus rivais são os tipos maus. Não é sua culpa se ele joga estes jogos.”

“Marcus frequentemente trata de dirigir as coisas. Você o presenciou ontem à noite.”

“Suas habilidades de direção não me impressionaram até agora.”

“Ele acredita que se houvesse um soberano para todos os trocadores de forma seríamos uma força a rivalizar com os vampiros.”

Ele pode estar certo sobre isso. “Ele quer ser esse governante” disse.

“Naturalmente.”

O interfone tocou. “Me desculpe um minuto.” Apertei o botão. “O que houve, Mary?”

“Richard Zeeman na linha dois. Diz que te retorna a mensagem.”

Vacilei, depois disse, “aceitarei”. Agarrei o telefone muito consciente de que Kaspar estava sentado ali, escutando. Podia ter pedido que saísse, mas estava cansada de jogar com certos clientes.

“Olá, Richard. “

“Recebi sua mensagem em minha secretária eletrônica” disse. Sua voz era cautelosa, como se equilibrasse um copo de água cheio até a borda.

“Acredito que precisamos conversar” disse.

“Estou de acordo.”

Não estávamos sendo prudentes esta noite.

“Supõe-se que sou a que está zangada. Por que sua voz soa tão estranha?”

“Ouvi a respeito da noite passada.”

Esperei que dissesse mais, mas só havia silêncio exagerado até o infinito.

Enchi-o.

“Olhe, tenho a um cliente comigo agora mesmo. Quer que nos encontremos para conversar?”

“Muitíssimo.” Ele disse como se não o estivesse desejando de verdade.

“Tenho um intervalo para jantar por volta das seis. Quer comer no restaurante chinês no Olive?”

“Não parece muito privado.”

“No que estava pensando?”

“Minha casa.”

“Só tenho uma hora, Richard, não tenho tempo para conduzir até aí.”

“Sua casa, então.”

“Não.”

“Por que não?”

“Simplesmente não.”

“O que temos para conversar não deve ser dito em público. Sabe disso.”

Sabia. Maldição.

“Bem, nos encontramos em minha casa um pouco depois das seis. Quer que leve algo?”

“Está no trabalho. Será mais fácil eu levar algo. Quer Mooshu de porco e Ragoon de caranguejo?”

“Sim.” Tínhamos saído juntos tantas vezes que ele podia pedir comida para mim sem me perguntar. Mas perguntou de todas as formas. Ponto para ele.

“Veremo-nos aproximadamente às seis e quinze, então” disse.

“Sim.”

“Tchau, Anita.”

“Tchau.”

Desligamos. Meu estômago era um nó opressivo de temor. Se fossemos ter a briga, a ruptura, não queria tê-la em meu apartamento, mas Richard tinha razão. Não quereríamos gritar sobre licântropos e gente morta em um restaurante público. De todos os modos, isto não ia acabar bem.

“Richard está furioso sobre noite passada?” perguntou Kaspar.

“Sim.”

“Há algo que eu possa fazer para ajudar?”

“Preciso das histórias completas sobre os desaparecimentos: as brigas, quais foram os últimos que os viram, esse tipo de coisas.”

“Marcus disse que todas as perguntas diretas sobre os desaparecimentos deviam ser respondidas só por ele.”

“Você sempre faz o que ele diz?”

“Nem sempre, mas é inflexível nisso, Anita. Não sou um predador. Não posso

me defender contra Marcus.”

“Realmente ele te mataria por ir contra seus desejos?”

“Possivelmente não me mate, mas me doeria por muito, muito tempo.”

Sacudi a cabeça. “Não me parece melhor que a maioria dos mestres vampiros que conheço.”

“Não conheço pessoalmente nenhum mestre vampiro. Estou obrigado a respeitar sua palavra nisso.”

Tive que sorrir. Conhecia mais monstros que os monstros. “Richard saberia?”

“Possivelmente, e se não, poderia ajudá-la a descobrir.”

Quis lhe perguntar se Richard era tão mau como Marcus. Quis conhecer se meu apaixonado era realmente uma besta no fundo. Não o perguntei. Se queria conhecer algo sobre o Richard, deveria perguntar a Richard.

“A menos que tenha mais informação, Kaspar, tenho trabalho a fazer.” Soou antipático até para mim, sorri tratando de suavizá-lo, mas não consegui. Queria que esta completa confusão se desvanecesse, e ele era o aviso disso.

Levantou-se. “Se precisar de ajuda, por favor me chame.”

“Só será capaz de me ajudar se Marcus der o aval dele, certo?”

Um rubor leve coloriu sua pele pálida, um brilho rosado como o açúcar colorido.

“Estou com medo.”

“Eu não acho que vai ser chamado” eu disse.

“Você não confia em Marcus?”

Ri, mas soou áspera, não divertida. “E você?”

Sorriu, e assentiu levemente. “Suponho que não.”

Caminhei para a porta. “É realmente uma maldição familiar?” Perguntei, me virando quando já tinha a mão na maçaneta da porta.”

“Minha doença?”

“Sim.”

“Não é familiar, mas uma maldição, sim.”

“Como nos contos de fadas?” perguntei.

“Nos contos de fadas se dá a impressão de ser algo suave. As histórias originais são freqüentemente completamente espantosas.

“Li algumas delas.”

“Tem lido a Princesa Cisne em escandinavo original?”

“Não, não o tenho feito.”

“É ainda pior no idioma original.”

“Lamento ouvi-lo” disse.

“Eu também.” Ele caminhou para mais perto da porta, e eu tive que abri-la para o deixar sair. Queria ouvir a história de seus próprios lábios, mas havia dor em seus

olhos, eram o suficientemente frios para cortar a pele. Não podia tocar nessa dor.

Ele caminhou passando por mim. Deixei-o ir. Realmente tinha que encontrar meu livro de contos de fadas e procurar a verdade como naquela classe de literatura comparativa. Tinha passado muito tempo desde que li A Princesa Cisne.

Já passava das seis e meia quando entrei pelo corredor do meu apartamento. Esperava encontrar Richard sentado no corredor, mas estava vazio. A tensão de meu estômago se aliviou só um pouco. Um alívio temporário, embora fosse de apenas alguns minutos, era ainda um alívio.

Tinha as chaves na fechadura quando a porta a minhas costas se abriu. Soltei as chaves as deixando penduradas. Minha mão direita foi para a Browning. Era instinto, não algo no que tivesse pensado. Minha mão estava na culatra mas não a tinha tirado ainda quando a Sra. Pringle apareceu na porta. Retirei a mão da arma e sorri. Não acredito que compreendesse o que eu estava fazendo, porque seu sorriso nunca vacilou.

Era mais alta e se tornou magra com a idade. Seu cabelo branco estava preso em um coque na nuca. Nunca usava maquiagem e nunca pedia perdão por ter mais de sessenta. Parecia desfrutar de ser uma mulher mais velha.

"Anita, chegou um pouco tarde esta noite" disse. Custard, seu Lulu da Pomerania, latia no fundo como um disco arranhado.

Olhei pra ele com a cara amarrada. As seis e meia era cedo para chegar em casa. Antes que pudesse dizer algo, Richard apareceu detrás dela na entrada. Sua juba caía ao redor da cara em uma massa de abundantes ondas marrons. Ele estava vestindo um dos meus suéteres favoritos. Era de um forte verde escuro e esponjoso, suave ao tato. Custard latia para ele, a centímetros de sua perna, como se procurasse a coragem para uma dentada rápida.

"Custard, pare com isso" disse a Sra. Pringle. Olhou para Richard. "Nunca o vi comportar-se assim com as pessoas. Anita pode lhe dizer que ele gosta de quase todo mundo."

Olhou-me procurando por apoio, envergonhada porque seu cão era grosseiro com um convidado. Assenti.

"Tem razão. Nunca o vi comportar-se assim antes". Olhei ao Richard. Nunca tinha visto sua cara tão séria e cautelosa.

"Às vezes age assim ao redor de outros cães, trata de dominá-los" disse ela. "Tem cão, Sr. Zeeman? Talvez Custard sinta o cheiro em você."

"Não" disse Richard. "Não tenho cão."

"Encontrei seu namorado sentado no corredor com a sacola de comida. Pensei que gostaria de esperar aqui dentro. Lamento que Custard tenha convertido a visita em algo desagradável."

"Sempre desfruto falando de trabalho com outro professor" respondeu ele.

"Que educado" disse ela.

Sua cara mostrava um maravilhoso sorriso. Só tinha encontrado a Richard uma

ou duas vezes no corredor, mas gostava dele. Inclusive antes que averiguasse que era professor. Um julgamento rápido.

Richard a rodeou no corredor. Custard lhe seguiu, latindo furiosamente. O cão parecia uma massa peluda muito ambiciosa. Mas era uma massa peluda que estava enchendo o saco. O cão saltava para frente em suas diminutas patas, saltando com cada latido.

"Custard, volta aqui."

Sustentei a porta aberta para o Richard. Tinha uma bolsa branca na mão e o casaco nos braços. O cão deu um salto e pôs-se a correr em sua direção lançando-se para lhe morder o tornozelo. Richard olhou ao cão. Custard se deteve um nariz de sua perna. Levantou os olhos para cima, com um olhar nos olhos caninos que eu nunca tinha visto antes. Olhando-o como se perguntasse se Richard o comeria.

Richard entrou pela porta. Custard ficou no corredor, tão dominado como nunca o tinha visto.

"Obrigado por cuidar do Richard, Sra. Pringle."

"É um prazer. É um jovem agradável" disse ela.

Seu tom de voz expressava mais que "jovem agradável", queria dizer que se podia casar com ele. Minha madrastra, Judith, estaria de acordo com ela. Salvo que Judith o haveria dito em voz alta, não insinuando-o.

Sorri e fechei a porta. Custard começou a latir detrás. Fechei com chave por costume e me voltei para confrontar as consequências.

Richard tinha colocado o casaco de couro sobre o respaldo do sofá. A bolsa de comida estava na pequena mesa de minha cozinha americana. Tirou as vasilhas de comida. Deixei meu casaco no sofá junto ao dele e tirei os saltos altos. Perdi aproximadamente vários centímetros de altura e me senti muito melhor.

"Bonita jaqueta" ele disse. Sua voz ainda soava indiferente.

"Obrigada." Ia tirá-la mas como ele gostou, continuei com ela. Bobo, mas é verdade. Ambos estávamos sendo cautelosos. A tensão na sala afogava. Tirei pratos do armário. Uma Coca-cola gelada da geladeira para mim e enchi um copo com água para o Richard. Não gostava das bebidas carbônicas. Tinha me acostumado a ter uma jarra de água gelada na geladeira só para ele. Minha garganta se fechou quando pus as bebidas na mesa.

Colocou a baixela. Movemo-nos pela minúscula cozinha como bailarinos, sabendo onde estava o outro, sem nos roçar a menos que fosse de propósito. Esta noite não haveria toque. Deixamos as luzes apagadas.

A única luz provinha da sala de estar, deixando a cozinha em penumbras, como uma cova. Era quase como se nenhum de nós quisesse ver claramente.

Por fim nos sentamos. Olhamo-nos o um ao outro por cima dos pratos da comida: Mooshu de porco para mim, frango com caju para Richard. O aroma da



quente comida chinesa encheu o apartamento. Quente e consoladora em muitas ocasiões. Esta noite me enojou. Um pedido duplo do Ragoon de caranguejo estava colocado em um prato entre os dois. Tinha um pires de molho agri-doce. Assim era como nós sempre comíamos os pratos chineses, compartilhando um prato fundo de molho.

Maldição.

Seus olhos marrom chocolate me contemplaram. Era a que devia começar. Não queria fazê-lo.

“Então, todos os cães reagem assim a você?”

“Não, só os dominantes.”

Observei-lhe.

“Custard é dominante sobre você?”

“Ele acredita que sim.”

“Doentio” eu disse.

Sorriu. “Eu não como cães.”

“Eu não quis dizer... ah, merda.” Se é que íamos fazer isso, podia fazê-lo bem.

“Por que não me falou sobre o Marcus?”

“Não queria te implicar.”

“Por que não?”

“Jean-Claude te implicou com o Nikolaos. Você me disse o quanto odiava isso. Odiava fazê-lo. Se te tivesse pedido ajuda com o Marcus, qual seria a diferença?”

“Não é o mesmo” eu disse.

“Como? Eu não vou te usar como fez Jean-Claude. Não vou fazer isso.”

“Se eu me voluntariar, não me usa.”

“O que vais fazer? Matá-lo?” Havia rancor em sua voz, raiva.

“O que isso quer dizer?”

“Você pode tirar a jaqueta. Vi a arma.”

Abri a boca para protestar e a fechei. Explicar em metade de uma briga que queria parecer bem para ele soava absurdo. Levantei-me e tirei a jaqueta.

Coloquei a jaqueta cuidadosamente sobre o respaldo da cadeira, tomando meu tempo.

“Contente?”

“A arma é sua resposta para tudo?”

“Por que de repente tem um problema comigo por levar uma arma?”

“Alfred era meu amigo.”

Fiquei gelada. Não tinha me ocorrido que Richard podia gostar de Alfred.

“Não sabia que era seu amigo.”

“Teria feito alguma diferença?”

Pensei nisso. “Talvez.”

“Não tinha que matá-lo.”

“Tive esta conversa com o Marcus ontem à noite. Não me deram nenhuma opção, Richard. Adverti-lhe, mais de uma vez.”

“Ouvi tudo o que aconteceu. O bando cochichava exaltada por isso. Como você não iria recuar, rechaçando o amparo do Marcus. Disparou em um dos nossos.” Sacudiu a cabeça. “Oh, todo mundo ficou impressionado.”

“Não o fiz para impressioná-los.”

Suspirou profundamente.

“Eu sei, isso é o que me assusta.”

“Tem medo de mim?”

“Por ti” ele disse. A raiva que bulia em seus olhos foi substituída pelo medo.

“Posso cuidar de mim, Richard.”

“Você não entende o que fez ontem à noite.”

“Sinto muito que Alfred fosse seu amigo. Francamente, não me pareceu com alguém com quem saísse.”

“Sei que era um valentão, e que era o cão do Marcus, mas era meu protegido.”

“Marcus não o protegeu muito ontem à noite, Richard. Estava mais interessado em sua pequena luta de poder que em manter a salvo a Alfred.”

“Passei pela casa do Irving esta manhã.”

Ele deixou a afirmação pendurada aí, no ar, entre nós.

Foi o momento de me zangar. “Você fez mal a ele?”

“Se o fiz, estava em meu direito como beta do bando.”

Levantei-me, as mãos continuaram sobre a mesa.

“Se lhe fizer mal, vamos ter mais que simples palavras.”

“Também vais atirar em mim?”

Olhei-o, com seu maravilhoso cabelo, via-se delicioso com esse pulôver, e assenti.

“Se tivesse que fazê-lo.”

“Você poderia me matar, tal como esse.”

“Não, não te mataria, mas te feriria, sim.”

“Por manter Irving a salvo, atiraria em mim.”

Reclinava-se na cadeira, os braços cruzados sobre o peito. Sua expressão era de assombro e irritação.

“Irving me pediu proteção. A dei.”

“Ele me disse isso esta manhã.”

“Você fez mal a ele?”

Contemplou-me durante muito tempo. “Não, não lhe fiz mal” disse finalmente.

Soltei o fôlego que não sabia que estava contendo e me reclinei na cadeira.

“Você realmente deseja atirar contra mim para protegê-lo. Você realmente faria

isso.”

“Não te espante tanto. Irving se encontrava em meio a vocês dois. Marcus lhe teria feito mal se não tivesse me chamado, e lhe disse que o faria mal se o fazia. Não me pareceu muito justo.”

“Muitas coisas no bando não são justas, Anita.”

“Assim é a vida, Richard. E o que com isso?”

“Quando Irving me disse que estava sob sua proteção, não o feri, mas não acreditei que realmente você me machucaria.”

“Eu conheço o Irving a muito mais tempo que conheço você.”

Ele inclinou-se sobre a mesa, avançado para mim.

“Mas ele não é seu namorado.”

Encolhi meus ombros. Não sabia que mais dizer. Nada parecia uma aposta segura.

“Eu ainda sou seu amor ou o batismo de fogo de ontem à noite te fez não querer mais continuar comigo?”

“Você está em uma luta de vida ou morte e não me disse isso. Se me esconde algo assim, como podemos ter uma relação?”

“Marcus não me matará” ele disse.

Observei-o. Parecia sincero. Merda.

“Realmente acredita nisso, não é?”

“Sim.”

Quis lhe dizer que era um tolo, mas fechei a boca e tratei de pensar em algo mais que dizer. Não me veio nada à cabeça.

“Eu conheci Marcus. Conheci Raina.” Sacudi a cabeça. “Se você acredita de verdade que Marcus não te quer morto, você está errado.”

“Uma noite e já és uma perita” ele disse.

“Sim, sobre isso eu sou.”

“É por isso que não te contei. Você iria matá-lo, não é? Você apenas mataria ele.”

“Se ele estava tentando me matar, sim.”

“Eu tenho que lidar com isso sozinho, Anita.”

“Então resolva isso, Richard. Mate o asno.”

“Ou o fará por mim.”

Recostei-me na cadeira.

“Merda, Richard. O que você quer de mim?”

“Quero saber se pensas que sou um monstro.”

A conversa ia muito rápido para mim.

“Acusa-me de ser uma assassina. Não deveria ser essa minha pergunta?”

“Eu conhecia o que você era quando nos encontramos pela primeira vez.

Pensavas que eu era humano. Ainda pensa que sou humano?”

Observei-o. Ele parecia tão inseguro. Em minha cabeça sabia que ele não era humano. Mas nunca o tinha visto fazer coisas do outro mundo. Vê-lo em minha cozinha, com esses olhos marrons que transbordavam sinceridade, simplesmente, não me parecia muito perigoso. Ele acreditava que Marcus não o mataria. Era muito ingênuo. Quis protegê-lo. Mantê-lo a salvo de alguma maneira.

“Você não é um monstro, Richard.”

“Então, por que você não me tocou esta noite, nem sequer um beijo de boas-vindas.”

“Pensei que estávamos zangados” eu disse, “não beijo às pessoas com as quais estou zangada.

“Estamos zangados?” Sua voz soava débil, insegura.

“ Não sei. Prometa-me algo. ”

“O que?”

“Sem mais segredos. Nem mais mentiras, nem sequer por omissão. Diga-me a verdade, e te direi a verdade. ”

“De acordo, se me prometer não matar ao Marcus. ”

Olhei-o fixamente. Como poderia ser um mestre homem lobo, e ser tão dissimulado? Era tão encantador, queria matá-lo.

“Não posso te prometer isso.”

“Anita...”

Levantei a mão.

“Posso te prometer não matá-lo a menos que me ataque, ou a ti, ou a um civil.”

Era o momento de Richard me observar.

“Pode matá-lo só por isso?”

“Só por isso.”

Negou com a cabeça.

“Não a entendo.”

“Como pode ser um licantropo e não ter matado nunca a ninguém?”

“Tomo cuidado.”

“E eu não?”

“É algo quase habitual para você. Matou ao Alfred ontem à noite, e não parece lamentá-lo.”

“Deveria fazê-lo?”

“Eu o faria.”

Encolhi os ombros. A verdade era que me incomodava um pouco. Poderia haver solucionado o problema sem colocar ao Alfred em uma bolsa de cadáver. Ou no estomago de seus amigos. Mas o tinha matado. Não retornaria. Ponto final. Não trocava isso. Sem pedir desculpas.

“Assim é como sou, Richard. Aceite ou caia fora. Não vou mudar.”

“Um dos motivos pelos quais quis estar contigo até agora, para começar, foi que pensei que poderia te proteger. Você viu eles agora. Acredito que posso sair com vida, mas uma pessoa normal, um ser humano comum, que possibilidade teria?”

Só lhe olhei. Recordei com a garganta destroçada. Morto. Mas não tinha morrido. Curou-se. Se tivesse sido outro homem, outro ser humano, não se teria curado. Nunca queria amar a alguém e perdê-lo assim. Nunca.

“Então, conseguiu o que procurava. Qual é o problema?”

“Eu ainda quero você. Ainda quero te abraçar. Te tocar. Pode me tocar depois do que viu ontem à noite?” Evitava me olhar. Seu cabelo escorregou, lhe escondendo a cara.

Me levantei e avancei para ele, olhando-o. Elevou o rosto, os olhos o brilhavam com lágrimas não derramadas. A cara distorcida pelo medo.

Eu acreditava que o que vi ontem à noite mudaria tudo entre nós. Pensei na força pouco natural do Jason, o suor na cara do Marcus, Gabriel com a boca coberta de sangue. Mas olhando fixamente o semblante do Richard, o suficientemente perto para tocá-lo, nada disso importava. Confiava no Richard. Além disso, estava armada.

Agachei, me inclinando para beijar seus lábios. O primeiro beijo foi suave, casto. Não fez nenhum movimento para me tocar, as mãos no colo. Beijeí sua testa, minhas mãos acariciavam seu cabelo comprido, podia sentir seu calor nos dedos. Beijeí suas sobrancelhas, a ponta do nariz, cada bochecha e finalmente, os lábios de novo. Suspirou, seu fôlego fluíu em minha boca, e pressionei os meus lábios contra os seus, e eu pressionei meus lábios contra o seu gosto que eu lhe de comer à boca.

Seus braços me abraçaram, as mãos vacilando em minha cintura, os dedos se movendo ligeiramente para baixo. As mãos baixaram até minhas coxas, saltando-se todas aquelas zonas questionáveis. Coloquei uma perna a cada lado de seus joelhos, e descobri que a saia curta tinha seus usos. Sentei-me escarranchado sobre seus joelhos, não tinha que levantar a saia nem um centímetro. Richard fez um pequeno som de surpresa. Observou-me, seus olhos se afogavam profundamente.

Retirei o pulôver de seu estômago, passando as mãos sobre sua pele nua. “Tire” eu disse.

Ele tirou o pulôver com um movimento rápido, deixando-o cair ao chão. Sentei-me em seus joelhos, contemplando seu peito nu. Eu devia ter parado aí mesmo, mas não queria fazê-lo. Pressionei a cara na curva de seu pescoço, aspirando o aroma de sua pele, seu cabelo cobriu minha cara como um véu. Corri com a ponta da língua uma fina linha úmida por seu pescoço, através da clavícula. Suas mãos acariciavam minhas costas, deslizando-se para baixo. Seus dedos dançaram sobre minhas nádegas, e voltaram para as costas. Ponto para ele. Não andava às cegas.

“A arma, você pode tirar isso?” Perguntou com a cara sepultada em meu cabelo.

Assenti, tirando os suspensórios. Não podia tirá-la sem retirar o cinto da saia. Minhas mãos não pareciam querer trabalhar.

Richard tomou minhas mãos e as colocou brandamente aos lados. Desabotoou a fivela e começou a desatar o cinto, um laço em um momento. Cada puxão fazia que me movesse só um pouco. Sustentei a arma embainhada enquanto deixava o cinturão livre. Ele deixou cair o cinto no chão. Dobrei o coldre do ombro com cuidado e a pus na mesa detrás de nós.

Retornei para ele. Sua cara estava alarmantemente perto. Seus lábios eram suaves, cheios. Lambi os cantos dessa boca. O beijo foi rápido e confuso. Queria percorrer com minha boca outras coisas. Descer por seu peito. Nunca tínhamos ido tão longe. Nem tão perto.

Tirou minha blusa da saia, percorrendo com as mãos minhas costas nua. A sensação de sua pele em lugares que nunca haviam sido tocadas antes me fez estremecer.

“Temos que parar agora.” Sussurrei contra seu pescoço, não soou tão convincente.

“O que?”

“Pare.”

Empurrei-o um pouco para trás, o suficiente para ver sua cara. Para respirar, só um pouco. Minhas mãos ainda jogavam com seu cabelo, lhe tocando os ombros. Deixei cair minhas mãos. Me controlando. Ele era tão ardente. Levei minhas mãos ao rosto, podia sentir o cheiro dele em minha pele. Não queria me deter. O gesto de sua cara, a sensação de seu corpo, tampouco queria.

“Devemos parar agora.”

“Por que?” Sua voz era quase um sussurro.

“Se não pararmos agora, não pararemos absolutamente.”

“Seria tão ruim?”

Olhei fixamente seus adoráveis olhos a centímetros de meus, quase disse: “não”.

“Talvez, sim.”

“Por que?”

“Uma noite nunca é suficiente. Ou tem uma dieta regular disto, ou curtas o macaco.”

“Você pode ter isso todas as noite” ele disse.

“É uma oferta?” perguntei.

Piscou para mim, tratando de esclarecer-se. Pensar. Observei seu esforço e sua luta interior. Era difícil pensar sentada em seus joelhos. Levantei-me. Suas mãos

estavam ainda sob minha camisa, em minhas costas nua.

“Anita, o que há de errado?”

Fiquei de pé, percorri-lhe com o olhar, tinha as mãos sobre seus ombros para me equilibrar, muito perto ainda para pensar claramente.

Retrocedi, e me soltou. Apoiei as mãos sobre a mesa da cozinha, tentando pensar o suficiente para me recuperar.

Tratei de pensar em como lhe dizer de uma vez, o preço de um par de anos de dor.

“Fui sempre uma boa garota. Não fui promíscua. Na Universidade conheci alguém, comprometemo-nos, namoramos, fizemos o amor. Ele me deixou.”

“Ele fez tudo isso só para te levar pra cama?”

Neguei com a cabeça e me virei para olhá-lo. Ainda estava ali sentado sem camisa, vendo-se delicioso.

“Sua família me desaprovou.”

“Por que?”

“A mãe dele não gostava que minha mãe fosse mexicana.” Apoiei as costas contra os armários, cruzando os braços, me abraçando com eles.

“Ele não me amava o suficiente para enfrentar a sua família. Senti falta dele de muitas formas, mas meu corpo sentia saudades também. Prometi a mim mesma que nunca deixaria isso acontecer outra vez.”

“Então você está esperando pelo casamento” ele disse.

Assenti.

“Eu te quero, Richard, egoistamente, mas não posso. Prometi que nunca deixaria que me machucassem assim outra vez.”

Levantou-se e se aproximou até estar ante mim. Estava de pé tão perto, mas não tratou de me tocar.

“Então, case comigo.”

Elevei a vista. “Certo, certo.”

“Não, eu falo sério.” Colocou as mãos brandamente sobre meus ombros.

“Pensei em lhe pedir isso antes, mas tinha medo. Não havia visto o que um licantropo pode fazer, o que podemos ser. Sabia que tinha que vê-lo antes de que lhe pudesse perguntar isso mas tinha medo de que o visse.”

“Ainda não te vi trocar” eu disse.

“Precisa ver?”

“Estando aqui contigo, diria que não, mas se formos realistas, se falamos sério, possivelmente.”

“Agora?”

Fixei o olhar na escuridão próxima e o abracei. Apoiei-me nele e neguei com a cabeça, minha bochecha deslizou com o passar do peito nu.”

“Não, agora não.”

Beijou a parte superior de minha cabeça.

“É um sim?”

Levantei a cabeça para olhá-lo. “Deveria dizer que não.”

“Por que?”

“Porque a vida é muito complicada para isso.”

“A vida sempre é complicada, Anita. Me diga que sim.”

“Sim.” No minuto em que disse, quis me retratar. Desejava-o muito. Eu ainda o amava, talvez mais do que um pouco. Suspeitava que seria capaz de comer à pequena chapeuzinho vermelho? Infernos, ele não podia consentir matar ao Grande Lobo Mau. De nós dois, eu era a mais propensa a matar pessoas.

Beijou-me, suas mãos pressionaram minhas costas.

“Nada de sexo esta noite. A regra ainda segue vigente” eu disse retrocedendo para respirar.

Baixou sua boca e falou com nossos lábios quase tocando-se.

“Eu sei.”



Eu estava atrasada para a minha primeira entrevista zumbi. Surpresa, surpresa. Chegar tarde para primeira reunião me atrasava também para as outras duas. Eram 2:03 quando consegui chegar ao quarto do Edward. Eu bati na porta. Ele a abriu e foi para o lado.

“Você está atrasada.”

“Sim” eu disse. O quarto era bonito mas normal. Uma singela cama de casal, mesas de cabeceira, dois abajers e uma escrivaninha colocada contra a parede mais longínqua. As cortinas estavam fechadas sobre a ampla janela que cobria a parede. A luz do banheiro estava acesa e a porta aberta. A porta do armário estava entreaberta, mostrando que ele tinha pendurado sua roupa. Ele planejava ficar durante um tempo.

A televisão estava ligada com o volume baixo. Estava surpresa. Edward não assiste televisão. Havia um vídeo cassete colocado sobre a televisão. Isso não era normal para o quarto em questão.

“Quer algo do serviço de quarto antes de começarmos?”

“Uma Coca-cola seria ótimo.”

Sorriu. “Você sempre teve gostos caros, Anita.”

Foi ao telefone e fez o pedido. Ele pediu um bife, que estranho, com uma garrafa de vinho. Tirei meu casaco e o pus sobre a cadeira da escrivaninha. “Eu não bebo” eu disse.

“Eu sei” ele respondeu.

“Você quer se refrescar enquanto esperamos a comida?”

Joguei uma olhada e vislumbrei a imagem distante de mim mesma no espelho do banheiro. O sangue de frango se secou com uma pegajosa cor tijolo em minha cara.

“Eu vejo a que te refere.”

Fechei a porta do banheiro e me olhei no espelho. A iluminação era forte, desse branco deslumbrante que tantos banheiros de hotéis parecem ter. É tão pouco atrativa que até à Miss América não ficaria bem.

O sangue destacava como giz vermelho sobre minha pele pálida. Usava um moletom branco com motivos natalinos que tinha a imagem do Maxine dos anúncios “Shoebox Hallmark”. Bebia café com uma fortificação de caramelo na mão, enquanto dizia “Isto é tão alegre como quero”.

Bert tinha pedido que nos vestíssemos com coisas de estilo natalino durante todo o mês. Talvez o moletom não fosse exatamente o que tinha em mente, mas ouça, era melhor que algumas outras coisas que tinha em casa.

Havia sangue no tecido branco. Figuras. Tirei-o deixando na banheira. Tinha

sangue sobre o coração. Inclusive tinha manchado uma parte de minha cruz de prata. Tinha sangue em minhas coisas, na cara e nas mãos.

Tinha matado três frangos esta noite. O levantamento de zombis era um trabalho sujo.

Peguei uma das toalhas brancas da pequena prateleira de toalhas. Me perguntei como Edward explicaria as manchas de sangue à criada. Não é meu assunto, mas seria divertido de todos os modos.

Deixei correr a água no lavabo e comecei a me lavar bem. Pude ver brevemente o sangue caindo por minha cara em aquosos riachos. Levantei e me olhei fixamente. Minha cara parecia fresca e ligeiramente surpreendida.

Richard declarou-se de verdade? Eu realmente disse “sim”? Certamente não.

Eu havia-lhe dito sim. Merda.

Limpei com um pano o sangue de meu peito. Jogo com monstros o tempo todo. Assim, estava noiva de um. Isso me parou. Sentei-me na tampa fechada do vaso sanitário, com o pano ensangüentado nas mãos. Estava noiva. Outra vez.

A primeira vez, ele tinha sido como o pão branco, que até Judith tinha gostado dele. Era o “típico garoto americano” e eu não tinha sido o suficientemente boa para ele, segundo sua família. O que mais me doeu foi que não tinha me amado o suficiente. Não tanto como eu o tinha amado.

Eu teria deixado tudo por ele. Não é um erro que eu vá cometer duas vezes.

Richard não é como ele. Sei. Mas ainda tenho esse fio de dúvida. Medo de que eu o estragaria. Medo de que ele não o estragaria. Maldito se o fizer, maldito se não.

Olhei para baixo e me dei conta de que pingava a água ensangüentada no piso. Ajoelhei-me e o sequei. Eu estava tão limpa quanto poderia estar até que tomasse banho em casa. Se tivesse trazido roupa poda, poderia tê-lo feito aqui, mas não tinha pensado nisso.

Edward chamou na porta.

“A comida esta aqui.”

Vesti-me, pus a toalhinha no lavabo e deixei correr água fria sobre ela. Assegurei de que o tecido não obstruía o ralo e abri a porta. O cheiro do bife me golpeou. Cheirava muito bem. Não comia fazia mais de oito horas e sinceramente, não tinha comido muito então. Richard tinha me distraído.

“Você acha que o serviço de quarto nos fuzilaria se fizéssemos outro pedido?”

Ele fez um pequeno gesto com a mão para o carrinho de serviço. Havia dois pedidos nele. “Como sabia que eu estaria com fome?”

“Sempre esquece comer” ele me respondeu.

“Estas a ponto de ser a mãe do ano.”

“O mínimo que posso fazer é te pedir a comida.”

Olhei-o.

“Que estás tramando, Edward? Você está sendo muito atencioso.”

“Te conheço o suficiente para saber que não vais gostar disso. Pedi a comida em uma oferta de paz.”

“Eu não gostarei do que?”

“Vamos comer, assistir ao filme e tudo se esclarecerá.”

Ele estava sendo cauteloso. Não estava sendo ele. Atiraria em você, mas não seria agradável.

“Que estás fazendo, Edward?”

“Sem mais perguntas até o fim do filme.”

“Por que não?”

“Assim terá melhores pergunta.”

Com aquela resposta inescrutável se sentou na beira da cama e serviu uma taça de vinho tinto. Cortou a carne, que estava o bastante crua para sangrar pelo centro.

“Por favor, me diga que meu bife não está sangrento.”

“Não está. Sei que você gosta da carne bem morta.”

“Ha, há.” Mas me sentei. Parecia estranho compartilhar uma comida no quarto de hotel do Edward, como se fôssemos empresários que viajam juntos e este fosse um jantar de negócios. O bife estava bem passado. As grosas batatas fritas caseiras estavam apropriadamente condimentadas e ocupavam quase tanto como o filete. Havia um prato adicional de brócolis, o qual pude deslocar para um lado e ignorar.

A Coca-cola vinha em uma taça geada, o que parecia um pouco excessivo, mas se parecia bom.

“O filme vai começar perto do final. Eu não acho que você tenha algum problema para entender a trama.”

Ele apertou os botões do controle remoto e a tela da televisão piscou, trocando de um programa de concurso para um dormitório.

Uma mulher de longos cabelos castanhos estava deitada de barriga para cima em uma cama redonda. Estava nua, ou ao menos o que podia ver dela estava nua. Por debaixo da cintura, estava escondida depois do traseiro que um homem moreno que se movia freneticamente.

“Isto é pornografia.”

Não tentei ocultar a incredulidade de minha voz.

“Certamente que é.”

Percorri ele com o olhar. Cortava o bife com movimentos de mãos claramente delineados e precisos. Mastigou uma parte, bebeu vinho e olhou a tela.

Voltei o olhar ao “filme”. Um segundo homem se uniu com o casal na cama. Era mais alto que o primeiro homem, com o cabelo mais curto, mas além disso, era um pouco difícil dizê-lo, principalmente porque tentava não olhar.

Estava sentada na beira da cama do Edward com nossos suculentos bifes e pela

primeira vez me senti incomoda com ele. Nunca houve nenhum tipo de tensão sexual entre nós. Poderíamos nos matar um dia, mas nunca nos beijaríamos. E, entretanto, ainda estava no quarto de hotel de um homem assistindo um filme pornô, e boas meninas simplesmente não fazem isso.

“Edward, que demônios está acontecendo?”

Pressionou uns botões do controle remoto. E congelou a cena.

“Aqui, a imagem do roto.”

Voltei-me para à tela. A imagem congelada me olhou fixamente. Era o segundo homem. Era Alfred.

“Oh Deus!” eu disse.

“Você o conhece?” perguntou Edward.

“Sim.” Não tinha nenhum motivo para negá-lo. Alfred estava morto. Edward não poderia lhe fazer mal.

“Nome?”

“Alfred. Não sei seu sobrenome.”

Pressionou o botão de avanço rápido. As imagens da tela se moviam a um ritmo feroz, fazendo coisas íntimas que teriam sido obscenas a qualquer velocidade. Em avanço rápido parecia mais triste. Ridículo assim como também degradante.

Apertou o pause outra vez. A cara da mulher estava em um primeiro plano, a boca aberta, os olhos providos de uma frouxidão sexual. O cabelo estava estendido engenhosamente sobre o travesseiro de seda. Deveria ter parecido provocador. Estava colocado para não sê-lo.

“Conhece-a?”

Neguei com a cabeça.

“Não.”

Pressionou o botão outra vez.

“Estamos perto do final.”

“E o outro homem?”

“Usa uma máscara que lhe cobre toda a cara.”

O homem mascarado investia à mulher por atrás. Seus quadris cobriam-lhe o traseiro, a linha de sua coxa acoplada ao dela. Recostou-se sobre as costas nua da mulher, lhe massageando a parte superior dos braços. Parecia cobri-la mais que outra coisa. Parecia haver muito pouco sexo.

Ela suportava o peso dele sobre as mãos e os joelhos. Seu fôlego era ofegante. Um grunhido rouco fluiu pela habitação. A câmara enfocou um primeiro plano das costas do homem. A pele ondeou, como se uma mão a tivesse roçado de dentro, depois desapareceu. Mais ondulações, como se algo pequeno procurasse a forma de sair.

Um enfoque de um ângulo mais amplo o mostrou ainda cobrindo à mulher. As

ondulações nas costas aumentavam. Podia ver coisas estranhas empurrando contra sua pele, movimentos bastante grandes que se poderiam ter visto inclusive se estivesse vestido. Como os que tinha visto no Jason ontem à noite.

Tinha que confessar que esta parte era fascinante. Tinha visto trocadores de formas, mas nunca como isto. Não ao detalhe, não através da lente de uma câmera.

A pele se rachou ao longo das costas e se ergueu, com as mãos abraçando sua cintura, gritando. Um líquido claro fluiu descendo pela costas, empapou a cama e à mulher debaixo dele.

Ela o estimulou um pouco mais, movendo as nádegas contra ele, empurrando contra ele, arqueando-se na cama. Uma pelagem negra aflorou nas costas. As mãos tremiam aos lados. Inclinou-se sobre ela outra vez as afundando na cama. As mãos eram só mãos, depois, aqueles dedos humanos rasgaram a cama, rasgando o tecido branco com grandes cortes.

O homem pareceu encolher-se. A pelagem fluiu mais e mais rápido, a uma velocidade constante. A máscara lhe caiu. A cara estava muito disforme para sustentá-la. A câmara fez um enfoque da queda da máscara.

Um pouquinho de arte em tudo isto... Oh, demônios. Eu não tinha palavras para isso.

O homem desapareceu. Um leopardo negro montava à mulher, e parecia muito feliz com o acerto.

O leopardo se inclinou sobre a ela, os lábios se contraíram mostrando as presas. Mordeu-a nas costas, extraíndo um pouco de sangue. Ela gemeu levemente, um estremecimento se estendeu por seu corpo.

Alfred voltou a aparecer na cena. Estava ainda em sua forma humana. Avançou lentamente até a cama e beijou à mulher. Foi um beijo comprido, completo, língua contra língua. Levantou-se sobre os joelhos, ainda beijando-a, balançando o corpo com os movimentos. Parecia muito excitado ao vê-la.

As costas ondulou e se rasgou, suas mãos aferravam os lençóis. A mudança pareceu ser muito mais rápida nele. A câmara enfocou um primeiro plano de uma de suas mãos. Os ossos se deslizaram pela pele com ruídos úmidos, de sucção. Os músculos e os ligamentos romperam lentamente e se acomodaram. A pele se rasgou, e o mesmo líquido claro saiu a torrentes. A mão se transformou em uma nua garra antes de que a pelagem escura flui-se sobre ela.

Estava sobre as pernas dobradas, meio lobo, meio homem, mas todo macho. Jogou para trás a cabeça e uivou. O som era tão intenso, de uma qualidade ressonante que encheu o quarto.

A mulher o contemplou, com os olhos totalmente abertos. O leopardo saltou afastando-se dela, girando sobre a cama, como um gatinho grande para todo mundo. Começou a rodar sobre si mesmo nas savanas, até que só se via a pelagem negra da

cara.

A mulher ficou de barriga para cima, escancarada. Estendeu as mãos para o homem lobo, passando a língua por seus lábios como se realmente passasse um bom momento. Talvez fosse assim. Ele empurrou dentro dela, não foi tenro. Ela gemeu como se fosse o melhor que havia sentido alguma vez.

Fazia ruídos. Qualquer diria que era uma atriz muito boa ou estava perto do clímax. Não estava certa de qual escolher. Uma boa atuação, acredito.

Ela chegou ao orgasmo com um som entre um gemido e um grito de alegria. Recostou-se na cama ofegando, com o corpo líquido. O homem lobo deu um último impulso estremecido e marcou com as garras o corpo nu.

Ela gritou, não requeria atuação. O sangue jorrava do corpo em riachos escarlates. O leopardo uivou sobressaltado e saltou da cama.

A mulher colocou as mãos diante da cara e as garras lhe despedaçaram os braços em um lado. O sangue brotava e vislumbrei o osso do braço onde as garras tinham arrancado toda a carne.

Os gritos eram altos e contínuos, um chiado forte depois de outro, tão rápido como podia respirar. O focinho bicudo do homem lobo desceu para a cara. Tive uma imagem da mandíbula esmagada da vítima do crime. Mas ele foi à garganta. Mordeu-a, salpicando uma grande quantidade de sangue.

Os olhos olharam fixamente à câmara, grande e resplandecente, aborrecido com a morte. O sangue em certa forma não tinha manchado seu rosto. O homem lobo se levantou outra vez em duas patas, o sangue lhe gotejava pela mandíbula. Um emplastro de betume lhe caía pela cara, correndo entre os olhos que nos olhava fixamente.

O leopardo saltou de volta sobre da cama. Lambeu a cara por completo, com lambidas largas e seguras de sua língua. O homem lobo se encarregou da parte de abaixo do corpo, detendo-se no estômago. Vacilou, um olho amarelo olhou fixamente a câmara. E começou a alimentar-se. O leopardo se uniu ao festim.

Fechei os olhos, mas os sons eram suficientes. Sons intensos, úmidos e dilaceradores encheram o quarto.

Ouvi eu mesma dizer “desligue.” Os sons pararam, e deduzi que Edward tinha apagado a fita, mas não elevei a vista para comprová-lo. Não olhei até que ouvi o zumbido da fita rebobinando. Edward cortou um pedaço de bife.

“Se você comer isso agora, vou vomitar em você.”

Sorriu, mas deixou os talheres. Olhou-me. Tinha uma expressão indiferente, como a maioria das vezes. Eu não sabia se ele tinha gostado do filme ou se tinha o enojado.

“Agora você pode me perguntar” ele disse.

Parecia a mesma voz de sempre, agradável, sem afetar-se por estímulos

externos.

“Jesus, onde conseguiu essa fita?”

“De um cliente.”

“Por que lhe deu isso?”

“A mulher era sua filha.”

“Ah, Deus, por favor, me diga que ele não viu isso.”

“Você sabe que ele viu. Quer saber se a viu até o final ou por que me contratou? A maioria dos homens não contratam pessoas para matar aos amantes de sua filha.”

“Contratou-te para matar aos dois homens?”

Edward assentiu.

“Por que me mostrou isso?”

“Porque sabia que me ajudaria.”

“Não sou uma assassina, Edward.”

“Só me ajude a identificá-los. Eu farei o resto. Posso beber um pouco de vinho?”

Assenti.

Bebeu o vinho a goles. O líquido escuro rodou pelo cristal, parecendo muito mais vermelho que antes do filme. Traguei com força e apartei o olhar. Não vomitaria. Não vomitaria.

“Onde posso encontrar ao Alfred?”

“Em lugar nenhum” eu disse.

Colocou a taça com cuidado na bandeja.

“Anita, assim me decepcionas, pensei que me ajudaria depois de ver o que eles fizeram à garota.”

“Não estou sendo pouco cooperativa. Esse filme é uma das piores coisas que vi alguma vez, e vi muitíssimo. É muito tarde para que encontre ao Alfred.”

“Como assim, muito tarde?”

“Matei ele ontem à noite.”

Um sorriso apareceu em sua cara, um formoso sorriso.

“Sempre torna meu trabalho mais fácil.”

“Não de propósito.”

Encolheu-se de ombros.

“Quer a metade do pagamento? Fez a metade do trabalho.”

Neguei com a cabeça.

“Não o fiz por dinheiro.”

“Me diga o que aconteceu.”

“Não.”

“Por que não?”

Olhei-o.

“Porque caças licantropos e não quero te entregar alguém por acidente.”

“O homem leopardo merece morrer, Anita.”

“Não o nego. Embora, tecnicamente, ele não matou a garota.”

“O pai quer a ambos. Você o culpa?”

“Não, acho que não.”

“Então, me ajudará a identificar o outro homem?”

“Talvez.” Levantei-me.

“Tenho que ligar para uma pessoa. Preciso que alguém mais veja este filme. Ele poderia te ajudar mais que eu.”

“Quem?”

Neguei com a cabeça.

“Me deixe ver se virá primeiro.”

Edward me concedeu um longo aceno com a cabeça, quase uma reverência com o pescoço. “Como quiser.”

Disquei de cor o número do Richard. Respondeu-me a secretária eletrônica.

“É Anita, me responda se estiver aí. Richard, me responda. Isto é importante.” Ninguém atendeu o telefone. “Maldição” eu disse.

“Não há ninguém em casa?” perguntou Edward.

“Tem o número do Café Lunático?”

“Sim.”

“Dê-me.” Ele repetiu o número lentamente, e o disquei. Uma mulher atendeu. Não era Raina. Agradei por isso.

“Café Lunático, Polly falando, como posso lhe ajudar?”

“Preciso falar com o Richard.”

“Sinto muito, não temos nenhum garçom com esse nome.”

“Olhe, fui uma convidada do Marcus ontem à noite. Preciso falar com Richard. É uma emergência.”

“Não sei. Quero dizer, estão todos ocupados na parte de atrás.”

“Olhe, ponha Richard ao telefone agora.”

“Marcus não gosta de ser incomodado.”

“Polly, certo? Estou em pé a mais de treze horas. Se não pôr Richard ao telefone agora, vou aí pessoalmente, romperei sua bunda. Fui clara?”

“Quem é?” Parecia um pouco de saco cheio e nada assustada.

“Anita Blake.”

“Oh!” disse ele. “Trarei o Richard agora mesmo, Anita, agora mesmo.” Tinha uma onda de pânico na voz que não tinha tido antes. Colocou-me em espera. Alguém com um doente senso de humor havia recolhido The Musak: Moonlight and Roses, Blue Moon, Moonlight Sonata. Cada canção tinha um tema sobre a lua. Estava na



metade de "Moon over Miami" quando o telefone voltou à vida.

“Anita, sou eu. O que está acontecendo?”

“Estou bem, mas tenho algo que você tem que ver.”

“Pode me dizer o que é?”

“Sei que parece tolo, mas não por telefone.”

“Tem certeza que não está procurando uma desculpa para me ver outra vez?”

Havia um tom de brincadeira na voz.

Tinha sido uma noite muito longa.

“Você pode me encontrar?”

“É claro. O que aconteceu? Sua voz soa horrível.”

“Preciso de um abraço e apagar a última hora de minha vida. Mas o primeiro podes me dar quando chegar aqui, com o segundo terei que viver.”

“Está em casa?”

“Não.” Olhei ao Edward, pondo a mão sobre o receptor.

“Posso lhe dar o numero do quarto do hotel?”

Assentiu.

Dei ao Richard o quarto e a direção.

“Estarei aí assim que puder.” Ele hesitou, então disse.

“O que disse a Polly? Está quase histérica.”

“Não te colocava ao telefone.”

“Você a ameaçou” ele disse.

“Sim.”

“Era uma ameaça banal?”

“Mais ou menos.”

“Os membros dominantes do bando não fazem ameaças banais aos subordinados.”

“Não sou membro do bando.”

“Depois de ontem à noite é um dominante. Eles lhe tratam como uma párea licantrópica dominante.”

“O que significa isso?”

“Significa que quando diz a alguém que vais romper lhe a bunda, acreditam em ti.”

“Ah, sinto muito.”

“Não peça desculpas a mim, peça a Polly. Estarei aí antes de que consiga acalmá-la.”

“Não a coloque na linha, Richard.”

“É o que consegue por ser rápida disparando. As pessoas ficam com medo de você.”

“Richard...”

Uma soluçante voz feminina chegou pela linha. Passei os próximos quinze minutos convencendo uma trocadora de forma chorosa que não ia lhe fazer mal. Minha vida se tornara muito estranha, até para mim.

Richard estava errado. Não bateu na porta enquanto eu estava ao telefone acalmando Polly. Ela estava tão agradecida de que a houvesse perdoado por sua grosseria, que era embaraçoso. Ondas de obediência emanavam do telefone. Desliguei.

“Levasses quase vinte minutos para convencer a um homem lobo de que não irias lhe fazer mal?”

Edward me sorria abertamente. Tinha sentado em uma das cadeiras macias.

“Sim.”

Riu de forma exagerada e repentina. O sorriso desapareceu, deixando em sua cara uma espécie de rubor. Os olhos brilhavam com algo mais escuro que o humor. Não estava certa do que pensava, mas não parecia agradável.

Ele deslizou pela cadeira, apoiando a nuca no respaldo, com as mãos enlaçadas sobre o estômago e os tornozelos cruzados. Ele parecia completamente confortável.

“Como chegaste a ser o terror dos pequenos e bons homens lobo em todas partes?”

“Não acredito que estejam acostumados a serem baleados e mortos entre eles. Ao menos, não no primeiro encontro.”

Seus olhos buliram a fogo lento por alguma brincadeira escura.

“Você foi lá e matou alguém na primeira visita? Infernos Anita, estive ali três vezes e ainda não matei ninguém.”

“Há quanto tempo está na cidade?”

Olhou-me durante um longo instante.

“É uma pergunta corriqueira ou precisa sabê-lo?”

Me tinha ocorrido que Edward poderia seqüestrar a oito licantropos e não deixar nenhum rastro. Se algum humano podia fazê-lo, era ele.

“Tenho que sabê-lo” respondi.

“Amanhã fará uma semana.”

Seus olhos estavam vazios. Estavam tão distantes como qualquer dos trocadores de formas da passada noite. Há mais de um caminho para converter-se em predador.

“É obvio, terá que te assegurar. Pode comprovar o registro, mas poderia ter trocado de hotéis.”

“Por que mentiria pra mim?”

“Eu gosto disso” respondeu.

“Não é a mentira o que te diverte.”

“O que me diverte?”

“Conhecer algo que eu desconheço.”

Encolheu levemente os ombros, não é fácil para ele, e se deslizou pela cadeira . Ele fez isso parecer gracioso.

“Invejosa.”

“Não é só por mim. Você gosta de guardar segredos pelo prazer disso.”

Então sorriu de forma lenta e preguiçosa.

“Conhece-me realmente bem.”

la dizer; “somos amigos”, mas a expressão de seus olhos me deteve. Seu olhar fixo era muito intenso. Parecia me estudar como se nunca me tivesse visto antes.

“O que está pensando, Edward?”

“O que o dinheiro pode ser capaz de me obrigar a fazer.”

“O que se supõe que significa isso?”

“Sabe quanto eu gosto de um desafio.”

Contemplei-o.

“Fala de competir contra mim? Para ver quem é melhor?”

Fiz-lhe a pergunta e não me deu a resposta que esperava.

“Sim.”

“Por que?”

“Não o farei. Conhece-me; sem dinheiro, não há assassinato, mas seria... interessante.”

“Não seja horripilante, Edward.”

“É a primeira vez que me pergunto se ganharia.”

Assustava-me. Estava armada e ele não parecia estar, mas Edward sempre estava.

“Não o faça, Edward.”

Sentou-se com um movimento ágil. Minha mão saltou à arma. Estava na metade de caminho para fora do coldre, quando compreendi que não havia feito nenhum movimento mais, somente ficou sentado. Soltei um fôlego vacilante e coloquei a arma na capa.

“Não jogue comigo, Edward. Se o fizer, um de nós sairá machucado.”

Estendeu suas amplas mãos.

“Sem mais jogos. Eu gostaria de saber qual dos dois é o melhor Anita, mas não quero te matar.”

Deixei minha mão relaxar. Se Edward dissesse que ia me matar esta noite, acreditaria nele. Se alguma vez fizéssemos isso de verdade, ele me diria primeiro. Edward gostava de ser esportivo com essas coisas. Surpreender a sua vítima tornaria as coisas fáceis.

Bateram na porta. Saltei. «Nervosa? Quem, eu?». Edward se sentou como se não o tivesse ouvido, me contemplando ainda com olhos arrepiantes. Fui para a porta. Era Richard. Rodeou-me com seus braços e o permiti. Inclinei-me contra seu

peito, sendo muito consciente de que não poderia tirar a arma muito rápido abraçada a seu corpo.

Retrocedi e lhe levei ao quarto. Olhou-me de maneira inquisitiva.

Sacudi a cabeça.

“Lembra-se do Edward?”

“Anita, não me disse que ainda saía com o Richard.”

A voz do Edward era agradável, normal, como se não se houvesse estado perguntando se gostaria de me matar. Sua cara era sincera, amistosa.

Caminhou através do quarto com a mão estendida. Era um magnífico ator.

Richard apertou sua mão parecendo um pouco perplexo. Olhou-me.

“O que está acontecendo, Anita?”

“Pode pôr o filme?”

“Se me deixar comer enquanto assiste. Meu bife está ficando frio” comentou Edward.

Traguei com força.

“Viu o filme antes, e ainda assim pede bifes. Por quê?”

“Possivelmente para comprovar se podia comer depois de vê-lo.”

“Bastardo competitivo.”

Só sorriu.

“Que filme?” perguntou Richard.

“Coma o bife, Edward. Assistiremos quando você acabar.”

“Isso te incomoda tanto assim?”

“Fique quieto e coma.”

Sentou-se na beira da cama e começou a cortar a carne. Era vermelha. O sangue gotejava por ela.

Dirigi-me ao banheiro. Eu não ia ficar doente, mas se o visse comer aquela parte de carne, ficaria.

“Vou me esconder no banheiro. Se quiser uma explicação, venha comigo” adicionei.

Richard jogou uma olhada ao Edward, então me seguiu.

“O que está acontecendo?”

Empurrei-o para o banheiro e fechei a porta atrás de nós. Abri a torneira de água fria do lavabo e molhei a cara.

Ele agarrou meus ombros, massageando-os.

“Você está bem?”

Neguei com a cabeça, a água gotejava pela minha cara. Eu procurei uma toalha e a pressionei contra o rosto, sustentando-a por um minuto. Edward não tinha me avisado, porque gostava de surpreender às pessoas. E uma advertência teria diminuído o impacto. Quanto impacto queria que Richard agüentasse?

Voltei-me para ele, com a toalha obstinada nas mãos. Parecia preocupado, uma tenra preocupação. Não queria que o estivesse. Realmente havia dito que sim fazia só oito horas? Parecia cada vez menos real.

“É um filme porno” eu disse.

Pareceu surpreso. Bom.

“Porno? Está falando a sério?”

“Absolutamente” afirmei.

“Por que tenho que vê-lo?”

Uma pergunta cruzou por sua mente. “Por que o viu com ele?”

Ali estava, uma pequena ponta de raiva em sua voz.

Então eu ri. Ri até que as lágrimas se secaram em minha cara e fiquei sem fôlego para falar.

“O que é tão engraçado?” parecia um pouco indignado.

“Tenha medo do Edward, mas nunca tenha ciúmes dele” acrescentei quando pude falar sem ofegar.

A risada tinha me ajudado. Sentia-me melhor, menos suja, menos envergonhada, até um pouco menos horrorizada. Olhei-o. Ainda usava o suéter verde que tinha terminado no chão da cozinha fazia pouco tempo. Ele parecia maravilhoso. Percebi que eu não. Com meu moletom extragrande, cheia de manchas de sangue, jeans, e sapatilhas de esportes, tinha perdido vários pontos em minha preciosa partida. Sacudi a cabeça. Importava? Não, atrasava-me. Não queria retornar. Não queria ver o filme de novo. Certamente, não queria me sentar no mesmo quarto com o homem com o qual poderia me casar e lhe olhar enquanto ele via um filme pornô. Devo estragar o final?

Excitar-se-ia antes que se machucasse? Observei sua cara tão humana e me perguntei isso. “O filme é sobre licantropos e uma humana.”

“Já estão à venda?” perguntou.

Era minha vez de parecer surpresa.

“Sabe algo sobre o filme? Falou no plural, há mais?”

“Infelizmente” ele respondeu. Ele apoiou-se contra a porta, deixando cair para sentar-se no chão como os índios. Se tivesse esticado as pernas, não teria ficado espaço para ambos no banheiro.

“Me explique isso Richard.”

“Foi idéia da Raina” ele comentou. “Ela convenceu ao Marcus para que ordenasse alguns de nós a participar.”

“Você...” Eu não podia dizê-lo.

Ele negou com a cabeça. O nó em meu peito se aliviou.

“Raina tentou me pôr diante das câmaras. Os que precisam esconder sua identidade usam máscaras. Eu não o faria.”

“Marcus lhe ordenou isso?”

“Sim. Estes malditos filmes são um dos principais motivos pelo quais comecei a subir no bando. Qualquer que esteja por cima poderia me ordenar. Se Marcus lhes o aval, podem me ordenar a fazer quase tudo durante muito tempo, se não for ilegal.”

“Um momento. Os filmes não são ilegais?”

“A bestialidade é ilegal em alguns estados, mas escapulimos entre as fissuras da lei.”

“Não há nada a mais ilegal nestes filmes?” perguntei.

Olhou-me. “O que há nesse filme que te deixou tão assustada?”

“É um peli snuff<sup>151</sup>.”

Só me contemplou, sem nenhuma mudança de expressão, como esperando que dissesse algo mais.

“Você não pode estar falando sério” acrescentou quando não o fiz.

“Eu queria que não estivesse.”

Negou com a cabeça. “Inclusive Raina não faria isto.”

“Raina não está no filme, não no tanque que eu vi.”

“Mas Marcus não o aprovaria, isso não.” Levantou-se, usando só suas pernas e a parede. Andava de um lado para o outro perto da banheira. Passou me roçando, golpeando fortemente contra a parede e provocando um som seco.

Virou-se, nunca o tinha visto tão zangado.

“Há outros bandos por todo o país. Não tem por que ser o nosso.”

“Alfred aparece.”

Apoiou as costas contra a parede mais afastada, e golpeou de novo contra a parede.

“Não posso acreditar.”

Edward bateu na porta. “O filme está preparado.”

Richard abriu bruscamente a porta e entrou no quarto como uma tormenta ensurdecadora. Pela primeira vez senti um pouco daquela energia do outro mundo irradiando dele.

Os olhos do Edward se alargaram.

“Você deu a ele um preview?”

Assenti.

O quarto estava às escuras exceto pela televisão.

“Deixarei a vocês dois, pombinhos, a cama. Ficarei sentado aqui.” Sentou-se de novo na cadeira, na posição vertical, nos olhando.

“Me ignorem se a necessidade lhes bater.”

“Cale a boca e ponha o filme” ordenei.

Richard tinha se sentado na borda da cama. O carrinho do serviço de quarto

tinha desaparecido, junto com sua ofensiva carne.

Genial, uma razão a menos para vomitar. Richard parecia haver-se acalmado. Parecia bastante normal ali sentado. O fluxo de energia havia desaparecido tão limpo que me perguntei se a tinha imaginado. Joguei uma olhada à cara do Edward. Olhava ao Richard como se houvesse feito algo interessante.

Não havia imaginado isso.

Pensei em acender as luzes, mas não o fiz. A escuridão parecia melhor para isto.

“Edward.”

“Hora do espetáculo” ele acrescentou. Ele apertou o botão e começou de novo.

Richard ficou rígido na primeira imagem. Tinha reconhecido o outro homem? Não perguntei, ainda. Deixaria ele assistir, depois perguntaria.

Não quis me sentar na cama com meu amorzinho enquanto via essa porcaria. Na verdade, talvez não tivesse me perguntado o que o sexo podia significar para o Richard. Seria assim com um transmorfo? Bestial? Esperava que não, não estava segura de como descobrir sem perguntar, e não queria perguntar. Se a resposta era sim à bestialidade, o casamento estava cancelado.

Finalmente caminhei pela frente da tela e me sentei na outra cadeira, ao lado do Edward. Não queria ver o filme outra vez. Pelo visto, Edward tampouco. Ambos olhávamos ao Richard enquanto a via. Não estava certa o que esperava ou o que queria ver. A cara do Edward não mostrava nada. Com os olhos entrecerrados, deslizou-se na cadeira outra vez. Parecia dormindo, mas lhe conhecia muito bem. Era consciente de tudo o que acontecia no quarto. Não estava certa de que Edward alguma vez dormisse de verdade.

Richard assistiu sozinho. Sentou-se na ponta da cama, com as mãos enlaçadas e os ombros encurvados. Seus olhos estavam brilhantes, refletiam a luz do televisor. Podia ver a ação olhando sua cara. O suor brilhou em seu lábio superior. Enxugou-o, pegou-me o observando. Mostrou-se envergonhado, depois irritado.

“Não me olhe, Anita.”

Sua voz soou afogada por algo mais que a emoção, ou menos.

Eu não podia fingir dormir como Edward. Que demônios se supunha que eu devia fazer? Levantei-me e dirigi meus passos para o banheiro. Não olhei à tela de forma deliberada, mas tive que cruzar pela frente. Senti o olhar de Richard enquanto me movia. Seus olhos em minhas costas fizeram que me picasse a pele. Limpei minhas palmas suadas nos jeans. Troquei de direção, de forma lenta, para encará-lo.

Olhava-me, não ao filme. Havia raiva e ódio em sua cara, cólera teria sido uma palavra muito suave. Não acreditei que fosse comigo com quem estava furioso. Isto deixava a quem? Raina? Marcus...? Ele mesmo?

O grito da mulher lhe fez girar a cabeça para o filme. Observei sua cara



enquanto seu amigo a matava. A raiva floresceu em sua cara, derramando-se em sua boca com um grito mudo. Deslizou-se para fora da cama caindo sobre os joelhos, cobrindo-a cara com as mãos.

Edward estava de pé. Percebi o movimento pela extremidade do olho e encontrei-lhe segurando uma arma que tinha aparecido por arte de magia. Eu segurava a Browning, contemplamo-nos o um ao outro sobre o corpo ajoelhado do Richard.

Richard se tinha ajoelhado até uma posição quase fetal, balançando-se devagar para frente e para trás sobre seus joelhos. Os sons da carne enquanto era rasgada chegavam da tela.

Elevou uma cara horrorizada, vislumbrou a tela e engatinhou para mim. Saí do seu caminho e me permitiu isso. Ia em direção ao banheiro.

A porta se fechou de repente, e uns segundos mais tarde o som de suas arcadas nos chegou através da porta.

Edward e eu ficamos no quarto, nos olhando um ao outro. Ainda tínhamos nossas armas.

“Sacas a arma tão rápida quanto eu. Não o fazia faz dois anos.”

“Foram dois anos difíceis” declarei.

Sorriu.

“A maior parte das pessoas não teriam visto eu me mover na escuridão.”

“Minha visão noturna é excelente” presumi.

“Lembrarei disso.”

“Façamos uma trégua esta noite, Edward. Estou muito cansada para me preocupar com isso esta noite.”

Assentiu e colocou a arma na zona lombar.

“Não estava aí quando a tirou” adicionei.

“Não” disse, “não estava.”

Embainhei a Browning e bati na porta do banheiro. É certo que não me virei completamente. Não era fácil dar as costas ao Edward neste momento.

“Richard, estás bem?”

“Não.” Sua voz parecia mais grave, rouca.

“Posso entrar?”

Houve uma longa pausa.

“Talvez seja melhor.”

Empurrei a porta abrindo-a com cuidado, não queria bater nele.

Ainda estava ajoelhado sobre o vaso sanitário, de barriga para baixo, com o cabelo comprido lhe ocultando a cara. Tinha um molho de papel higiênico na mão. O aroma acre e fragrante do vômito flutuava no ar. Fechei a porta e me apoiei nela.

“Posso te ajudar?”

Negou com a cabeça.

Alisei seu cabelo para trás. Afastou-se de mim como se eu o tivesse queimado. Ele acabou agachado em um canto, apanhado entre a parede e a banheira. Seu olhar era selvagem, de pânico. Ajoelhei-me diante dele.

“Não me toque! Por favor.”

“Bem, não te tocarei. Agora, o que aconteceu?”

Não me olhava. Seus olhos vagavam pelo banheiro, sem fixar-se em nada, me evitando, definitivamente.

“Me fale, Richard.”

“Não posso acreditar que Marcus saiba. Não pode saber. Não permitiria.”

“Poderia Raina fazê-lo sem ele que soubesse?”

Assentiu.

“É uma verdadeira cadela.”

“Eu notei.”

“Tenho que dizer ao Marcus. Não acreditará. Poderia precisar ver o filme.”

Suas palavras pareciam quase normais, mas sua voz ainda soava entrecortada, débil, pelo pânico. Se seguisse segurando ia hiperventilar.

“Respire lenta e profundamente, Richard. Se sentirá melhor.”

Negou com a cabeça.

“Mas não estou. Eu pensei que você nos tinha visto em nossos piores momentos.” Soltou uma gargalhada. “Ah, Deus, agora você realmente sabe.”

Tratei de alcançá-lo, de consolá-lo, de fazer algo.

“Não me toque!” Ele gritou pra mim.

Retrocedi até dar com as costas na parede mais longe. Eu estava tão longe quanto podia sem ter que sair do local.

“O que diabos há de errado com você?”

“Eu quero, agora mesmo, depois de ver isto, ver você longe daqui.”

“Isso te excitou?” perguntei a ele.

“Deus, me ajude” suplicou.

“Isto é o que o sexo significa para ti? Não a matança, o de antes?”

“Possivelmente, mas não é seguro. Na forma animal somos infecciosos. Você sabe.”

“Mas é uma tentação” acrescentei.

“Sim.” Ele avançou lentamente para mim e tentei retroceder. Apoiou-se em seus joelhos e me olhou. “Não sou só um homem, Anita. Sou o que sou. Não te peço que abraçasse literalmente a outra metade, mas tem que vê-la. Tem que conhecer o que é, ou isto não vai funcionar entre nós.” Ele estudou meu rosto. “Mudasses de opinião?”

Eu não sabia o que dizer. Seus olhos já não me pareciam selvagens. Tinham se

tornado sombrios e intensos. Havia calor em seu olhar, em sua cara, não tinha nada a haver com o horror. Ficou engatinhando, o movimento foi suficiente para que se aproximasse de mim. Contemplei sua cara de perto. Deu um longo suspiro, estremecendo-se, e a energia formigou ao longo de minha pele. Ofeguei. Sua alteridade bateu contra minha pele como o choque de uma onda. Me empurrou contra a parede como uma mão invisível. Inclinou-se para mim, seus lábios quase me tocavam, depois se moveu para frente. Seu fôlego se sentia quente contra um lado de minha cara.

“Pensa como poderia ser. Fazer o amor assim, sentindo o poder avançando lentamente sobre sua pele enquanto estou dentro de ti.”

Quis tocá-lo e tive medo de fazê-lo. Retrocedeu o suficiente para me olhar, o bastante perto para me beijar. “Seria tão bom” seus lábios roçaram meus, e sussurrou as palavras seguintes em minha boca, como um segredo. “E toda esta luxúria se origina dentro de mim, vendo sangue e morte e imaginando seu medo.”

Ele estava de pé, como se alguém o mantivesse na posição vertical com cordas. Era magicamente ágil. Fez Alfred parecer lento ontem à noite.

“Isto é o que sou, Anita. Posso fingir ser humano. Sou melhor fingindo isso do que Marcus, mas é só um jogo.”

“Não.” Mas minha voz era só um sussurro.

Ele trouxe com suficiente força para ouvi-lo.

“Tenho que ir.”

Ofereceu-me sua mão. Compreendi que não podia abrir a porta comigo ali sentada, não sem me golpear com ela. Eu sabia que se dispensasse sua mão seria tudo. Nunca me perguntaria outra vez, e nunca poderia dizer que sim.

Tomei sua mão. Solto um longo fôlego. Sua pele estava quente ao tato, quase queimava, muito quente. Sua pele enviava pequenas ondas expansivas por meu braço. Tocá-lo com todo seu poder livre no quarto era muito assombroso para explicá-lo.

Levantou minha mão para sua boca. Nem tanto para beijá-la quanto para forçá-la, esfregou-a ao longo de sua bochecha, delineando meu pulso com sua língua. Deixou-a cair tão abruptamente que tropecei para atrás.

“Eu tenho que sair daqui agora.” Sua cara suave outra vez.

Saiu do banheiro. As luzes estavam acesas. Edward estava sentado na cadeira, as mãos separadas em seu colo. Nenhum arma à vista. Fiquei de pé, na porta do banheiro, sentindo o redemoinho do poder do Richard enchendo o quarto como a água que permanece muito tempo retida. Edward mostrou uma grande contenção não pegando uma arma.

Richard caminhou com passo majestoso para a porta, e quase podia sentir as ondas que deixava a seu passo no ar. Parou com a mão na maçaneta.

“Eu vou dizer ao Marcus se puder encontrá-lo sozinho. Se Raina interferir, teremos que pensar em outra coisa.”

Jogou-me uma última olhada, então se foi.

Quase esperei que descesse correndo pelo corredor, mas não o fez. O melhor domínio de si mesmo.

Edward e eu ficamos de pé na entrada e o vimos desaparecer ao virar a esquina. Ele virou para mim.

“Você sai com isso.”

Há alguns minutos me sentiria insultada, mas minha pele vibrava com a turbulência do poder do Richard. Não podia mais fingir. Tinha me pedido em casamento e eu disse que sim. Mas eu não tinha entendido, não realmente. Ele não era humano. Realmente não era.

A pergunta era, quanto era a diferença? Resposta: eu não fazia idéia.

Dormi até no domingo pela manhã, e perdi a igreja. Eu não tinha chegado em casa até quase as sete da manhã. Não havia forma de me levantar para o serviço das dez. Certamente Deus entendia minha necessidade de sono, mesmo que Ele não precisasse dormir.

Pela tarde me encontrava na Universidade de Washington. Estava no escritório do doutor Louis Fane, Louie para os amigos. O fim de tarde do início de inverno enchia o céu de suaves nuvens roxas. Arrasavam o céu como uma iluminada cortina de fundo para as nuvens que se viam pela janela do escritório. Ele observou por ela. A maioria dos doutores não o fazem. São baratos em um campus de universidade.

Louie se sentou dando as costas à janela. Tinha acendido a um abajur no escritório. Criava um brilho de calidez dourada contra a noite. Sentamo-nos naquele último brilho de luz, e parecia mais privado do que devia ser. Um último suporte contra a escuridão. Deus, hoje estava melancólica.

O escritório do Louie estava apropriadamente desordenado. Uma prateleira enchia a parede de livros do teto ao chão, livros de biologia, de texto, ensaios de natureza, e um jogo completo de livros do James Herriot. Tinha um pequeno esqueleto de um morcego marrom colocado detrás de um cristal e pendurado na parede estava seu diploma. Havia um cartaz de identificação do morcego na porta, como um desses que compram para os alimentadores de aves. Você sabe, “Aves Comuns do Leste do Missouri”. A tese de doutorado de Louie tinha sido sobre a adaptação do pequeno morcego marrom à espécie humana.

Os suportes estavam cobertas de lembranças; conchas marinhas, uma peça de madeira fossilizada, abacaxis de pinheiros, um casca de árvore com líquen dissecado nela. Todo tipo de peças e pedaços que os formados em biologia sempre recolhem.

Louie media aproximadamente 1,70 M., com uns olhos tão pretos quanto os meus. Seu cabelo era liso e fino, por debaixo dos ombros. Não era uma expressão da moda como era o do Richard. Parecia como se Louie acabasse de cortar o cabelo fazia um momento.

Tinha a cara quadrada, constituição magra, e parecia, de certo modo, inofensivo. Mas os músculos de seus antebraços se esticaram quando juntou seus dedos e me olhou. Mesmo se não fosse um homem rato, não poderia me oferecer para lutar com ele.

Tinha ido ao escritório domingo especialmente para falar comigo. Também era meu dia livre.

Era o primeiro domingo que Richard e eu não saíamos juntos em meses. Richard tinha ligado e cancelado o encontro me dizendo algo sobre um assunto do bando. Não fui capaz de lhe perguntar, porque não se pode discutir com sua

secretária eletrônica. Não telefonei pra ele. Não estava pronta para falar com ele, não depois da noite passada.

Sentia-me como uma tola esta manhã. Havia dito que sim à oferta de alguém que não conhecia. Sabia que Richard me tinha mostrado sua cara externa, mas por dentro havia um mundo completamente novo que acabava de começar a visitar.

“O que pensam você e outros professores dos rastros enviados pela polícia?”

“Pensamos que é um lobo.”

“Um lobo? Por quê?”

“Certamente, é um canino grande. Não é um cão, e além dos lobos, que mais pode ser.”

“Incluindo o fato de que o pé canino está combinado com um pé humano?”

“Incluindo isso.”

“Poderia ser Peggy Smitz?”

“Peggy pode controlar-se muito bem. Por que ela mataria a alguém?”

“Não sei. Por que ela não mataria alguém?”

Inclinou-se na cadeira, que rangeu sob seu peso.

“É uma pergunta justa. Peggy era tão pacifista quanto lhe permitia o bando.”

“Ela não lutava?”

“Não a menos que fosse forçada a fazê-lo.”

“Estava acima na estrutura do bando?”

“Você não deveria fazer estas perguntas ao Richard? É o seguinte na linha ao trono, pode-se dizer assim.”

Olhei-lhe. Eu não desviaria o olhar como se fosse culpada de algo.

“Sinto cheiro de problemas no paraíso” ele disse.

Não lhe fiz caso à indireta. Assunto, tínhamos um assunto que discutir. “O marido de Peggy veio me ver. Queria que a procurasse. Não sabia nada dos outros desaparecimentos de licantropos. Por que Peggy não contaria a ele?”

“Muitos de nós sobrevivemos às relações fingindo ser o que não somos. Aposto que Peggy não falava do bando com seu marido.”

“Quão difícil é fingir?”

“Quanto melhor você se controla, mais fácil é fingir.”

“Então é possível fazer.”

“Gostarias de passar a vida fingindo que não levanta zumbis? Nunca falar disso? Nunca compartilhá-lo? Fazendo seu marido passar vergonha ou discutindo por isso?”

Senti o rubor na cara. Eu quis negar. Não estava envergonhada por Richard, ou desgostada por isso, mas tampouco estava cômoda. Não o suficientemente cômoda para protestar. “Não parece com uma forma muito boa de viver” eu disse.

“Não é.”

Houve um silêncio muito pesado na sala. Se ele pesava que eu estava no caminho para soltar a língua, ele estava errado. Quando todo o resto vai para o inferno, concentro-me nos negócios.

“A polícia passou as fitas hoje na área onde foi encontrado o corpo. O sargento Storr me disse que não encontraram nada, exceto algumas pisadas e um pequeno rastro de sangue.”

A verdade era que tinham encontrado algumas marca frescas de rifle nas árvores perto da área do assassinato, mas não estava certa de ter liberdade para compartilhar isso com a comunidade licantropa. Era trabalho da polícia. Mentia a ambas as partes. Não me parecia o caminho correto para realizar um trabalho de investigação de assassinato ou um caso de desaparecidos.

“Se a polícia e a manada compartilhassem informação, poderíamos ser capazes de solucionar este caso.”

Ele encolheu os ombros.

“Não é assunto meu, Anita. Só sou um índio, não um chefe.”

“Richard é um chefe” eu disse.

“Não enquanto Marcus e Raina continuarem vivos.”

“Não pensava que Richard tivesse que lutar contra ela pelo domínio do bando. Pensei que era a luta do Marcus.”

Louie riu. “Se você pensa que Raina deixaria Marcus perder sem ajudá-lo, você não conheceu a mulher.”

“Eu a conheci. Só pensei que ajudar ao Marcus era contra da lei do bando.”

Ele encolheu os ombros outra vez. “Não conheço a lei do bando, mas conheço Raina.

Se Richard paquerasse com ela, poderia ajudá-lo a derrotar ao Marcus, mas deixou muito claro que ele não gosta dela.

“Richard me disse que ela tinha tido a idéia dos filmes pornô de licantropos.”

Os olhos do Louie se alargaram.

“Richard te contou isso?”

Assenti com a cabeça.

“Estou surpreso. Ele estava envergonhado com toda a idéia. Raina estava excitada e ansiosa para que Richard fosse sua co-estrela. Acredito que tentava seduzi-lo, mas julgou mal a seu menino. Richard é muito reservado para que alguma vez faça sexo na frente de uma câmera.”

“Raina protagonizou alguma filme?”

“Foi o que me disseram.”

“Algum homem rato apareceu neles?”

Negou com a cabeça.

“Rafael o proíbe. Somos um dos poucos grupos que o rechaçaram.”

“Rafael é um bom homem.”

“E um bom rato” disse Louie.

Sorri. “Sim.”

“O que acontece entre Richard e você?”

“O que quer dizer?”

“Deixou uma mensagem em minha secretária eletrônica. Disse que tinha grandes notícias relativas a você. Quando o vi em pessoa, disse-me que não era nada. O que aconteceu?”

Não sabia o que dizer. Não havia nenhum novo acontecimento ultimamente.

“Acredito que têm que ser notícias do Richard.”

“Disse algo sobre ser sua escolha e não podia falar disso. Você me diz que é assunto dele e que não pode falar disso. Desejaria que um dos dois me contasse algo.”

Abri a boca, fechei-a e suspirei. Tinha perguntas que precisavam de respostas, mas Louie era amigo do Richard antes de ser meu. Lealdade e todo isso. Mas, a quem demônios mais poderia perguntar? Irving? Ele tinha problemas suficientes com o Richard.

“Escutei a conversa de Rafael e Richard sobre o controle de suas bestas. Isso significa a mudança?”

Inclinou a cabeça. “Sim.” Olhou-me, com seus olhos estreitando-se. “Se tiver ouvido a conversa do Richard sobre sua besta, deve tê-lo visto perto da mudança. O que aconteceu ontem à noite?”

“Se Richard não lhe falou sobre isso, Louie, não acredito que eu deva dizer isso.”

“Os fofoqueiros dizem que matou Alfred. É verdade?”

“Sim.”

Olhou-me como esperando mais, logo se encolheu de ombros.

“Raina não gostará disso.”

“Marcus também não parecia muito contente.”

“Mas ele não saltará sobre ti em um beco escuro. Ela sim o fará.”

“Por que Richard não me falou sobre isto?”

“Richard é um dos melhores amigos que tenho. É leal, honesto, preocupado, o boy scout mais peludo do mundo. Se tiver um defeito, é que espera que outros sejam leais, honestos e preocupados.”

“Certamente, depois de ter visto Marcus e Raina, ele não acreditará ainda que são pessoas agradáveis?”

“Ele sabe que não são muito agradáveis, mas tem problemas para vê-los tão maus. No fim das contas Anita, Marcus é o macho alfa. Richard respeita a autoridade. Esteve tentando conseguir algum tipo de acerto com o Marcus há meses.



Não quer matá-lo. Marcus não tem os mesmos reparos pelo Richard.”

“Irving me contou que Richard derrotou ao Marcus, que poderia te-lo matado e não o fez. É verdade?”

“Acho que sim.”

“Merda.”

“Sim, eu disse ao Richard que deveria havê-lo feito, mas ele nunca matou ninguém. Acredita que toda vida é preciosa.”

“Toda vida é preciosa” eu disse.

“Algumas vidas são mais preciosas que outras” disse Louie.

Assenti com a cabeça. “Sim.”

“Richard mudou para ti ontem à noite?”

“Deus, você é implacável.”

“Você disse que essa era uma de minhas melhores qualidades.”

“É habitualmente.” Parecia muito com Ronnie. Ela também nunca se rendia.

“Ele mudou para ti?”

“Algo assim” eu disse.

“E você não poderia lidar com isso.” Era uma afirmação contundente.

“Não estou certa, Louie. Simplesmente não tenho certeza.”

“Melhor saber agora” ele disse.

“Suponho que sim.”

“Você o ama?”

“Não é da sua maldita conta.”

“Amo Richard como a um irmão. Se for lhe cortar o coração e servi-lo em uma bandeja, eu gostaria de saber agora. Se você deixar, serei eu quem o ajudará a recolher os pedaços.”

“Não quero magoá-lo” eu disse.

“Acredito em você.”

Só me olhou. Havia uma grande tranquilidade em sua expressão, como se pudesse esperar toda a noite para que respondesse a pergunta. Louie tinha mais paciência da que eu teria alguma vez.

“Sim, eu o amo. Contente?”

“Ama ele o suficiente para abraçar sua parte peluda?” Seus olhos cravaram o olhar em mim, como se quisessem gravar um buraco direto no meu coração.

“Não sei. Se fosse humano... Merda.”

“Se ele fosse humano, talvez você casaria com ele?” Ele teve a gentileza de fazer a pergunta.

“Talvez” eu disse.

Mas não era um talvez. Se Richard tivesse sido humano, seria uma mulher felizmente comprometida neste momento. É obvio, havia outro homem que não era

humano que tinha estado tentando que eu saísse com ele fazia tempo. Jean-Claude me havia dito que Richard não era mais humano que ele. Não tinha acreditado nele. Começava a acreditar. Devia-lhe desculpa. Não que alguma vez eu fosse admitir na frente dele.

“Uma escritora veio a meu escritório ontem, Elvira Drew. Está escrevendo um livro sobre os trocadores de formas. Parece legal e poderia ser boa publicidade.” Expliquei a ele o formato do livro.

“Parece bom, na verdade” ele disse. “Onde me encaixo?”

“Adivinha.”

“Quer uma entrevista com um homem rato.”

“Bingo.”

“Não posso me permitir o luxo de ficar exposto, Anita. Você sabe disso.”

“Não tem que ser você. Há por aí alguém que quisesse encontrar-se com ela?”

“Perguntarei por aí” disse.

“Obrigada, Louie.” Fiquei de pé.

Levantou-se e me ofereceu a mão. Seu apertão foi firme, mas não muito forte, só o adequado. Perguntei-me quão rápido seria, e quão fácil seria para ele esmagar minha mão até convertê-la em polpa. Ele deve ter notado em meu rosto.

“Você deveria deixar de sair com o Richard. Até que resolva isto” ele me disse.

Inclinei a cabeça. “Sim, talvez.”

Ficamos ali, de pé, em silêncio durante um momento. Não parecia haver nada mais que dizer, então parti. Não tinha nenhuma resposta engenhosa, ou alguma piada boa. Logo que tinha escurecido e estava cansada. O suficientemente cansada para ir a casa e me arrastar até minha cama. Em lugar disso, estava a caminho do Café Lunático. Ia tentar convencer Marcus para que me deixasse ir à polícia. Oito desaparecidos e um humano morto. Não deveria estar relacionado. Mas se era um homem lobo, então Marcus ou Raina saberiam quem o fez. Eles me diriam isso?

Provavelmente sim, provavelmente não, mas tinha que perguntar. Contariam a mim, mas não à polícia. Era engraçado como todos os monstros se dirigiam a mim e não à polícia. Tinha que começar a me perguntar por que os monstros se sentiam tão malditamente cómodos comigo ao redor.

Levantava zumbis e matava vampiros. Quem era eu para atirar pedras?

Caminhei pela calçada do campus para o carro. Andei de um foco de luz ao outro. Minha respiração nublou o resplendor das luzes. Era minha noite livre, assim estava vestida totalmente de preto. Bert não deixava eu me vestir de preto para trabalhar. Dizia que dava má impressão, muito violento ao estar associado à magia negra. Se ele tivesse investigado, teria encontrado que o vermelho, o branco e muitas outras cores são utilizadas em rituais negros. Depende da religião. A sua parte anglo-saxã não gostava, por isso censurava a roupa preta.

Jeans pretos, meus Nike Airs preto com um swoosh<sup>1161</sup> melancólico, um pulôver preto, e um casaco preto. Inclusive minhas armas e meus coldres eram pretos. Esta noite me vestia muito monocromática.

Eu estava usando prata, mas estava escondida sob o pulôver, uma cruz, e um faca em cada antebraço. Dirigia-me para o Café Lunático. Ia tentar persuadir Marcus para que me deixasse compartilhar informação com a polícia. Os licantropos desaparecidos, até os que eram como Peggy Smitz que não desejavam que se soubesse seu segredo, estavam a salvo, por agora, da má imprensa. Estavam mortos. Tinham que estar. Não há maneira de acreditar que oito trocadores de formas desapareceram contra sua vontade durante tanto tempo. Não vivos.

Não poderia prejudicá-los dizer à polícia, e poderia salvar outros trocadores de formas de morrer. Tinha que falar com as pessoas que os tinham visto pela última vez antes de desaparecer. Por que nenhum deles tinha lutado? Essa tinha que ser uma pista. Ronnie era melhor nestas coisas que eu. Talvez pudéssemos sair amanhã para averiguar.

Richard estaria lá? Se fosse assim, o que se supunha que eu devia lhe dizer?

Detive-me. Estava na fria escuridão, parada entre duas luzes. Não estava preparada para ver o Richard outra vez. Mas tínhamos um cadáver, talvez mais. Não podia me acovardar simplesmente porque não queria ver Richard. Era pura covardia.

A verdade é que prefiro enfrentar com o olhar um grupo de vampiros que a um suposto noivo.

O vento assobiou a minhas costas como se uma tempestade de neve se elevasse atrás de mim. Meu cabelo ondeou ao redor de minha cara. As árvores ficaram em um silêncio gélido, o vento desapareceu. Girei rapidamente com a Browning na mão. Algo me golpeou as costas me estrelando contra a calçada.

Tentei me proteger com os braços batendo ruidosamente com eles ao cair sobre o concreto. Eles ficaram dormentes e tremeram. Não podia sentir as mãos. A cabeça rangeu contra o piso.

Esse momento depois de um forte golpe na cabeça, realmente bom, no qual não se pode reagir. Esse momento congelado quando te perguntas se alguma vez será

capaz de te mover de novo.

Alguém se sentava sobre minhas costas. As mãos sacudiam meu casaco pelo lado esquerdo. Ouvi o rasgão do tecido. Voltava a sentir meus braços. Tinha perdido a Browning. Tratei de me girar pelo outro lado para conseguir a Firestar. Uma mão golpeou de novo minha cabeça contra a calçada. A luz explodiu dentro da minha cabeça. Minha visão se obscureceu, e quando pude ver de novo, vi a cara do Gretchen sobre mim.

Segurava um punhado de meu cabelo, puxando-o dolorosamente para um lado. Meu pulôver se rasgou no ombro. A boca do Gretchen estava amplamente aberta, as presas brilhavam na escuridão. Gritei. A Firestar se encontrava presa sob meu corpo. Procurei uma das facas, mas estava sob a manga de meu casaco, debaixo da manga de meu pulôver. Não ia conseguir pegá-la a tempo.

Ouviru-se um grito estridente, e não era eu. Uma mulher se encontrava em pé no final da calçada gritando. Gretchen levantou o pescoço e grunhiu para ela. O homem que a acompanhava a agarrou pelos ombros e a empurrou para fora do caminho. Correram. Inteligentes.

Cravei-lhe a faca na garganta. Não era um golpe mortal eu sabia, mas pensei que ela ficaria de pé e assim teria uma oportunidade para agarrar a Firestar. Não o fez.

Introduzi a faca profundamente até o punho, o sangue empapou minha mão, salpicou minha cara. Retirou-se rapidamente, procurando minha garganta.

A faca tinha causado tanto dano quanto podia. Não havia tempo de alcançar a segunda. Encontrava-me ainda em cima da arma. Eu observava fixamente como ela vinha para mim, eu sabia que ia morrer.

Algo na escuridão a derrubou, jogando-a para longe de mim com o impacto. Fiquei ofegante na calçada, piscando. Tinha a Firestar em minha mão. Não lembrava de te-la sacado. Prática, prática, prática.

Um homem rato estava em cima de Gretchen. O escuro focinho inclinado para baixo, os dentes brilharam fortemente. Gretchen agarrou o focinho, segurando os dentes que poderiam destroçar sua garganta. Uma garra coberta de cabelo cortou completamente sua cara pálida. O sangue fluiu. Ela gritou, dando murros com uma mão no estômago dele. Levantou-o no ar, o suficiente para colocar as pernas debaixo dele. Levantou-o e o separou-se de um empurrão no ar. O homem rato caiu como uma bola lançada.

Gretchen estava de pé instantaneamente. Eu avistei no chão o cano da arma, no piso ainda. Mas ela desapareceu entre os arbustos, perseguindo o homem rato. Tinha perdido minha chance.

Os grunhidos e o som dos galhos quebrando chegavam da escuridão. Tinha que ser Louie. Não conhecia muitos homens ratos que fossem a meu resgate. Pus-me de

pé e o mundo girou. Tropecei e precisei de toda minha força de vontade para não cair. Pela primeira vez me perguntei o quão gravemente ferida estava.

Eu sabia que estava arranhada porque podia sentir a pontada de dor e ardência que se sente quando se rompe a primeira camada de pele. Levantei a mão para a cabeça e senti o sangue. Parte dele era meu.

Avancei outro passo, podia conseguir. Provavelmente o havia tentado muito rápido. Esperava que sim. Não sabia se um homem rato podia brigar contra um vampiro, ou não. Mas não ficaria de pé na rua esperando e descobrir.

Estava no final das árvores quando saíram da escuridão e caíram sobre mim.

Caí sobre o piso pela segunda vez, mas não tive tempo para recuperar o fôlego. Comecei a rodar para minha direita, olhando por debaixo de meu braço para o ruído. O movimento foi muito brusco, minha visão se nublou. Quando pude enfocar de novo, Gretchen tinha afundado as presas no pescoço do Louie. Ele deu um chiado alto, furioso. Não podia atirar neles deitada. Tudo o que eu podia ver daqui era o corpo do homem rato, os braços e as pernas dela cavalgando sobre ele, mas o único tiro que teria para poder matá-la era em linha reta para sua cabeça loira. Não me atrevia a tentá-lo. Também podia matar ao Louie. Se olhasse por esse lado, era um disparo duvidoso.

Pus-me de joelhos. O mundo trocou e a náusea subiu por minha garganta. Quando a visão se esclareceu outra vez, não havia nada a que disparar. Algum truque de uma luz distante fez brilhar o sangue que fluía de sua garganta. Se ela tinha posto os dentes no Louie, ele estaria morto.

Disparei do chão perto deles, esperando que a assustasse o suficiente. Não o fez. Apontei a uma árvore logo acima de sua cabeça. Tão perto do Louie quanto me atrevia. A bala estalou na árvore. Um olho azul me olhou enquanto se alimentava por completo dele. Ela ia mata-lo enquanto eu observava.

“Atire nela!” disse a voz do Louie deformada por suas mandíbulas peludas, mas era sua voz. Seus olhos vidrados se fecharam enquanto olhava. Suas últimas palavras.

Tomei um profundo fôlego e apontei com as duas mãos, uma por cima da outra como se segurasse uma xícara de chá. Olhei por cima de um dos olhos pálidos. A escuridão nadou sobre minha vista. Esperei de joelhos, cega, que minha visão se esclarecesse para apertar o gatilho. Se minha vista nublassem enquanto disparava, acertaria ao Louie. Estava sem opções.

Ou talvez não.

“Richard me pediu em casamento e eu disse sim. Pode sentir o cheiro de uma mentira. Eu disse disse sim para me casar com outra pessoa. Não temos que fazer isto.”

Vacilou. Olhei fixamente seu olho. Minha vista melhorava. Com o braço

estável, apertei o gatilho. Ela soltou a garganta dele, deslizando a cabeça por sua pelagem do pescoço, escondendo-se. A voz soou amortecida mas o suficientemente clara.

“Ponha no chão sua pequena arma e o deixarei partir.”

Tomei ar e levantei a arma para o céu. “Deixe-o ir.”

“Primeiro a arma” ela respondeu.

Não queria entregar minha única arma. Era uma má idéia. Mas, que opção eu tinha? Se era Gretchen, não me queria armada. Ainda tinha minha segunda faca, mas a esta distância era inútil. Até se pudesse lançar-lhe o bastante bem para lhe atravessar o coração, teria que ser um golpe preciso. Ela era muito velha para causar dano. Eu tinha afundado profundamente uma faca até o punho em sua garganta e não a tinha detido. Tinha-me impressionado.

Coloquei a Firestar sobre a calçada e levantei as mãos para lhe deixar ver que estava desarmada. Gretchen se levantou lentamente desde atrás do corpo lasso do Louie. Sem seu apoio, o corpo caiu de costas. Havia uma flacidez no movimento que me assustou. Era muito tarde? Poderia a mordida de um vampiro matar como a prata?

A vampira e eu nos observamos. Minha faca se sobressaía em sua garganta como um sinal de admiração. Ela não tinha sequer se incomodado em tirá-la. Jesus. Não devo ter atingido a laringe ou não teria sido capaz falar. O vampirismo também tem seus limites. Olhei-a nos olhos. Não acontecia nada. Era como olhar aos olhos de alguém. Nada acontecia. Talvez mantinha seu poder sob controle? Não.

“Ele ainda está vivo?”

“Venha aqui e veja você mesmo.”

“Não, obrigada.” Se Louie estava morto, eu morrer também não o ajudaria.

Ela sorriu.

“Me conte de novo essa tua notícia.”

“Richard me pediu em casamento, e eu disse sim a ele.”

“Você ama esse Richard?”

“Sim.” Não era momento para duvidar. Ela aceitou com aprovação. Eu acredito que era verdade. Surpresa. Surpresa.

“Diga isso ao Jean-Claude e ficarei contente.”

“Eu planejo contar a ele.”

“Esta noite.”

“Muito bem, esta noite.”

“Mentira. Quando você partir, curará as tuas feridas, curará a ele e não irá até Jean-Claude.”

Eu não poderia escapar com uma pequena mentira inocente, merda.

“O que quer?”

“Ele está na Prazeres Malditos esta noite. Vá até lá e conte a ele. Estarei te esperando.”

“Tenho que cuidar dos ferimentos antes de fazer algo” eu disse.

“Cuide de suas feridas, mas vá a Prazeres Malditos antes do amanhecer, ou nossa trégua se acaba.”

“Por que você não conta ao Jean-Claude?”

“Ele não acreditaria em mim.”

“Poderia dizer a ele que disse a verdade” eu disse.

“Só porque eu acredito que é verdade, não quer dizer que ele acreditaria. Mas sentira o cheiro da verdade em ti. Se eu não estiver lá, me espere. Quero estar presente quando disser a ele que ama a outro. Quero ver a cara dele.”

“Bem, estarei lá antes do amanhecer.”

Passou por cima do corpo do Louie. Tinha a Browning na mão direita, segurou-a pela culatra, segurando-a não para disparar, mas para me com ela. Caminhou com passo majestoso e recolheu a Firestar, me seguindo com o olhar.

O sangue gotejou pelo punho da faca de sua garganta. Caía formando uma densa franja molhada. Sorriu e meus olhos se alargaram.

Eu sabia que não a tinha matado, mas pensei que doeria. Talvez só se tirasse as facas por costume. Não parecia incomodar a Gretchen.

“Pode recuperá-las depois que contar a ele” ela disse.

“Você espera que ele me mate” eu disse.

“Não derramarei lágrimas.”

Maldição. Gretchen deu um passo para trás, e depois outro. Parou no final das árvores, uma pálida forma na escuridão. “Ficarei te esperando, Anita Blake. Não me decepcione esta noite.”

“Estarei lá” eu disse.

Sorriu, mostrando os dentes ensangüentados, deu um passo atrás de novo e se foi. Pensei que era um truque mental, mas se produziu uma contracorrente de ar. As árvores se moveram como se passasse uma tormenta. Procurei com o olhar e vi algo momentaneamente. Não asas, não um morcego, a não ser... algo. Algo ao que meus olhos não quiseram ou não puderam lhe dar sentido.

O vento desapareceu e a escuridão invernal se manteve tranqüila, tão tranqüila como uma tumba. As sirenes gemeram ao longe. Supus que os universitários tinham chamado à polícia. Não podia culpá-los.

Fiquei de pé, com cuidado. O mundo não girou ao meu redor. Ótimo. Caminhei até Louie. Sua forma de homem rato estava ainda na grama escura. Ajoelhei-me, e me veio outra onda de enjôo. Esperei de joelhos que passasse.

Quando o mundo esteve estável mais uma vez, pus a mão sobre o peito coberto de cabelo. Soltei um suspiro quando o peito se elevou e desceu sob minha palma. Vivo, respirando. Fantástico.

Se ele estivesse na forma humana, teria verificado a ferida do pescoço. Estava bastante segura que só tocando seu sangue na forma animal não me converteria em licantropo, mas não estava cem por cento certa. Já tinha problemas suficientes sem me tornar peluda uma vez ao mês. Além disso, se tivesse que escolher um animal, o rato não seria um deles.

As sirenes se escutavam mais perto. Não estava certa do que fazer. Tinham-lhe feito muito dano, mas tinha visto Richard pior e havia se curado. Mas, tinha precisado de um pouco de assistência médica para curar-se? Não sabia. Poderia esconder Louie nos arbustos, abandonando-o para morrer? Se os policiais o achassem, seu segredo seria descoberto. A vida seria um caos a seu redor, só por ter me ajudado.

Não era justo.

Um comprido suspiro se elevou do focinho bicudo. Um estremecimento passou pelo seu corpo. A pelagem começou a retroceder como a maré baixando. Os membros de rato começaram a endireitar-se. As pernas o fizeram com facilidade. Observei sua forma humana elevar-se da pelagem como uma forma apanhada em gelo.

Louie estava sobre a grama escura, pálido, nu e muito humano. Nunca antes tinha visto o processo de regressão. Era tão espetacular quanto a mudança para a forma animal, mas não era tão aterrorizante, talvez devido ao resultado final.

A ferida no pescoço parecia mais uma mordida de animal que a de um vampiro, pele rasgada, mas dois dos sinais eram mais profundos, presas. Já não havia nada de sangue na ferida. Quando olhei, o sangue começou a fluir. Não o podia ter certeza na escuridão, mas parecia que a ferida já tinha começado a curar-se. Comprovei o pulso. Era estável e forte, mas o que eu sabia? Não era médico.

A sirene era silenciosa, mas tingia a escuridão por cima das árvores como um relâmpago colorido. Os policiais vinham e tinha que decidir o que fazer. Minha cabeça estava se sentindo melhor. Minha visão estava clara. O enjôo parecia ter acabado. É obvio, não tinha tentado me pôr de pé outra vez. Poderia levar ele arrastando-o, não muito rápido nem muito longe, mas poderia fazê-lo. Os sinais de dentada se reduziam.



Infernos, estaria curado antes da alvorada. Não podia deixar que os policiais o vissem, e não podia o abandonar aqui. Não sabia se os licantropos podiam morrer de frio, mas não me sentia afortunada esta noite.

Cobri-lhe com meu casaco, envolvendo-lhe quando o levantei. Não evitaria que se congelasse em certos lugares delicados. Podia perder um dedo do pé.

Respirei fundo e me levantei com ele sobre meus ombros. Os meus joelhos não gostaram de levantar ele. Mas me pus de pé e minha visão vacilou. Aqui estava, me mantendo contra um mundo de repente em movimento. Caí de joelhos. O peso suplementar me fez mal.

A polícia vinha. Se não saísse daqui agora mesmo, eu podia renunciar também. Me render não era uma de minhas melhores qualidades. Apoiei-me sobre um joelho e dei um último impulso. Meus joelhos protestaram, mas estava de pé. Ondas negras passavam sobre meus olhos. Só me mantive, deixando que passasse o enjôo. Não era tão mau desta vez. As náuseas eram piores. Vomitaria mais tarde.

Fiquei na calçada. Não confiava em mim sobre a neve. Além disso, os policiais poderiam me seguir até a cidade por meus rastros na neve. Um grupo de árvores me escondeu da visão das luzes intermitentes.

A calçada me conduziu ao redor de um edifício. Uma vez rodeado, poderia ir até meu carro. Conduzir não era uma boa idéia enquanto minha visão estivesse assim, mas se não conseguia pôr alguma distância entre os policiais e eu, todo este esforço seria inútil. Tinha que me pôr ao volante do carro. Tinha que conseguir tirar Louie de vista.

Eu não olhei para trás para ver se havia lanternas varrendo a área. Olhar para trás não ajudaria, e com o Louie sobre os ombros era muito esforço. Pus um pé diante do outro, e a esquina do edifício apareceu diante de nós. Estávamos fora da vista, até se limpassem as árvores. Era um progresso. Ótimo.

A lateral do edifício se estendia como um monólito escuro a minha esquerda. A distância ao redor do edifício parecia crescer. Pus um pé diante do outro. Se só me concentrasse em andar, podia conseguir.

Louie pareceu ficar mais leve. O que não era certo. Estava a ponto de desmaiar e ainda não tinha me dado conta?

Procurei e encontrei a esquina do edifício diretamente a meu lado. Tinha perdido um pouco de tempo aí. Era um mau sinal. Apostava que tinha uma concussão. Não podia ser tão ruim ou não suportaria certo? Por que eu não acreditava nisso?

Olhei atentamente à volta da esquina, me concentrando em não bater as pernas do Louie contra o edifício. Levou muito mais concentração do que devia.

A polícia ilumina a escuridão. O carro estava estacionado em uma esquina com uma porta aberta. O rádio encheu a noite de grasnidos confusos. O carro parecia

vazio. Entrecerrar os olhos para ver algo que estava longe trouxe outra onda de escuridão a meus olhos. Como diabos eu ia dirigir? Um problema de cada vez. Agora mesmo, só tinha que conseguir colocar Louie no Jipe, fora da vista.

Me afastar do amparo do edifício. Era meu último refúgio. Se agora os policiais viessem para mim atravessando o estacionamento, tudo estaria acabado.

Um domingo a noite não havia muitos carros no estacionamento de visitas. Meu Jipe estava estacionado sob uma das luzes. Sempre estacionava sob a luz se podia. Regra de segurança número um para mulheres que viajam sozinhas depois do anoitecer. O Jipe parecia estar dentro de um foco. A luz provavelmente não era tão brilhante. Só parecia assim porque tentava passar despercebida.

Em algum lugar, a metade de caminho ao Jipe, compreendi que a ferida na minha cabeça não era o único problema. Certamente eu podia levantar muito peso, até andar com ele, mas não para sempre. Meus joelhos tremiam.

Cada passo se tornava mais lento e custava mais esforço. Se caísse outra vez, não ia ser capaz de voltar a carregar Louie. Não estava certa se seria capaz de me recuperar.

Um pé diante do outro, só um pé diante do outro. Concentrei-me em meus pés até que os pneus do jipe apareceram. Então, não foi tão difícil.

As chaves do carro estavam, é óbvio, no bolso de casaco. Apertei o botão que abria as portas. O assobio do som que indicava a abertura me pareceu bastante forte para despertar a um morto. Abri as portas pela metade, equilibrando Louie. Deixei-o cair no assento traseiro. O casaco se abriu, revelando uma linha nua do corpo. Devia estar me sentindo melhor se pensava em perder tempo para colocar o casaco sobre sua virilha e sob peito. Deixei um braço fora, brando e torpe, mas estava bem. Meu sentido da decência poderia viver com um braço nu.

Fechei a porta e me vi de perfil no espelho. Um lado da cara era uma máscara sangrenta, as áreas limpas tinham arranhões ensangüentados. Entrei no Jipe, alcancei uma caixa de lenços umedecidos de bebe com lanolina e aloé-vera do porta-luvas. Tinha começado a carregar isso para ajudar a limpar o sangue que se usa para levantar zombis. Funcionava melhor que o sabão e a água que tinha estado utilizando.

Limpei o suficiente de sangue para não ser detida pelo primeiro policial que me visse, logo me deslizei atrás do volante.

Joguei uma olhada ao retrovisor. O carro patrulha ainda permanecia ali a sós, como um cão que espera a seu sono. O motor dava sacudidas.

Pus o carro em marcha e acelerei. O Jipe se lançou sobre uma luz como se fosse um ímã. Pisei de repente o freio e me alegrei de ter posto o cinto de segurança.

Bem, estava um pouco desorientada. Acendi a luz, que se supõe que é para verificar a maquiagem, e em troca, verifiquei meus olhos. As pupilas estavam iguais.

Se uma pupila estivesse dilatada, poderia significar que tinha um derrame cerebral. Pessoas morriam por coisas assim. Isso nos entregaria aos policiais e conseguido uma ambulância ao hospital. Mas não era tão grave. Esperava.

Apague a luz e deixei avançar o Jipe. Se conduzisse muito devagar, o carro não iria querer beijar a luz. Ótimo. Avancei pouco a pouco pelo estacionamento, esperando ouvir gritos detrás de mim. Nada. A rua estava escura e delineada com carros a ambos os lados. Avancei lentamente rua abaixo a aproximadamente 20 km/h, com medo de ir mais rápido. Parecia que conduzia entre carros em direção contrária. Uma ilusão desencorajadora, mas como o inferno.

Entreí em uma rua maior e os faróis apunhalaram meus olhos. Pus a mão fazendo de viseira em meus olhos e quase me choquei contra um carro estacionado. Merda. Tinha que parar antes que me chocasse contra algo.

Passaram quatro quadras antes de que encontrasse um posto de gasolina com cabines telefônicas. Não estava certa de como a vi. Não queria que algum empregado muito entusiasta chamasse à polícia, depois de ter passado por tantos problemas tentando escapar.

Parei o Jipe no estacionamento. Se me excedesse e batesse nas bombas de gasolina, poderiam chamar os policiais de todos os modos. Parei o Jipe diante do meio-fio do poste telefônico. Estacionei-o na praça, estava muito aliviada de ficar em pé.

Procure no cinzeiro. Nunca tinha contido nada, salvo a mudança.

Quando deixei o carro me dei conta pela primeira vez do frio que fazia sem o casaco. Corria uma fria linha que descia por minhas costas onde o suéter tinha sido rasgado. Disquei o número do Richard sem pensar nisso. A quem mais podia chamar? A secretária eletrônica atendeu.

“Merda, esteja em casa, Richard, esteja em casa.”

O bip soou.

“Richard, sou Anita. Louie está ferido. Atenda se estiver aí. Richard, Richard, droga, Richard, atenda.” Apoiei a testa contra o metal fresco da cabine Telefônica.

“Atenda, atenda, atenda. Richard. Merda.”

Atendeu, parecia sem fôlego.

“Anita, sou eu. O que aconteceu?”

“Feriram o Louie. Sua ferida pode curar-se, mas como o explica em uma sala de emergência do hospital?”

“Não faça isso” ele disse.

“Temos doutores que podem te atender. Lhe darei uma direção.”

“Não posso dirigir.”

“Você está ferida?”

“Sim.”

“O quanto está ruim?”

“O bastante como para não querer conduzir.”

“O que aconteceu com vocês?”

Dei a ele uma versão muito breve dos acontecimentos da noite. Um ataque de vampiro, sem nenhum motivo específico. Não estava preparada para lhe dizer que tinha que contar ao Jean-Claude nosso compromisso, porque não estava segura que tivéssemos algum. Ele tinha perguntado, eu disse que sim, mas agora não estava certa. Duvido que Richard estivesse mais seguro.

“Me dê a direção.”

Fiz-o.

“Conheço o posto de gasolina da que falas. Paro aí às vezes quando fico com o Louie.”

“Ótimo. Quando pode estar aqui?”

“Você vai ficar bem até que eu possa chegar?”

“Certeza.”

“Se não estás bem, chame à polícia. Não arrisque a vida só para guardar o segredo do Louie. Ele não iria querer isso.”

“Vou lembrar disso.”

“Não te faça de durona, Anita. Não quero que te aconteça nada.”

Sorri com minha testa apoiada contra o telefone.

“Me comportar como uma durona é a única forma em que pude conseguir chegar até aqui. Só venha, Richard. Esperarei.”

Desliguei antes que ficasse meloso. Sentia-me excessivamente lamentável para resistir a muita compaixão.

Retornei ao Jipe. Fazia frio dentro do carro. Tinha esquecido de ligar o aquecedor. Virei o aquecedor ao máximo. Ajoelhei-me no assento e verifiquei ao Louie. Não tinha se movido. Toquei a pele do pulso para verificar o pulso. Era forte e estável. Por gosto, levantei a mão e a deixei cair de novo. Nenhuma reação. A verdade é que eu não tinha esperado que a houvesse.

Geralmente, um licantropo fica na forma animal durante oito ou dez horas. A mudança que ele tinha feito antes custava muita energia. Embora não tivesse lhe feito mal, Louie estaria dormido pelo resto da noite. Embora o sono fosse também suave. Não podia despertá-los. Não era um grande método de sobrevivência. Igual a dormir durante o dia não ajudava muito aos vampiros. Era uma forma evolutiva para nos ajudar aos fracos.

Recostei-me no assento. Não estava certa de quanto tempo Richard levaria até chegar aqui. Joguei uma olhada ao edifício da estação. O homem atrás do mostrador lia uma revista. Até o momento não havia se dado conta de nós. Se estivesse olhando, teria me afastado das luzes. Não queria que se perguntasse porquê ficava

aqui, mas se não prestasse atenção em mim, simplesmente ficaríamos.

Inclinei-me para trás, apoiando a cabeça contra o encosto. Queria fechar os olhos, mas não o fiz. Estava quase certa de que tinha uma concussão. Dormir não era uma boa idéia. Já tinha tido uma ferida pior que esta e Jean-Claude a tinha curado. Mas uma marca de vampiro era muito para uma concussão suave.

Este era a primeira vez que me tinham feito mal desde que perdi as marcas do Jean-Claude. Tinha sido mais difícil me fazer mal e me curava mais rápido. Não era um mau efeito secundário. Um dos outros efeitos tinha sido a capacidade de poder olhar a um vampiro aos olhos sem que pudesse me enfeitiçar. Como tinha acontecido com os olhos de Gretchen.

Como tinha mantido seu olhar impunemente? Jean-Claude tinha mentido pra mim? Havia alguma sinal persistente? Outra pergunta para fazer a ele quando o encontrasse. É obvio, depois de que lhe desse o boletim informativo, todo o inferno viria abaixo e não haveria mais perguntas. Bem, talvez uma pergunta. Jean-Claude tentaria matar ao Richard? Provavelmente.

Suspirei, fechando os olhos. De repente estava muito cansada, tão cansada que não queria abri-los. O sonho me arrastava. Abri os olhos e me deslizei no assento. Possivelmente só era a tensão, a adrenalina correndo, ou talvez era uma concussão. Acendi a luz do teto e verifiquei Louie outra vez. Respiração e pulso estáveis. A cabeça estava de lado, o pescoço estirado em uma linha larga, mostrando a ferida. Os sinais de mordida estavam se curando. Não podia ver como acontecia, mas cada vez que olhava, estavam melhor. É como tentar ver uma flor. Vê o efeito, mas nunca o vê acontecer realmente.

Louie ficaria bem. Estaria bem Richard? Havia dito sim porque no calor do momento queria dizê-lo. Podia ver passar minha vida com ele. Antes que Bert me encontrasse e me mostrasse como usar meu talento para fazer dinheiro, tinha tido uma vida. Tinha ido a excursão, acampado.

Tinha sido uma bióloga que pensava continuar o mestrado e doutorado, e estudar criaturas sobrenaturais para o resto de minha vida. Uma espécie de Jane Goodall sobrenatural. Richard tinha me lembrado tudo isto, o que a princípio tinha acreditado que seria minha vida. Eu não tinha planejado passar a minha vida com a bunda metida profundamente em sangue e morte. De verdade.

Se cedesse a Jean-Claude, aceitaria que só haveria morte, só violência. Sex, atraente, mas morte apesar de tudo. Havia pensado que com o Richard tinha uma possibilidade na vida. Algo melhor. Depois da noite anterior, não estava tão segura.

Era muito pedir a alguém que fosse humano? Infernos, conhecia muitas mulheres de minha idade que não podiam conseguir um encontro. Tinha sido uma delas até o Richard. Bem, Jean-Claude me teria convidado, mas o evitava. Não podia me imaginar namorando Jean-Claude como se ele fosse um tipo normal. Podia

imaginar fazer sexo com ele, mas não um encontro. O pensamento dele me pegar às oito, me deixando em casa e satisfeito com um beijo de boa noite parecia ridículo.

Fiquei ajoelhada no assento, com o olhar fixo no Louie. Tinha medo de me virar e me acomodar, medo de dormir e não despertar. Realmente não tinha medo, mas estava preocupada. Uma viagem ao hospital não poderia ser uma má idéia, mas primeiro tinha que falar com Jean-Claude sobre o Richard. E o impedir de matá-lo.

Pus o rosto entre meus braços, uma dor profunda e palpitante acudiu a minha testa. Bom. Minha cabeça deveria doer depois da surra que tinha recebido. O fato de que não estivesse doendo, havia me preocupado. Uma boa dor de cabeça, podia viver com ela.

Como ia manter Richard vivo? Sorri. Richard era um lobo alfa. O que me fez pensar, o que me fez acreditar que não poderia se cuidar?

Tinha visto o que Jean-Claude podia fazer. Tinha lhe visto quando não era totalmente humano. Talvez depois de que visse o Richard trocar, pensaria diferente. Talvez não me sentiria tão protetora.

Talvez o inferno se congelasse.

Verdadeiramente amava ao Richard. Realmente o amava. Eu queria dizer que sim. Tinha vontade de dizer isso antes da noite passada. Antes de sentir seu asqueroso poder sobre minha pele. Jean-Claude tinha razão em uma coisa. Richard não era humano. A cena de sucção o tinha excitado. A idéia de sexo do Jean-Claude seria tão estranho quanto isto? Nunca tinha me permitido averiguá-lo.

Alguém bateu na janela. Saltei e girei. Minha visão dançou com serpentinas negras. Quando pude ver outra vez, a cara do Richard estava ali.

Destranquei as portas e Richard abriu uma. Começou a aproximar-se de mim e se deteve. A vacilação em sua cara foi dolorosa. Não estava seguro de que teria deixado-o me tocar. Me virei para não ver a dor em sua cara. O amava, mas o amor não era suficiente. Todos os contos de fadas, os livros de romances, as novelas, é tudo mentira. O amor não conquista tudo.

Procurou não me tocar. Sua voz soou indiferente.

“Anita, estás bem? Parece horrível.”

“É bom saber que pareço como me sinto” eu disse.

Tocou minha bochecha, os dedos se deslizaram sobre a pele, uma carícia fantasmal que me fez tremer. Traçou a borda do arranhão. Doeu e me afastei. Uma gota de sangue manchou a ponta do dedo dele, brilhando com a luz do teto. Observei-o contemplar o sangue. Vi uma ponte de pensamento detrás dos olhos cor café. Quase lambeu os dedos para limpá-los, como tinha feito Rafael. Limpou os dedos no casaco, mas eu tinha visto o hesitação. Sabia que a tinha visto.

“Anita...”

A porta traseira se abriu e me virei, alcançando a última faca que tinha. O

mundo nadou em ondas de escuridão e náuseas. O movimento tinha sido muito brusco. Stephen, o homem lobo, estava de pé na porta entre aberta e me observava. Estava ali congelado, com os olhos azuis arregalados. Olhava a faca de prata em minha mão. O fato de que tivesse estado cega e muito doente para usá-la, parecia tê-lo salvo. Poderia ter acontecido se estivesse ajoelhada, me aproximando dele. Tinha querido golpear às cegas, como um morcego, sem ter em conta quem tivesse estado de pé ali.

“Não me disse que havia trazido alguém contigo” eu disse.

“Eu deveria ter mencionado” respondeu Richard.

Relaxe, voltando a me ajoelhar no assento.

“Sim, deveria ter mencionado.”

A faca brilhou com a luz do teto. Parecia uma lâmina de barbear afiada e bem conservada. E era.

“Só ia verificar Louis” disse Stephen. Parecia um pouco inseguro. Vestia uma jaqueta de couro preto com pinos de prata costurados ao redor da garganta. O cabelo loiro, comprido e encaracolado, caía sobre a jaqueta. Parecia um motorista efeminado.

“Ótimo” eu disse.

Stephen olhou por cima de mim ao Richard. Senti mais que vi Richard assentir com a cabeça. “Está bem, Stephen.”

Havia algo em sua voz que fez me virar devagar para lhe olhar. Tinha um olhar estranho na cara.

“Talvez você seja tão perigosa quanto finge ser.”

“Eu não finjo, Richard.”

Afirmou com a cabeça.

“Talvez não.”

“É um problema?”

“Enquanto não atira em mim, ou aos membros do bando, suponho que não.”

“Não posso prometer sobre seu bando.”

“São meus para protegê-los” ele disse.

“Então te assegure que deixem o inferno só para mim.”

“Lutaria contra mim por isso?” ele perguntou.

“Você lutaria contra mim?”

Sorriu, mas não parecia feliz.

“Eu não poderia lutar contra ti, Anita. Nunca poderia te machucar.”

“É aí onde somos diferentes, Richard.”

Inclinou-se como se fosse me beijar. Algo em minha cara o deteve.

“Acredito em ti.”

“Ótimo” eu disse. Guardei a faca em sua capa. Contemplei sua cara enquanto o

fazia. Não precisava olhar para guardar a faca em seu lugar. “Nunca me subestime, Richard, nem ao que estou disposta a fazer para me manter viva. Para manter vivos a outros. Não quero que lutemos, não dessa forma, mas se não controlar o seu bando, então o farei.”

Afastou-se de mim. Sua cara parecia quase zangada. “É uma ameaça?”

“Estão fora de controle e você sabe. Não posso prometer não machucá-los a menos que possa garantir que vão se comportar. E você não pode fazer isso.”

“Não, não posso te garantir isso.” Não gostou de admitir.

“Então, não me peça que prometa que não lhes farei mal.”

“Pode ao menos tratar de não matá-los, como primeira opção?”

Pensei nisso. “Não sei. Talvez.”

“Não pode só dizer, 'Sim, Richard, não matarei a seus amigos'?”

“Seria uma mentira.”

Inclinou a cabeça. “Eu suponho que sim.”

Ouvi o rangido do couro do assento traseiro quando Stephen se moveu. “Louie esta desmaiado, mas estará bem.”

“Como o meteu no Jipe?” perguntou Richard.

Olhei pra ele.

Ele teve a decência de parecer envergonhado. “Carregou-o. Eu sabia.” Tocou o corte de minha testa brandamente. Ainda doía. “Inclusive assim, carregou-o.”

“Era isso ou deixar que os policiais o pegassem. O que teria acontecido se tivessem o colocado em uma ambulância e tivesse começado a curar-se assim?”

“Saberiam o que ele era” respondeu Richard.

Stephen se apoiava no respaldo do assento, o queixo descansava nos antebraços. Parecia ter esquecido que quase o tinha apunhalado, ou acaso estava acostumado a ser ameaçado. Provavelmente. De perto, os olhos dele eram de um surpreendente azul aciano. Com o cabelo loiro ao redor da cara parecia uma daquelas bonecas de porcelana que comprem em tenda exclusivas, com as que nunca lhe deixam jogar de menino.

“Posso levar Louie comigo” ele disse.

“Não” respondi.

Ambos me olharam, surpresos. Não estava certa do que dizer, mas sabia que Richard não podia vir comigo a Prazeres Malditos. Se tinha alguma esperança de manter a todos vivos, Richard não podia estar perto quando desse a notícia.

“Pensei que te levaria pra casa” disse Richard, “ou ao hospital mais próximo, algo que precise.”

Isso era o que preferia, mas não esta noite.

“É o melhor amigo do Louie. Pensei que quereria cuidar dele.”

Observou-me, os encantadores olhos marrons entrecerrados desconfiadamente.



“Você está tentando se livrar de mim. Por quê?”

Doía-me a cabeça. Não podia pensar em uma boa mentira. Não pensei que ele levaria tão mal. “Quanto confia em Stephen?”

A pergunta pareceu fazê-lo perder o equilíbrio. “Confio nele.”

Sua primeira reação foi dizer que sim, confio nele, mas não havia pensado nisso primeiro. “Não, Richard, quero dizer, quanto confia em que não falará com Jean-Claude ou Marcus?”

“Não diria ao Marcus nada que você não quisesse” disse Stephen.

“E ao Jean-Claude?” perguntei.

“Se me fizer uma pergunta direta, teria que dar uma resposta direta” Stephen parecia incômodo quando o disse.

“Como pode guardar mais lealdade ao Amo da Cidade que a próprio líder do seu bando?”

“Sigo ao Richard, não ao Marcus.”

Joguei uma olhada ao Richard. “Uma pequena rebelião no palácio?”

“Raina o queria em um dos filmes. Intervim e o detive.”

“Marcus deve realmente te odiar” eu disse.

“Tem medo de mim” disse Richard.

“Inclusive pior” eu disse.

Richard não disse nada. Conhecia a situação melhor que eu, até se não estava disposto a abordar os últimos incidentes.

“Bem, tinha planejado dizer a Jean-Claude o que me propôs.”

“Você se declarou?” perguntou Stephen. Sua voz manteve uma pontada de surpresa. “Ela disse sim?”

Richard assentiu. O prazer iluminou a cara do Stephen. “Caminhos a percorrer.” Sua cara entristeceu-se. Era como olhar o vento sobre um campo coberto de erva, visível da superfície. “Jean-Claude vai enlouquecer.”

“Eu não poderia ter dito melhor.”

“Então, por que dizer esta noite?” perguntou Richard. “Por que não esperar? Já não estás certa sobre te casar comigo. Estás?”

“Não” eu disse. Lamentei dizê-lo, mas era a verdade. Amava-o, mas se isto seguisse adiante, seria muito tarde. Se tinha dúvidas, tinha que resolver agora. Olhando fixamente sua cara, cheirando o quente perfume de sua loção de barbear, lamentava que não pudesse mandar a precaução passear. Me jogar em seus braços. Mas não podia. Simplesmente não podia, não a menos que estivesse certa.

“Então, por que o diz? A menos que você planeje fugir e não me disse isso, temos um pouco de tempo.”

Suspirei. Contei a ele por que tinha que ser esta noite. “Você não pode vir comigo.”

“Não te deixarei ir sozinha” ele disse.

“Richard, se estiveres perto quando ele descobrir, tentará te matar, e tentarei mata-lo para te proteger.” Sacudi a cabeça. “Se a merda se desata, poderia terminar como Hamlet.”

“Como Hamlet?” perguntou Stephen.

“Todo mundo morto” eu disse.

“Ah.”

“Mataria ao Jean-Claude para me proteger depois do que viu ontem à noite?”

Olhei pra ele. Tentei de ver detrás desses olhos para saber se havia alguém em casa com quem pudesse falar. Ainda era Richard. Com seu amor pelo ar livre, por qualquer atividade com a qual conseguisse sujar-se e um sorriso que esquentava até os dedos de meus pés. Não estava certa se poderia me casar com ele, mas sabia com segurança que não podia deixar ninguém o matar. “Sim.”

“Não te casará comigo, mas mataria por mim. Não entendo.”

“Me pergunte se ainda te amo, Richard. Essa resposta ainda é sim.”

“Como posso te deixar enfrenta-lo sozinha?”

“Estive fazendo isso bem sem você.”

Tocou minha testa e estremei. “Não está bem.”

“Jean-Claude não me fará mal.”

“Você não tem certeza disso” ele disse.

Ele tinha razão nesse ponto. “Não podes me proteger, Richard. Se estiver ali conseguirá que ele mate a ambos.”

“Não posso te deixar ir sozinha.”

“Não dê uma de machão pra mim, Richard. É um luxo que não nos podemos permitir. Se eu disser sim ao casamento vais ter agir como um idiota, podes fazer isso.”

“Você tomou de volta o seu 'sim'?”.

“Tampouco é um não definitivo” eu disse.

“Só a intenção de te proteger te faria dizer não?”

“Não preciso de sua proteção, Richard. Não a quero.”

Apoiou a cabeça contra o encosto e fechou os olhos. “Se eu bancar o cavalheiro branco, você me abandonará.”

“Se pensar que tem que bancar o cavalheiro branco, então é porque não me conhece absolutamente.”

Abriu os olhos e virou a cabeça para me olhar. “Provavelmente eu queira ser seu cavalheiro branco.”

“Esse é seu problema.”

Sorriu. “Suponho que sim.”

“Se puderes dirigir o Jipe até meu apartamento, pegarei um táxi.”

“Stephen pode te levar” ele disse.

Ofereceu-o como voluntário sem perguntar o que diria Stephen sobre isso. Arrogante.

“Não, pegarei um táxi.”

“Não me importo” respondeu Stephen, “esta noite tenho que voltar a Prazeres Malditos de todos os modos.”

Joguei-lhe uma olhada. “O que faz na vida, Stephen?”

Colocou a bochecha sobre o antebraço e riu de mim. Conseguiu parecer encantador e atrativo ao mesmo tempo. “Sou stripper” ele disse.

É obvio que era. Quis assinalar que tinha rechaçado participar de um filme pornográfico, mas ainda assim, despiu-se.

Mas tirar roupa de bom gosto não é o mesmo que ter relações sexuais na tela. Nem de perto.

Lillian era uma mulher pequena, por volta dos cinquenta. Seu cabelo era cinza e branco com um corte limpo e preso em um estilo prático. Seus dedos eram tão rápidos e seguros como o resto dela. A última vez que tinha me curado as feridas, tinha garras e pelagem cinza.

Estava sentada em uma mesa de exame no porão de um bloco de apartamentos. Um edifício que alojava licantropos e que foi comprado por um transmorfo. O porão era a clínica improvisada para os licantropos da área. Eu era a primeira humana que tinham permitido ver o lugar alguma vez. Eu deveria estar lisonjeada, mas não estava me sentindo assim.

“Bem, segundo os raios X, você não tem fratura no crânio.”

“Fico feliz em ouvir isso” eu disse.

“Pode ter uma concussão leve, mas uma assim não aparecerá nas radiografias, ao menos não com a equipe que temos aqui.”

“Então, posso ir?” Comecei a me descer.

Deteve-me com uma mão no braço. “Eu não disse isso.”

Voltei a me recostar na mesa. “Estou te escutando.”

“De má vontade” disse ela sorrindo.

“Se quiser uma brincadeira sob pressão, Lillian, não sou sua garota.”

“Ah, não é isso” disse ela. “Limpei os arranhões e tapei a testa. Teve muita sorte de não precisar de pontos.”

Eu não gosto dos pontos, assim concordei com ela.

“Quero que desperte a cada uma hora durante vinte e quatro horas.” Não devo ter me mostrado feliz, porque acrescentou: “Sei que é chato e provavelmente desnecessário, mas é minha maneira de fazer as coisas. Se dormir e estiveres mais ferida do que acredito que está, poderia não despertar. Assim escute o que diz uma velha senhora rato. Ponha o alarme ou peça que alguém te desperte cada hora durante vinte e quatro horas.”

“Vinte e quatro horas a partir do machucado?” Perguntei esperançosa.

Ela riu. “Normalmente diria que a partir de agora, mas pode fazê-lo a partir do momento em que te feriu. Estamos simplesmente sendo cautelosos.”

“Eu gosto de ser cauteloso.” Richard se afastou da parede. Aproximou-se até nós sob as luzes. “Ofereço-me para te despertar a cada hora.”

“Não pode vir comigo” eu disse.

“Ficarei te esperando no teu apartamento.”

“Ah, nada de conduzir esta noite” disse Lillian. “Como precaução.”

As gemas dos dedos do Richard roçaram as costas de minha mão. Não tentou segura-las, só aquele roçar. Confortante. Não sabia o que fazer. Se ia dizer não no

final, não me parecia justo paquerar. Só o peso de seus dedos produzia uma linha de calor por todo meu braço. Luxúria, só luxúria. Não era o que desejava.

“Vou dirigir o Jipe até seu apartamento, se estiver tudo bem. Stephen pode te levar até a Prazeres Malditos.”

“Posso pegar um táxi.”

“Sentiria-me melhor se Stephen te levasse. Por favor” ele disse.

O por favor me fez sorrir. “Bem, Stephen pode me levar.”

“Obrigado” disse Richard.

“De nada.”

“Eu recomendaria que você fosse diretamente pra casa e descansasse” disse Lillian.

“Não posso” respondi.

Olhou-me com o cenho franzido.

“Muito bem, mas faça isso assim que puder. Se for uma concussão leve e abusares de ti mesma, poderia piorar. E embora não seja uma concussão, o descanso será melhor pra ti que vadiar por aí.”

Sorri. “Sim, doutora.”

Fez um pequeno som de umph. “Eu sei quanta atenção você vai dar as minhas recomendações. Mas façam o que quiserem, os dois. Se não escutar ao senso comum, será melhor que vá.”

Deslizei da mesa e Richard não se ofereceu para me ajudar. Havia motivos pelos quais tínhamos estado saindo durante um tempo. Um momento de enjôo e já me encontrava bem.

Lillian não parecia feliz. “Promete-me que esse enjôo era menos do que parecia.”

“Palavra de escoteiro.”

Assentiu com a cabeça. “Tomarei a palavra.”

Não parecia realmente contente, mas acariciou meu ombro e saiu. Não tinha tomado nenhuma nota. Não havia gráficos para verificar. Nada que demonstrasse que tinha estado aqui alguma vez, exceto por alguns algodões ensangüentados. Era um bom sistema.

Tinha conseguido me recostar e relaxar no carro a caminho daqui. Não sabia se era por não ter que estar ao redor de homens nus, ou se o passeio de carro tinha me ajudado muito. Na verdade, sentia-me melhor, o que era fantástico já que tinha que ver o Jean-Claude esta noite sem importar como me sentisse. Perguntei-me se Gretchen me tivesse dado uma noite de graça se teria ido ao hospital. Provavelmente não.

Não podia postergá-lo por mais tempo. Era o momento de fazê-lo.

“Tenho que ir, Richard.”

Pôs as mãos sobre meus ombros. Não me afastei virou-me para me olhar, e deixei. Sua cara estava muito séria. “Lamento não poder ir contigo.”

“Já falamos sobre isso” eu disse.

Ele desviou o olhar. “Eu sei.”

Toquei seu queixo e elevei seus olhos até meus. “Sem heroísmo Richard, prometa-me isso.”

Seus olhos eram muito inocentes.

“Não sei o que você quer dizer.”

“Que droga. Você não pode esperar do lado de fora. Você tem que ficar aqui. prometa-me isso.”

Deixou cair seus braços e se afastou com um andar majestoso. Apoiou-se com as mãos na outra mesa de exame com os braços mantendo todo o peso. “Odeio que faça isto sozinha.”

“Me prometa que ficará esperando aqui, ou em meu apartamento. São as únicas opções, Richard.”

Não me olharia. Aproxime-me e toquei seu braço. A tensão emanava dele. Não havia nada dessa energia extra terrestre ainda, mas estava aí, debaixo da superfície, esperando. “Richard, olhe pra mim.”

Ficou inclinado, o cabelo caindo como uma cortina entre nós. Estendi a mão por aquele cabelo ondulado, agarrando um punhado perto do calor de sua cabeça. Usei o cabelo como uma asa e ele se virou pra mim. Os olhos eram mais escuros que o normal. Havia algo nesses olhos que eu só tinha visto na última noite. A besta se elevava neles, como um monstro do mar que nadava para a superfície pelas águas escuras.

Eu apertei minha mão em seu cabelo, não para machucar, a não ser para conseguir sua atenção. Um pequeno som brotou de sua garganta.

“Se você fuder com isso tudo por culpa de seu ego masculino, vais me matar.”

Aproximei seu rosto do meu, a mão segurando o seu cabelo. Quando a cara estava a uns centímetros da minha até quase nos beijar, eu disse:

“Se você interferir, vais me matar. Você entende isso?”

A escuridão de seus olhos quis dizer não. Olhei a luta em sua cara. “Eu entendo” ele disse finalmente.

“Ficará me esperando em casa?”

Assentiu, puxando seu cabelo contra meu apertão. Quis me aproximar do rosto dele. Beijá-lo. Ficamos ali de pé, congelados e vacilando. Moveu-se para mim. Nossos lábios se roçaram. Era um roce suave, lábios suaves. Observamo-nos o um ao outro a uns centímetros de distância.

Seus olhos se afogavam profundamente, e de repente pude sentir seu corpo como uma sacudida elétrica por meu estomago.

Afastei-me dele. “Não agora. Não sei como me sinto a teu respeito.”

“Seu corpo sabe” ele respondeu.

“Se a luxúria fosse tudo, eu estaria com o Jean-Claude.”

Sua cara se afundou como se o tivesse esbofeteado. “Se na verdade não vais mais sair comigo, então não conte ao Jean-Claude. Ele não vale a pena.”

Parecia tão ferido. Era algo que nunca tinha tido intenção de fazer. Pus a mão em seu braço. A pele era suave, cálida, real. “Se puder me libertar de dizer a ele, farei isso, mas não acredito que Gretchen deixe-me muitas opções. Além disso, Jean-Claude pode sentir o cheiro da mentira. Você me propôs isso e eu aceitei.”

“Diga a ele que mudou de opinião, Anita. Diga a ele o motivo. Ele vai gostar. Que eu não sou humano o suficiente para ti” soltou minha mão. “Jean-Claude absorverá isso completamente.”

Sua voz soava amarga, zangada. A amargura era o suficientemente intensa para andar por si só. Nunca lhe tinha ouvido assim. Não podia agüentá-lo. Aproximei-me por detrás dele e envolvi os braços ao redor de sua cintura. Enterrei minha cara na linha de suas costas. Minha bochecha entre seus ombros. Começou a virar-se, mas o agarrei mais forte. Manteve-se de pé, ainda entre meus braços. Suas mãos os tocaram com indecisão a princípio, logo se abraçou a eles. Um estremecimento transpassou suas costas. Seu fôlego saiu com um comprido ofego.

Virei-o para lhe confrontar. As lágrimas brilhavam em suas bochechas. Jesus. Nunca tinha sabido o que fazer com as lágrimas. Meu primeiro instinto foi lhe prometer algo se parasse de chorar.

“Não” eu disse. Toquei com um dedo uma lágrima. Deslizou-se por minha pele, tremendo. “Não deixe cair mais lágrimas, Richard. Por favor.”

“Não posso ser humano de novo, Anita.” Sua voz parecia muito normal. Se não tivesse visto as lágrimas, não saberia que estava chorando. “Voltaria a ser humano para ti se pudesse.”

“Talvez não seja humano o que eu quero, Richard. Não sei. Me dê tempo. Se você não puder controlar o ser peludo, melhor averiguá-lo agora.” Senti-me horrível, egoísta e mesquinha. Era magnífico. Amava-o. Queria casar-se comigo. Ensina ciência numa escola secundária. Amava ir a excursão, acampar, a espeleologia. Colecionava discos de bandas, por Deus. E era o seguinte na linha para governar o bando. Um homem lobo alfa. Merda.

“Preciso de tempo, Richard. Sinto muito, realmente preciso...” Soei tão indecisa. Nunca tinha parecido tão indecisa em minha vida.

Sacudiu a cabeça, mas não pareceu convencido. “Pode terminar me dispensando, mas vais arriscar sua vida ao enfrentar Jean-Claude. Não tem sentido.”

Tinha que lhe dar a razão nisso. “Tenho que falar com ele esta noite, Richard. Não quero outro enfrentamento com Gretchen. Não posso evitá-lo.”

Richard passou as mãos sobre a cara. As mãos entre o cabelo. “Não deixe que te matem.”

“Não deixarei” respondi.

“Prometa-me isso.”

Quis dizer, prometo-lhe isso, mas não o fiz. “Não faço promessas que não posso cumprir.”

“Poderia me consolar e mentir pra mim?”

Neguei com a cabeça. “Não.”

Suspirou. “Falando de dolorosa honestidade.”

“Tenho que ir.” Afastei-me antes que pudesse me distrair outra vez.

Estava começando a pensar que o fazia de propósito para me atrasar. Claro, eu o deixava fazer.

“Anita...” Estava quase na porta. Virei-me. Estava ali, sob as ásperas luzes, as mãos do seu lado, olhando... Indefeso.”

“Demos um beijo de despedida. Você me disse para ter cuidado. Adverti-te que não banque o herói. Isso é tudo, Richard. Não há mais nada.”

Ele disse “Eu te amo.”

Bem, sim havia mais. “Eu também te amo.”

Era a verdade, maldita seja. Se só pudesse suportar a seu ser peludo, casaria-me com ele. Como Jean-Claude tomaria essas notícias? Há um velho ditado que diz, “só há uma forma de descobrir”.



A Prazeres Malditos está localizada no coração do distrito vampiro. O letreiro aceso de néon sangrava no céu noturno, dando à escuridão uma cor carmesim como um incêndio em uma casa longínqua. Fazia muito tempo que eu não ia ao distrito desarmada e depois do anoitecer. Bom, tinha a faca e era melhor que nada, mas contra um vampiro, não era muito melhor.

Stephen estava ao meu lado. Um homem lobo não era um mal guarda-costas, mas de algum jeito Stephen não parecia suficientemente horripilante. Era só uns centímetros mais alto que eu, magro como um salgueiro com musculoso o suficiente para parecer masculino. Dizer que suas calças eram justas não era suficiente. Eram de couro e pareciam pintados como uma segunda pele. Não era difícil apreciar o traseiro apertado e firme. A jaqueta de couro chegava à cintura, assim a visão estava limpa.

Tinha posto meu casaco preto outra vez. Tinha um pouco de sangue, mas se o limpasse, ficaria molhado. Molhado não me manteria quente. Meu pulôver, um de meus favoritos, estava rasgado em um ombro até o feixe do sutiã. Muito frio sem o casaco. Gretchen me devia um pulôver. Talvez depois de recuperar minhas armas, falaríamos disso.

Três pernadas me conduziram até as portas fechadas. Buzz era o vampiro que as protegia. Era o pior nome de vampiro que alguma vez tinha ouvido. Não seria bom se fosse humano, mas Buzz parecia completamente errôneo como vampiro. Era um grande nome para um gorila. Era alto e musculoso por excesso de exercício, com um corte de cabelo baixo, malévolo. Parecia que usava a mesma camiseta preta que usava em julho.

Sabia que os vampiros não podiam morrer de frio, mas não sabia que não sentiam frio. A maior parte dos vampiros tentavam passar por humanos. Usavam casacos no inverno. Talvez não precisassem deles, da mesma forma que Gretchen não tinha precisado tirar a faca da garganta. Talvez fosse tudo fingimento.

Sorriu, mostrando as presas. Minha reação pareceu decepcioná-lo. “Perdeu uma apresentação, Stephen. O chefe está zangado.”

Stephen se encolheu. Buzz pareceu fazer-se maior, contente consigo mesmo.

“Stephen estava me ajudando. Não acredito que Jean-Claude se oponha a isso.”

Buzz se virou para mim, me olhando na cara pela primeira vez.

“Merda, o que aconteceu com você?”

“Se Jean-Claude quiser que você saiba, ele mesmo te dirá isso” eu disse. Passei pela frente dele. Havia um pôster grande na porta: Nenhuma cruz, crucifixos ou outros artigos santos permitidos no interior. Empurrei as portas abertas e segui caminhando, minha cruz bem presa ao redor do meu pescoço. Poderiam conseguir

ela de minhas frias mãos mortas esta noite se a quisessem.

Stephen me seguia nos calcanhares, quase como se tivesse medo do Buzz. Não era velho para ser vampiro, menos de vinte anos. Ainda tinha certa "vitalidade" nele. Aquela calma completa que os velhos tinham, não havia aparecido ainda no gorila. Então, por que um homem lobo tinha medo de um vampiro novo? Era uma boa pergunta.

Era domingo à noite e o lugar estava lotado. As pessoas não trabalham amanhã? O ruído se elevou sobre nós como uma onda quase sólida. Era aquele som de murmúrios de muita gente em um espaço pequeno dispostas a passar um bom momento. As luzes eram tão brilhantes quanto poderiam ser. O pequeno cenário estava vazio. Estávamos entre uma as apresentações.

Uma mulher loira nos saudou na porta. “Tem algum artigo santo que declarar?” Sorrii quando falou. A moça de controle de artigos Santos.

“Não” eu sorri quando disse.

Não me perguntou, só sorriu e se afastou.

“Só um momento, Shelia” disse uma voz masculina.

O vampiro alto que andou a pernadas para nós era atrativo a vista. Tinha maçãs do rosto altos e esculpidos, e o cabelo loiro curto com um estilo perfeito. Era muito masculino para ser formoso e muito perfeito para ser real. Robert era um dos strippers da última vez que estive aqui. Parecia que tinha subido a gerente.

Shelia esperou, olhando de Robert para mim. “Ela mentiu para mim?”

Robert me saudou com a cabeça. “Olá, Anita.”

“Olá. Agora é o gerente?”

Afirmou.

Eu não gostava disto, ele sendo gerente. Tinha falhado comigo uma vez, ou melhor dizendo, tinha falhado às ordens do Jean-Claude. Falhado em proteger alguém. Que tinha morrido. Robert não tinha conseguido parar os monstros. Ele deveria ao menos ter se ferido ao tentar. Eu não queria dizer que era para ele morrer para proteger as pessoas, mas deveria ter tentado algo mais. Nunca confiaria completamente nele ou o perdoaria.

“Você usa um artigo santo, Anita. A menos que seja um trabalho policial, deve dá a Shelia.”

Olhei pra ele. Seus olhos eram azuis. Desviei o olhar e então compreendi que podia encarar seus olhos. Tinha mais de cem anos, não tão poderoso quanto Gretchen, mas não deveria ter sido capaz de manter seu olhar.

Seus olhos se esbugalharam. “Tem que deixá-lo. Essas são as regras.”

Talvez eu ser capaz de olhá-lo nos olhos tinha me dado coragem, ou tal vez tinha tido o bastante por esta noite. “Gretchen está aqui?”

Pareceu surpreso.

“Sim, está no quarto dos fundos com o Jean-Claude.”

“Então não pode ficar com minha cruz.”

“Não posso te deixar entrar então. Jean-Claude deixou isso muito claro.” Havia um indício de ansiedade em sua voz, quase medo. Bom.

“Dê uma boa olhada em meu rosto, Bobby-boy. Gretchen fez isso. Se ela estiver aqui, vou ficar com minha cruz.”

As linhas de seu cenho se acentuaram entre suas perfeitas sobrancelhas.

“Jean-Claude não concedeu nenhuma exceção.” Aproximou-se e deixei. Baixou a voz só o suficiente para eu o ouvir por cima do ruído. “Disse que se alguma vez voltasse a falhar em algo grande ou pequeno, me castigaria.”

Normalmente pensava que as ameaças assim eram lamentáveis ou cruéis. Estive de acordo esta vez. “Vá perguntar ao Jean-Claude” eu disse.

Sacudiu a cabeça. “Não posso confiar que você vai esperar aqui. Se você passar com a cruz, terei falhado.”

Isto estava se tornando cansativo. “Stephen pode ir perguntar?”

Robert assentiu.

Stephen estava perto de mim. Ainda não tinha se recuperado dos comentários do Buzz. “Jean-Claude está zangado comigo por perder o turno?”

“Deveria ter ligado se não podia fazer seu turno” disse Robert. “Tive que fazê-lo em seu lugar.”

“É bom ser útil” eu disse.

Robert me olhou com a cara amarrada. “Stephen deveria ter ligado.”

“Levou-me ao médico. Tem algum problema com isso?”

“Pode ser que Jean-Claude tenha.”

“Então traga o grande homem e vamos perguntar a ele. Estou cansada de ficar na porta.”

“Anita, que amável de sua parte nos honrar com sua presença.” Gretchen virtualmente ronronava pela antecipação.

“Robert não me deixa passar.”

Virou os olhos para o vampiro. Ele deu um passo para trás. Até agora, ela não tinha solto nenhuma magia impressionante, ainda. Robert se assustava muito rápido para ser um cadáver centenário.

“Estamos esperando-a, Robert. Jean-Claude está muito ansioso para vê-la.”

Tragou com força. “Disseram-me que ninguém entrasse com um artigo santo, exceto a polícia. Não temos feito nenhuma exceção.”

“Nem sequer para o amor do mestre” ela pôs muita ironia naquela última parte.

Robert não entendeu ou fez conta. “Até que Jean-Claude me diga algo diferente, não passa com uma cruz.”

Gretchen caminhou com passo majestoso ao redor de todos nós. Não estava

segura de quem parecia mais preocupado. “Tire a sua pequena cruz e terminemos com isto.”

Sacudi a cabeça. “Não.”

“Isso não te ajudou muito esta noite” ela disse.

Tinha um ponto nisso. Pela primeira vez compreendi que não havia pensado em tirar minha cruz antes. Tinha ido apelado para as minhas armas, mas não para a minha fé. Malditamente triste.

Passei os dedos pela fria corrente de prata. “A cruz fica.”

“Você quer estragar a minha diversão” ela disse. A maneira como falou pareceu muito ruis. “Vou te devolver uma de suas armas.”

Um momento antes estaria de acordo, mas não agora. Estava envergonhada por não ter tirado a cruz antes. Não lhe teria impedido de saltar sobre mim a princípio. Eu era muito capitalista para isso.

Mas poderia havê-la mantido longe do Louie. Eu ia ter que dar um pulo na igreja se não conseguisse dormir. “Não.”

“Esta é sua forma de romper nosso trato?” Sua voz era baixa e excitada com um primeiro indício de raiva.

“Mantenho minha palavra” eu disse.

“Eu vou acompanhá-la, Robert” ela levantou a mão para parar sua queixa. “Se Jean-Claude te culpar, diga a ele que eu ia arrancar sua garganta.” Aproximou-se dele até que só um fôlego separou os corpos. Isto só indicava que Robert era mais alto por uma cabeça e meia. Gretchen parecia maior que isso. “Não é uma ameaça vã, Robert. Acho que você é fraco, uma responsabilidade. Mataria você agora se nosso amo não precisasse de nós dois. Se ainda teme ao Jean-Claude, lembre-se que ele te quer vivo. Eu não.”

Robert tragou com tanta força que deve ter doido. Ele não voltou a se aproximar. Ponto para ele. Ela se moveu uma fração mais perto, e ele saltou como se tivesse levado um tiro. “Bem, bem, deixe-a passar.”

O lábio do Gretchen se elevou com repugnância. Em uma coisa parecíamos: nós não gostávamos de Robert. Se tínhamos algo em comum, talvez fosse isso. Possivelmente poderíamos ser amigas. Sim, certo.

O nível de ruído tinha diminuído a um murmúrio de fundo. Tínhamos a atenção de todo o mundo. Nada como um bom espetáculo.

“Não deveria começar um espetáculo agora?” perguntei.

Robert afirmou com a cabeça. “Sim, tenho que apresentá-lo.”

“Vá fazer seu trabalho, Robert.” As palavras eram duras, com desprezo. Gretchen o desprezava.

Robert se afastou, obviamente aliviado. “Fracassado” eu disse brandamente.

“Venha, Anita, Jean-Claude nos espera.” Afastou-se com passo majestoso, seu

longo casaco pálido balançava detrás dela. Stephen e eu trocamos olhadas. Ele encolheu os ombros. Eu a segui e ele se arrastou atrás, como se tivesse medo de me perder.

O escritório do Jean-Claude era como estar dentro de uma peça de dominó. Paredes completamente brancas, tapete branco, escrivaninha laqueada de preto, cadeira de escritório preta, um sofá de couro preto contra uma das paredes e duas cadeiras com o respaldo reto colocadas frente a escrivaninha. O escritório e as cadeiras eram orientais, adornados com quadros a óleo de mulheres orientais com trajes soltos. Sempre gostei dessa escrivaninha, mas não o admitiria em voz alta.

Havia um biombo laqueado de preto em um canto. Nunca o havia visto antes. Era grande, escondia todo o canto. Um dragão laranja e vermelho enroscava-se através do biombo, com olhos saltados e enormes. Era um agradável complemento para o quarto, o qual não era confortável, mas sim elegante. Como Jean-Claude.

Estava sentado no sofá de couro, vestido tudo de preto. A camisa tinha gola alta e rígida, lhe emoldurando a cara. Era difícil dizer onde terminava o cabelo e broche de rubi do tamanho de um polegar. A camisa estava aberta até a cintura, deixando um triângulo de pálida pele à vista. Só o broche impedia que a camisa se abrisse por completo.

Os punhos eram tão amplos e rígidos como a gola, quase escondendo as mãos. Levantou uma e pude ver que os punhos estavam abertos em um lado, assim ainda podia usar as mãos. Jeans pretos e botas pretas aveludadas completavam o visual.

Eu já tinha visto o broche antes, mas a camisa com certeza era nova. “Muito bom” eu disse.

Ele sorriu. “Você gostou?” Ele endireitou os punhos, como se precisasse deles.

“É uma mudança agradável do branco” eu disse.

“Stephen, estávamos te despertando antes. “Sua voz era bastante suave, mas havia um matiz de algo escuro e desagradável.

“Stephen me levou ao médico.”

Os olhos azuis meia-noite se voltaram para mim.

“Sua última investigação com a polícia se tornou perigosa?”

“Não” eu disse. Joguei uma olhada ao Gretchen.

Ela olhava ao Jean-Claude. “Conte a ele.”

Não acreditei que se referisse a minha acusação de sua intenção de assassinato. Era o momento de um pouco de honestidade, ou ao menos de um pequeno drama. Asseguraria-me de que Jean-Claude não nos decepcionasse.

“Stephen tem que partir agora” eu disse. Não queria que o matassem por tentar me proteger. Eu não queria que ele fosse bala de canhão. Não contra Jean-Claude.”

“Por quê?” ele perguntou. Parecia suspeitar.

“Fique com ele” disse Gretchen.

Sacudi a cabeça. “Stephen não precisa estar aqui.”

“Saia, Stephen” disse Jean-Claude. “Não estou zangado porque perdesse seu turno. Anita é mais importante para mim que chegares a tempo em seu trabalho.”

Era agradável saber isso. Stephen fez uma espécie de assentimento a Jean-Claude, quase uma reverência, dirigiu-me um olhar e vacilou.

“Vá, Stephen. Estarei bem.”

Não tive que lhe tranquilizar duas vezes. Fugiu.

“Que estas tramando agora, *ma petite*?”

Joguei uma olhada a Gretchen. Só tinha olhos para ele. Sua cara parecia ansiosa, como se tivesse esperado isto durante muito tempo. Olhei fixamente seus olhos azul escuro e compreendi que podia fazê-lo sem as marcas de vampiro, podia manter seu olhar.

Jean-Claude percebeu também. Seus olhos se alargaram só um pouco.

“*Ma petite*, estas cheia de surpresas esta noite.”

“Não viu nada ainda” eu disse.

“É claro, continue. Adoro as surpresas.”

Duvidei de que gostasse desta. Respirei profundamente e o disse depressa, como se tornar mais fácil, como uma colherada de açúcar.

“Richard me pediu que me case com ele, e eu aceitei.” Eu podia ter acrescentado, “Mas já não estou certa”, embora não o fiz. Estava muito aturdida para explicar algo que não fosse os fatos inegáveis.

Se tentasse me matar, possivelmente acrescentaria os detalhes. Até então... esperaríamos.

Jean-Claude só ficou ali sentado. Não se moveu absolutamente. O aquecedor fez clique, e saltei. O respiradouro estava sobre o sofá. O ar movia seu cabelo, o tecido da camisa, mas seu olhar parecia o de um manequim. O cabelo e a roupa se moviam, mas o resto era de pedra.

O silêncio aumento e encheu o quarto. O aquecedor se deteve, e a quietude era tão profunda que podia ouvir o sangue que palpitava em meus ouvidos. Parecia a calma antes da tempestade. Sabia que algo grande ia chegar. Só que não sabia completamente o que. Deixei fluir o silêncio ao redor. Não seria eu que o quebraria, porque tinha medo do que viria depois. Estar uma completa tranquilidade era mais inquietante que a raiva. Não sabia o que fazer com ela, assim não fiz nada. Um curso de ação que eu raramente lamento.

Foi Gretchen quem o rompeu primeiro. “Ouvii o que ela disse, Jean-Claude? Vai casar se com outro. Ama a outro.”

Ele piscou uma vez, um comprido e elegante movimento de pálpebras. “Agora pergunte a ela se ela me ama, Gretchen.”

Gretchen ficou diante de mim, bloqueando minha visão de Jean-Claude. “O que

importa isso? Ela vai se casar com outro.”

“Pergunte a ela.” Isso era uma ordem.

Gretchen virou para me confrontar. Os ossos de sua cara se destacavam sob a pele, os lábios estirados pela raiva. “Você não o quer.”

Isso não era exatamente uma pergunta, assim não a respondi. A voz do Jean-Claude me chegou desinteressada e cheia de uma escuridão que tentava dizer algo que não entendi.

“Você me ama, *ma petite*?

Olhei fixamente a cara de raiva do Gretchen. “Suponho que não acreditaria em mim se dissesse que não” eu respondi.

“Pode simplesmente dizer sim ou não?”

“Sim, em alguma parte escura e retorcida de minha alma, eu te amo. Contente?”

Sorriu. “Como pode te casar com ele se me ama?”

“Eu amo a ele também, Jean-Claude.”

“Do mesmo modo?”

“Não” eu disse.

“Como você nos ama de maneiras diferente?”

As perguntas se tornaram mais difíceis. “Como eu poderia te explicar algo que nem sequer eu entendo?”

“Tente.”

“É como uma grande tragédia Shakesperiana. Se Romeo e Julieta não tivessem se suicidado, teriam odiado um ao outro em um ano. A paixão é uma forma de amor, mas não é verdadeira. Não dura.”

“E que sente pelo Richard?” Sua voz estava cheia de uma emoção forte. Deveria ter sido raiva, mas se sentia diferente. Quase como se fosse uma emoção para o qual eu não tinha palavras.

“Eu não só amo Richard, eu gosto dele. Eu gosto da companhia dele. Eu...” Eu odiava me explicar. “Ah, infernos, Jean-Claude, não posso explicar isso com palavras. Posso me ver passar a vida com Richard, e não posso ver isso contigo.”

“Vocês já definiram a data?”

“Não” eu disse.

Inclinou a cabeça para um lado, me estudando. “É verdade, mas há algo que é mentira. O que você está me escondendo, *ma petite*?

Olhei-o com a cara amarrada. “Eu te disse a verdade.”

“Mas não toda.”

Eu não queria dizer a ele. Deveria-se muito. Senti-me vagamente desleal com Richard. “Não estou completamente certa de me casar com Richard.”

“Por que não?” Havia algo em sua cara que parecia quase esperançoso. Eu não podia deixar que ele tivesse uma idéia errada.

“Vi ele de uma forma horripilante. Senti seu... poder.”

“E?”

“E agora não estou certa” eu disse.

“Ele também não é bastante humano para ti.” Sacudiu a cabeça e riu. Uma corrente alegre que me cobriu como o chocolate. Pesado, doce e irritante.

“Ela ama a outro” disse Gretchen. “O que importa se dúvida dele? Ela duvida de ti. Te despreza, Jean-Claude. Não é suficiente?”

“Você fez tudo isso ao rosto dela?”

Ela andou ao meu redor como um tigre enjaulado. “Ela não te ama como eu.” Ela se ajoelhou diante dele, as mãos tocando suas pernas, a cara levantada olhando para cima. “Por favor, eu te amo. Sempre te amei. Mate-a ou deixa que se case com esse homem. Ela não merece sua adoração.”

Ele a ignorou. “Você está bem, *ma petite*?”

“Estou bem.”

Gretchen cravou os dedos nos jeans, agarrando-se a ele. “Por favor, por favor!”

Eu não gostava de Gretchen, mas era horrível ouvir a dor, a dor desesperada de sua voz. Tinha tentado me matar e ainda sentia pena dela.”

“Deixe-nos, Gretchen.”

“Não!” Agarrou-se a ele.

“Te proíbi de machuca-la. Você me desobedeceu. Deveria te matar.”

Ficou ajoelhada, olhando fixamente para ele. Não podia ver sua expressão e me alegrei disso. Não era uma grande admiradora.

“Jean-Claude, por favor, por favor, só fiz isso por ti. Ela não te ama.”

A mão dele estava de repente ao redor do pescoço dela. Não o tinha visto mover-se. Era mágico. Independentemente de poder manter o olhar dele, isso não o deteve para brincar com minha mente. Ou talvez era assim rápido. Não.

Ela tentou falar. Os dedos se fecharam e as palavras saíram como pequenos sons afogados. Ele parou deixando-a a seus pés. Ela envolveu as mãos ao redor de seu pulso, tentando o impedir de pendurá-la. Levanto-a até que seus pés penderam no ar. Sabia que ela podia lutar contra ele. Havia sentido a força naquelas delicadas mãos. Exceto a mão em seu pulso não lutou. Ela deixava ele matá-la? Ele o faria? Eu poderia ficar aqui e só olhar?

Ele estava ali de pé, com a maravilhosa camisa preta de aspecto elegante e delicioso, e segurando Gretchen com um braço no ar.

Andou para sua mesa ainda segurando-a. Manteve o equilíbrio facilmente. Inclusive um licantropo não poderia ter feito isso, não assim. Observei o passeio do magro corpo através do tapete e sabia que ele poderia fingir tudo o que quisesse, mas não era humano. Ele não era humano.

Pôs os pés no tapete no lado oposto do escritório. Relaxou o aperto na garganta,



mas não a deixou ir.

“Jean-Claude, por favor. Quem é ela para que o Amo da Cidade tenha que pedir por um pouco de atenção?”

Ele conservo a mão descansando em sua garganta, sem apertar agora. Empurrou o biombo para trás com a mão livre. Dobrou-se para trás para revelar um ataúde sobre um pedestal coberto por um tecido. A madeira era quase preta e polida com um brilho que parecia um espelho.

Os olhos do Gretchen se alargaram. “Jean-Claude, Jean-Claude, sinto muito. Não a matei. Poderia ter feito isso. Pergunte a ela. Poderia tê-la matado, mas não o fiz. Pergunte a ela. Pergunte!” Sua voz soava com um pânico puro.

“Anita.”

Aquela palavra deslizou através de minha pele, densa e cheia de presságios. Estava muito feliz de que essa voz não estivesse zangada comigo.

“Ela poderia ter me matado do primeiro momento” eu disse.

“Por que você acha que ela fez isso?”

“Acredito que se distraiu no intensão de consegui-lo. Para apreciar mais.”

“Não, não, eu só a ameaçava. Só tentava afugentá-la. Eu sabia que você não queria que a matasse. Sabia, ou ela estaria morta.”

“Sempre foi uma mal mentirosa, Gretel.”

Gretel?

Ele levantou a tampa do ataúde com uma mão, aproximando-a. Ela se sacudiu longe dele. As unhas marcaram sulcos sangrentos na garganta. Estava de pé atrás da cadeira de escritório, pondo-a entre eles, como se pudesse ajudá-la. O sangue gotejou por sua garganta.”

“Não me faça te obrigar, Gretel.”

“Meu nome é Gretchen e o foi durante mais de cem anos.” Foi a primeira oposição de qualquer tipo que a tinha visto fazer contra Jean-Claude. Lutei contra o impulso de aplaudir. Não foi difícil.

“Foi Gretel quando te encontrei e ainda é Gretel. Não me obrigue a te recordar quem é, Gretel.”

“Não entrarei nessa maldita caixa voluntariamente. Não o farei.”

“Realmente quer que Anita te veja pior?”

Eu pensei que já o fazia.

“Eu não vou.” Sua voz soou firme, sem confiança, mas obstinada. Era o que deu a entender.

Jean-Claude se manteve muito em silêncio. Levantou uma mão com um gesto lânguido. Não havia nenhuma outra palavra para isso. O movimento era quase como um baile.

Gretchen cambaleou, agarrando a cadeira como apoio. A cara parecia haver-se

encolhido. Não era a diminuição de poder que tinha visto antes nela. Não o cadáver etéreo que rasgaria sua garganta e dançaria no sangue. A carne se afundou, envolvendo apertadamente os ossos. Murchava. Não envelhecendo, morrendo. Abriu a boca e gritou.

“Meu Deus, o que está acontecendo com ela?”

Gretchen agarrou o respaldo com umas mãos magras como uma ave. Parecia um cadáver mumificado. O brilhante batom era agora uma navalhada espantosa através da cara. Inclusive o cabelo loiro ficou reduzido a palha seca e frágil. Jean-Claude caminhou para ela, ainda elegante, ainda encantador, ainda monstruoso.

"Dei-te a vida eterna e posso tirar isso de ti, nunca esqueça disso."

Um som baixo e lastimoso brotou de sua garganta. Ofereceu-lhe uma mão débil, suplicando.

“Para a caixa” ele disse. Sua voz lançou aquela última palavra escura e terrível, como se tivesse dito "ao inferno", e isso era o que queria dizer.

Ele tinha reduzido a luta nela, ou talvez roubado era a palavra. Nunca tinha visto nada igual. Um novo poder vampiro do qual nunca tinha ouvido, nem sequer no folclore. Merda.

Gretchen deu um passo tremente para o ataúde. Dois passos dolorosos, arrastando-se e perdendo o aperto pela cadeira. Caiu, os braços magros, só ossos, mantendo todo o peso de um modo impossível. Uma boa forma de quebrar o braço. Gretchen não parecia preocupada com quebrar os ossos. Não podia culpá-la.

Ajoelhou-se no chão, a cabeça pendendo como se não tivesse força para levantar-se. Jean-Claude só se manteve ali de pé, observando-a. Não fez nenhum movimento para ajudá-la. Se tivesse sido outro, exceto Gretchen, poderia tê-la ajudado.

Devo ter feito algum movimento, porque Jean-Claude me fez um gesto para retroceder. “Se alimentar de um humano neste momento, toda sua força voltará. Esta muito assustada. Não a tente agora, *ma petite*.

Fiquei onde estava. Não tinha planejado ajudá-la, mas não gostava de vê-lo.

“Engatinhe” disse ele.

Começou a avançar lentamente.

Eu já tinha tido o bastante. “Você teve seu prêmio, Jean-Claude. Se a quiser no ataúde, recolhe-a e a ponha ali.”

Olhou-me. Havia um pouco de divertimento em sua cara. “Sente compaixão por ela, *ma petite*. Ela está decidida a te matar. Você sabe.”

“Eu não teria nenhum problema em lhe dar um tiro, mas isto...” Eu não tinha palavras. Não só a humilhava, despojava-a de si mesmo. Sacudi a cabeça. “Você está atormentando-a. Se for por mim, já vi o bastante. Se for por ela, então pare.”

“É para o seu bem, *ma petite*. Ela se esqueceu quem é seu mestre. Um mês ou

dois no ataúde vai fazer com que recorde.”

Gretchen tinha alcançado o pé do pedestal. Agarrou-se ao tecido com os punhos, mas não podia levantar-se si mesmo.”

“Acredito que ela já lembrou o bastante.”

“É tão durona, *ma petite*, tão pragmática, embora repentinamente algo te incomoda. Sua compaixão é tão forte quanto seu ódio.

“Mas não se aproxima da diversão” eu disse.

Sorriu e levantou a tampa do ataúde. O interior era de seda branca, claro. Ajoelhou-se e levantou Gretchen. Os membros penduravam torpemente, os braços como se não funcionassem completamente. Quando a levantou sobre a borda do ataúde, seu casaco comprido bateu contra a madeira. Algo em seu bolso bateu, sólido e pesado.

Quase lamentei perguntar, quase. “Se o que tem em seu bolso é minha arma, quero pegá-la.”

Colocou-a brandamente sobre o forro de seda, depois verificou os bolsos. Segurou a Browning em uma mão e começou a baixar a tampa. As mãos esqueléticas se levantaram, tratando de deter a baixada.

Olhando aquele movimento de mãos no ar, ignorei-o. “Deveria haver outra arma e uma faca.”

Olhou-me aumentando os olhos, mas assentiu. Ofereceu-me a Browning. Avancei e a peguei. Estava de pé, o bastante perto para ver os olhos dela. Estavam pálidos e frágeis, como os olhos de um velho, mas tinham uma expressão de profundo terror.

Os olhos rodaram como os de um louco, me observando. Havia uma petição muda naquele olhar. Desespero era uma palavra muito suave para defini-la. Olhou-me, não ao Jean-Claude, como se soubesse que eu era a única pessoa no quarto a que lhe importava algo. Se isto incomodou ao Jean-Claude, não se refletiu em sua cara.

Coloquei a Browning sob o braço. Sentia-se bem tê-la de volta. Ofereceu-me a Firestar.

“Não posso encontrar a faca. Se a quiser, pegue-a você mesma, és livre para fazê-lo.”

Desviei a vista da pele seca e enrugada, da cara sem lábios. Seu pescoço era tão magro como o de um frango. Neguei. “Não a quero tanto.”

Ele riu, e nesse momento, o som se deslizou ao longo de minha pele como o veludo. Um sociopata alegre.

Fechou a tampa e ela fez horríveis sons, como se tentasse gritar e não tivesse voz para fazê-lo. As mãos golpeavam contra a tampa. Jean-Claude colocou as fechaduras em seu lugar e se recostou sobre o ataúde fechado. “Durma” ele

sussurrou. Quase imediatamente os sons foram reduzindo-se. Repetiu a palavra uma vez mais e os sons cessaram.

“Como você faz isso?”

“Acalmá-la?”

Sacudi a cabeça. “Tudo.”

“Sou seu mestre.”

“Não, Nikolaos era sua mestre, mas não podia fazer isso. Teria feito isso a você se pudesse.”

“Perceptiva e muito certo. Eu criei Gretchen. Nikolaos não me criou. Ser o mestre vampiro que converte a alguém tem certos poderes sobre eles. Como comprovou.”

“Nikolaos tinha convertido a maior parte dos vampiros de seu pequeno séqüito, certo?”

Assentiu.

“Se ela tivesse podido fazer o que você fez, eu teria visto. Ela teria revelado.”

Concedeu-me um pequeno sorriso. “Outra vez perceptiva. Há uma variedade de poderes que um mestre vampiro pode possuir. Chamar um animal, levitação, resistência à prata.”

“É por isso o que minha faca pareceu não fazer mal a Gretchen?”

“Sim.”

“Mas cada mestre tem um arsenal diferente de dons.”

“Arsenal, é uma palavra apropriada. Agora, onde estávamos, *ma petite*? Ah, sim, eu poderia matar Richard.”

Aqui íamos nós de novo.

"Você me ouviu, *ma petite*? Eu poderia matar ao Richard." Voltou a colocar o biombo em seu lugar. O ataúde e o terrível conteúdo desapareceram assim.

"Você não quer fazer isso."

"Ah, mas eu faço, *ma petite*. Eu gostaria de arrancar seu coração e o ver morrer." Ele passou por diante de mim. A camisa negra ondeou como um ondeou ao seu redor, expondo o abdômen enquanto avançava.

"Eu disse a você que não estou certa de me casar com ele. Inclusive não estou certa de que vamos ter mais encontros, não é suficiente?"

"Não, *ma petite*. Você o ama. Posso sentir o cheiro dele em sua pele. Você o beijou esta noite. Com todas suas dúvidas, você o abraçou."

"Faça mal a ele e te matarei, tão simples assim." Minha voz soava muito normal.

"Você tentaria me matar, mas não sou tão fácil de matar." Sentou-se no sofá outra vez, estendeu a camisa ao redor dele, deixando a maior parte de seu peito exposto. A cicatriz da queimadura cruciforme era uma brilhante imperfeição em sua impecável pele.

Fiquei de pé. De todos os modos, não tinha me oferecido um lugar. "Provavelmente mataríamos um ao outro. A escolha da música é sua, Jean-Claude, mas uma vez que começemos o baile, não termina até que um dos dois esteja morto."

"Eu não estou autorizado a machucar ao Richard. Ele está autorizado a me ferir?"

Boa pergunta. "Não acredito que isso ocorra."

"Você esteve saindo com ele durante meses e eu não falei nada. Antes que te case com ele, quero o mesmo tempo."

Olhei pra ele. "O que quer dizer com o mesmo tempo?"

"Um encontro comigo, Anita, me dê uma possibilidade de te cortejar."

"Me cortejar?"

"Sim" ele disse.

Eu o contemplei. Não sabia que dizer. "Estive tentando te evitar durante meses. Não vou deixar de fazê-lo justo agora."

"Então começarei com a música, e dançaremos. Inclusive se eu morrer, e você morrer, Richard morrerá primeiro, posso te prometer isso. Certamente que um encontro comigo não é um destino pior que isso."

Tinha um ponto, e ainda assim... "Eu não cedo ante ameaças."

"Então apelo a seu sentido do jogo justo, *ma petite*. Você permitiu que Richard ganhasse seu coração. Se tivéssemos saído primeiro, seria meu coração o que

manteria? Se não tivesse lutado contra nossa atração mútua, teria jogado ao Richard uma segunda olhada?”

Não podia dizer sim e ser honesta. Não estava segura. Tinha rechaçado a Jean-Claude porque não era humano. Era um monstro e eu não saía com monstros. Mas ontem à noite tinha tido um vislumbre do que Richard podia ser. Havia sentido um poder que rivalizava, terrivelmente igual como o do Jean-Claude, ao longo de minha pele. Tornava-se mais difícil diferenciar aos humanos dos monstros. Começava inclusive a me perguntar sobre mim mesma. Há mais caminhos ao mundo dos monstros dos que a maioria acredita.

“Eu não acredito em sexo ocasional. Tampouco me deitei com Richard.”

“Não te chantageio com sexo, *ma petite*. Tento conseguir o mesmo tempo.”

“Se eu concordar, então o quê?”

“Te pego na sexta-feira a noite.”

“Como um encontro?”

Ele assentiu. “Poderíamos descobrir até como encara meus olhos impunemente.”

“Vamos nos ater a um encontro tão normal como podemos.”

“Como você quiser.”

Observei-o. Ele me olhou. Pegaria-me na sexta-feira. Tínhamos um encontro.

Perguntei-me como se sentiria Richard sobre isto. “Não posso sair com ambos indefinidamente.”

“Me conceda uns meses, o mesmo que deste ao Richard. Se não posso ganhar, então me retirarei do campo.”

“Irá me deixar em paz e não machucará ao Richard?”

Afirmou.

“Você me dá sua palavra?”

“Minha palavra de honra.”

Eu aceitei. Era a melhor oferta que ia conseguir. Não estava certa de quanto valor tinha sua palavra de honra, mas nos dava tempo. Tempo para resolver algo mais. Não sabia o que, mas tinha que haver algo. Algo além de sair com o estranho Amo da Cidade.

Houve uma batida na porta. Foi aberta sem a permissão de Jean-Claude. Alguém insistente. Raina entrou com passo majestoso através da porta. Insistente era a palavra pra ela.

Usava um casaco cor de ferrugem com o cinto muito apertado na cintura. A fivela pendia solta quando entrou no quarto. Tirou um cachecol multicolorido e sacudiu o cabelo castanho avermelhado. Ele brilhou sob a luz.

Gabriel a seguia com um casaco preto. Fazendo conjunto como ela. O cabelo e os estranhos olhos cinza combinavam tão bem com seu casaco quanto Raina com seu conjunto. Os brincos brilhavam intensamente do lóbulo até a parte superior da orelha. Cada parte de metal era de prata.

Kaspar Gunderson os seguia nos calcanhares. Estava usando um casaco de tweed claro e um daqueles chapéus com uma pequena pena na aba. Parecia uma versão elegante dos anos 50 do pai dos sonhos. Ele não parecia feliz de estar aqui.

Robert estava revoando na entrada.

“Eu disse a eles que você estava ocupado, Jean-Claude. Sei que não quer ser incomodado.” Virtualmente retorcia as mãos pela ansiedade. Depois de ver o que ele tinha feito a Gretchen não o culpei por ter medo.

“Entre, Robert, e feche a porta atrás de você” disse Jean-Claude.

“Na verdade, eu tenho que fiscalizar a próxima apresentação. Eu...”

“Entre e feche a porta, Robert.”

O vampiro centenário fez o que lhe disseram. Fechou a porta e se apoiou contra ela, uma mão na maçaneta, como se isso pudesse protegê-lo. A manga direita de sua camisa branca estava rasgada e o sangue gotejava das marcas frescas de unhas. A garganta mostrava mais sangue, como se uma mão lhe tivesse levantado pela garganta. Como Jean-Claude havia feito a Gretchen, mas com garras.

“Eu te disse o que aconteceria se você falhasse comigo outra vez, Robert. Em algo grande ou pequeno.” A voz do Jean-Claude era um sussurro que encheu o espaço como o vento.

Robert caiu de joelhos no tapete branco. “Por favor, mestre, por favor,” estendeu as mãos para o Jean-Claude. Uma gota grossa de sangue caiu do braço no tapete. O sangue parecia muito vermelho sobre o tapete branco.

Raina sorriu. Apostava a que as marcas de garras do Robert eram por diversão. Kaspar foi sentar se no sofá, afastando-se do espetáculo. Gabriel me olhava. “Bonito casaco” ele disse.

Ambos estávamos usando casacos pretos. Ótimo. “Obrigada” respondi.

Seu sorriso aberto cintilou com dentes afiados. Quis perguntar a ele se os brincos de prata lhe faziam mal, mas Robert gemeu e virei para o espetáculo

principal.

“Venha até mim, Robert.” A voz do Jean-Claude era bastante quente para queimar.

Robert foi quase a rastros pelo tapete, implorando. “Por favor, mestre. Por favor, não faça isso.”

Jean-Claude caminhou com passo majestoso para ele, o suficientemente rápido para que a camisa ondeasse detrás dele como uma capa em miniatura. A pele pálida ressaltou contra o tecido preto. Parou ao lado do vampiro meio encolhido. A camisa do Jean-Claude formou redemoinhos ao redor do corpo repentinamente quieto. Jean-Claude estava ainda completamente imóvel. O tecido tinha mais vida que ele. Jesus.

“Ele tentou, Jean-Claude” eu disse. “Deixe ele em paz.”

Jean-Claude me observou, os olhos azuis sem fundo. Desviei o olhar daqueles olhos. Talvez pudesse encontrar seu olhar fixo impunemente, mas ainda assim... sempre estava cheio de surpresas.

“Eu tinha a impressão, *ma petite*, de que você não gostava de Robert.”

“Eu não gosto, mas vi bastante castigo por uma noite. O arranharam simplesmente porque não os deixou entrar antes em seu escritório. Por que não está zangado por isso?”

Raina caminhou para Jean-Claude. Os calcanhares das botas com pregos metálicos marcaram sobre o tapete. Como rastros de punhaladas.

Jean-Claude a viu aproximar-se. Sua cara era neutra, mas havia algo que ele continha. Tinha medo dela? Talvez. Mas havia cautela em seu corpo quando ela se aproximou. Não parecia contente. Cada vez mais interessante.

“Tínhamos uma entrevista com o Jean-Claude. Teria ferido meus sentimentos se nos dispensassem na porta” passou por cima do Robert, mostrando uma boa quantidade de perna. Eu não estava certa de que ela estava usando algo sob o casaco. Robert não tentou olhar. Congelou, estremecendo quando o casaco roçou suas costas.

Raina estava de pé com as coxas bem equilibradas quase tocando ao Robert. Ele não se afastou dela. Pareceu congelado, como se pudesse fingir que não estava ali e todos se esquecessem dele. Ele desejava isso.

Ela estava de pé tão perto de Jean-Claude que o comprimento dos corpos se tocavam. Era uma espécie de duelo entre dois vampiros. Esperei que Jean-Claude retrocedesse, desse-lhe um pequeno espaço. Não o fez.

Ela passou os dedos sob a camisa, pondo as mãos em ambos os lados da cintura nua. Seus lábios se separaram e se inclinou para ele. Beijou-lhe, e ele se manteve de pé como uma estátua sob suas mãos. Mas ele não a mandou ao inferno.

Que demônios estava acontecendo?

Raina levantou a cara o suficiente para falar.



“Jean-Claude não pretende ofender Marcus. Ele precisa do apoio do bando para dirigir a cidade. Não é, amor?”

Ele pôs as mãos sobre sua magra cintura e retrocedeu. As mãos se arrastaram ao longo da pele, até que esteve completamente fora do alcance. Ela o olhou como as serpentes olham às pequenas aves. Faminta. Não tinha que ser vampiro para sentir essa luxúria. O expressava gentilmente.

“Marcus e eu temos um trato” disse Jean-Claude.

“Que tipo de trato?” Perguntei.

“Por que se preocupa, *ma petite*? Você vai ser a Senhora Zeeman. Não tenho permissão de ver outras pessoas? Ofereci-te monogamia e me dispensasses.”

Eu não tinha pensado nisso. Realmente me incomodou. Maldito.

“Não é o compartilhar o que me incomoda, Jean-Claude.”

Raina se aproximou por detrás dele, as unhas pintadas arranharam a pele. Mãos que se enroscavam do peito até o queixo, descansado sobre seu ombro. Desta vez Jean-Claude se relaxou em seus braços. Apoiou as costas contra ela, as pálidas mãos acariciaram seus braços. Ele me observou enquanto o fazia.

“O que te incomoda realmente, *ma petite*?

“Sua escolha de amigos.”

“Com ciúmes?” perguntou Raina.

“Não.”

“Mentirosa” replicou.

O que se supunha que eu devia dizer? Que me incomodava vê-la pendurasse nele por toda parte? O fazia. Incomodava-me mais que a apalpação dela nele.

Sacudi a cabeça.

“Só me perguntava até onde você é capaz de chegar para te assegurar o favor do bando.”

“Ah, até o final” disse Raina. Moveu-se ao redor para estar diante dele. Era mais alta nos saltos. “Estais vindo para brincar comigo . Ela o beijou, um movimento rápido. Caiu de joelhos diante dele, olhando fixamente para cima.

Jean-Claude acariciou seu cabelo. As elegantes mãos levantaram a cara dela para cima. Dobrou-se para ela como se fosse beijá-la, mas me observou enquanto o fazia.

Ele esperava que eu lhe dissesse para não fazer? A princípio tinha parecido que ele quase tinha medo dela. Agora estava totalmente depravado. Eu sabia que ele estava me insultando. Sua intenção era me fazer ciúmes. Estava funcionando.

Beijou-a por muito tempo persistentemente. Levantou a vista dos lábios pintados dela nos lábios dele.

“O que você está pensando, *ma petite*?

Já não podia ler minha mente, desde que não tinha marcas de vampiro.

“Penso o pior de ti por ter relações sexuais com Raina.”

Gabriel emitiu uma risada cálida, afetuosa.

“Ah, ele não se deitou com ela, ainda” caminhou para mim com uma larga pernada, deslizando.

Apartei o casaco mostrando a Browning.

“Não faça uma tolice.”

Abriu o cinto do casaco e levantou as mãos em sinal de rendição. Não usava uma camisa. Tinha um anel de prata no mamilo esquerdo e outro no umbigo.

Fez-me estremecer só olhar.

“Pensei que a prata machucava um licantropo, como uma alergia.”

“Queima” ele respondeu. Sua voz continha uma rouquidão suave.

“E isso é bom?” perguntei.

Gabriel baixou as mãos devagar e encolheu os ombros. Virou-se devagar e o tecido caiu como em um striptease. Não vi nenhum outro anel de prata. Virou quando tirou a mangas e no meio disso, jogou-me o casaco. Eu bati no casaco, jogando-o para longe de mim. Foi um erro.

Ele estava sobre mim, o corpo me esmagando contra o chão. Meus abraços terminaram presos ao peito, apanhados sob seu casaco. Sua cintura manteve presa a Firestar. Fui para a Browning e sua mão rasgou o casaco como papel, apartando a arma de debaixo de meu braço. Quase arrancou o coldre e meu braço com ela. Por um segundo, meu braço esquerdo era só uma dor crua. Quando pude senti-lo outra vez, a Browning não estava e olhava para a cara do Gabriel que se mantinha a uns centímetros de distância.

Moveu seus quadris, esmagando a Firestar entre nós. Isto teve que causar mais dor a ele que a mim.

“Não dói?” Perguntei. Minha voz era surpreendentemente tranquila.

“Eu gosto da dor” ele respondeu. Pôs a ponta da língua em meu queixo e lambeu atravessando minha boca. Ele riu.

“Você luta mais do que isso. Empurre-me com essas pequenas mãos.”

“Você gosta da dor?”

“Sim.”

“Então você vai gostar disto.” Empurrei a faca na parte superior de seu estômago. Ele emitiu um pequeno som entre um grunhido e um suspiro. Um estremecimento o percorreu inteiro. Agitou-se sobre mim, me prendendo ainda da cintura para baixo, como se estivesse fazendo flexões.

Levantei-me com ele, empurrando a faca mais profundamente, deslocando a lâmina da faca para cima pela carne de seu corpo. Gabriel rasgou o casaco em pedaços, mas não tentou agarrar a faca. Aprofundou o abraço, olhando fixamente para baixo à faca e minhas mãos ensangüentadas. Descansou a cara em meu cabelo,

caindo só um pouco. Pensei que desmaiaria.

“Mais profundo” ele sussurrou.

Oh, Jesus. A lâmina estava quase no fundo do esterno. Se continuasse empurrando para cima, chegaria até o coração. Recostei-me no chão para conseguir o melhor ângulo para matá-lo.

“Não o mate” disse Raina. “Precisamos dele.”

Nós? A faca estava de caminho a seu coração quando virou sobre mim com uma velocidade imprecisa e cega. Terminou deitado de barriga para acima não muito longe. Respirava muito rápido, o peito subindo e baixando. O sangue derramando-se sob a pele nua. Os olhos estavam fechados, os lábios levantados em um meio sorriso.

Se fosse humano poderia ter morrido mais tarde, esta noite. Em troca, estava sorrindo no tapete. Virou a cabeça para o lado e abriu os olhos. Aqueles estranhos olhos cinza me olharam.

“Foi maravilhoso.”

“Jesus Cristo” eu disse.

Coloquei-me de pé usando o sofá de apoio. Estava coberta do sangue do Gabriel. A faca estava cheia dele.

Kaspar estava sentado na esquina do sofá, me observando. Aconchegou-se em seu casaco com os olhos dilatados. Não o culpei.

Limpei as mãos e a faca no sofá preto. “Obrigada pela ajuda, Jean-Claude.”

“Disseram-me que agora você é uma dominante, *ma petite*. Nas lutas de domínio interno não se deve interferir” sorriu. “Além disso, não precisou de minha ajuda.”

Raina se ajoelhou ao lado do Gabriel. Baixou a cara à sangria de seu estômago e começou a lambê-lo. Durante muito tempo, com movimentos lentos de língua. Sua garganta se convulsionou quando tragou. Não ficaria enjoada. Não ficaria enjoada. Olhei ao Kaspar.

“O que faz com estes dois?”

Raina levantou a cara coberta de sangue.

“Kaspar é nossa amostra.”

“O que isso quer dizer?”

“Pode mudar de forma daqui para lá tão freqüentemente como quer. Não desmaia. O usamos para testar estrelas potenciais de nossas produções. Para ver como reagem a alguém trocando de forma no meio da ação.”

Eu ia ficar enjoada.

“Por favor, me diga que você não quer dizer que se transforma no meio do sexo como uma espécie de teste de cinema.”

Raina inclinou a cabeça. A língua rodou ao redor da boca lambendo o sangue.

“Você sabe um pouco sobre nossos filmes?”

“Sim.”

“Fico surpresa que Richard lhe contasse isso. Não aprova nossa diversão.”

“Sai nos filmes?”

“Kaspar não tira nenhum benefício do filme” disse Raina. Se levantou e caminhou para o sofá. “Marcus não obriga ninguém a aparecer no filme. Mas Kaspar nos ajuda testando as pessoas. Certo, Kaspar?”

Ele assentiu. Contemplava o tapete, forçando-se a não olhá-la.

“Por que estão todos aqui esta noite?” perguntei.

“Jean-Claude nos prometeu alguns vampiros para nosso próximo filme.”

“Isso é verdade?” perguntei.

A cara do Jean-Claude estava em branco, encantadora, mas ilegível.

“Robert tem que ser castigado.”

Olhei com a cara franzida à mudança de protagonista. “O ataúde está cheio.”

“Sempre há mais ataúdes, Anita.”

Robert avançou lentamente.

“Sinto muito, mestre. Sinto muito” não tocou ao Jean-Claude, mas se arrastou perto dele. “Não posso agüentar a caixa outra vez, mestre. Por favor.”

“Ele tem medo da Raina, Jean-Claude. Que esperas que Robert faça com ela?”

“Não tenho medo da Raina.”

“Bem, mas Robert foi submetido. Você sabe que foi.”

“Possivelmente você tenha razão, *ma petite*.”

Robert levantou a vista. Um instante de esperança cintilou através dessa formosa cara.

“Obrigado, mestre” ele me olhou. “Obrigado, Anita.”

Encolhi-me de ombros.

“Podem ter ao Robert para seu próximo filme” disse Jean-Claude.

Robert agarrou sua perna.

“Mestre, eu...”

“Ah vamos, Jean-Claude, não o entregue a ela.”

Raina caiu pesadamente no sofá entre o Kaspar e eu. Levantei-me. Pôs um braço sobre os ombros do Kaspar. Ele se estremeceu.

“Ele é bonito o suficiente. Qualquer vampiro pode receber muito castigo. Melhor ainda” disse ela.

“Você os viu aqui esta noite” eu disse. “Realmente quer fazer isto a sua própria gente?”

“Deixe ao Robert decidir” respondeu Jean-Claude. “A caixa ou Raina?”

Robert levantou a vista para o licântropo. Ela riu dele com a boca ensangüentada. Robert baixou a cabeça para assim poder vê-la, logo afirmou com a

cabeça.

“A caixa não. Qualquer coisa é melhor que isso.”

“Tenho que sair daqui” eu disse. Tinha tido toda a política inter-sobrenatural que podia suportar em uma noite.

“Não quer ver o espetáculo?” perguntou Raina.

“Eu pensei que já tinha visto o espetáculo” eu disse.

Ela lançou o chapéu do Kaspar através do quarto. “Dispa-se” disse ela.

Tinha embainhado a faca e tinha recuperado a Browning do tapete onde Gabriel a tinha jogado. Estava armada. Para o que tinha me servido isso.

Kaspar se sentou no sofá. A branca pele tinha um rubor rosado. Os olhos brilhavam. Zangado, envergonhado.

“Eu era um príncipe antes que seus antepassados descobrissem este país.”

Raina apoiou o queixo em seu ombro, ainda lhe abraçando pelos ombros.

“Sabemos quanto seu sangue é azul. Foi um príncipe e um caçador tão grande e mau, um moço tão mau que uma bruxa te amaldiçoou. Transformou-te em algo formoso e inofensivo. Esperou que aprendesse a ser suave e amável.” Lambeu seu ouvido, movendo as mãos por seu cabelo. “Mas não é suave ou amável. Seu coração é frio e seu orgulho tão impermeável como era faz séculos. Agora, tire a roupa e te transforme em um cisne para nós.”

“Você não precisa de mim para fazê-lo com o vampiro” ele respondeu.

“Não, faça-o para mim. Faça-o para que assim Anita possa vê-lo. Faça-o para que Gabriel e eu não te façamos mal.” Sua voz era cada vez mais baixa. Cada palavra mais calma.

“Não pode me matar, nem sequer com prata” ele disse.

“Mas podemos te fazer lamentar que não possa morrer, Kaspar.”

Ele gritou, um baixo, áspero grito de frustração. Levantou-se repentinamente e tirou o casaco. Os botões quebrados caíram sobre o tapete. Ele jogou o casaco na cara de Raina.

Ela riu.

Caminhei para a porta.

“Ah, não vá ainda, Anita. Kaspar pode ser uma dor no traseiro, mas é realmente formoso.”

Joguei uma olhada atrás. A jaqueta informal de Kaspar e a gravata estavam no tapete.

Desabotoou a camisa branca de marca com rápidos movimentos, zangado. Havia uma linha de plumas brancas no centro do peito. Suave e macio como um pato de páscoa.

Sacudi a cabeça e continuei avançando para a porta. Não corri. Não caminhei mais rápido do normal. Foi a coisa mais valente que tinha feito em toda a noite.

Um táxi me levou em casa. Stephen ficou para despir-se ou para lambeir as botas de Jean-Claude, não estava certa do que, e não estava certa de que me importasse. Tive certeza de que Stephen não se metesse em problemas. Era o melhor que podia fazer. Era uma criatura de Jean-Claude, e eu tinha tido o suficiente do Amo da Cidade por uma noite.

Matar Gretchen era uma coisa, atormentá-la era outra. Continuava escutando os sons de suas mãos frenéticas. Eu gostaria de acreditar que Jean-Claude a manteria dormindo, mas eu o conhecia muito bem. Era um mestre vampiro. Eles governavam, em parte, pelo medo. Gretchen parecia uma verdadeira ameaça. Isso me desagradava e eu vou fazer isso pra você. Muito trabalho para mim.

Eu estava diante da porta de meu apartamento quando me dei conta de que não tinha chave. Tinha dado elas ao Richard, as chaves do carro e as de casa estavam no mesmo chaveiro.

Sentia-me idiota no corredor batendo em minha própria porta. A porta se abriu sem que a tocasse. Richard estava na entrada. Sorriu pra mim. “Olá” ele disse.

Encontrei-me sorrindo. “Olá, para você também.”

Retrocedeu para o lado, me deixando passar para a sala. Não tinha tentado me beijar na porta como Ozzie quando encontrava Harriet depois do trabalho. Fiquei feliz. Era um ritual muito íntimo. Se alguma vez fizéssemos isso de verdade, poderia me interromper na porta, mas não esta noite.

Fechou a porta atrás de mim e meio que esperei que pegasse meu casaco. Prudentemente, ele não o fez. Tirei o casaco e o pus sobre o sofá, onde coloco todos os casacos bons. O aroma de comida quente na cozinha enchia o apartamento.

“Você esteve cozinhando” eu disse não completamente contente.

“Pensei que você podia estar com fome. Além disso, tudo o que eu tinha que fazer era esperar. Cozinhei. Isso encheu o tempo.”

Podia entendê-lo. Embora cozinhar nunca me tivesse ocorrido, a menos que fosse forçada.

As únicas luzes acesas eram as de cozinha. Parecia uma caverna iluminada da escura sala de estar. Se eu não estava enganada, havia velas na mesa.

“Isso são velas?”

Ele riu. Parecia estar um pouco envergonhado. “Muito ruim?”

“É uma mesa de café da manhã dois lugares. Você não pode servir um jantar chique sobre ela.”

“Pensei que usaríamos o aparador como um buffet e só teríamos os pratos na mesa. Há espaço se tomarmos cuidado onde pomos nossos cotovelos.” Ele caminhou para a luz pela minha frente. Começou a intrometer-se com uma caçarola,

salpicando algo ao redor dela.

Fique observando a cozinha, olhando meu possível noivo me fazendo o jantar. Senti um formigamento por minha pele. Não podia soltar um profundo fôlego. Quis voltar para a porta. Isto era mais íntimo que um beijo na porta. Ele se moveu por ali, como se estivesse em casa.

Eu não saí. Era a coisa mais valente que tinha feito em toda a noite. Verifiquei automaticamente a fechadura da porta. Ele a tinha deixado aberta. Descuidado.

Não sabia o que fazer depois. Meu apartamento era meu refúgio. Podia vir aqui e simplesmente dar um pontapé. Podia estar sozinha. Eu gosto de estar sozinha. Precisava de um pouco de tempo para me esclarecer, me centrar, pensar como dizer a ele que Jean-Claude e eu tínhamos um encontro.

“A comida estragará se eu me limpar primeiro?”

“Posso esquentar tudo de novo quando você estiver pronta. Planejei a comida para que não estragasse sem importar o quão tarde você chegasse.”

Ótimo “Então vou tomar um banho.”

Ele virou para mim, emoldurado pela luz. O cabelo preso para trás, mas se soltava ao longo, frisando-se. Seu pulôver era como um laranja queimado que fazia sua pele parecer um brilhante dourado. Estava usando um avental que tinha escrito: As empanadas de carne da senhorita Lovett. Eu não tinha um avental, e certamente não teria escolhido um com um logotipo de Sweeney Todd. Um musical sobre o canibalismo me pareceu inadequado para um avental. Delicioso, mas ainda...

“Eu vou tomar banho.”

“Você já disse.”

Dei meia volta e caminhei para o quarto. Não corri, embora a tentação fosse grande. Fechei a porta e me apoiei contra ela. Meu quarto estava intacto. Sem sinais de invasão.

Havia um sofá sob a única janela do quarto. Os pingüins de pelúcia se sentavam sobre ele e caíam pelo chão. A coleção ameaçava apoderar-se de metade do chão, como uma maré rasteira. Agarrei ao mais próximo e me sentei na ponta da cama. Apertei-o entre meus braços, enterrando a metade superior de minha cara na cabeça amaçada.

Eu disse que ia me casaria com o Richard, então, por que estava tão arrasada, por seu repentino passeio doméstico? Tínhamos retrocedido do sim ao possivelmente, mas embora não fora assim, isso me incomodava. Casamento. As razões disto realmente não foram a rivalidade. Não era justo fazer perguntas como essas quando se estava semi nu e com um aspecto delicioso. Se ele tivesse se ajoelhado em um jantar em um chique restaurante, teria sido diferente minha resposta? Talvez. Mas nós nunca saberíamos certo?

Se eu estivesse sozinha, não teria comido. Teria tomado uma ducha, me metido

dentro de uma camiseta muito grande, e deitado, rodeada por um par de privilegiados pingüins. Agora tinha uma comida fantástica para comer à luz de velas. Se eu dissesse a ele que não estava com fome, se sentiria ofendido? Faria cara feia? Gritaria sobre todo o trabalho

que teve e me diria algo sobre privar de comida meninos no Sudeste da Ásia?

“Merda” eu disse brandamente e com sentimento. Bem, infernos, se alguma vez fôssemos conviver, ele teria que saber a verdade. Eu era insociável e a comida era algo que comia para não morrer.

Eu decidi fazer o que teria feito se ele não estivesse aqui. Eu realmente não gostava de me sentir desconfortável em minha própria casa. Se eu soubesse que ia passar por isto, teria chamado Ronnie para me despertar a cada hora. Eu estava bem. Não precisava de ajuda, mas com Ronnie teria estado mais confortável, menos ameaçada.

É obvio que, se Gretchen saísse de sua caixa, confiava que Richard sobreviveria ao ataque, mas não estava tão certa sobre Ronnie. Um ponto bom a favor de Richard. Era malditamente difícil de matar.

Pus a Browning no coldre incorporada à cama. Tirei o suéter e o deixei cair no chão. Estava arruinado e de toda forma, jerséis não amassam. Coloquei a Firestar na parte de trás do vaso sanitário. Depois me despi e entrei no chuveiro. Não fechei com chave a porta do quarto.

Pareceria insultante, como se, se eu não fechasse a porta com chave, ele estaria nu na cama com uma rosa nos dentes quando eu saísse. Fechei com chave a porta do banheiro. Fazia isso quando vivia na casa de meu pai. Agora o fazia se por acaso alguém atirasse a porta abaixo eu teria tempo de pegar a Firestar fora do chuveiro.

Abri a torneira do chuveiro tão quente como podia agüentar e fiquei em baixo dela até que os dedos começaram a me doer. Já estava limpa e tinha demorado tanto quanto podia.

Sequei o vapor do espelho com uma toalha. A camada superior da pele de minha bochecha direita esfolou-se. Não haveria problemas para que se curasse, mas um arranhão dói como o inferno até que se cure.

Tinha um pequeno arranhão no queixo e ao lado do nariz. Um galo aparecia com uma cor brilhante na testa. Eu parecia que tinha sido atropelada por um trem. Era assombroso que alguém quisesse me beijar.

Joguei uma olhada à porta do quarto. Ninguém me esperava. O lugar estava vazio e só se ouvia o zumbido do aquecedor. Estava tranqüilo, pacífico, e não podia ouvir nenhum ruído da cozinha. Respirei longamente. Sozinha, durante pouco tempo.

Eu era vaidosa o suficiente para não querer que Richard me visse com meu traje noturno habitual. Eu tinha tido um bonito robe preto, que cuidadosamente combinava com uma camisola preta. Um namorado muito otimista tinha me dado



isso. Ele nunca chegou a ver-me vesti-la. Fantasiava isto. O robe havia morto de uma maneira triste, coberto de sangue e outros fluídos corporais.

O uso da camisola me pareceu cruel já que não planejava transar com ele. Fiquei diante do armário e não tinha nada que vestir. Já que considero a roupa algo que se usa para não estar nu, era o bastante triste.

Vesti uma camiseta muito grande com uma caricatura da Mary Shelley nela, calças esporte cinzas, não de fantasia, tampouco do tipo que possuem cordão. Da forma em que Deus quis que fossem calças de esporte. Um par de meias brancas de corrida, a coisa mais próxima que eu tinha de chinelos, e estava pronta.

Olhei-me no espelho e não fiquei contente. Estava confortável, mas não muito atrativa. Mas era honesta. Nunca entendi essas mulheres que usam maquiagem, arrumam o cabelo e vestem-se maravilhosamente até depois que estão casadas. De repente, esquecem a maquiagem e perdem toda sua roupa fina. Se ao final nos casássemos, ele deveria ver com o que dormiria ao lado cada noite. Encolhi os ombros e saí.

Ele tinha soltado o cabelo. Formando uma espuma ao redor da cara, suave e convidativo. As velas tinham sumido. O avental também. Ele estava de pé na entrada, entre a cozinha e a sala de estar. Os braços cruzados sobre o peito, o ombro apoiado contra o batente da porta. Sorriu. Parecia tão delicioso, quis entrar de novo e me trocar, mas não o fiz.

“Sinto muito” ele disse.

“Sobre o quê?”

“Não estou completamente certo, mas acreditei que por suposto poderia me apropriar de sua cozinha.”

“Acho que é a primeira comida que alguma vez foi cozinhada nela.”

Seu sorriso se alargou e se afastou da porta. Caminhou para mim. Moveu-se no círculo de sua própria energia. Não esse poder desapegado do mundo, só Richard. Ou era isso? Talvez a maior parte de seu passeio fosse de sua besta.

Parou na minha frente sem desviar o olhar, o bastante perto para me tocar, mas sem fazê-lo. “A espera me estava deixando louco. Pareceu-me boa idéia cozinhar um jantar fantástico. Foi estúpido. Não tem que comê-la, mas me impediu correr para a Prazeres Malditos em defesa de sua honra.”

Fez-me sorrir.

“Maldição, eu não posso ficar de cara amarrada estando perto de ti. Você sempre me deixa alegre.”

“E isso é ruim?”

Eu ri. “Sim. Eu gosto do meu mau humor, muito obrigada.”

Arrastou os dedos por debaixo de meus ombros, massageando os músculos da parte superior de meus braços. Afastei-me dele. “Por favor, não o faça.”

Só isso, e a acolhedora cena doméstica estava arruinada. Tudo por minha culpa. Suas mãos caíram aos lados. “Sinto muito.” Não acreditava que o dissesse pela comida. Respirou fundo e assentiu. “Você não tem por que comer.” Suponho que íamos fingir que ele se referiu à comida. Por mim, ótimo.

“Se eu disser que não tenho fome absolutamente, ficaria zangado comigo?”

“Cozinhei para me sentir melhor. Se te incomodar, não o coma.”

“Beberei uma xícara de café, e te olharei comer.”

Sorriu. “Trato feito.”

Ele ficou de pé, me olhando. Parecia triste. Perdido. Se você ama alguém, não deveria fazê-lo sentir miserável. Isto é uma regra em algum lugar, ou deveria ser.

“Você soltou o cabelo.”

“Você gosta dele solto.”

“Tal como este é um de meus suéteres favoritos” eu disse.

“Este?” Sua voz continha um indício de brincadeira.

Eu podia recuperar a leveza. Poderíamos ter uma noite relaxada e agradável. Era minha decisão. Elevei a vista aos grandes olhos marrons e o amei. Mas eu não podia mentir pra ele. Seria pior que cruel. “Isto parece forçado.”

“Eu sei. Sinto muito.”

“Pare de te desculpar. Não é culpa sua. É minha.”

Ele balançou a cabeça. “Você não pode evitar se sentir assim.”

“Meu primeiro instinto é cortar e correr, Richard. Parar de ver você.

Sem conversa. Sem contato. Nada.”

“Se isso for o que você quer.” Sua voz soou estrangulada, como se custasse muito dizer essas palavras.

“O que eu quero é você. Só que não sei se posso lidar com tudo.”

“Não deveria ter te feito a proposta até que você tivesse visto como sou realmente.”

“Vi o Marcus e o bando.”

“Mas não é igual a me ver na minha forma bestial, certo?”

Respirei fundo, e soltei devagar. “Não” eu disse, “não é.”

“Se você tiver mais alguém que possa chamar para passar esta noite contigo, eu vou embora. Você disse que precisava de tempo e eu estou praticamente te empurrando. Estou te pressionando.”

“Sim, está.”

“Estou com medo que esteja perdendo você” ele disse.

“Me pressionar não vai ajudar” eu respondi.

“Eu acho que não.”

Fiquei de pé o observando. O apartamento estava escuro. A única luz provinha da cozinha. Poderia ter sido, deveria ter sido, muito íntimo. Eu dizia a todos que a

licantropia era só uma enfermidade. Era ilegal e imoral discriminar. Eu não tinha um só osso de preconceito em meu corpo, ou isso era o que eu dizia a mim mesma. Olhei para cima,

fitando o belo rosto de Richard, sabia que não era verdade. Tinha preconceitos. Tinha preconceito contra os monstros. Ah, eles eram bons o bastante para ser meus amigos, mas até meus amigos íntimos, Ronnie e Catherine, eram humanos. Bons o suficiente para ser amigos, mas não o bons o suficiente para amar. Não bons o bastante para compartilhar minha cama. Era isso o que eu realmente pensava? Era assim? Não era assim como queria ser. Levanto zumbis e mato vampiros. Não estava limpa o bastante para lançar a primeira pedra.

Cheguei perto dele. “Me abrace, Richard. Só me abrace.”

Seus braços me envolveram. Rodeei com os meus sua cintura pressionando a cara contra seu peito. Podia ouvir o batimento do coração dele, rápido e forte. Eu o abracei, escutando o batimento do coração, respirando seu calor.

Durante um instante me senti segura. Igual como me havia sentido antes de minha mãe morrer. Aquela crença infantil de que nada pode te fazer mal enquanto mamãe e papai lhe abraçam forte. Aquela fé cega de que eles podem tudo fazer dar certo. Nos braços do Richard, durante breves momentos, sentia isso outra vez. Embora eu soubesse que era uma mentira. Maldição, tinha sido uma mentira da primeira vez. A morte de minha mãe tinha demonstrado.

Separei-me primeiro. Não tentou me reter. Não disse nada. Se houvesse dito um algo remotamente simpático eu poderia ter chorado. Não podia o ter. Tinha trabalho a fazer.

“Você não me perguntou como foi com o Jean-Claude.”

“Estava zangada comigo quando atravessou essa porta. Pensei que se comesçasse a te encher de perguntas de repente, poderia a gritar comigo.”

Ele estava fazendo café puro. Por isso ganhou ao menos dois pontos.

“Não estava zangada contigo.” Coloquei café em minha caneca de bebê pingüim. Sem ter em conta a que tenho para trabalhar, era minha caneca favorita.

“Sim, você estava” ele disse.

“Quer um pouco de café?”

“Você sabe que eu não gosto.”

Como pode confiar em um homem ao que não gosta do café?

“Continuo esperando que você recupere o juízo.”

Começou a repartir a comida.

“Tem certeza que não quer?”

“Não, obrigada.” Era um pouco de carne marrom em um molho marrom. Olhar aquilo me deu náuseas. Eu tinha comido mais tarde com o Edward, mas esta noite a comida não parecia boa idéia. Talvez eu ter batido a cabeça contra o concreto tinha

algo haver com isso.

Sentei-me em uma das cadeiras, um joelho levantado até o peito. O café era à canela vienense, um de meus favoritos. Açúcar, nata de verdade, era perfeito. Richard se sentou em frente. Inclinou a cabeça e deu as graças sobre seu prato. É episcopalista<sup>(17)</sup>, eu mencionei isso? Exceto pela parte peluda, realmente é perfeito para mim.

“Diga-me o que aconteceu com Jean-Claude, por favor” disse ele.

Bebi a goles o café e tentei pensar em uma versão curta. Bem, não acredito que Richard gostasse de uma versão curta. Ok, talvez apenas a verdade.

“Ele recebeu as notícias melhor do que eu pensava, na verdade.”

Richard elevou a vista da comida, o garfo prateado pendeu no ar.

“Recebeu bem?”

“Eu não disse isso. Ele não se atravessou à força através de uma parede e tentou te matar imediatamente. Recebeu melhor do que eu havia esperado.”

Richard assentiu. Tomou um gole de água. “Ele ameaçou me matar?” perguntou.

“Ah, sim. Mas era como se ele soubesse da sua chegada. Não gostou, mas não o pegou completamente de surpresa.”

“Ele vai tentar me matar?” perguntou tranqüilamente, comendo a carne e o molho marrom.

“Não, não tentará.”

“Por que não?”

Era uma boa pergunta. Perguntei-me o que ele pensaria da resposta. “Ele quer sair comigo.”

Richard parou de comer. Só me olhou. “Ele o quê?” ele disse quando pôde falar.

“Ele quer uma chance de namorar comigo. Diz que se não conseguir me conquistar em uns meses, ele vai desistir. Ele vai deixar-nos seguir nosso caminho alegremente e não irá interferir.”

Richard se recostou na cadeira. “E você acredita nele?”

“Sim. Jean-Claude pensa que é irresistível. Acredito que ele pensa que se eu o deixasse usar todos seus encantos comigo, eu vou reconsiderar.”

“Você vai?” Sua voz soou muito tranqüila quando o perguntou.

“Não, eu acho que não.” Não era um assunto que incitasse.

“Eu sei que você o deseja, Anita. Você o ama?”

A conversa se tornou um déjà-vu.

“Em alguma parte escura e retorcida de meu coração, sim. Mas não da maneira que eu te amo.”

“No que é diferente?”

“Olhe, já tive esta conversa com Jean-Claude. Eu te amo. Você pode me imaginar estabelecendo meu lar com o Amo da Cidade?”

“Você pode se ver criando um lar com um homem lobo alfa?”

Merda. Olhei fixamente para ele através da mesa e suspirei. Pressionava-me, mas não podia o culpar. Se eu fosse ele, eu teria me deixado. Se eu o amasse o suficiente para aceitar tudo dele, se fosse assim, que demônios precisava? Eu não queria que ele me largasse. Estava indecisa, mas não queria perde-lo. Falava sobre ter o bolo e também comê-lo.

Inclinei-me através da mesa e lhe ofereci minha mão. Depois de um momento a pegou.

“Eu não quero te perder.”

“Você não vai me perder.”

“É malditamente mais tolerante do que eu seria.”

Não sorriu. “Eu sei que sou.”

Eu teria gostado de discutir, mas a verdade era a verdade. “Seria mais se pudesse.”

“Entendo que você esteja reticente a te casar com um homem lobo. Quem não está? Mas Jean-Claude...” Sacudiu a cabeça.

Apertei sua mão. “Vamos, Richard. Isto é o melhor que podemos fazer por agora. Jean-Claude não tentará matar nenhum dos dois. Ainda podemos sair como até agora e estar juntos.”

“Eu não gosto que te veja forçada a sair com ele” ele passou os dedos através de meus nódulos, uma carícia. “Eu gosto ainda menos de pensar que você gostará disso. Nessa pequena parte escura de ti, passará um bom momento.”

Quis negá-lo, mas seria uma mentira total. “Pode sentir o cheiro se eu mentir?”

“Sim” ele respondeu.

“Então, é intrigante e assustador.”

“Eu te quero a salvo, a parte aterradora me incomoda, mas a parte intrigante me incomoda mais.”

“Com ciúmes?”

“Preocupado.”

O que eu podia dizer? Eu também.

O telefone tocou. Procurei por ele e não encontrei nada. Levantei a cabeça e encontrei o suporte vazio. O telefone não estava. Tinha parado de tocar. O relógio do rádio estava ali ainda, brilhando em vermelho. Era 1:03h.

Fiquei apoiada sobre um cotovelo, piscando para o espaço vazio. Estava sonhando? Por que ia sonhar que alguém tinha roubado o telefone?

A porta do dormitório se abriu. Richard estava de pé, emoldurado pela luz de atrás. Ah. Agora eu lembro. Ele levou o telefone para a sala, assim eu não acordaria. Já que tinha que despertar a cada hora, eu o tinha deixado fazer isso. Quando só dorme uma hora, até uma chamada telefônica curta pode estragar as coisas.

“Quem é?”

“É o sargento Rudolf Storr. Eu pedi que ele esperasse até que você tivesse que acordar, mas é bastante insistente.”

Eu podia imaginar isso.

“Está tudo bem.”

“Quinze minutos o teriam matado?” ele perguntou.

Tirei as pernas de debaixo do cobertor.

“Dolph está no meio de uma investigação de assassinato, Richard. Paciência não é seu ponto forte.”

Richard cruzou os braços sobre o peito, apoiando-se contra o travessão da porta. A luz da sala projetava escuras sombras em seu rosto. As sombras formavam enormes quadrados em seu pulôver laranja. Parecia zangado. Fez-me sorrir. Acariciei-lhe o braço quando passei pela frente dele. Eu parecia ter herdado um olhar de lobo.

O telefone estava perto da porta principal, onde estava a outra tomada telefônica. Sentei no chão e apoiei as costas na parede e atendi o telefone.

“Dolph, sou eu. O que está acontecendo?”

“Quem é esse Richard Zeeman que atende seu telefone no meio da noite?”

Fechei os olhos. Minha cabeça pulsava. O rosto doía. Não havia dormido uma merda. “Você não é meu pai, Dolph. O que está acontecendo?”

Um momento de silêncio. “Estamos na defensiva, não estamos?”

“Sim, quer fazer algo sobre isso?”

“Não” disse ele.

“Estás me ligando para saber de minha vida pessoal ou há alguma razão para me acordar?” Eu sabia que não era outro assassinato. Estava muito alegre para isso, o que me fez perguntar se não poderia ter esperado umas poucas horas.

“Encontramos algo.”

“O que exatamente?”

“Simplesmente venha e veja você mesma.”

“Não me faça isto, Dolph. Só me diga que diabos é.”

Outro silêncio. Se ele esperava que eu pedisse desculpas, ia esperar um longo tempo. Por fim. “Encontramos uma pele.”

“Que tipo de pele?”

“Se soubéssemos que demônios é, eu te ligaria à uma da amanhã?”

Parecia zangado. Suponho que não podia lhe culpar.

“Sinto muito, Dolph. Sinto ter te atacado.”

“Bem.”

Ele não tinha aceito minha desculpa exatamente. Ótimo.

“Está relacionado com o assassinato?”

“Eu não acho, mas não sou nenhum perito sobrenatural” ainda soava chateado. Talvez ele também não tinha dormido muito. É claro, eu apostava que ninguém tinha quebrado a cabeça dele em uma calçada.

“Onde você está?”

Deu-me a direção. Estava no Condado do Jefferson, longe da cena do crime.

“Quando pode estar aqui?”

“Não posso dirigir” eu disse.

“O que?”

“Ordens do médico, esta noite não devo me pôr atrás do volante de um carro.”

“O quanto está machucada?”

“Não muito, mas o médico quis que eu acordasse a cada uma hora, e nada de dirigir.”

“Por isso o Sr. Zeeman está aí.”

“Sim.”

“Se você está muito machucada para vir esta noite, isso pode esperar.”

“A pele continua onde foi encontrada? Tudo sem tocar?”

“Sim.”

“Eu vou. Quem sabe? Poderia haver uma pista.”

Deixou de pressionar. “Como vais chegar até aqui?”

Joguei uma olhada ao Richard. Ele poderia me levar, mas de alguma maneira, pensei que não era boa idéia. Em primeiro lugar, era um civil. Em segundo, era um licantropo. Trabalhava para o Marcus, e de certo modo, para Jean-Claude. Não era uma boa escolha levá-lo a uma investigação de assassinato sobrenatural. Além disso, se houvesse sido humano, a resposta teria sido a mesma. Nada de entendimentos.

“A menos que possa me enviar um carro patrulha, suponho que pegarei um táxi.”

“Zerbrowski não atendeu à primeira chamada. Vive no St. Peters. Para chegar

aqui ele terá que passar por ti. Ele pode te pegar.”

“Ele vai concordar?”

“Vai” respondeu Dolph.

Ótimo. Presa em um carro com o Zerbrowski.

“Bem, eu vou estar vestida e esperando.”

“Vestida?”

“Não comece, Dolph.”

“Delicada, muito delicada.”

“Pare.”

Ele riu. Foi bom ouvi-lo rir. Significava que não tinham morrido muitas pessoas desta vez. Dolph não ria muito durante casos de assassinos em série. Ele desligou. Eu também.

“Tem que sair?” perguntou Richard.

“Sim.”

“Sente-se bem o bastante para ir?”

“Sim.”

“Anita...”

Apoiei a cabeça contra a parede e fechei os olhos. “Não, Richard. Eu vou.”

“Nenhuma discussão permitida?”

“Sem discussão” respondi. Abri os olhos e o olhei.

Ele estava olhando para baixo para mim, os braços cruzados.

“O que?” eu disse.

Sacudiu a cabeça.

“Se eu te dissesse que ia fazer algo sem nenhuma discussão, você ficaria louca.”

“Não, eu não ficaria.”

“Anita.” Ele disse meu nome da mesma forma em que meu pai o dizia.

“Não, não se seus motivos fossem válidos.”

“Anita, você ficaria zangada e sabe disso.”

Quis negá-lo, mas não podia.

“Tudo bem, você está certo. Eu não gostaria.” Olhei-o. Eu ia ter que lhe dar uma razão de por que ia sair e fazer meu trabalho. Não era algo agradável.

Levantei. Eu quis lhe dizer que não tinha que me explicar para ninguém, mas se queria este assunto do casamento, não seria verdade. Eu não gostei muito. Ele ser um homem lobo não era o único obstáculo para a sorte doméstica.

“É trabalho policial, Richard. Pessoas morrem quando eu não faço o meu trabalho.”

“Pensei que seu trabalho era levantar zumbis e matar vampiros.”

“Você parece o Bert.”



“Você me disse o suficiente sobre o Bert para eu saber que isso é um insulto.”

“Se você não quiser ser comparado ao Bert, deixe de dizer algumas de sua frase favoritas.” Caminhei por diante dele para o quarto.

“Tenho que me vestir.”

Seguiu-me.

“Sei que ajudar à polícia é muito importante para ti.”

Voltei-me para ele.

“Não só ajudo à polícia, Richard. O Esquadrão Fantasma só está funcionando há dois anos. Os policiais, não sabiam uma merda sobre criaturas sobrenaturais. Isto é um detalhe de merda. Faça alguma coisa para chatear seus superiores e você é transferido para lá.”

“Os jornais e a TV disseram que era uma patrulha de forças independente, como uma patrulha de forças especiais. Que é uma grande honra.”

“Ah, sim, certo. O Esquadrão não consegue quase nenhum financiamento adicional. Nenhum treinamento especial em criaturas sobrenaturais ou seus costumes. Dolph, o Sargento Storr, viu-me no jornal e entrou em contato com o Bert. Não havia nenhuma informação em crime sobrenaturais para os oficiais da lei neste país. Dolph pensou que poderia ser um conselheiro.”

“Você é muito mais que um conselheiro.”

“Sim, eu sou.” Eu poderia ter dito a ele que antes do verão Dolph tinha tentado não me chamar em seguida. Tivemos um caso claro de demônio necrófago em um cemitério que se tornou muito ambicioso e atacou a um casal casado. Os demônios necrófagos são covardes e não atacam pessoas sozinhos, mas sempre há exceções à regra. Quando Dolph me chamou, seis pessoas tinham morrido. Não tinham sido demônios necrófagos.

Ultimamente, Dolph tinha começado a me chamar desde o começo, antes de que as coisas se tornassem muito complicadas. Às vezes podia diagnosticar o problema antes que se descontrolasse.

Mas não podia dizer isso ao Richard. Poderia ter havido uma matança menor se ele tivesse me chamado este verão, mas não era assunto de ninguém, só do Dolph e meu. Tínhamos falado disso só uma vez, e foi o suficiente. Richard era um civil, homem lobo ou não. De maneira nenhuma era assunto seu.

“Olhe, eu não sei se posso explicar isso de forma que você entenda, mas eu tenho que ir. Isto pode deter um problema maior. Pode evitar que eu tenha que ir à cena de um crime mais tarde. Você pode entender isso?”

Parecia perplexo, mas o que saiu de sua boca não o era.

“Não entendo isso realmente, mas talvez não tenho que fazê-lo. Possivelmente saber que para ti é importante já é suficiente.”

Soltei um profundo fôlego. “Ótimo. Agora tenho que me preparar. Zerbrowski

estará aqui a qualquer momento. Ele é o detetive que me levará de carro.”

Richard só assentiu com a cabeça. Sábio ele.

Entrei no quarto e fechei a porta. Agradecidamente. Isto seria uma discussão habitual se nos casássemos? Eu teria que me explicar sempre? Deus, esperava que não.

Outro par de jeans pretos, um suéter vermelho com gola e capuz tão suave e nebuloso que me fez sentir melhor só vesti-lo. O coldre de ombro da Browning parecia muito escuro e dramático contra o vermelho do suéter. O suéter vermelho também realçou a cor de carne dos arranhões do meu rosto. Eu poderia tê-lo trocado, mas a campanha soou.

Zerbrowski. Richard abriu a porta enquanto eu me olhava no espelho. Pensei que por si só era o suficiente. Caminhei para fora do quarto.

Zerbrowski estava de pé no interior da porta, as mãos nos bolsos de seu paletó. Seu cabelo preto encaracolado com uns toques de cinza foi recentemente cortado. Usava até gel. Geralmente, Zerbrowski tinha sorte se lembrava de pentear-se. O traje, que mostrava o casaco aberto, era preto e formal. A gravata era de bom gosto e com um nó perfeito. Joguei uma olhada para baixo, e sim, em efeito, os sapatos estavam brilhantes. Nunca o tinha visto sem ter manchas de comida em algum lugar.

“Onde você foi todo vestido?” perguntei.

“Onde você estava toda despida?” ele perguntou. Sorrii quando o disse. Senti o rubor subir pela cara e o odiei muito. Eu não tinha feito nada para que me envergonhar.

“Bem, vamos.” Agarrei meu casaco do respaldo do sofá e toquei o sangue seco. Merda. “Tenho que conseguir um casaco limpo. Volto logo.”

“Eu vou falar com o Sr. Zeeman” disse Zerbrowski.

Tive medo disso, mas de todos os modos fui colocar minha jaqueta de couro. Se terminássemos comprometidos, Richard teria que encontrar-se com Zerbrowski cedo ou tarde. Eu teria preferido mais tarde.

“O que você faz para ganhar a vida, Sr. Zeeman?”

“Sou professor.”

“Oh, sério?”

Perdi a conversa nesse ponto. Peguei a jaqueta do armário e retornei. Conversavam como dois velhos conhecidos.

“Sim, Anita é nossa perita sobrenatural. Não saberia o que fazer sem ela.”

“Estou pronta. Vamos.” Caminhei por diante deles e abri a porta. Segurei-a para Zerbrowski.

Ele riu de mim. “Faz quanto tempo que estão saindo juntos?”

Richard me olhou. Ele sabia suficientemente bem quando retirar-se se eu não estava confortável. Ele ia me deixarei responder a pergunta. Bom por ele. Muito

bom. Se só fora completamente despropositável e me desse uma desculpa para lhe dizer que não. Isto não vale a pena. Mas maldição, se ele não trabalhasse realmente duro para me fazer feliz. Não era uma tarefa fácil.

“Desde novembro” eu disse.

“Dois meses, não está mau. Katie e eu nos comprometemos dois meses depois de nosso primeiro encontro.” Os olhos cintilaram, o sorriso se burlava. Ele não sabia que era um tema espinhoso.

Richard me olhou. Um olhar largo e sério.

“Na verdade dois meses não é muito tempo.”

Tinha-me ajudado. Eu não o merecia.

“Tempo o suficiente se for o certo” respondeu Zerbrowski.

Tratei de tirar o Zerbrowski pela porta. Sorria abertamente. Ele não tinha nenhuma intenção de ser apressado. Minha única esperança era que Dolph o chamasse outra vez. Isso acenderia um fogo a seu traseiro.

Dolph não ligou. Zerbrowski sorriu pra mim abertamente. Richard me olhou. Os grandes olhos marrons eram profundos e pareciam feridos. Quis segurar seu rosto entre minhas mãos e limpar a dor de seus olhos. Ah, inferno. Provavelmente ele tivesse razão.

"Tenho que ir."

“Eu sei” ele disse.

Joguei uma olhada ao Zerbrowski. Sorria-nos abertamente desfrutando do espetáculo.

Supunha-se que eu beijaria como despedida? Já não estávamos comprometidos. O compromisso mais rápido da história. Mas ainda saíamos. Ainda o amava. Isso merecia um beijo sem mais.

Agarrei a frente de seu pulôver e o aproximei de mim. Pareceu surpreso.

“Você não tem que fazer isto para mostrar” ele sussurrou.

“Cale a boca e me beije.”

Com isto ganhei um sorriso. Cada beijo era um agradável estremecimento. Ninguém tinha os lábios tão suaves. Ninguém mais tinha o gosto de algo tão bom. Seu cabelo caiu para frente e agarrei um punhado, pressionando sua cara contra a minha. Suas mãos se deslizaram por minhas costas, por debaixo da jaqueta de couro, obstinadas ao pulôver.

Separei-me sem fôlego. Não queria ir agora. Com ele ficando toda a noite, talvez era algo bom que eu tivesse que sair um momento. Eu quis dizer que não haveria sexo antes do casamento, até se ele não fosse um licântropo, mas meu corpo estava mais que desejoso. Eu não estava certa de que meu espírito estava à altura da luta. O olhar nos olhos do Richard, que se afogavam profundamente, valia algo no mundo. Tentei esconder o radiante sorriso, mas sabia que era muito tarde. Sabia que

pagaria por isso no carro com Zerbrowski.

Eu nunca ouviria o final disso. Olhando para cima, o rosto do Richard, não preocupou-me. Resolveríamos tudo no final. Certamente, por Deus, que poderíamos resolvê-lo.

“Espere até eu dizer ao Dolph que chegamos tarde porque você estava beijando o rapaz.”

Não me deixei picar.

“Posso demorar algumas horas para voltar. Você poderia ir para casa em vez de esperar aqui.”

“Dirigi seu Jipe até aqui, lembra? Não tenho com que ir pra casa.”

Ah. “Bem, estarei de volta assim que puder.”

Inclinou a cabeça. “Estarei aqui.”

Eu saí para o corredor, já não sorria. Não estava certa de como me sentir sobre chegar a casa e me encontrar com Richard. Como ia chegar alguma vez a uma verdadeira decisão se ele se mantinha perto de mim fazendo que meus hormônios ficassem loucos?

Zerbrowski riu entre dentes.

“Blake, eu vi de tudo agora. A grande assassina de vampiros apaixonada.”

Sacudi a cabeça. “Suponho que não ajudaria que te pedisse para manter isto em segredo?”

Ele sorriu abertamente. “Você torna a brincadeira mais divertida.”

“Vá a merda” Zerbrowski.

“Loverboy parecia meio tenso, assim não disse nada na frente dele, mas agora que estamos sozinhos, o que diabos aconteceu com você? Parece que alguém empurrou sua cara contra uma faca de açougueiro.”

Na verdade, eu não. Eu vi fazerem isso uma vez e era bastante desagradável.

“Uma longa história. Você já sabe meu segredo. Onde foi tudo vestido esta noite?”

“Esta noite faz dez anos que me casei” ele respondeu.

“Está de brincadeira?”

Sacudiu a cabeça.

“Felicidades” eu disse. Falávamos rápido e ruidosamente escada abaixo.

“Obrigado. Contratamos uma babá e tudo. Minha mulher me fez deixar o beeper em casa.”

O frio fez arder as feridas da cara e piorou a dor de cabeça.

“A porta não está trancada” disse Zerbrowski.

“Você é um policial. Como pode deixar seu carro aberto?” Abri a porta e parei. O assento do passageiro e o chão estavam cheios. As sacolas de viagem do McDonald e os jornais ocupavam todo o assento, e caíam para o chão. Um pedaço

de pizza petrificada e uma coleção de latas de refrigerante enchiam o resto do chão.

“Jesus, Zerbrowski, a Agência de Amparo Ambiental não sabe que você conduz um esgoto de refugio tóxico por zonas povoadas?”

“Entende por que o deixo aberto? Quem o roubaria?” Ajoelhou-se no assento e começou a mover braçadas de lixo para assento traseiro. Parecia que esta não era a primeira vez que tinha limpo o assento dianteiro jogando o lixo para a parte traseira. Limpei miolos do assento vazio ao chão. Quando o deixei tão limpo quanto podia, sentei-me.

Zerbrowski coloco o cinto de segurança e arrancou o carro. Este pigarreou à vida. Coloquei o cinto de segurança e ele saiu do estacionamento.

“Como Katie se sente sobre seu trabalho?” perguntei.

Zerbrowski me jogou uma olhada. “Ela está de acordo com isso.”

“Você era policial quando se conheceram?”

“Sim, ela já sabia o que esperar. Loverboy não queria que você saísse esta noite?”

“Ele pensou que eu estava muito machucada para sair.”

“Você está perecendo uma merda.”

“Obrigada.”

“Eles nos amam, desejam que sejamos cuidadosos. É um professor de escola de ensino médio, Por Deus. O que ele sabe sobre violência?”

“Mais do que ele gostaria.”

“Sei, sei. As escolas são um lugar perigoso hoje em dia. Mas isto não é a mesma coisa, Anita. Usamos armas. Demônios, você matas vampiros e levanta os mortos, Blake. Não pode ficar muito mais desagradável que isso.”

“Eu sei.” Mas não sabia. Ser um licantropo era desagradável. Não?

“Não, não acredito que saiba, Blake. Amar alguém que vive na violência é um caminho difícil de seguir. Que alguém nos queira é um milagre. Não tenha medo.”

“Eu disse que tinha medo?”

“Não em voz alta.”

Merda. “Deixemos disto, Zerbrowski.”

“Como queira. Dolph vai estar tão excitado de que você tenha decidido atar o laço... ah, nó.”

Afundi-me no banco tudo o que o cinto me permitia. “Não estou casada.”

“Talvez ainda não, mas conheço esse olhar, Blake. É uma mulher que se afoga, e a única saída está em caminhar por esse corredor.”

Eu teria gostado de discutir, mas estava muito confusa. Uma parte de mim acreditava em Zerbrowski. Outra parte de mim queria deixar de sair com Richard e estar segura outra vez. Bem, bem, não estava exatamente segura antes devido ao Jean-Claude, mas não estava comprometida. É obvio, ainda não estava

comprometida.

“Você está bem, Blake?”

Suspirei. “Vivi sozinha muito tempo. Alguém se acostuma a sua forma de fazer as coisas.” Além disso, ele é um homem lobo. Não o disse em voz alta, mas queria. Precisava de uma segunda opinião, mas um policial, sobre tudo Zerbrowski, não era a pessoa indicada a quem perguntar.

“Ele está te pressionando?”

“Sim.”

“Quer casamento, crianças, o pacote completo?”

Crianças. Ninguém tinha mencionado crianças. Richard tinha a fantasia caseira de uma casa pequena, ele na cozinha, eu trabalhando, e crianças? Ah, maldição, íamos ter que nos sentar e ter uma conversa séria. Se realmente conseguíssemos nos comprometer como pessoas normais, o que significava tudo isto? Richard queria crianças? Eu certamente não.

Onde viveríamos? Meu apartamento era muito pequeno. Sua casa? Não estava certa de que eu gostasse dessa idéia. Era sua casa. Não deveríamos ter nossa casa? Merda. Eu com crianças? Grávida, eu? Não nesta vida.

Eu pensava que o peludo era nosso maior problema. Talvez não fosse assim.

O rio formava redemoinhos negros e frios. As rochas estavam presas como dentes de gigantes. O penhasco atrás de mim era íngreme, com grossas árvores. A neve entre as árvores estava pisoteada e escorregadia mostrando as folhas em baixo. O penhasco a minha frente era uma ribanceira que se sobressaía sobre o rio. Nenhum caminho descia dali a menos que você estivesse disposto a saltar. A água tinha mais ou menos um metro e meio de profundidade no centro do rio. Saltar de dez metros não era uma boa idéia.

Fiquei de pé na margem com cuidado já que escorregava. A água escura passava só uns centímetros dos pés. As raízes de árvore presas à margem rasgavam a terra. A combinação de neve, folhas e margem quase vertical parecia destinada a me enviar à água, mas lutaria contra eles enquanto eu pudesse.

As rochas formavam uma parede baixa, quebrada no rio. Algumas pedras estavam apenas por cima dos redemoinhos da água, mas uma rocha próxima ao centro do rio se erguia a uma altura superior à cintura.

Cobrindo aquela rocha estava a pele. Dolph ainda era o mestre da subestimação. Uma pele não devia ser maior que um cesto e menor que um Toyota? A cabeça estava pendurada na rocha, coberta perfeitamente como se tivesse sido colocada. Era uma das razões pela qual ainda estava no meio do rio. Dolph queria que eu visse se por acaso a colocação tinha algum significado de ritual.

Havia uma equipe de mergulho esperando na margem com seus trajes secos, que são mais volumosos que os trajes de mergulho e melhores protegendo do frio da água.

Um mergulhador alto e encapuzado parou junto ao Dolph. Foi apresentado como MacAdam.

“Podemos entrar agora e ir até a pele?”

“Anita?” perguntou Dolph.

“Melhor eles na água que eu” eu disse.

“É seguro?” perguntou Dolph.

Era uma pergunta diferente. Certo. “Não estou certa.”

MacAdam me olhou. “O que poderia haver aí? É só uma pele, não?”

Encolhi os ombros. “Não estou certa de que tipo de pele é.”

“Então?” ele perguntou.

“Então, lembra do Mago Louco dos anos setenta?”

“Eu acho que você não poderia se lembrar disso” disse MacAdam.

“Eu estudei isso na faculdade. Terrorismo mágico, último ano. O Mago se especializou deixando armadilhas mágicas em lugares remotos. Uma de suas armadilhas favoritas era uma pele de animal que se prenderia em quem o tocasse

primeiro. Precisaria de uma bruxa para tirá-lo.”

“Era perigoso?” perguntou MacAdam.

“Um homem se asfixiou quando isso se prendeu a sua cara.”

“Como diabos o tocou primeiro com a cara?”

“Difícil perguntar a um morto. A reanimação não era uma profissão nos anos setenta.”

MacAdam olhou ao longe fixamente, através da água.

“Bem, como se verifica se é perigoso?”

“Alguém já esteve na água?”

Ele apontou seu polegar para o Dolph. “Não nos deixaria, e o Xerife Titus disse que o deixássemos ao excelente perito em monstros” me olhou de cima abaixo. “É você?”

“Essa sou eu.”

“Bem, faça o que faz um perito para que meu pessoal e eu possamos entrar aí.”

“Quer o foco agora?” perguntou Dolph.

Eles iluminaram o lugar como uma noite de estréia no Mann's Chinese Theatre. Eu os tinha feito apagar as luzes depois de ter conseguido dar uma primeira olhada. Havia algumas coisas que só podiam ser vistas com luz, outras só se viam na escuridão.

“Nada de luz ainda. Deixe-me vê-lo primeiro na escuridão.”

“Por que sem luz?” perguntou Dolph.

“Algumas coisas se escondem da luz, Dolph, e ainda poderiam arrancar alguma parte de um dos mergulhadores.”

“Você está realmente falando sério, não é mesmo?” perguntou MacAdam.

“Sim, não está contente?”

Olhou-me durante um momento, logo sacudiu a cabeça. “Sim. Como vai conseguir olhar mais de perto? Tendo em conta o tempo tão frio que fez estes dias, a água deverá estar aproximadamente a 4°C, mas ainda é muito frio para entrar sem traje correto.”

“Ficarei nas rochas. Colocarei uma mão para ver se algo emerge para apanhar a isca, mas ficarei tão seca quanto puder.”

“Você leva os monstros a sério” ele comentou, “Eu levo a água a sério. Poderia ter hipotermia dentro de aproximadamente cinco minutos se entrar na água com este frio. Trate de não cair.”

“Obrigado pelo conselho.”

“Você vai se molhar” disse Aikensen. Estava de pé por cima de mim, apoiando-se contra uma árvore. Seu chapéu Smokey Bear estava encravado na cabeça, a lã grossa do colarinho chegava quase até o queixo. Os ouvidos e a maior parte da cara estavam ainda descobertos ao frio. Esperava que se congelasse.



Colocou a lanterna sob o queixo como em uma piscada do Halloween. Ele estava sorrindo. “Nada foi movido, senhorita Blake. Deixamos tudo onde encontramos.”

Não o corrija o "senhorita". Só o tinha feito para me irritar. Se não lhe desse a atenção o incomodaria. Ótimo. O sorriso do Halloween empalideceu, franzindo o cenho sob a luz.

“O que acontece, Aikensen? Não queria molhar seus delicados pés?”

Afastou-se da árvore. O movimento foi muito brusco. Escorregou para a borda com os braços estendidos tentando reduzir o impacto da queda. Caiu de bunda e seguiu rodando. Vinha diretamente para mim.

Dei um passo para um lado e senti como as margens do chão se desfaziam sob meus pés. Dei um salto e acabei na rocha mais próxima do rio. Aconcheguei-me nela, quase de quatro para me impedir de cair à água. A pedra estava úmida, lisa, fria e insondável como um osso.

Aikensen desembarcou com um grito no rio. Sentou-se, a água gelada formava redemoinhos até a metade do peito dele. Golpeou a água com as mãos enluvadas, para castigá-la. Tudo o que estava conseguindo era molhar-se mais.

A pele não deslizou da rocha e o cobriu. Nada o agarrou. Eu não podia sentir nenhum tipo de magia no ar. Somente o frio e o som da água.

“Acho que nada vai come-lo” disse MacAdam.

“Suponho que não” eu disse. Tentei manter a decepção em minha voz.

“Pelo amor de Deus, Aikensen, saia da água.” A voz do Titus retumbou no topo da colina. O xerife, junto com a maior parte dos outros policiais, estava no alto da ravina, ao longo do caminho de cascalho que conduzia até o lugar. Duas ambulâncias também esperavam ali acima. Já que a lei da Gaia entrou em vigor há três anos, uma ambulância devia estar na cena se por acaso houvesse alguma possibilidade de salvar a um humanóide. Ali, as ambulâncias eram chamadas para retirar carcaças de coiotes, como se fossem lobisomens mortos. A lei tinha entrado em vigor, mas o dinheiro suplementar não tinha sido posto a disposição dos sistemas de emergências do país. Washington realmente gosta de complicar as coisas.

Estávamos no quintal de atrás da casa do verão de alguém. Algumas das casas tinham áreas de aterrissagem ou até pequenos abrigos para botes, se tivessem profundidade suficiente na água de seu imóvel. O único barco que poderia passar por este canal rochoso era uma canoa, assim não tínhamos nenhuma área de aterrissagem nem nenhum atracadouro, só a escura água fria e um ajudante muito molhado.

“Aikensen, mova o traseiro para uma daquelas rochas. Dê uma mão a Sra. Blake já que está molhado.”

“Não preciso da ajuda dele” respondi ao Titus.

“Bem, Sra. Blake, agora este é nosso condado. Eu não gostaria que alguma besta a comesse enquanto nos mantemos secos e seguros em terra.”

Aikensen ficou de pé, quase caindo outra vez quando as botas escorregaram no fundo arenoso. Virou-se para mim, me olhando como se fosse tudo por minha culpa, mas subiu à rocha do lado em frente à pele. Tinha perdido sua lanterna. Gotejava na escuridão, exceto o chapéu Smokey Bear que tinha conseguido manter por cima da água. Parecia tão mal-humorado quanto uma galinha molhada.

“Vejo que não se oferece a subir a essa zona em particular” eu disse.

Titus chegou à margem. Parecia fazer muito melhor do que eu o fazia. Tinha cambaleado como um bêbado de árvore em árvore.

Titus mantinha as mãos prontas para agarrar-se, mas chegou abaixo andando sem precisar delas. Parou ao lado do Dolph.

“Delegar, Sra. Blake. O que tornou grande este país.”

“O que você acha disso, Aikensen?” eu disse mais brandamente.

Fulminou-me com o olhar. “Ele é o chefe” não souu como se sentisse feliz por isso, mas eu acreditava.

“Continue com isso, Anita” disse Dolph.

Tradução pare de puxar a corrente de todo mundo. Todos tinham frio. Não podia culpá-los. Eu também. Fiquei de pé com muito cuidado na rocha escorregadia. Minha lanterna refletiu na água como um espelho negro, opaco e sólido.

Enfoquei a lanterna na primeira pedra. Era pálida, e brilhante pela água e provavelmente gelo. Andei sobre ela com cuidado. A próxima pedra, ainda bem. Quem pensaria que os Nike Air eram bons para rochas congeladas?

A advertência do MacAdam sobre a hipotermia cruzou minha cabeça. Justo o que eu precisava, ser hospitalizada por hipotermia. Já não tinha muitos problemas sem precisar ter que lutar contra os elementos?

Havia um vazio entre as duas pedras seguintes. Era uma distância tentadora. Distância superável mas, passava uns centímetros da distancia confortável. A rocha em que eu estava era plana sob a água, mas sólida sob os pés. A seguinte estava um pouco curvada em algum ponto.

“Tem medo molhar os pés?” Aikensen me dirigiu um sorriso, era mais uma exposição de dentes brancos na escuridão.

“Você está com inveja porque está molhado e eu não?”

“Eu poderia molhá-la” ele respondeu.

“Só em meus pesadelos” eu disse. Tive que saltar e esperei que algum equilíbrio milagroso me mantivesse segura. Joguei uma olhada atrás, à margem. Pensei em perguntar aos mergulhadores se tinham um traje seco extra para mim, mas me pareceu covarde com o Aikensen tremendo nas rochas. Além disso, provavelmente poderia dar o salto. Provavelmente.

Coloquei-me tão na borda da rocha como pude e saltei. Estive um segundo no ar, então meu pé golpeou a rocha. Escorregou para um lado.

Caí na rocha, abraçando-a com ambas as mãos e uma perna. A outra perna terminou mergulhada até a coxa na água fria como o gelo. O choque me deixou amaldiçoando.

Lutei para me colocar sobre a segurança da rocha com a água correndo pela perna da calça dos jeans. Meu pé não tinha encostado no fundo. A água de ambos os lados da rocha me chegaria até a cintura se o espetáculo do Aikensen ao atravessá-la fosse uma boa indicação. Tinha encontrado um buraco o bastante profundo para ter empapado cada centímetro de mim. Felizmente era só a perna.

Aikensen ria de mim. Se tivesse sido alguém mais, poderíamos ter rido juntos do ridículo que era tudo isto, mas era ele, e riu de mim.

“Pelo menos, não deixei cair minha lanterna” eu disse. Pareceu-me infantil, mas parou de rir. Às vezes sendo infantil consegue-se o que quer.

Agora me encontrava ao lado da pele. Perto era ainda mais impressionante. Sabia que isto era de um réptil já da margem. Estando de pé ao lado dela, podia ver que definitivamente era uma serpente. As escamas maiores eram do tamanho de minha palma. As conchas vazias dos olhos eram do tamanho de bolas de golfe. Estendi a mão para tocá-la. Algo formou redemoinhos contra meu braço quando tentei alcançá-la. Gritei antes de compreender que era a prolongação de pele da serpente que flutuava na água. Quando pude respirar outra vez, toquei-a. Eu esperava que fosse leve, transparente, uma troca de pele. Era pesada, com muita carne.

Virei-a para a luz. Não era uma pele largada. A serpente tinha sido esfolada. Se estava viva quando começaram era um ponto discutível. Agora estava morta. Pouquíssimas criaturas podem sobreviver ao serem esfoladas vivas.

Havia algo sobre as escamas e a forma da cabeça que me recordava a uma cobra, mas as escamas, até com a luz da lanterna, brilhavam translúcidas. A serpente não era de nenhuma cor. Era como um arco íris ou uma mancha de petróleo. A cor trocava de acordo com o ângulo de a luz.

“Vais continuar brincando com isso ou deixará os mergulhadores virem buscá-la?” perguntou Aikensen.

Eu o ignorei no momento. Havia algo na testa da serpente, quase entre os olhos. Algo liso, suave e branco. Passei os dedos sobre ela. Era uma pérola. Uma pérola do tamanho de uma bola de golfe. Que demônios fazia uma pérola gigantesca colada na cabeça de uma serpente? E por que não a tinha levado quem quer que tenha descascado à criatura?

Aikensen se inclinou para frente, passando uma mão sobre a pele.

“Yuck!. Que demônios é isso?”

“Uma serpente gigantesca” eu disse.

Retrocedeu com um grito. Começou a esfregar os braços, como se pudesse apagar a sensação deles.

“Medo de cobras, Aikensen?”

Fulminou-me com o olhar. “Não.”

Era mentira, e nos dois sabíamos.

“Vocês gostam de ficar sobre essas rochas?” perguntou Titus. “Movam-se.”

“Vê algo significativo na posição da pele, Anita?” perguntou Dolph.

“Na verdade não. A pele poderia ter se enganchado nas rochas. Não acredito que fora colocada assim e aqui de forma deliberada.”

“Então, podemos movê-la?”

Assenti. “Sim, os mergulhadores podem entrar. Aikensen já provou que a água está livre de predadores.”

Aikensen me olhou. “Que demônios significa isso?”

“Significa que poderiam haver insetos horripilantes na água, mas nada tentou te comer, assim é seguro.”

“Usou-me como isca.”

“Você caiu.”

“Sra. Blake, diz que podemos mover essa coisa?” perguntou Titus.

“Sim” disse Dolph.

“Vão rapazes.”

Os mergulhadores se olharam. “Podemos acender o holofote agora?” perguntou MacAdam.

“Certamente” eu disse.

A luz se projetou sobre mim. Pus a mão para proteger os olhos e quase caí da rocha. Jesus, era brilhante. A água era ainda opaca, negra e agitada, mas as rochas reluziram, e de repente, Aikensen e eu estávamos no centro da cena. A luz brilhante limpou toda a cor da pele da serpente.

MacAdam deslizou a máscara e assegurou o regulador na boca. Só outro mergulhador o seguiu. Suponho que não precisavam quatro para tirar uma simples pele.

“Por que estão colocando os tanques se só vão caminhar pela água?” perguntou Aikensen.

“Suponho que se por acaso a correnteza os arraste ou encontrem um deságüe.”

“A correnteza não está ruim.”

“O suficientemente ruim para arrastar a pele, a pele desapareceu. Com os tanques podem seguir até o fundo, a em qualquer lugar que isto vá.”

“Você soa como se já tivesse feito isso.”

“Sou formada.”

“Bem, você é multifuncional” ele respondeu.

Os mergulhadores já estavam quase sobre nós. Os tanques pareciam com os lombos das baleias quando emergiam da água. MacAdam levantou a máscara da cara, e pôs uma mão enluvada sobre a rocha. Separou o regulador da boca, abraçou a rocha e nadando com as pernas conseguiu manter-se na corrente. O outro mergulhador se moveu pelo lado do Aikensen.

“Há algum problema se rasgarmos a pele?” perguntou MacAdam.

“Tirarei ela por este lado da rocha.”

“Você vai molhar seu braço.”

“Eu vou viver, certo?”

Não podia ver sua cara a suficientemente bem sob toda a equipe, mas teria apostado que me olhava com a cara franzida.

“Sim, viverá.”

Movi a mão na frente da pele até que transpassei a água. O frio me fez vacilar, mas só por um batimento cardíaco. Continuei para baixo, me empapando até o ombro para desamarrá-lo. A mão tocou algo liso e sólido que não era pele. Dei um pequeno grito e me retirei, quase caindo. Consegui manter o equilíbrio e me apressei para a arma.

Só tive tempo de dizer:

“Há algo aí em baixo”. E isso emergiu.

Uma cara redonda com uma boca sem lábios gritou, emergiu para cima com as mãos tentando alcançar MacAdam. Tive uma visão rápida de olhos escuros antes de afundarem novamente na água.

Os mergulhadores saíram apressadamente dali, nadando com golpes seguros e fortes para a margem. Aikensen tinha tropeçado, caindo à água. Subiu chapinhando com a arma na mão.

“Não atire nele” eu disse.

A coisa emergiu outra vez. Mergulhei a seu lado. Isso chiou, a mão em forma humana veio para mim. Agarrou um lado da jaqueta e puxou-se para mim. Tinha minha arma na mão, mas não disparei.

Aikensen a apontava. Gritos na margem. Os outros policiais se aproximaram, mas não havia tempo. Estávamos só Aikensen e eu no rio. A criatura se agarrou em mim, já não gritava, só segurando-se como se fosse a última coisa no mundo. Enterrando os ouvidos sem orelhas em meu peito. Apontei a arma ao peito do Aikensen.

Isto pareceu chamar sua atenção. Piscou, concentrando-se em mim.

“Que diabos você está fazendo?”

“Aponte para outro lugar, Aikensen.”

“Estou cansado de olhar o cano de sua arma, vadia.”

“Eu digo o mesmo” respondi.

Gritos, movimentos na margem, gente chegando, estavam quase ali. Só mais alguns segundos, até que alguém veio. Alguém nos salvou. Uns segundos muito tarde.

Um tiro explodiu ao lado do Aikensen. O suficientemente perto para lhe salpicar com a água. Saltou e sua arma saiu despedida. A criatura estava incontrolável, mas já me movia me mergulhando pelas rochas. A criatura se agarrou em mim como se estivéssemos presos. Saímos flutuando na rocha grande que formava redemoinhos a pele de serpente, mas consegui apontar a Browning para o Aikensen. O som de sua Magnum vibrou no ar, chegando até meus ossos. Se Aikensen se virasse para nós, teria disparado.

“Maldito seja, Aikensen, guarda em seu lugar essa maldita arma!”

A salpicadura era grande, e provavelmente era Titus entrando na água, mas eu não podia olhar além de Aikensen.

Aikensen desviou o olhar de mim para a salpicadura. Dolph chegou primeiro. Apareceu sobre o Aikensen como a vingança de Deus.

A arma do Aikensen começou a balançar para ele, como se sentisse o perigo.

“Se apontar essa arma para mim, te farei comida pra animais” disse Dolph. Sua voz soou baixa e cintilou até sobre o rugido em meus ouvidos.

“Se ele apontar para você” eu disse, “eu vou matá-lo.”

“Ninguém atira em ninguém, nem a ele nem a mim.” Titus caminhou pela água. Era mais baixo que os outros, exceto eu, assim era o que lutava na água. Agarrou ao Aikensen pela cintura e o empurrou, arrancando a arma de sua mão quando caiu à água.

Aikensen saiu à superfície sufocado e furioso.

“Por que demônios fez isso?”

“Pergunte à Sra. Blake por que o fiz. Pergunte a ela, pergunte!” Ele era baixo e estava molhado, e ainda conseguia acovardar ao Aikensen.

“Por quê?” perguntou Aikensen.

Eu tinha baixado a Browning, mas não a tinha guardado em seu lugar.

“O problema de carregar uma arma tão grande, Aikensen, é que pode atravessar um inferno de carne.”

“O quê?”

Titus o empurrou, o fazendo tropeçar. Aikensen lutou para ficar de pé.

“Se tivesse apertado o gatilho, moço, com a criatura agarrando-se a ela, teria matado ela também.”

“Eu pensei que ela o protegia. Disse que não lhe desse um tiro. Olhe-o!”

Então todos se viraram para mim. Usei as rochas como alavanca para meus pés. A criatura era um peso morto, como se estivesse desacordado com as mãos fechadas

como punhos em minha jaqueta. Tinha mais problemas para guardar a arma em seu lugar que para tirá-la. O frio, a adrenalina e a mão do homem presa a minha jaqueta, cobrindo o coldre. Por que isso era o que o sustentava. Um homem, um homem que havia sido esfolado vivo, mas que de algum jeito não estava morto. Supostamente, não era exatamente um homem.

“É um homem, Aikensen” disse Titus. “É um homem ferido. Se não estivesse tão malditamente ocupado em tirar sua maldita arma e atirando em todas as coisas, poderia ver o que está diante de ti.”

“Isto é um naga” eu disse.

Titus não pareceu me ouvir.

“O que disse?” perguntou Dolph.

“É um naga.”

“Quem é o que?” perguntou Titus.

“O homem” eu disse.

“Que demônios é um naga?”

“Todo mundo fora da água agora” gritou uma voz da margem. Era um paramédico com uma massa de mantas. “Vamos, não vamos ter que levar a todos ao hospital esta noite.” Eu não tinha certeza, mas acreditei ouvir o murmúrio desço do paramédico. “Malditos idiotas.”

“Que demônios é um naga?” perguntou Titus outra vez.

“Eu explicarei se puder me ajudar a levá-lo para a margem. Estou congelando o traseiro aqui dentro.”

“Congelará algo mais que o traseiro” disse o paramédico. “Todos para a margem, agora. Mexam-se.”

“Ajudem” disse Titus.

Dois ajudantes uniformizados estavam na água. Separaram-se. Levantaram o homem, mas seus punhos se fecharam em minha jaqueta. Era um apertão de morte. Comprovei o pulso na garganta. Estava alí, fraco, mas estável.

O médico colocava mantas ao redor de cada um quando chegávamos à margem. Sua companheira, uma mulher magra de cabelo claro contemplava ao naga, reluzindo como uma ferida aberta sob um foco.

“Que demônios aconteceu a ele?” perguntou um dos ajudantes.

“Foi esfolado” eu disse.

“Jesus Cristo” disse o ajudante.

“Pensamento correto, religião incorreta” eu disse.

“O quê?”

“Nada. Pode abrir suas mãos fazendo alavanca?”

Não poderiam, não facilmente. Terminaram por carregá-lo embalado entre eles. Tropeçamos na margem, os dedos estavam ainda obstinadamente presos em minha

roupa. Ninguém caiu. Um segundo milagre. O primeiro era que Aikensen ainda estava vivo. Contemplando a pele azulada do homem, talvez pudesse se dizer que a conta de milagres era mais alta que só duas.

O médico com o cabelo claro se ajoelhou sobre o naga. Soltou o fôlego em um grande suspiro condensado. O outro médico colocou mantas sobre mim e os dois ajudantes.

“Quando conseguirem separá-lo de você, vá até as ambulâncias. Tire essa roupa molhada o quanto antes.”

Abri a boca e ele me assinalou com um dedo. “Ou tira a roupa e se senta em uma ambulância quente, ou uma viagem ao hospital. Escolha.”

“Sim, sim, capitão” eu disse.

“E não esqueça disso” ele disse. Partiu para estender mantas ao resto de policiais.

E a pele?” perguntou Titus. Também usava uma manta ao redor dele.

“Traga-a para a margem” eu disse.

“Tem certeza que esta é a única surpresa que há aí, nesse buraco?” perguntou MacAdam.

“Acredito que este é nosso único naga por esta noite.”

Afirmou com a cabeça e voltou sigilosamente para água com seu companheiro. Era agradável não ser questionada. Possivelmente era pelo corpo ferido e nu do naga.

Os paramédicos tiveram que tirar as mãos do naga de minha jaqueta com uma alavanca, um dedo de cada vez. Seus dedos não queriam se soltar. Permaneceram dobrados, como os dedos dos mortos depois de que apareça o rigor mortis.

“Você sabe o que é isso?” perguntou o paramédico com o cabelo claro.

“Um naga.”

Ele trocou um olhar com seu companheiro. Ele sacudiu a cabeça.

“Que demônios é um naga?”

“Uma criatura de lenda hindu. Frequentemente são descritos com forma de serpente.”

“Ótimo” ele disse. “Reagirá como um réptil ou como um mamífero?”

“Não sei.”

Os médicos da outra ambulância estavam dispondo um sistema de polia e encaminhavam todo mundo para o calor das ambulâncias. Precisávamos de mais médicos.

Os paramédicos estenderam uma solução salina e quente sobre uma folha de suave algodão, e envolveram o naga com ela. Seu corpo inteiro era uma ferida aberta com tudo o que isto implicava. A infecção era a maior ameaça. Os seres imortais tinham infecções? Quem sabia? Eu sabia sobre criaturas sobrenaturais, mas



primeiros socorros para imortais? Não era minha área. Envolveram-lhe em um montão de capas de mantas. Olhei o paramédico. Sargento de Artilharia.

“Embora seja um réptil, as mantas não podem lhe fazer mal.”

Ele tinha razão.

“Seu pulso está fraco, mas estável” disse a mulher. “Devemos nos arriscar a tentar uma IV<sup>1181</sup>.”

“Não sei” respondeu seu companheiro. “Não deveria estar vivo de qualquer maneira. Vamos movê-lo. O manteremos vivo e o levaremos ao hospital.”

O uivo distante de mais ambulâncias ressonou. Os reforços estavam a caminho. Os médicos puseram o naga em uma espécie de maca com forma de coluna vertebral, e similar a uma cesta atada com as cordas que os outros paramédicos tinham preso no alto da colina.

“Conhece alguma outra informação que nos possa ajudar a tratá-lo?” perguntou o paramédico. Seus olhos eram muito diretos.

“Acredito que não.”

“Então vá até uma ambulância, agora.”

Não discuti. Tinha frio e a roupa começava a congelar em meu corpo até por debaixo da manta.

Terminei em uma ambulância quente usando somente uma manta enquanto os paramédicos e EMTs forçavam oxigênio quente em mim. Dolph e Zerbrowski terminaram na ambulância comigo. Melhor eles que Aikensen e Titus.

Enquanto esperamos aos médicos para que nos dissessem que todos viveriam, Dolph retornou ao trabalho.

“Conte-me sobre os nagas” disse ele.

“Como te disse, são criaturas de lenda hindu. Usualmente são descritos como serpentes, em particular cobra. Podem tomar forma humana ou aparecer como serpentes com cabeças humanas. São os guardiões das gotas de chuva e das pérolas.”

“Repita a última parte outra vez” disse Zerbrowski. Seu cabelo penteado com esmero tinha secado em cachos sujos. Tinha saltado no rio para salvar meu pequeno eu, embora não soubesse nadar. ”

Repeti. “Havia uma pérola incrustada na cabeça da pele. Acredito que a pele era do naga. Alguém o esfolou, mas não morreu. Não sei como a pele terminou no rio ou como o fez ele.”

“Quer dizer que era uma serpente e a cortaram, mas isso não o matou” disse Dolph.

“Pelo visto não.”

“Como é que está em forma de homem agora?”

“Não sei.”

“Por que não está morto?” perguntou Dolph.

“Os nagas são imortais.”

“Não deveria dizer isso aos paramédicos?” perguntou Zerbrowski.

“Foi esfolado completamente e ainda assim, está vivo. Acredito que entenderão sozinhos” respondi.

“Bom ponto.”

“Quem de vocês atirou em Aikensen?”

“Titus atirou” disse Dolph.

“Amaldiçoou-o e levou sua arma” disse Zerbrowski.

“Espero que não a devolva. Se alguém não deveria estar armado, é Aikensen.”

“Conseguiu roupa para repor a tua, Blake?” perguntou Zerbrowski.

“Não.”

“Tenho dois agasalhos no porta-malas do carro. Quero retornar ao que restou de meu aniversário.”

O pensamento de usar um agasalho que tinha estado guardado no carro do Zerbrowski era muito para mim. “Não, obrigada, Zerbrowski.”

Sorriu pra mim abertamente. “Estão limpos. Katie e eu íamos treinar hoje, mas não tiramos um momento para isso.”

“Nunca chegou ao ginásio, né?” eu disse.

“Não.” O rubor subiu sigilosamente pelo pescoço. Devia ter sido algo realmente bom, ou realmente embaraçoso para deixar Zerbrowski assim tão rapidamente.

“Que tipo de exercício estavam fazendo?” perguntei.

“Um homem tem que exercitar-se” disse Dolph solenemente.

Zerbrowski me olhou, elevando as sobrancelhas. “E que melhor treinamento que o que te dá seu amorzinho?” Virou para o Dolph.

“Eu te disse que Blake tem noivo? Passa a noite ali como um convidado.”

“O Sr. Zeeman atendeu o telefone” disse Dolph.

“O telefone não está ao lado da cama, Blake?” perguntou Zerbrowski. Olhou-me com olhos inocentes.

“Me traga o agasalho e me tire daqui” eu disse.

Zerbrowski riu e Dolph se uniu a ele.

“Esse é o agasalho de Katie, não usa nada em baixo eles. Se realmente quer te exercitar, faça-o nu.”

Eu fiz uma saudação com o dedo do meio para ele.

“Oh, faça isso outra vez” disse Zerbrowski, “sua manta se abriu.”

Eu alegrava o inferno de todos.

Estava em meu corredor as quatro em ponto vestida com um traje esportivo muito rosa. Segurava cautelosamente as roupas molhadas em um vulto sob meu braço esquerdo. Ainda com o novo agasalho rosa, tinha frio. Os paramédicos tinham me deixado ir só porque prometi beber líquidos quentes e tomar um banho quente. Eu subi as escadas com um par de meias de ginástica. Eu podia usar o agasalho de Katie, mas não seus sapatos.

Estava com frio, cansada e minha cara doía, entretanto, a dor de cabeça desapareceu. Talvez fosse por estar molhada com água gelada. Talvez pelo toque do naga. Não podia lembrar de nenhuma história que os associasse com a cura espontânea, mas tinha passado muito tempo desde que estudei os nagas. Tinha sido uma das últimas nas classes de biologia sobrenatural. A única pista foi a pérola e a pele de cobra. Eu ia ter que desenterrar meu livro e reler essa parte. Entretanto, o médico de plantão do hospital, não importa qual, onde o levaram, ia ter que ler ainda mais rápido. Estariam os nagas em seus computadores? Por lei, que deseja o melhor. O naga teria alguém para processá-los se não estivessem? Levantar-se-ia de seu leito de morte e processaria ele mesmo?

Estava frente a meu apartamento pela segunda vez em seis horas e não tinha chave. Sinceramente, apoiei a cabeça contra a porta por um segundo e senti pena de mim mesma. Não queria ver Richard esta noite outra vez. Tínhamos muitíssimo de que falar e não tinha nada que ver com a sua mudança. Desejei não ter pensado em crianças. Não queria discutir sobre pequenas crianças travessas esta noite. Não queria discutir sobre nada. Queria me arrastar até a cama e estar sozinha.

Respirei profundamente e me endireitei. Não havia necessidade de me sentir tão desolada como me sentia. Apertei minha própria campainha e prometi conseguir um conjunto adicional de chaves. Não, não era para Richard. Ambas eram para mim.

Richard abriu a porta. Tinha o cabelo despenteado pelo sono, caindo em uma massa pesada e ondulada ao redor da cara, estava sem camisa e descalço.

O primeiro botão dos jeans estava desabotoado. Subitamente fiquei contente de vê-lo. A luxúria é uma coisa maravilhosa.

Agarrei a cintura de seu jeans e o aproximei. Saltou quando minhas roupas molhadas tocaram seu peito nu, mas não se afastou. Seu corpo humano era quase febre quente de sono. Esquentei as mãos ao longo de suas costas e se sobressaltou, contorcendo-se devido ao frio, mas nunca se afastando. Deixei cair às roupas molhadas ao chão.

Beijamo-nos. Seus lábios eram suaves. Minhas mãos traçaram a borda de sua cintura, os dedos perigosamente baixos. Sussurrou junto a minha orelha. Eu esperava palavras de amor ou promessas picantes.

“Temos companhia” foi o que obtive.

Congelei-me. Tive uma visão do Ronnie, ou pior, do Irving sentado no sofá enquanto nos acariciávamos mutuamente. “Merda” eu disse brandamente e com paixão.

“Finalmente em casa, *ma petite*.” Foi muito pior que Irving.

Fiquei com o olhar fixo sobre o Richard com a boca aberta.

“O que aconteceu?”

“Entrou enquanto eu estava dormido. Acordei quando a porta se abriu.”

Tive frio outra vez repentinamente até meus dedos ensopados.

“Você está bem?”

“Você realmente quer discutir isto no corredor, *ma petite*?” A voz do Jean-Claude foi tão razoável.

Quis ficar no corredor simplesmente porque ele havia dito que não, mas era infantil. Além disso, era meu apartamento.

Dei um passo entrando na sala, Richard era uma presença consoladora ao meu lado. Chutei as roupas molhadas através da porta, mantendo as mãos livres. A arma estava à vista sobre o agasalho.

O coldre caía solto sem um cinto, mas eu poderia tirar a arma se precisasse dela. Provavelmente não precisaria, mas era bom seguir lembrando ao amo que se tratava de negócios.

Richard fechou a porta e se apoiou contra ela, as mãos atrás das costas. Sua cara quase estava escondida pela juba. Os músculos tensos de seu estômago pareciam me convidar a lhe acariciar, o que era provavelmente o que teríamos estado fazendo se não houvesse um vampiro em minha sala de estar.

Jean-Claude estava sentado em meu sofá. A camisa preta aberta ao redor de seu peito nu. Os braços estavam estendidos sobre o respaldo do sofá, levantando a camisa, revelando uns mamilos que eram só duas sombras mais escuras que sua pele branca. Um leve sorriso curvou seus lábios. Estava dramático e perfeito no sofá branco. Correspondia à decoração. Merda. Eu ia ter que comprar mobília nova, algo nem branco nem preto.

“O que faz aqui, Jean-Claude?”

“Essa é a forma de saudar seu novo pretendente?”

“Não seja uma dor no traseiro esta noite, por favor. Estou muito cansada e dolorida para isso. Me diga por que está aqui e o que quer, então saia.”

Ficou de pé como se fosse levantado por cordas, tão fácil como se não tivesse ossos. Pelo menos, a camisa cobriu a maior parte da perfeição pálida de seu corpo. Era algo.

“Estou aqui para ver a ti e ao Richard.”

“Por quê?”

Riu, e o som me rodeou como uma onda de peles suave e lisa, fazendo cócegas. Aspirei profundamente e tirei o coldre. Ele não estava aqui para nos ferir. Estava aqui para paquerar. Passei pelos dois e pendurei o coldre no respaldo de uma cadeira da cozinha. Senti que seus olhos me seguiam quando me movi. Lisonjeiro, e incômodo como o inferno.

Voltei o olhar para eles. Richard estava ainda ao lado da porta olhando e despido convidativamente. Jean-Claude estava ainda totalmente de pé atrás do sofá, como um quadro tridimensional de um sonho molhado. O potencial sexual na sala era astronômico. O fato de que não fosse ocorrer nada era quase triste.

Ainda havia café na jarra. Se bebesse bastante café quente e tomasse um banho realmente quente, talvez eu descongelasse. Haveria preferido uma ducha quente, mais rápida às quatro da madrugada. Mas tinha prometido aos paramédicos. Algo primitivo pra minha temperatura.

“Por que queria ver Richard e eu?” Joguei café em minha grande caneca de pingüim recentemente lavada. Richard era habilidoso nas tarefas domésticas.

“Disseram-me que Monsieur Zeeman decidiu passar a noite aqui.”

“Se o fez, o que tem isso?”

“Quem lhe disse isso?” perguntou Richard.

Afastou-se da porta e abotoou o botão superior das calças. Lástima.

“Stephen me disse.”

“Ele não teria dado informação voluntariamente” respondeu Richard. Estava de pé muito perto do Jean-Claude. Fisicamente surgia ameaçadoramente por cima dele, somente um pouco. Meio vestido, deveria parecer incerto, indeciso. Parecia completamente em casa. A primeira vez que tinha conhecido Richard, ele estava nu em uma cama. Tampouco estava envergonhado.

“Stephen não me disse isso voluntariamente” disse Jean-Claude.

“Ele está sob minha proteção” respondeu Richard.

“Você não é líder do bando ainda, Richard. Pode proteger Stephen dentro do bando, mas Marcus ainda governa. Ele me deu Stephen, como te deu a mim”

Richard estava ali. Não tinha se movido, mas repentinamente, o ar ao redor dele flutuou. Se você piscasse, teria perdido. Uma borda de poder se dispersou, arrastando-se, formigando ao longo de minha pele. Merda.

“Eu não pertenço a ninguém.”

Jean-Claude o olhou. Cara agradável, voz coloquial.

“Você não admite a liderança de Marcus?” Era uma pergunta capciosa e todos sabíamos.

“O que acontece se ele disser que não?” perguntei.

Jean-Claude se voltou para mim. Sua cara estava cuidadosamente vazia. “Ele diz que não.”

“E você diz ao Marcus, então, o quê?”

Então sorriu, uma torção lenta de lábios que fez que seus perfeitos olhos azuis brilhassem intensamente. “Marcus o veria como uma provocação direta a sua autoridade.”

Deixei o café e rodeei a ilha. Estando quase em meio deles, a energia do Richard se arrastava sobre minha pele como insetos. Do Jean-Claude não havia nada. Os não mortos não fazem nenhum ruído.

“Se conseguir que matem ao Richard, ainda indiretamente, não há trato.”

“Não preciso que me proteja” disse Richard.

“Se acabar morto te opondo a Marcus, é uma coisa, mas se terminar morto porque Jean-Claude esta com ciúmes de ti, é minha culpa.”

Richard tocou meu ombro. Seu poder foi como um raio de eletricidade descendo por meu corpo.

Tremi e deixou cair à mão.

“Eu poderia ceder ante o Marcus, admitir sua liderança e assim estaria a salvo.”

Neguei com a cabeça. “Vi o que Marcus considera aceitável. Não está nem perto de estar seguro.”

“Marcus não sabia que filmaram dois finais” respondeu Richard.

“Você falou assim com ele sobre isso?”

“Refere-se aos encantadores filmes que Raina dirigiu?” perguntou Jean-Claude.

Ambos o olhamos. Um roce de poder arremeteu, tornando-se mais forte. Foi difícil respirar ao estar de pé ao seu lado, como tentar me tragar uma tormenta.

Neguei com a cabeça. Um problema cada vez. “O que sabe sobre os filmes?” perguntei.

Jean-Claude nos olhou, primeiro a um e depois ao outro. Terminou me olhando fixamente aos olhos. “Sua voz o faz soar mais importante do que é, o que Raina fez agora?”

“Como sabe sobre os filmes?” perguntou Richard. Moveu-se um passo mais perto. Seu peito tocou minhas costas e fiquei sem fôlego. A pele de minhas costas formigou como se alguém lhe houvesse conectado um arame, mas não doeu. Foi simplesmente uma sensação quase entristecedora. Agradável, mas eu sabia que se não parasse logo, começaria a doer.

Afastei-me dele, estando de pé entre ambos, sem dar as costas a nenhum. Ambos me olharam. Com expressões quase idênticas em suas caras. Estranho, como se concentrassem em pensamentos que nunca haviam sonhado, escutado música que eu não podia ouvir. Eu era o único humano neste quarto.

“Jean-Claude, simplesmente me diga o que sabe dos filmes de Raina. Ok? Sem jogos.”

Cravou os olhos em mim durante um batimento cardíaco, logo se encolheu elegantemente de ombros. “Muito bem. Sua fêmea alfa me convidou para me unir a ela em um filme pornô. Ofereceu-me um papel de protagonista.”

Eu sabia que ele não tinha aceitado. Era um exibicionista, mas gostava de certo decoro em sua atração secundária. Os filmes pornôs teriam estado além do passível para ele.

“Desfrutaria tendo relações sexuais com ela na tela?” perguntou Richard. Sua voz era baixa e essa energia alagava o quarto.

Jean-Claude se virou para ele, a cólera dançava em seus olhos.

“Ela diz isso de ti, meu peludo amigo. Diz que foi magnífico.”

“Golpe baixo, Jean-Claude” eu disse.

“Você não acredita em mim. Está tão segura dele?”

“De que não teria relações sexuais com a Raina, sim.”

Um olhar estranho cruzou a cara de Richard.

Cravei os olhos nele. “Você fez?”

Jean-Claude riu.

“Eu tinha dezenove anos. Ela era minha fêmea alfa. Não pensei que tivesse escolhas.”

“Sim, certo.”

“Ela escolhe entre os machos novos. É uma das coisas que quero parar.”

“Deita-te com ela ainda?” perguntei.

“Não, não uma vez que tenha escolha” respondeu Richard.

“Raina fala tão carinhosamente de ti, Richard. Com tantos detalhes carinhosos. Não pôde acontecer há muito tempo.”

“Foi há sete anos.”

“Realmente?” Essa palavra continha um universo de dúvida.

“Eu não mentiria pra ti, Anita” respondeu Richard.

Richard deu um passo adiante. Jean Claude se moveu para ele. A testosterona se elevava mais alto que os poderes sobrenaturais. Íamos nos afogar em ambos.

Dei um passo entre eles, colocando uma mão sobre cada peito. No instante que minha mão tocou a pele nua do Richard, o poder a tragou, como algum frio líquido elétrico. Minha mão tocou ao Jean Claude um segundo mais tarde. Algum truque do tecido, ou do vampiro, colocou minha mão em sua pele nua. A pele estava fresca e suave, e senti que o poder do Richard cruzava meu corpo e me chocava contra essa pele perfeita.

No momento que o toquei, apareceu um cilindro de poder brotando do vampiro. As duas energias não brigaram uma com a outra, mesclaram-se dentro de mim, derramando-se de volta em cada um deles. O poder de Jean Claude era uma rajada de vento fresco. Richard era todo calor e eletricidade. Cada um alimentou ao outro

como madeira e chama. E sob tudo isso podia sentir essa coisa dentro de mim que me deixa levantar os mortos.

Magia, por falta de uma palavra melhor. Os três poderes se mesclaram tão às pressas que fez que me arrepiasse a pele, acelerasse o coração e o estômago se oprimisse.

Meus joelhos dobraram e fiquei ofegante no chão, de quatro. Minha pele se sentia como se tentasse se separar do corpo. Podia sentir o coração na garganta e não podia respirar. Tudo tinha algo dourado ao redor das bordas e pontos de luz dançaram ante meus olhos. Eu estava correndo o risco de desmaiar.

“Que diabos foi isso?” esse foi Richard. Sua voz parecia vir de mais longe do que deveria. Nunca tinha o ouvido xingar antes.

Jean-Claude se ajoelhou a meu lado. Não tentou me tocar. Olhei diretamente a seus olhos, a centímetros de meus. O branco desapareceu, só permaneceu o azul precioso da meia-noite. Era a maneira que me olhava quando ficava todo vampírico comigo. Não pensei que estivesse fazendo de propósito desta vez.

Richard se ajoelhou do outro lado. Tentando me tocar. Quando a mão estava a uns centímetros, um pouco de poder correu entre nós, como a eletricidade estática. Sacudiu com força a mão, retirando-a. “O que é isso?” Ele parecia um pouco assustado. Eu também.

“*Ma petite*, você pode falar?”

Inclinei a cabeça. Tudo estava em hiperfoco, da forma em que o mundo fica em um impulso de adrenalina. As sombras no peito de Jean-Claude, onde sua camisa se derramava ao redor dele eram sólidas e tangíveis. O tecido parecia quase preto metálico, como as costas de um escaravelho.

“Diga qualquer coisa, *ma petite*.”

“Anita, você está bem?”

Virei com um movimento lento para Richard. O cabelo lhe tinha caído sobre um dos olhos. Cada fio era grosso e perfeito, como uma linha separada. Podia ver cada pestana em seus olhos cor café em um contraste surpreendente.

“Estou bem.” Mas eu estava?

“O que aconteceu?” perguntou Richard.

Eu não tinha certeza pra quem ele perguntava. Esperava que não fosse a mim, porque eu não sabia.

Jean-Claude se sentou a meu lado no chão, para trás contra a ilha. Fechou os olhos e tomou um fôlego profundo, trêmulo. Soltou a respiração, abriu os olhos. Estavam ainda dessa cor profunda, como se estivesse a ponto de alimentar-se de algo. Sua voz soou normal, ou tão normal como alguma vez tinha soltado.

“Nunca saboreei tanto poder, tão rápido, sem ter derramado sangue primeiro.”

“Eu confiava em ti para saber dizer o adequado” respondi.



Richard revoava sobre mim como se quisesse ajudar, mas com medo a me tocar. Olhou cheio de cólera ao Jean-Claude.

“O que você fez para nós?”

“Eu?” A bela cara do Jean-Claude estava quase frouxa, os olhos entreabertos, os lábios separados. “Não fiz nada.”

“Isso é mentira” disse Richard. Sentou-se como índio a uns passos de mim, o suficientemente longe para assegurar-se de que não nos tocaríamos acidentalmente, mas o suficientemente perto para que esse poder persistente se arrastasse entre nós. Afastei-me lentamente e me encontrei mais perto do Jean-Claude, o que não era muito melhor. Independentemente do que fosse não havia desaparecido. O potencial ainda estava ali, no ar, sob nossa pele.

Olhei ao Richard. “Você parece terrivelmente certo de que ele está fazendo algo. Estou disposta a acreditar em você. Mas o que você sabe que eu não?”

“Eu não fiz isso. Você não fez. Sei de magia quando sinto o cheiro. Tem que ser ele.”

Sentir o cheiro? Voltei-me para o Jean-Claude. “Bem?”

Ele riu. O som se arrastou por minha coluna vertebral roçando minha pele, suave, escorregadio, surpreendente. Era muito poder precipitado em tão pouco tempo depois do que tínhamos compartilhado. Estremeci e ele riu mais forte. Isso doeu, e você sabe que não deveria estar fazendo isso, mas também me senti muito bem para parar. Sua risada sempre foi perigosamente deliciosa, como um doce envenenado.

“Eu juro por qualquer juramento que confia que eu não fiz nada a propósito.”

“O que você fez por acidente?” perguntei

“Pergunte isso a si mesma, *ma petite*. Não sou o único mestre sobrenatural neste quarto.”

Pois bem, ele me tinha aí.

“Você está dizendo que um de nós fez isso?”

“Digo que não sei quem fez isso, nem sei o que é. Mas Monsieur Zeeman está certo, foi mágico. Um poder brutal para elevar os cabelos arrepiados de qualquer lobo.”

“O que é que isso quer dizer?” perguntou Richard.

“Se você pudesse utilizar tal poder, meu lobo, inclusive Marcus poderia submeter-se a ele.”

Richard levantou os joelhos abraçando-lhe ao peito. Seus olhos estavam distantes e pensativos. O pensamento me intrigou.

“Sou a única pessoa neste quarto que não está tentando consolidar um reino?”

Richard me olhou. Viu-se quase cheio de pesar.

“Não quero matar Marcus. Se pudesse fazer um ato de poder o suficientemente

grande, ele poderia retroceder.”

Jean-Claude sorriu pra mim. Foi um sorriso muito satisfeito.

“Você admite que não seja humano e agora quer poder para assim ser líder do bando.” Seu sorriso se alargou até uma curta risada.

“Eu não sabia que era um admirador da música dos anos sessenta” eu disse.

“Há muitas coisas que você não sabe de mim, *ma petite*.”

Só cravei os olhos nele. A imagem do Jean-Claude indo ao Shangri foi a mais estranha que tinha visto esta noite. Depois de tudo, eu acreditava em nugas, não acreditava que Jean-Claude tivesse passatempos.

Um banho quente. Outra vez com uma camiseta muito grande, calça de malha e meias. Eu ia ser a mais mal vestida da sala. Eu estava planejando em me trocar na primeira oportunidade, por minha camisola preta.

Eles estavam sentados no sofá, o mais afastados um do outro quanto podiam. Jean Claude parecia um manequim, um braço no dorso do sofá, o outro no braço do sofá. Um pé estava colocado sobre seu joelho mostrando a perfeição de suas botas suaves. Richard estava aconchegado do outro lado do sofá, um joelho perto do peito nu, o outro joelho dobrado sobre o sofá.

Richard estava confortável. Jean Claude parecia como se estivesse esperando um fotógrafo. Os dois homens em minha vida. Eu mal podia suportar isso.

“Tenho que dormir um pouco, assim todo mundo que não estiver hospedado, fora.”

“Se está se referindo a mim, *ma petite*, não tenho intenção de sair. A menos que Richard saia comigo.”

“Stephen te disse por que estou aqui” disse Richard. “Ela está muito machucada e não deve ficar sozinha.”

“Olhe pra ela, Richard. Ela parece ferida?” Sustentou em alto uma mão cheia de graça. “Admito que ela tenha sofrido algum dano. Mas não precisa de sua ajuda. Possivelmente nem sequer precise da minha.”

“Convidei Richard para ficar. Não te convidei.”

“Mas você me convidou, *ma petite*.”

“Em primeiro lugar, pare de me chamar assim. Em segundo lugar, quando te convidei?”

“A última vez que estive aqui. Acredito que em agosto.”

Merda, eu tinha esquecido. Estava me tornando descuidada. Havia posto Richard em perigo. As coisas estavam trabalhando, mas eu não tinha pensado nisso quando o tinha deixado aqui sozinho, a sós em um lugar onde Jean-Claude podia mover-se livremente.

“Eu posso cuidar de mim agora” eu disse.

“Se um gesto dramático te agradar, então é meu convidado. Mas Richard não deve ficar esta noite.”

“Por que não?”

“Acredito que você é uma dessas mulheres que se der seu corpo humano, ali também estará seu coração. Se te deitar com nosso Monsieur Zeeman, penso que poderia ser um ponto sem retorno.”

“Sexo não é um compromisso” eu disse.

“Para a maioria das pessoas, não, mas para ti, penso que é.”

O fato que me conhecesse tão bem me fez ficar vermelha. Que um raio o atingisse.

“Não tenho planos de me deitar com ele.”

“Acredito em ti, *ma petite*, mas vejo a maneira que seus olhos o seguem. Ele se senta ali parecendo apetitoso, afetuoso e muito vivo. Se eu não estivesse aqui quando você voltou para casa, poderia resistir a ele?”

“Sim.”

Encolheu os ombros. “Possivelmente. Sua força de vontade dá medo, mas não posso tomar essa possibilidade.”

“Não confia em mim para não incomodá-lo?”

Outra vez encolheu os ombros, isso pode ter significado algo. Seu sorriso era convidativo e condescendente.

“Por quê? Você tem ciúmes dele?”

A pergunta pegou-o de surpresa. A surpresa em sua cara valeu a aparência ultrajada na do Richard. Jean Claude olhou ao Richard. Deu toda sua atenção a ele. Cravou os olhos no Richard, os olhos vagaram por seu corpo humano em um baile lento e íntimo. O olhar parou não na virilha ou o peito, mas em seu pescoço.

“É verdade que o sangue de um transmorfo pode ser mais doce que o sangue humano. É uma viagem desatinada se pode administrar isso sem ser esmigalhado.”

“Falas como um estuprador” eu disse.

Seu sorriso se transformou em um flash surpreso de presas.

“Não é uma má comparação.”

“Foi um insulto, sabe” eu disse.

“Sei que foi.”

“Pensei que tínhamos um acordo” disse Richard.

“O que faremos.”

“Pode te sentar ali e levar-me para falar sobre comida, e ainda teríamos um acordo.”

“Seria agradável levá-lo por muitas razões, mas temos um acordo, eu não voltarei atrás nisso.”

“Que acordo?” eu perguntei.

“Vamos explorar nossos poderes mútuos” disse Jean Claude.

“O que quer dizer isso exatamente?” eu perguntei.

“Não temos certeza” disse Richard, “não resolvemos ainda os detalhes.”

“Só concordamos em não nos matar, *ma petite*. Nos dê um pouco de tempo para planejar algo mais.”

“Perfeito. Então você dois saiam.”

Richard se levantou do sofá. “Anita, você ouviu Lillian, precisa ser despertada a cada hora se por acaso.”

“Arranjarei um despertador. Olhe pra mim, Richard, estou bem. Vista-se e vá.”

Ele estava perplexo e um pouco ofendido. “Anita.”

Jean Claude não se parecia ferido ou intrigado. Parecia presumido.

“Richard não vai passar a noite. Contente?”

“Sim.”

“E você tampouco fica.”

“Eu não o tinha pensado nisso.”

Ficou de pé virando para me confrontar.

“Irei logo que você tenha dado meu beijo de boa noite.”

“Seu o quê?”

“Meu beijo.” Caminhou ao redor do sofá até estar na minha frente.

“Confesso que tinha te imaginado usando algo um pouco mais...” ele segurou minha manga “luxurioso, mas a gente pega o que pode conseguir.”

Tirei com um puxão a manga de seus dedos.

“Não conseguisse nada ainda.”

“É verdade, mas tenho esperanças.”

“Não sei por que” eu disse.

“O acordo entre Richard e eu se baseia no fato de que todos nós namoramos alguém. Você namora com Richard, e também namora comigo. Ambos te namoramos. Uma pequena família acolhedora.”

“Pode te apressar em ir? Quero ir pra cama.”

Uma ligeira carranca apareceu entre seus olhos.

“Anita, você torna isso fácil.”

“Viva” eu disse.

Outra vez franziu a cara levemente quando suspirou.

“Você acha que eu perderia as esperanças se você o fizer fácil.”

“Sim” eu disse, “achei.”

“Um bom beijo de boa noite, *ma...* Anita. Se realmente tiver a intenção de sair comigo, não será o último.”

Olhei-o cheio de cólera. Quis lhe dizer que fosse ao inferno, mas havia algo na maneira em que ele estava ali.

“Se eu não te der nenhum beijo, o que acontece?”

“Vou embora esta noite.” Ele deu esse passo mais próximo de mim quase nos tocando. O tecido de sua camisa roçou a frente de minha camiseta. “Mas se você dá beijos em Richard e não me permite tais privilégios, então o acordo se rompe. Se não posso te tocar e ele sim, não é justo.”

Eu tinha concordado em sair com ele, tinha parecido uma boa idéia naquele momento, mas neste momento... realmente não havia pensado atentamente em todas as implicações. Saindo em encontros, nos beijando, fazendo. Yikes!

“Não beijo até depois do primeiro encontro.”

“Mas você já me beijou, Anita.”

“Não voluntariamente” eu disse.

“Me diga que você não gostou, *ma petite*.”

Eu teria gostado de mentir, mas nenhum deles teria acreditado em mim.

“Você é um bastardo irritante.”

“Não tão irritante quanto eu gostaria de ser” ele disse.

“Não tem que fazer nada que não queira fazer” disse Richard. Ele estava ajoelhado no sofá, suas mãos agarrando o respaldo o sofá.

Neguei com a cabeça. Não acreditava que pudesse explicá-lo em voz alta, mas se fôssemos realmente fazer isto, Jean-Claude estava certo. Eu não podia segurar a mão do Richard e a sua não. Embora isso me desse um incentivo real para não ir todo o caminho com o Richard. Olho por olho e tudo isso.

“Depois de nosso primeiro encontro posso te agradar com um beijo, não antes” eu disse. Eu ia dar a ele o mesmo trato que na universidade.

Ele negou com a cabeça. “Não, Anita. Você me disse que gosta de Richard, não só o ama. Que podia te ver passando a vida com ele, mas não comigo. Possivelmente ele é um tipo mais amável. Não posso competir com a amabilidade.”

“Isso é certamente uma revelação” eu disse.

Ele ficou com o olhar fixo em mim com seus olhos azuis. Nenhum rastro de poder, mas havia um peso em seu olhar fixo. Não era magia, mas era perigosa de todos os modos.

“Mas em uma área posso competir.”

Podia sentir seu olhar fixo em meu corpo humano como se ele me tocasse. O peso de seu olhar me fez tremer.

“Pare.”

“Não.” Uma palavra, uma suave carícia. Sua voz era uma de suas melhores armas. “Um beijo, Anita, ou podemos acabar aqui, esta noite. Não te perderei sem lutar.”

“Lutaria com Richard esta noite, somente porque não te beijei?”

“Não é o beijo, *ma petite*. É o que vi esta noite quando o encontrou na porta. Vejo-os formando um casal ante meus olhos. Devo intervir agora, ou perderei tudo.”

“Usará sua voz para apanhá-la” disse Richard.

“Prometo, nenhum truque esta noite.”

Se ele disse nada dos truques, é o que quis dizer. Uma vez que ele dava sua palavra a mantinha. O que também queria dizer que lutaria com Richard essa noite por um beijo. Eu tinha deixado minhas armas no quarto. Tinha pensado que estávamos seguros por esta noite. Estava muito malditamente cansada para fazer isso.

“Está bem” eu disse.

“Você não tem que fazer nada que não queira fazer, Anita” disse Richard.

“Se todos formos acabar em uma sangrenta bagunça, que seja por algo um pouco mais importante que um beijo.”

“Você quer fazer isso” disse Richard. “Você quer beijá-lo.” Ele não pareceu contente.

O que se supunha que eu tinha que dizer? “O que eu quero neste momento é ir dormir, sozinha. Quero dormir um pouco.”

Isso ao menos era verdade. Talvez não toda a verdade, mas o suficiente para ganhar um perplexo cenho franzido do Richard e um suspiro exasperado de Jean Claude.

“Então se for um dever tão desagradável a cumprir, deixe-o ser feito rapidamente” disse Jean Claude.

Estávamos de pé tão perto que ele não teve que dar um passo completo para pressionar a linha de seu corpo humano contra o meu. Tentei levantar minhas mãos, para conservar nossos corpos humanos separados. Minhas mãos se deslizaram sobre a pele nua de seu estômago. Sacudi para trás minhas mãos em punhos. A percepção de sua pele se pegou a minhas mãos.

“O que é isso, *ma petite*?”

“Deixa-a em paz” disse Richard. Ele estava parado ao lado do sofá, suas mãos em punhos. A energia correu ao longo de minha pele. O poder avançava lentamente como um vento movendo-se devagar. O cabelo se moveu para um lado da cara.

Olhava-nos através de uma cortina de cabelo. A cara estava em sombras. A luz brilhava ao longo de sua pele nua, pintando-a em sombras de cinzas, dourado e negro.

Estava ali parecendo repentinamente primitivo. Um som grave, como se sua coluna vertebral trocasse atravessou sobrenaturalmente na sala.

“Pare, Richard.”

“Ele está usando seus poderes em ti.” Sua voz era irreconhecível. Um som grave, um grunhido que se deslizava irreconhecível longe da voz humana. Alegrei-me pelas sombras. Contento de não poder ver o que ocorria a seu rosto.

Tinha estado tão preocupada de que Jean Claude iniciasse uma disputa e não tinha me ocorrido que Richard poderia escolher iniciá-la ele.

“Ele não está usando seus poderes em mim. Toquei sua pele nua. Isso é tudo.”

Deu um passo adiante para a luz e sua cara estava normal. O que estava ocorrendo dentro dessa suave garganta, atrás desses adoráveis lábios, para que sua voz soasse tão monstruosa?

“Vista-se e saia.”

“O quê?” Seus lábios se moveram mas só saiu esse grunhido. Era como

observar um filme mau dublado.

“Se ao Jean Claude não tem permissão de te atacar, então você sem dúvida alguma não tem permissão de atacá-lo. Pensei que ele era o único monstro com quem eu tinha que lidar. Se não poder te comportar civilizadamente como uma pessoa, Richard, então vá.”

“E o meu beijo, *ma petite*?”

“Empurraste a ambos quase até o limite, quase tão longe quanto iremos esta noite” eu disse. “Todo mundo fora.”

A risada do Jean Claude encheu a obscura sala. “Como queira, Anita Blake. Repentinamente não estou tão preocupado sobre ti e Monsieur Zeeman.”

“Antes de que comece a te alegrar, Jean Claude, revogo meu convite.”

Houve um som como o abrir uma lata de refrigerante, um som baixo, depois um grande rugido encheu a sala. A porta se abriu completamente batendo contra a parede. Um ar entrou rapidamente como um rio invisível atirando de nossas roupas, jogando nosso cabelo sobre nossos olhos.

“Você não tem que fazer isso” disse Jean Claude.

“Sim” eu disse, “tenho.”

Foi como se uma mão invisível o mandasse com um empurrão através da porta, deixando de um golpe a porta fechada atrás dele.

“Sinto muito” disse Richard. O grunhido diminuía gradualmente. Sua voz era quase normal. “Está muito perto da lua cheia para eu conseguir me zangar.”

“Não quero ouvir” eu disse. “Só vá.”

“Anita, sinto muito. Normalmente não perco o controle de qualquer jeito. Ainda estando perto a lua cheia.”

“O que é diferente esta noite?”

“Nunca estive apaixonado antes. Parece romper minha concentração.”

“O ciúmes faz isso” eu disse.

“Me diga que não tenho motivos para estar com ciúmes, Anita. Me faça acreditar nisso.”

Suspirei. “Vá, Richard. Eu ainda tenho que limpar minhas armas e minha faca antes de ir pra cama.”

Ele sorria e negava com a cabeça. “Acho que esta noite não te tranqüilizou quanto humano sou.” Ele caminhou ao redor do sofá e se inclinou, recuperou seu suéter do chão onde estava cuidadosamente dobrado.

Colocou o suéter por sua cabeça. Tirou um elástico do bolso das calças jeans e prendeu o cabelo em um rabo. Podia ver os músculos de seus braços movendo-se através do suéter. Vestiu rapidamente seus sapatos, dobrando-se para amarrá-los. O casaco era largo, chegava-lhe até os tornozelos, a meia luz parecia como uma capa.

“Não acredito que consiga um beijo tampouco.”



“Boa noite, Richard” eu disse.

Aspirou profundamente e o soltou lentamente. “Boa noite, Anita.”

Partiu. Tranquei a porta. Limpei minhas armas e fui para a cama. Depois da atuação que Richard e Jean Claude haviam realizado, a Browning se converteu na única coisa que eu queria comigo na cama esta noite. Bem, a arma e um pingüim de pelúcia.

O telefone estava tocando. Parecia estar soando fazia muito tempo. Fiquei na cama escutando-o, me perguntando quando diabos a secretária eletrônica atenderia. Virei tentando alcançar o telefone. Falhei. O som vinha do outro quarto. Merda. Tinha esquecido trazê-lo ontem à noite.

Saí engatinhando de debaixo do quente edredom e cambaleei para a sala de estar. O telefone devia ter soado quinze vezes antes que eu chegasse. Sentei-me no chão com o fone colocado na orelha.

“Quem é?”

“Anita?”

“Ronnie?”

“Você soa horrível.”

“Eu pareço pior” respondi.

“O que aconteceu?”

“Mais tarde. Por que estás ligando a estas horas?” Olhei o relógio do pulso, “as sete horas desta insólita manhã. Melhor que seja bom, Ronnie.”

“Oh, é bom, tudo bem. Pensei que deveríamos pegar George Smitz antes que ele vá trabalhar.”

“Por quê?” Meu rosto palpitava. Caí sobre o tapete colocando o fone na orelha. O tapete era muito suave.

“Anita? Anita, você está aí?”

Pisquei e me dei conta que tinha adormecido. Sentei-me apoiando contra a parede.

“Estou aqui, mas não ouvi uma palavra do que disse depois de algo sobre ir falar com o Smitz antes que ele vá ao trabalho.”

“Sei que não é uma pessoa madrugadora, Anita, mas nunca adormecesses enquanto falamos. Quanto dormiu ontem à noite?”

“Cerca de uma hora.”

“Oh, meu Deus, sinto muito. Mas sabia que iria querer saber. Encontrei prova incriminatórias.”

“Ronnie, por favor. Do que falas?”

“Tenho fotografias do George Smitz com outra mulher.” Esperou em silêncio um segundo ou dois.

“Anita, você está aí?”

“Estou aqui. Estou pensando.” O último foi mais difícil de fazer do que eu desejava. Nunca me encontro em minha melhor forma pela manhã. Depois de apenas uma hora de sono, não estava nem perto de me sentir melhor.

“Por que pensa que é uma prova incriminatória?”

“Bom, na maioria dos casos um cônjuge informa do desaparecimento de seu parceiro para desviar as suspeitas da polícia.”

“Você acredita que Smitz liquidou a sua mulher?”

“Como você o coloca poeticamente, sim, acredito.”

“Por quê? Muitos homens enganam a suas mulheres, mas a maioria não as mata.”

“Aqui tem o argumento decisivo. Depois de fazer as fotos visitei algumas lojas de armas da área. Ele tinha comprado algumas balas de prata em uma loja, perto do açougue.”

“Não foi muito inteligente” eu disse.

“A maioria dos assassinos não o são.”

Assenti com a cabeça, me dei conta que ela não podia ver e não me importei. Bem, a idéia geral é que o senhor Smitz não é o viúvo triste que nos fez acreditar. “O que quer fazer com isso?”

“Enfrentá-lo em sua casa.”

“Por que não ir à polícia?”

“O balconista da loja não me assegurou que fosse George.”

Fechei os olhos. “Ótimo, realmente ótimo.”

“Você acha que ele confessará?”

“Poderia. Ele compartilhou a cama com ela durante quinze anos. Era a mãe de seus filhos. É possível que se sinta muito culpado.”

Eu não raciocínio muito bem depois de dormir só uma hora.

“Policiais, deveríamos ter policiais nos cobrindo, pelo menos.”

“Anita, ele é meu cliente. Não entrego meus clientes à polícia a menos que tenha algo concreto. Se confessar, trarei ele a policia. Se não confessar, entregarei o que tenho. Mas tenho que tentar isso primeiro a minha maneira.”

“Muito bem, ligue pra ele e diga que estamos indo, ou queres que eu ligue?”

“Eu faço isso. Só pensei que você gostaria de estar ali.”

“Bem, me diga quando.”

“Ainda não chegou ao trabalho. Ligarei pra ele e irei te pegar.”

Eu quis dizer: “Não, tenho que voltar a dormir”, mas e se ele a tivesse matado? E se tivesse matado os outros? George não tinha me parecido o suficientemente perigoso para ter seqüestrado os trocadores de formas, mas eu tinha acreditado que ele realmente estava desolado, verdadeiramente preocupado por sua esposa. Que diabos eu sabia?

“Estarei pronta” eu disse.

Desliguei o telefone sem me despedir. Eu estava ficando tão ruim quanto Dolph. Pediria desculpas quando Ronnie chegasse.

O telefone tocou antes que eu pudesse me levantar.

“O que houve, Ronnie?”

“Anita, é Richard.”

“Sinto muito, Richard, o que aconteceu?”

“Soas horrível.”

“Você soa maravilhoso. Não dormiu mais que eu. Por que parece melhor? Por favor, me diga que não é uma pessoa madrugadora.”

Ele riu. “Sinto muito, culpado.”

Que ele fosse peludo o podia perdoar, mas que fosse uma pessoa madrugadora, eu tinha que pensar nisso.

“Richard, não leve a mal, mas o que quer?”

“Jason desapareceu.”

“Quem é Jason?”

“O jovem loiro que te seguiu quando foi ao Café Lunático.”

“Ah, eu lembro dele. Desapareceu?”

“Sim. Jason é um dos membros mais novos do bando. Esta noite há lua cheia. Ele não se arriscaria a sair sozinho. Seu padrinho foi a sua casa e ele não estava.”

“Um padrinho como em Alcoólicos Anônimos?”

“Um pouco parecido.”

“Algum sinal de luta?”

“Não.”

Levantei-me arrastando o telefone em uma mão. Tentei pensar, atravessando o pesado cansaço. Como se atrevia Richard a estar tão alegre?

“O marido de Peggy Smitz. Ronnie o apanhou com outra mulher. Um balconista pode ter vendido balas de prata a ele.”

Houve silêncio no outro lado do telefone. Podia ouvir a suave respiração, mas isso era tudo. A respiração aumentou. “Fale comigo, Richard.”

“Se ele matou Peggy, então vamos lidar com isso.”

“Você acha que ele também poderia estar comprometido em os demais desaparecimentos?” perguntei.

“Não vejo como.”

“Por que não? Uma bala de prata eliminará a qualquer transmorfo. Sem implicar nenhuma grande habilidade. Só precisa ser alguém em quem o transmorfo confie.”

Mais silêncio. “Está bem, o que quer fazer?”

“Ronnie e eu vamos enfrentá-lo esta manhã. Com o Jason desaparecido não temos tempo para ser suaves. Pode me enviar um transmorfo ou dois para me ajudar a ameaçar Smitz? Talvez com um pouco de músculo podemos obrigá-lo a dizer a verdade.”

“Tenho aula na escola hoje e não posso me permitir que saibam o que sou.”

“Eu não pedi para você vir. Simplesmente se algum de vocês pode vir.

Certifique-se que pareçam intimidadores. Irving pode ser um homem lobo, mas não é muito horripilante.”

“Enviarei alguém. Pra sua casa?”

“Sim.”

“Quando?”

“Assim que puder. E, Richard...”

“Sim.”

“Não diga a ninguém que suspeitamos do George Smitz. Não quero encontrá-lo destroçado por arranhões quando chegarmos.”

“Eu não faria isso.”

“Você não faria, mas Marcus poderia e sei que Raina o faria.”

“Direi a eles que tem um suspeito e que quer reforço. Não direi a eles quem é.”

“Muito obrigado.”

“Se você encontrar Jason antes que morra, te darei uma.”

“Tomarei o pagamento em favores carais” eu disse. Um segundo depois de ter dito desejei não tê-lo feito. Era quase verdade, mas depois de ontem à noite, não estava certa.

Ele riu. “Feito. Tenho que ir trabalhar. Te amo.”

Vacilei por um segundo.

“Eu também te amo. Ensine bem as crianças hoje.”

Ele ficou em silêncio por um par de batimentos cardíacos. Ele tinha ouvido a hesitação. “Farei isso. Tchau.”

“Tchau.”

Depois de ter desligado o telefone, fiquei ali de pé durante um minuto. Se alguém simplesmente se aproximava e atirava nos trocadores de formas, então Jason estava morto. O melhor que eu podia fazer era localizar o corpo. Era melhor que nada, mas não muito.

Estacionamos na frente da casa do George Smitz um pouco depois das nove da manhã. Ronnie dirigia. Eu ia armada com uma escopeta. Gabriel e Raina estavam no banco traseiro. Se tivessem me perguntado, teria escolhido outras pessoas como reforço. Também não teria escolhido a amante anterior de meu noivo como reforço.

Em que raios Richard tinha pensando? Ou talvez Raina não tivesse dado a oportunidade dele escolher. Vinha conosco, não por sexo. Ainda não estava certa sobre como me sentir por isso.

Tudo bem, eu sabia como me sentia. Estava zangada. Mas eu também tinha dormido com outra pessoa. Casas de vidro e tudo isso. Em todo caso, Richard tinha me dado exatamente o que eu tinha pedido: trocadores de forma horripilantes e intimidadores. Eu não estava acostumada a receber exatamente o que pedia. Da próxima vez, seria mais específica.

Gabriel estava de novo vestido de couro preto. Quase podia ter sido o mesmo traje com o qual eu o tinha visto da primeira vez, até a luva metálica na mão direita. Talvez tivesse um armário cheio de couro. Os brincos tinham desaparecido. Os buracos até na cartilagem mais dura da orelha cicatrizaram.

Raina estava vestida quase de forma normal. Quase. Tinha posto um casaco de pele de raposa até os tornozelos. O canibalismo é uma coisa, mas vestir a pele de um morto? Pareceu-me muito sangue-frio até para a cadela psicopata do inferno. Bom, era uma loba não uma raposa, mas diabos, não uso peles por questões morais. Ela encostou-se nele. Recostou-se sobre o assento.

“O que estamos fazendo diante da casa de Peggy?”

Era o momento de derramar o feijão. Por que é que não queria fazê-lo? Soltei o cinto de segurança e comecei a me virar. Ela me olhava com uma cara bastante agradável. Sobre a estrutura óssea de licantropo tinha as maçãs do rosto altas e uma boca deliciosa. Talvez ela planejasse fazer algo nefasto hoje.

Gabriel tinha-se envolto no assento traseiro. A mão enluvada arrastava-se sobre o braço de Ronnie. Até através do casaco de camurça, ela tremeu.

“Toque-me outra vez e você comerá sua mão.”

Ela se afastou tão longe dele quanto o volante lhe permitia, o que não era muito. Gabriel a tinha tocado várias vezes enquanto dirigia até aqui, incomodando-a, nada constrangedor, mas desagradável.

“As mãos são muito ossudas. Prefiro um corte mais sensível. Melhor o peito ou a coxa” respondeu Gabriel.

Os olhos cinzas eram ainda mais surpreendentes na luz do sol. Talvez mais. Tinham uma claridade de luz que o cinza era quase luminoso. Eu já tinha visto olhos assim, mas não podia lembrar onde.

“Gabriel, sei que você é uma dor no traseiro. Sei que você gosta de fazer brincadeiras infernais a Ronnie, mas se não parar, simplesmente vamos comprovar o quanto são bons seus poderes curativos.”

Deslizou-se através do assento, aproximando-se. Não era precisamente uma melhora. “Sou teu no momento que queira.”

“Realmente a idéia de morrer é sua idéia de sexo?”

“Com tanto que doa” respondeu Gabriel.

Ronnie nos olhou surpresa. “Você me contará o que aconteceu essa tarde.”

“Na verdade, você não quer saber” eu disse.

“Por que estamos aqui?” Raina perguntou de novo. Ela não ia se distrair pelo Sr. Couro. Bom por ela. Ruim pra mim. Seu olhar fixo foi veemente, como se minha cara fora a coisa mais importante do mundo. Foi isso o que Marcus viu nela? A grande maioria dos homens se sentem adulados pela atenção sem limites. Então, não somos todos assim?

“Ronnie?”

Ela tirou as fotos da bolsa. Eram do tipo de fotografias que não precisavam de explicação. George tinha deixado as cortinas abertas, muito descuidado. Gabriel se virou de volta ao assento, folheando as fotos com um grande sorriso na cara. Parou em uma fotografia em particular e riu.

“Muito impressionante.”

A reação da Raina foi muito diferente. Não se divertia. Estava zangada.

“Fez-nos vir até aqui para castigá-lo por enganar Peggy?”

“Não exatamente” respondi. “Achamos que ele é responsável por seu desaparecimento. E se for responsável pelo desaparecimento dela, poderia ser responsável por mais.”

Raina me olhou. A concentração era tal que tive que lutar contra o desejo de me afastar. Sua fúria era pura e simples. George fazia mal a um membro do bando. Pagaria por isso. Não havia incerteza nesse olhar fixo, só um instante de raiva.

“Deixe que Ronnie e eu falemos. Vocês estão aqui para intimidá-lo se for necessário.”

“Se houver alguma possibilidade de que tenha ao Jason, não temos tempo para ser sutis” respondeu Raina.

Eu concordava com ela, mas não o diria em voz alta. “Nós falamos, vocês ficam em segundo plano e intimidam com sua presença. A menos que perguntemos. De acordo?”

“Estou aqui porque Richard me perguntou” disse Raina. “Ele é um macho alfa. Obedeço a suas ordens.”

“De certa forma, não te imagino obedecendo as ordens de outro” eu disse.

Ela mostrou um sorriso torcido. “Obedeço às ordens de quem quero obedecer.”

Acreditei nela. Sacudi com força um polegar para o Gabriel. “Quem mandou te chamar?”

“Eu o escolhi. Gabriel é muito bom intimidando.”

Parecia grande, vestido com couro, uma luva de metal com pregos e dentes afiados. Ótimo. Sim, diria que isso intimidava.

“Me dê sua palavra de que te manterá a margem a menos que precisemos.”

“Richard disse que devíamos te obedecer como se fosse ele” disse Raina.

“Bem. Como você só obedece ao Richard quando isto te satisfaz, o que quer dizer?”

Raina riu. Um som difícil, frágil. O tipo de risada que te faz pensar em cientistas loucos e pessoas trancadas muito tempo na solitária.

”Eu vou deixar você lidar com isto, Anita Blake, enquanto faça um bom trabalho. Jason é membro do bando. Não deixarei que sua sensibilidade o ponha em perigo.”

Eu gostava cada vez menos disso. “Eu não sou sensível.”

Sorriu. “Certo. Perdão.”

“Você não é um lobo” eu disse, “por que você está aqui?”

Gabriel sorriu mostrando uns dentes bicudos. Ainda folheava as fotografias. “Marcus e Richard me deverão um favor. O maldito bando completo me deverá um.”

Inclinei a cabeça. Era um motivo que acreditei. “Devolvam as fotos a Ronnie. Nenhum comentário gracioso, simplesmente façam.”

Ele projetou o lábio inferior mostrando-se zangado. Teria tido melhor efeito sem as presas. Mas devolveu as fotos a Ronnie. A ponta do dedo roçou sua mão atrasando-se um pouco, mas ele não disse nada. Deveria ter perguntado. Eram todos os trocadores de formas tão malditamente literais?

Aqueles estranhos olhos se cravaram em mim. Repentinamente lembrei onde tinha-os visto antes. Atrás de uma máscara em um filme que preferi não ter visto. Gabriel era o outro homem do filme pornô. Não havia dormido o suficiente para dissimular o estremecimento. Senti que minha cara decompunha-se e não o podia evitar.

Gabriel virou a cabeça para um lado, como um cão.

“Por que me olha assim, como se tivesse me saído uma segunda cabeça?”

O que eu podia dizer?

“Seus olhos. Acabo de lembrar onde os vi.”

“Sim.” Aproximou-se, colocando o queixo no encosto do banco, me deixando olhar bem naqueles olhos luminosos. “Onde?”

“No zoológico. Você é um leopardo.”

Mentirosa, mentirosa, me sobressaltando, mas eu não podia pensar em nada melhor, não tão rápido.



Ele piscou, cravando os olhos em mim. “Miau, mas isso não é o que você pensava.” Ele soou muito seguro de si mesmo.

“Acredite ou não, eu não me importo. Essa é a melhor resposta que você terá.”

Ele ficou ali, o queixo pressionando o estofado. Não podia ver os ombros, a cabeça parecia desencarnada, como em uma lança. Exato, se Edward descobrisse quem ele era. E Edward descobriria. Eu diria com muito prazer, se isso detivesse que se fizessem mais filmes como aquele.

Certamente, eu não estava certa que os pararia. Eram obras da Raina. Supostamente, ela não sabia do final alternativo. Sim, claro, e eu fiz uns bicos com o Coelho de Páscoa.

Ronnie estava olhando para mim. Conhecia-me muito bem. Eu não tinha contado a ela a respeito do filme que vi. Agora a tinha apresentado a duas das estrelas. Merda. Saímos do carro à luz do brilhante sol moderadamente fria de inverno. Aproximamos-nos da calçada com um transmorfo seguindo nossas costas, a quem eu tinha visto assassinar uma mulher na tela e comer o corpo humano ainda morno. Que Deus ajudasse George Smith se ela fosse culpado. Que Deus ajudasse a todos se não fosse ele. Jason estava desaparecido. Richard me havia dito que era um dos membros mais novos do bando. Se George Smith não o tinha, quem então?

Raina segurou minha mão antes que eu pudesse tocar a campainha da porta. Sua pegada tinha sido muito rápida. Eu não tinha tido tempo para reagir totalmente. As unhas eram largas e perfeitas, pintadas com esmalte de cor de abóbora queimada. As unhas alaranjadas pressionaram meu pulso o suficiente para me afundar a pele. Deixou-me sentir a força dessa delicada mão. Não me fez mal, mas o sorriso de sua cara dizia que poderia. Olhei-a. Era forte, mas não vampiro. Apostava que eu poderia chegar a uma de minhas armas antes que conseguisse terminar de esmagar meu pulso.

Não o esmagou. Soltou-me.

“Provavelmente Gabriel e eu deveríamos procurar uma entrada nos fundos. Disse que nos queria em segundo plano.” Ela estava sorrindo e me olhando, tão razoável. As marcas das unhas em minha pele ainda não se apagaram.

“Quero dizer, olhe parta nós, Sra. Blake. Embora não digamos nada, ele não poderá nos ignorar.”

Ela tinha um bom ponto. “Como entrarão pela porta dos fundos se estiver fechada?”

Raina jogou um olhar digno do Edward, como se eu tivesse feito uma pergunta muito estúpida. Eu era a única que não sabia como abrir uma fechadura sem chave?

“Muito bem, façam isso.”

Raina sorriu e se afastou pela neve. O cabelo castanho avermelhado brilhava em contraste com o casaco de pele de raposa. As botas de salto alto de cor café deixavam pequenos rastros sobre a neve. Gabriel foi atrás dela. As presilhas da jaqueta de couro tilintavam enquanto caminhava. As botas de vaqueiro com aplicações de metal afundavam sobre os rastros mais delicados da Raina com forte determinação.

“Ninguém vai confundi-los com vendedores de porta em porta” comentou Ronnie.

Percorri com o olhar nossas calças jeans, meus Nikes, suas botas para a neve, minha jaqueta de couro e seu comprido casaco de couro. “A nenhum de nós” respondi.

“Bom ponto.”

Toquei a campainha.

Ficamos de pé no pequeno alpendre escutando o gotejamento do beiral, tínhamos um daqueles estranhos invernos, em que o degelo no Missouri é famoso.

A neve era suave e se derretia como um boneco de neve à luz do sol. Mas não duraria. Conseguir muita neve em dezembro era incomum por aqui. Geralmente, não teríamos neve de verdade até janeiro ou fevereiro.

O Sr. Smitz demorava muito para chegar à porta. Finalmente ouvi movimento do lado de dentro. Algo suficientemente pesado para ser uma pessoa movendo-se para a porta. George Smitz a abriu com um avental manchado de sangue sobre seu jeans e uma camiseta azul clara.

Havia uma mancha de sangue em um ombro, como se houvesse levantado um pedaço de carne no lado e sangra sobre ele. Limpou as mãos no avental, apertando as palmas e as esfregando ao longo do tecido, como se não pudesse as limpar totalmente. Talvez, simplesmente não estava acostumado a estar coberto de sangue. Ou talvez sua mãos suavam.

Sorri e lhe ofereci a mão. Ele a tomou. A palma estava suada. Nervoso. Perfeito.

“Como está, Sr. Smitz?”

Ele apertou a mão de Ronnie e nos deixou entrar. Estávamos de pé em uma entrada pequena. Havia um armário a um lado e um espelho na parede em frente com uma mesinha. Um vaso cheio de flores de cetim amarelas sobre a mesa. As paredes eram de um amarelo pálido para combinar com as flores.

“Posso pegar seus casacos?”

Se era um assassino, era o mais cortês que eu tinha encontrado alguma vez. “Não, obrigado, ficaremos com eles.”

“Peggy sempre se incomodava comigo se não pedia os casacos às visitas. 'George, não foi criado em um celeiro, pergunte a eles se pode pendurar seus casacos'.” A imitação soou exata.

Passamos para a sala de estar. O papel de parede em amarelo pálido com pequenas flores marrons. O sofá, a poltrona reclinável, todos eram de um amarelo claro, quase branco. Havia mais flores de cetim na mesa de madeira clara. Amarelas. Os quadros na parede, os enfeites nas prateleiras, inclusive o tapete debaixo dos pés eram amarelos. Era como estar dentro de uma pastilha de limão. O que se mostrou em minha cara. Isso, ou George já estava acostumado a isso.

“O amarelo era a cor favorita do Peggy.”

“Era?”

“Quero dizer é... Oh, meu Deus.” Desabou-se no pálido sofá limão com a cara escondida entre as mãos grandes. Ele era o único no quarto que não combinava com os cordões das cortinas amarelas. “Isso soou tão horrível, estou perplexo.”

Observou-nos. As lágrimas brilhavam em seus olhos. Era digno de um prêmio da academia.

“A senhora Sims me disse que tinha notícias sobre Peggy. A encontraram? Ela está bem?” Os olhos eram tão sinceros que doía olhá-lo diretamente. Ainda não podia ter certeza que mentia. Se não o tivesse visto nas fotos com outra mulher, não teria acreditado nele. É obvio o adultério não era assassinato. Poderia ser culpado

de um e não do outro. Certo.

Ronnie se sentou no sofá, tão longe dele quanto podia ficar, mas ainda o suficientemente perto para parecer sociável. O mais perto que queria estar do filho de puta. Se alguma vez eu conseguisse me casar e meu marido me enganasse, não seria eu quem terminaria mal.

“Por favor sente-se, Sra. Blake. Sinto não ser um bom anfitrião.”

Apoiei-me na ponta da poltrona reclinável amarela.

“Pensei que trabalhava na construção, Sr. Smitz. O que faz com o avental?”

“O pai do Peggy não pode cuidar da loja sozinho. Ofereceu-me isso faz uns anos, devia deixar de trabalhar na construção. Mas você sabe, ele é minha família. Não posso o abandonar neste momento. Peggy fazia a maior parte do trabalho. Seu pai tem quase noventa e dois anos. Não pode fazer tudo isso sozinho.”

“Herdará o açougue?” perguntei.

Automaticamente tínhamos nos convertido no policial bom e policial mau. Adivinha qual era eu.

Ele piscou. “Bem, sim. Suponho que sim.”

Esta vez não perguntou se ela estava bem. Só me olhou com aqueles nobres olhos.

“Você ama a sua esposa?”

“Sim, claro que sim. Que tipo de pergunta é essa?” Agora parecia menos triste e mais zangado.

“Ronnie” eu disse brandamente.

Ela tirou as fotos da bolsa e as deu a ele. A primeira fotografia o mostrava abraçando uma mulher de cabelo escuro. Peggy Smitz tinha sido loira. A cor subiu lentamente até sua cara.

Nem vermelho, nem arroxeadado. Ele bateu as fotografias na mesinha de café sem olhar o resto. Deslizaram-se através da mesa, imagens dele e da mulher em diversos momentos despindo-se. Beijando-se, tocando-se, quase fazendo de pé.

Sua cara mudou do vermelho a arroxeadado. Os olhos incharam. Ficou de pé com a respiração agitada, bloqueando freneticamente.

“Que diabos é isto?”

“Acredito que as fotografias são óbvias” eu disse.

“Contratei-a para encontrar a minha esposa, não para me espiar.” Se voltou contra Ronnie, elevando-se sobre ela. As grandes mãos fechadas em punhos às faziam parecer maiores ainda. Os músculos dos braços incharam, as veias se sobressaíram como se fossem vermes.

Ronnie ficou de pé, usando a seu favor os seus 1,72 m. Estava tranqüila. Se por acaso estava preocupada em enfrentar um homem que pesava 50 quilos mais que ela, não se notava.

“Onde está Peggy, George?”

Percorreu-me com o olhar, depois retorno a Ronnie. Levantou uma mão como se fosse bater nela.

“Onde escondeu o corpo?”

Virou rapidamente para mim. Só fiquei sentada ali olhando a ele. Tinha que dar a volta na mesinha para me alcançar. Estava segura de poder me manter fora de seu alcance. Ou se tinha uma arma. A opção era lançá-lo pela janela. Este último soava cada vez melhor.

“Saiam da minha casa.”

Ronnie tinha dado um passo atrás fora de seu alcance. Ele estava ali como uma montanha de cor púrpura, balançando-se entre nós. “Saiam da minha casa.”

“Não posso fazer isso, George. Sabemos que a matou.”

Talvez foi uma frase muito forte, mas “Estamos quase certas de que você a matou” não teria o mesmo efeito. “A menos que realmente pense em começar a te balançar, eu me sentaria, George.”

“Sim, é claro, sente-se, George.”

Não olhei atrás de mim para ver onde estava Raina. Realmente não acreditava que George me fizesse mal, mas é melhor ser cauteloso. Desviar a vista de um tipo que pesava mais de 90 quilos parecia uma má idéia. Ele cravou os olhos em Raina. Parecia confuso.

“Que diabos é isto?”

Ronnie disse “Oh, meu Deus.” Ela ficou com o olhar fixo atrás de mim com a boca aberta.

Algo estava acontecendo em minhas costas, mas o que? Estava de pé, os olhos centrados exclusivamente no George, mas ele já não me olhava. Afastei-me dele simplesmente para estar a salvo. Quando estiva longe o bastante para estar segura, pude olhar a porta.

Raina tinha posto uma regata de seda marrom, botas de salto alto e nada mais. O casaco de pele estava aberto e perfilava seu corpo esplendidamente.

“Pensei que você fosse ficar à margem, a menos que te pedisse ajuda.”

Deixou cair à pele em um atoleiro enrolado no chão. Caminhou com passo majestoso pelo quarto, rebolando chamativamente.

Ronnie e eu trocamos olhares. Ela pronunciou as palavras: “O que acontece agora?”

Encolhi-me de ombros. Não tinha a mais remota idéia.

Raina se inclinou sobre as flores de cetim da mesinha de café, dando a George Smitz uma grande e completa visão larga de seu traseiro magro. A cor se reduzia drasticamente de sua cara. Lentamente as mãos afrouxaram-se. Parecia confuso. Bem-vindo ao clube.

Raina sorriu para ele. Ficou de pé muito lentamente, dando a George uma boa vista dos peitos altos e turgentes. Os olhos foram atraídos pelo atrevido decote. Ela se levantou, percorrendo suas mãos pela regata, parando a um passo da virilha. George parecia ter problemas para respirar.

Raina se aproximou dele até que esteve à distância de um dedo. O olhou e sussurrou com os lábios cheios, sensuais. “Onde está Jason?”

Ele franziu a cara. “Quem é Jason?”

Ela acariciou sua bochecha com as unhas pintadas, que deslizavam por sua pele mais e mais longas, até que se tornaram grandes garras enganchadas.

As pontas ainda eram de cor de abóbora queimada. Enganchou essas garras sob seu queixo, aplicando só a pressão adequada, sem romper a pele.

“A menor pressão e estarás uivando à lua uma vez ao mês.”

Era mentira, ela ainda se encontrava em forma humana. Não era contagiosa. Toda a cor se foi de sua cara. A pele tinha a cor do papel cru.

“Onde está o corpo humano de sua esposa, Sr. Smitz?” eu perguntei. Foi uma boa ameaça que valia mais que uma pergunta.

“Não sei... não sei o que quer dizer.”

“Não minta pra mim, George, eu não gosto.” Ela levantou a outra mão diante de sua cara e as garras deslizaram pra fora como se fossem facas desencapadas.

Ele choramingou.

“Onde está Peggy, George?” ela sussurrou.

A voz ainda era sedutora. Podia ter sussurrado, “Eu te amo”, em vez de uma ameaça.

Manteve as garras enquanto ele mugia e baixou a outra mão lentamente. Seus olhos seguiram essa mão. Tentou baixar a cabeça, mas as garras o detiveram. Ficou sem fôlego.

Raina partiu o avental ensangüentado. Duas fatiadas rápidas. As roupas de debaixo estavam ilesas. Prática.

“Eu... a matei. E matei Peggy. Oh, meu Deus. Atirei nela.”

“Onde está o corpo?” eu perguntei a ele.

Raina parecia gostar do jogo mais do que deveria para dar atenção a todos os detalhes.

“No abrigo de trás. Tem o chão sujo.”

“Onde está Jason?” perguntou Raina. Ela tocou com as garras as calças jeans, sobre a virilha.

“Oh, meu Deus, não sei quem é Jason. Por favor, não sei. Não sei.” Sua voz soava entrecortada.

Gabriel entrou no quarto. Tinha perdido a jaqueta em algum lugar e vestia uma camiseta preta apertada dentro da calça de couro, e as botas. “Ele não tem coragem

para ter pego Jason, ou a outros.”

“É verdade, George? Você não tem coragem?” Raina pressionou os peitos contra seu peito, com as garras ainda em sua mandíbula e em sua virilha. As garras inferiores pressionavam o tecido jeans, sem rasgá-la completamente.

“Por favor, por favor, não me machuquem.”

Raina aproximou sua cara. Forçou-o a estar de pé sobre as pontas dos dedos ou, arranhá-lo no queixo. “Você é patético.” Separou-se de um empurrão as garras de suas calças jeans, despedaçando o tecido.

George desmaiou. Raina teve que separar bruscamente as mãos para evitar cortá-lo em pedaços. Deixou um círculo perfeito nas calças jeans. A cueca branca aparecia através do buraco das calças.

Gabriel se ajoelhou junto ao corpo humano, balançando-se sobre os pés.

“Este humano não pegou Jason.”

“Que pena” disse Raina.

Era uma lástima. Alguém tinha pego oito, não, sete trocadores de formas. O oitavo tinha sido Peggy Smitz. Tínhamos seu assassino sobre o tapete com a braguilha arrancada. Quem os havia pego e por quê? Por que alguém iria querer sete licantropos? Algo fez clique. O naga tinha sido esfolado vivo. Se tivesse sido um licântropo no lugar de um naga, uma bruxa podia ter usado a pele para converter-se em uma serpente. Era uma forma de converter-se em um transmorfo com todas as vantagens e nenhum inconveniente. A lua não a controlaria.

“Anita, o que aconteceu?” perguntou Ronnie.

“Tenho que ir ao hospital e falar com alguém.”

“Por quê?” Um olhar foi suficiente para que Ronnie entendesse meu ponto de vista.

“Bem, chamarei à polícia. Mas eu dirijo.”

“Maldição.”

Olhei para a rua e vi um carro que passava. Era uma Mazda verde. Eu conhecia esse carro.”Talvez eu tenha uma carona.”

Abri a porta e caminhei pela calçada fazendo gestos com as mãos. O carro desacelerou e logo estacionou em mão dupla, ao lado do carro de Ronnie.

A janela zumbiu deslizando-se para baixo ao pressionar o botão. Edward estava dentro dele, com um par de óculos escuros lhe cobrindo os olhos.

“Estive seguindo Raina durante dias. Como me descobriu?”

“Pura sorte.”

Ele sorriu abertamente.

“Não tão estúpida.”

“Preciso de uma carona.”

“O que aconteceu com Raina e seu pequeno amigo de couro?”

Me ocorreu contar que Gabriel era o outro transmorfo do filme, mas se fizesse isso agora, entraria e o mataria. Ou pelo menos, não iria querer me levar ao hospital. Defina suas prioridades.

“Podemos dar uma carona pra eles ou podem pegar um táxi.”

“Táxi” ele respondeu.

“Também prefiro isso.”

Edward dirigiu ao redor do quarteirão para me esperar. Convenci Raina e Gabriel a chamar um táxi e que os pegasse na frente de outra casa. Não queriam falar com a polícia. Imagine isso.

George Smitz recuperou a consciência e Raina o convenceu para que confessasse à polícia quando chegasse. Desculpei-me com Ronnie por abandoná-la e fui andando pela rua para me encontrar com o Edward. Dirigíamo-nos ao hospital para falar com o naga. Esperava que tivesse recuperado a consciência.



Havia um oficial fora do quarto do naga. Edward ficou no carro. Depois de tudo, estava sendo procurado pela polícia. Uma das desvantagens de trabalhar com Edward e a polícia era que, necessariamente, a gente não pode trabalhar com ambos ao mesmo tempo.

O policial da porta era uma mulher pequena loira com um rabo-de-cavalo. Havia uma cadeira ao lado da porta, mas estava de pé com uma mão no extremo da arma. Seus olhos pálidos percorreram suspeitosamente sobre mim. Fez uma inclinação brusca com a cabeça. “Você é Anita Blake?”

“Sim.”

“Posso ver sua identificação?” Ela perguntou de forma direta, nada de tolices. Tinha que ser uma novata. Só um novato teria essa atitude tão dura. Os veteranos me teriam pedido a identificação, mas não teriam tentado fazê-lo tão agressivo.

Mostrei meu distintivo de identificação plastificado. O mesmo que coloquei em minha camisa quando tive que cruzar a linha policial. Não era o distintivo de um policial, mas era o melhor que tinha.

Pegou-o com a mão e o olhou durante muito tempo. Lutei contra o desejo de lhe perguntar se ia ser revistada depois. Nunca ajuda incomodar muito à polícia. Especialmente sobre trivialidades.

Finalmente me devolveu o distintivo. Seus olhos eram azuis e frios como um céu invernal. Muito dura. Provavelmente, via essa imagem no espelho cada manhã.

“Ninguém pode interrogar o homem se um policial não estiver presente. Quando pediu permissão para falar com ele, entrei em contato com o sargento Storr. Ele está a caminho.”

“Quanto tempo terei que esperar?”

“Não sei.”

“Olhe, um homem está desaparecido, qualquer atraso poderia custar a vida dele.”

Agora eu tinha sua atenção.

“O sargento Storr não mencionou nenhuma pessoa desaparecida.”

Merda. Tinha esquecido de que os policiais não estavam a par dos trocadores de formas desaparecidos.

“Não tenho que supor que ganhar tempo seja o primordial. O que há sobre as vidas implicadas?”

Seus olhos mudaram de aborrecidos a interessados. Estava impressionada. “O sargento Storr foi muito específico. Quer estar presente quando interrogar o homem.”

“Você tem certeza que falou com o sargento Storr e não com o detetive Zerbrowski?” Se foi com o Zerbrowski, colocaria tudo a perder só para me irritar.

“Sei com quem falei, Sra. Blake.”

“Não tinha a intenção de assumir que não o fez, oficial. Só quis indicar que Zerbrowski pode ter feito uma confusão sobre quanto acesso é permitido a mim com o... ah, testemunha.”

“Falei com o sargento e sei o que me disse. Você não entra até que ele chegue. Essas são minhas ordens.”

Comecei a dizer algo desagradável e me detive. A oficial Kirlin fazia o certo. Tinha suas ordens e não ia mudá-las.

Percorri com o olhar a placa com seu nome. “Muito Bem, oficial Kirlin. Estarei na sala de espera, virando esquina.” Troquei de direção e parti dando meia volta antes que dissesse algo não tão agradável. Quis entrar a força no quarto, mas não tinha nenhuma autoridade. Esta era uma daquelas vezes que me lembravam energicamente que era uma civil. Eu não gostava de lembrar.

Sentei num sofá multicolorido colocado em um lugar com plantas de verdade. A altura das plantas criava a ilusão de paredes, dividindo a sala de espera em três pseudo habitações. Ilusão de privacidade se por acaso precisasse. Um televisor estava instalado no alto de uma parede. Ninguém tinha se incomodado em ligá-lo ainda. Havia quietude no hospital. O único ruído era o da calefação através das paredes.

Odiava esperar. Jason estava desaparecido. «Estava morto? Se estivesse vivo, durante quanto tempo o estaria? Quanto tempo Dolph me faria esperar?».

Dolph chegou virando a esquina. Bendito seja, não me tinha feito esperar por muito tempo. Fiquei de pé.

“A oficial Kirlin comentou que você mencionou que havia uma pessoa desaparecida. Você está escondendo informações de mim Anita?”

“Sim, mas não de propósito. Tenho um cliente que não irá à polícia. Tentei persuadi-lo...” encolhi os ombros. Só porque eu estava certa e eles equivocados, não quer dizer que possa contar seus segredos sem consultá-los primeiro.

“Não existem privilégios reanimador/cliente, Anita. Se eu te pedir informação está legalmente obrigada a me dar isso.”

Eu não tinha dormido o suficiente para tratar com isto. “Ou o quê?”

Franziu a cara. “Ou vai presa por obstrução à Justiça.”

“Muito bem, vamos” respondi.

“Não me pressione, Anita.”

“Olhe Dolph, te contarei tudo o que sei quando me derem autorização. De toda forma, posso te dizer por que são estúpidos, mas não te contarei uma merda só porque me intimidas.”

Respirou fundo por seu nariz e o expulsou devagar.

“Muito bem, vamos falar com nossa testemunha.”

Apreciei que se referisse ao naga sendo ainda nossa testemunha. “Muito bem, vamos.”

Dolph me fez gestos para que saísse da sala de espera. Fomos andando juntos pelo corredor, em silêncio. Mas o silêncio era amistoso. Não havia necessidade de enchê-lo com bate-papos ociosos ou acusações.

Um médico com avental branco e um estetoscópio colocado sobre os ombros como uma serpente, abriu a porta. A oficial Kirlin estava ainda de pé, sempre vigilante. Mostrou-me seu melhor olhar duro como o aço. Devia tê-lo ensaiado. Mas quando é loira, pequena, mulher e policial, tem ao menos que tentar parecer dura.

“Pode falar por um breve período de tempo, é um milagre que esteja vivo e mais ainda que possa falar. Acompanharei o interrogatório. Se ele se chatear, deterei a entrevista.”

“Estou de acordo, Dr. Wilburn. É vítima e testemunha, não suspeito. Não queremos lhe causar danos de nenhuma forma.”

O doutor não ficou plenamente convencido, mas retrocedeu e manteve a porta aberta para nós.

Dolph surgiu ameaçadoramente por cima de mim. Era como uma força imóvel as minhas costas.

Podia ver por que o médico pensava que conseguiríamos acovardar a testemunha. Dolph não parecia inofensivo nem que tentasse, assim nem o tentou.

O naga estava na cama rodeado de tubos e cabos. Sua pele crescia. Podia vê-la estendendo-se de forma selvagem, como remendos dolorosos, mas crescia. Ainda dava o aspecto de ter sido cozido vivo, mas era uma melhora.

Virou seus olhos para nos olhar. Moveu a cabeça muito lentamente para nos ver melhor.

“Sr. Javad, lembra-se do sargento Storr? Veio com uma pessoa para falar com você.”

“A mulher...” ele sussurrou. Sua voz soou débil e dolorosa. Tragou cuidadosamente e fez outra tentativa. “A mulher do rio.”

Caminhei para frente. “Sim, eu estava no rio.”

“Ajudou-me.”

“Tentei.”

Dolph deu um passo adiante. “Sr. Javad, pode nos dizer quem lhe fez isto?”

“Bruxas” ele respondeu.

“Ele disse 'bruxas'?” perguntou Dolph.

“Sim.”

Dolph me olhou. Não teve que me perguntar. Este era minha área.

“Javad, você conhecia as bruxas? Seus nomes?”

Tragou de novo e soou seco. “Não.”

“Onde lhe fizeram isto?”

Fechou os olhos.

“Você sabe onde estava quando... te esfolaram?”

“Drogaram-me.”

“Quem lhe drogou?”

“A mulher... os olhos.”

“O que acontece com os olhos dela?”

“O oceano.” Tive que me inclinar sobre ele para ouvir o que ele tinha dito por último. Sua voz se desvanecia. Abriu os olhos de repente, de forma ampla. “Os olhos, o oceano.” Deixou sair um som gutural baixo, como se engolisse seus gritos.

O médico se aproximou. Comprovou seus órgãos vitais, tocando a carne arruinada o mais amavelmente que podia, embora o toque fizesse ele se contorcer de dor.

O médico pressionou um botão ao lado da cama.

“É à hora da medicação do Sr. Javad. Traga-a agora.”

“Não” disse Javad.

Agarrou meu braço, ficou sem fôlego mas me agarrou. Sua pele se sentia como carne crua quente.

“Não é o primeiro.”

“Não é o primeiro? Não entendo.”

“Outros.”

“Eles fizeram isto com outros?”

“Sim. As detenha.”

“Farei isso. Prometo.”

Caiu de volta à cama, mas não podia ficar quieto. Doía muito. Cada movimento doía, mas não podia ficar quieto por causa da dor.

Uma enfermeira com uma jaqueta rosada entrou apressada. Colocou a agulha em sua veia. Momentos depois começou a tranqüilizar-se. Seus olhos agitados se fecharam. O sono chegou e algo em meu peito se soltou. Muita dor era difícil de agüentar, mesmo que só observasse.

“Despertará e teremos que voltar a sedá-lo. Nunca vi ninguém que pudesse curar-se como ele. Mas só porque possa curar o dano, não quer dizer que não doa.”

Dolph me levou para o lado.

“O que foi todo isso a respeito dos olhos e os outros?”

“Não sei. Uma verdade pela metade. Não sei o que quis dizer com os olhos, mas suspeito que outros são os trocadores de formas desaparecidos.”

Zerbrowski entrou, fez sinais ao Dolph e saíram para o corredor. A enfermeira e o médico verificavam ao naga. Ninguém me pediu para sair ao corredor, mas era o justo. Não colaborava com eles, por que iriam colaborar comigo?

A porta se abriu e Dolph me indicou que saísse. Saí. A oficial Kirlin não estava em seu posto. Provavelmente, permitiram-lhe ausentar-se por um momento enquanto estávamos nós.

“Não pude encontrar nenhum caso de pessoas desaparecidas associado com seu nome” comentou Dolph comigo.

“Fez com que Zerbrowski me investigasse?”

Dolph só me olhou. Olhou-me com os olhos frios e distantes de um policial.

“Exceto por Dominga Salvador” respondeu Zerbrowski.

“Anita alegou que não sabia nada do que aconteceu com a senhora Salvador” assegurou Dolph. Ainda me mostrava sua aparência dura. Era muitíssimo melhor que a oficial Kirlin.

Lutei com o desejo de me retorcer. Dominga Salvador estava morta. Eu sabia por que tinha visto como aconteceu. Eu tinha puxado o gatilho, metaforicamente falando. Dolph suspeitava que eu tivesse algo que ver com seu desaparecimento, mas não podia prová-lo, e ela tinha sido uma mulher muito má. Se tivesse sido condenada por tudo o que a havia sido considerado suspeita, teria recebido a pena de morte imediata.

A lei não gosta das bruxas muito mais que os vampiros. Tinha utilizado um zumbi para matá-la. Era o suficiente para ganhar uma viagem à cadeira elétrica.

Meu bipper soou. Fui salva pelo sino. Chequei o número. Não o reconheci, mas não tinha por que comunicá-lo.

“Uma emergência, tenho que encontrar um telefone.”

Fui rapidamente, antes que Dolph pudesse dizer qualquer outra coisa. Pareceu-me o mais seguro.

Deixaram-me usar o telefone da sala de enfermeiras. Gente com classe. Richard atendeu ao telefone no primeiro toque.

“Anita?”

“Bingo, o que aconteceu?”

“Estou na escola. Louie não se apresentou a suas aulas da manhã.”

Baixou tanto sua voz que tive que tampar uma orelha só para ouvi-lo. “Esta noite há lua cheia. Não faltaria à escola, as pessoas suspeitariam.”

“Por que estás me chamando?”

“Ele comentou que ia encontrar-se com sua amiga, a escritora, Elvira algo.”

“Elvira Drew?” Quando disse seu nome, pude imaginar sua cara. Olhos azuis esverdeados, a cor de oceano. Merda.

“Acho que sim.”

“Quando devia encontrar-se com ela?”

“Esta manhã.”

“Ele retornou da reunião que tinha?”

“Não sei. Estou trabalhando. Ainda não cheguei a meu escritório.”

“Teme que algo lhe tenha ocorrido, não?”

“Sim.”

“Eu não agendei a reunião. Liguei no escritório e averiguarei quem o fez. Estará neste número?”

“Tenho que retornar pra aula, mas lhe confirmarei isso logo que possa.”

“De acordo. Liguei pra ti assim que souber de algo.”

“Tenho que ir” ele anunciou.

“Espera, tenho uma idéia do que aconteceu aos trocadores de formas desaparecidos.”

“O que?”

“É uma investigação policial em curso. Não posso falar sobre isso, mas se pudesse contar à polícia sobre os trocadores de formas desaparecidos, poderíamos encontrar Louie e Jason mais rápido.”

“Marcus te disse que não o contasse?”

“Sim.”

Ele ficou em silêncio por um minuto.

“Conte a eles. Vou assumir a responsabilidade.”

“Ótimo. Entrarei em contato contigo depois.” Desliguei.

Não foi até que ouvi o tom de chamada que me dei conta de que não lhe havia dito, eu te amo. Oh, bem.

Liguei para o escritório. Mary atendeu. Não esperei a que me saudasse.

“Me ligue com o Bert.”

“Está tudo bem?”

“Só faça isso.”

Não discuti, boa mulher.

“Anita, melhor que seja uma emergência. Estou com um cliente.”

“Falou com alguém hoje a respeito de encontrar a um homem rato?”

“De fato, eu falei.”

Doeu-me o estômago.

“Quando e onde marcou a reunião?”

“Esta manhã, por volta das seis. O senhor Fane queria fazê-lo antes de ir ao trabalho.”

“Onde?”

“Em sua casa.”

“Me dê a direção.”

“O que aconteceu?”

“Acredito que Elvira Drew pode tê-lo enganado para o assassinar...”

“Está de brincadeira, certo?”

“A direção, Bert.”

Deu-me isso. “Não posso ir trabalhar esta noite.”

“Anita...”

“Economize isso Bert. Se é assassinado, será porque o fizemos cair em uma armadilha.”

“Está bem. Faça o que tenha que fazer.”

Desliguei o telefone. Era a primeira vez que Bert cedia em algo. Se não soubesse que visões de ação dançavam em sua cabeça, teria estado mais impressionada.

Voltei para nosso pequeno grupo. Ninguém falava.

“Há sete trocadores de formas desaparecidos nesta área.”

“De que falas?” perguntou Dolph.

Neguei com a cabeça. “Simplesmente escute.” Contei-lhe tudo a respeito dos desaparecimentos. Terminei com: “mais dois trocadores de formas desapareceram. Penso que quem fosse o que esfolou ao naga, pensou que era um licântropo. É possível fazer um ritual para tomar a pele de um transmorfo e usá-la na gente mesmo. Consegue todas as vantagens, toda a força extra, a velocidade, etc..., e não está preso à lua.”

“Por que não funcionou com o naga?” perguntou Zerbrowski.

“É imortal. Os trocadores de formas tem que morrer no final do feitiço.”

“Sabemos porque. Agora, onde diabos estão?” perguntou Dolph.

“Tenho uma direção” respondi.

“Como?”

“Explicarei isso pelo caminho. O feitiço não surte efeito até o anoitecer, mas não podemos supor que os manterá vivos. Tem que estar preocupada de que o naga se cure o suficiente para falar.”

“Depois de vê-lo ontem à noite, não acreditaria” acrescentou Zerbrowski.

“Não é uma bruxa” afirmei.

Sáímos. Eu teria gostado de ter ao Edward cobrindo minhas costas. Se íamos fazer uma jogada a rede em busca de bruxas renegadas e uns trocadores de formas durante uma noite da lua cheia, ter Edward me cobrindo não era uma má idéia. Mas não sabia como lidar com isso. Dolph e Zerbrowski não iriam ficar de braços cruzados, eram policiais. Mas não tinham permissão de atirar nas pessoas sem lhes dar a oportunidade de render-se.

Elvira Drew tinha descascado a um naga. Não estava certa de que quisesse lhe dar uma oportunidade. Não estava certa que fôssemos sobreviver.

A casa da Elvira Drew era uma construção de dois andares com uma linha grossa de arbustos e árvores, e um estreito caminho longe da auto-estrada. Não se podia ver o quintal a menos que se chegasse ao caminho de acesso. O bosque se estendia ao redor do pequeno quintal, como se alguém tivesse posto a casa ali e tivesse esquecido de avisar.

Um carro patrulha nos seguia pelo caminho de cascalho. Dolph estacionou atrás de um Grand Am verde vivo. O carro combinava com a cor de seus olhos. Havia um letreiro de aluguel no pátio. Outro jazia ao lado, no chão, como esperando ser presa no chão. Provavelmente seria colocado no caminho.

Havia duas bolsas de roupa dentro do carro. O banco traseiro estava abarrotado com caixas. Havia perspectivas de uma rápida fuga.

“Se ela for a assassina, por que te daria seu real endereço?” perguntou Zerbrowski.

“Checamos os clientes. Têm que ter um lugar de residência ou alguma forma para comprovar quem são. Exigimos mais identificações que a maioria de bancos.”

“Por quê?”

“Porque às vezes conseguimos algum louco. Ou um repórter de algum jornal sensacionalista. Temos que saber com quem negociamos. Aposto que ela tentou pagar em dinheiro, sem identificação e quando lhe pedimos três endereços diferentes não estava preparada.”

Dolph nos guiou pelo caminho para a porta. O seguimos como bons soldados. A oficial Kirlin era uma dos policiais de uniforme. Seu companheiro era um tipo maior, com o cabelo cinza, com uma pequena e redonda barriga. Aposto que não tremia como um tigela de gelatina. Tinha uma expressão azeda em sua cara que me fez saber que já tinha visto tudo isto e não gostava de nada disso.

Dolph bateu na porta. Silêncio. Tocou mais forte. A porta vibrou. Elvira abriu. Usava uma túnica verde brilhante, amarrada na cintura. Sua maquiagem era ainda perfeita. O esmalte de suas unhas combinava com a túnica. Seu comprido cabelo loiro penteado para trás estava preso por um lenço que era só um tom de verde mais azulado que a túnica. Seus olhos brilhavam com essa cor.

“Olhos como o oceano” resmungou Dolph.

“Perdoe-me, o que é tudo isto?”

“Podemos entrar Sra. Drew?”

“Para que?”

Não tínhamos tido tempo para conseguir uma ordem. Dolph não estava certo de poder consegui-la com o que tínhamos. A cor dos olhos de alguém não era exatamente uma prova.



Olhei além do Dolph.

“Olá, Sra. Drew, precisamos lhe fazer algumas pergunta sobre Louis Fane” eu disse.

“Sra. Blake, eu não sabia que você trabalhava com a polícia.”

Ela sorriu, eu sorri, Louie estava aqui? Estava nos distraindo enquanto alguém o matava. Maldição. Se a polícia não estivesse aqui, teria tirado minha arma e teria entrado. Há desvantagens em estar ao lado da lei.

“Investigamos o desaparecimento do Sr. Fane. Você foi a última em vê-lo.”

“Ah, querida.” Ela não se afastou da porta.

“Podemos entrar e lhe fazer algumas pergunta?” perguntou Dolph.

“Pois bem, não sei que o que posso lhes dizer, o Sr. Fane nunca chegou a nossa reunião. Não o vi absolutamente.”

Ela estava ali como uma parede sorridente.

“Precisamos entrar e dar uma olhada, Sra. Drew, no caso de...”

“Tem uma ordem?”

Dolph a olhou. “Não, Sra. Drew, não a temos.”

Seu sorriso era deslumbrante. “Então, eu sinto muito, mas não posso deixá-los entrar.”

Agarrei-a pela túnica, atraindo-a bruscamente, tão forte quanto para me dar conta de que não usava sutiã. “Nós entramos depois de você ou através de você.”

A mão do Dolph pousou sobre meu ombro. “Sinto muito, Sra. Drew. A Sra. Blake tende a ser um pouco entusiasta.” As palavras foram mastigadas entre seus dentes, mas ele as disse.

“Dolph...”

“Solta-a, Anita, agora.”

Elevei o olhar para seus estranhos olhos. Ainda sorria mas agora havia algo mais. Medo. “Se ele morrer, você morre.”

“Eles não a têm para matar suspeitos” ela disse.

“Não falo de uma execução legal.”

Seus olhos aumentaram. Dolph estremeceu, tocando meu ombro.

Empurrou-me para que descesse as escadas. Zerbrowski já se desculpava por minha colocada de pata.

“Que diabos pensa que está fazendo?” perguntou Dolph.

“Ele está ali, eu sei.”

“Não sabe. Liguei para pedir uma ordem. Até que a obtenhamos, a menos que nos deixe entrar, ou ele alcance uma janela e peça ajuda a gritos, não podemos entrar. Essa é a lei.”

“Pois bem, ela é uma merda.”

“Talvez, mas somos policiais. Se não obedecermos a lei, então quem mais o

fará?”

Abracei-me, meus dedos apertando meus cotovelos. Era isso, ou corria e partia a perfeita cara a Elvira Drew. Louie estava ali dentro, e era minha culpa.

“Dê um passeio, Anita, te acalme.”

Contemplei-o. Podia-me haver dito que me sentasse no carro, mas não o tinha feito. Tentei ler sua cara, mas havia se tornado vazia.

“Um passeio, é uma boa idéia.”

Dirigi-me para as árvores. Ninguém me deteve. Dolph não voltou para me chamar. Tinha que imaginar o que ele pensava fazer. Caminhei entre as árvores nuas pelo inverno. Gotinhas de neve derretida caíam sobre minha cabeça e cara. Segui andando até que já não os podia ver claramente.

No inverno se pode distinguir coisas a grande distancia, mas estava o suficientemente longe para tentar nosso pequeno jogo de fingir.

Caminhei para a parte traseira da casa. A neve derretida molhava meus Nikes. As folhas eram um empapado tapete debaixo de meus pés. Tinha as duas armas e as duas facas. Tinha substituído a única que Gretchen não me devolveu. Era um jogo de quatro que tinha mandado fazer para mim. Era difícil encontrar uma faca com um alto conteúdo de prata para matar aos monstros e apesar disso, conservar um fio duro.

Mas não poderia matar a ninguém. Meu trabalho era entrar, encontrar Louie, e pedir ajuda a gritos. Se alguém na casa pedisse ajuda a gritos, a polícia poderia entrar. Essas eram as regras. Se Dolph não tivesse medo de que matassem ao Louie, não me teria deixado fazer isto. Mas com lei ou sem lei, sentar lá fora enquanto o suspeito mata a sua próxima vítima era difícil de assimilar.

Escondi-me agachada pela linha das árvores olhando para a parte de trás da casa. Uma porta dos fundos conduzia a um pórtico. Havia uma porta de vidro que dava entrada a casa, e uma segunda porta diante dela para um lado. A maioria das casas em St. Louis têm porões. Algumas das casas mais velhas, originalmente tinham o acesso só pelo exterior. Acrescente um alpendre pequeno e uma porta pequena para se esconde a alguém, um porão soava um bom lugar. Se fosse o armário de a vassoura, simplesmente não entraria.

Chequei as janelas do andar superior. As cortinas estavam fechadas. Se havia pessoas lá encima observando, eu não podia ver. Esperava que não pudessem me ver.

Cruzei o terreno aberto sem tirar uma arma. Eram bruxas. Por regra geral as bruxas não atiram em você. De fato, as bruxas, as verdadeiras bruxas, não praticam a violência. Uma Wicca não teria tido nada que fazer ante sacrifícios humanos. Mas a palavra bruxa às vezes quer dizer muitas coisas diferentes. Algumas delas podem ser bastante aterrorizantes, mas elas raramente atiram em você.

Ajoelhei-me ao lado da porta que conduzia a varanda. Mantive minha mão tão perto da maçaneta quanto pude sem tocá-lo. Nenhum calor, nenhum... Infernos não há nenhuma palavra para isto. Mas não havia nenhum feitiço no trinco. Ainda as bruxas boas realizam feitiços em suas portas principais, assim são alertadas da presença de um ladrão ou algo que aconteça. Quero dizer, pessoas entram na força e não conseguem nada. O feitiço as pega e, fará que a bruxa e suas amigas o encontrem. As bruxas más podem pôr piores coisas sobre as portas. Já tínhamos estabelecido que tipo de bruxa havia dentro, assim a precaução me parecia uma boa idéia.

Deslizei a ponta de minha faca através da borda da porta. Uma pequena sacudida e a porta estava aberta. Sem quebrar, mas definitivamente, tinha entrado. Dolph me prenderia por isso? Provavelmente não. Se Elvira me obrigasse a atirar nela fora da vista de testemunhas, eu poderia fazer isso.

Fui para a segunda porta. A que esperava que me conduzisse ao porão. Aproximei minha mão a ela, e ali estava. Um feitiço. Não sou bruxa. Não sei como desfazer feitiços. Perceber é meu limite. Oh, outra coisa. Posso quebrá-lo. Mas é um desdobramento violento e duro de poder dirigido ao feitiço. Só evocar o que fosse isso que me deixa ressuscitar aos mortos e agarrar o cabo da porta. Quebra-se nesse ponto, mas é como dar um ponta-pé em uma porta sem saber o que há ao outro lado.

Acidentalmente, pode conseguir um tiro de espingarda na cara. O verdadeiro problema era que se o transpassava sem perigo, quem quer que tenha colocado o feitiço, saberia. Demônios, uma bruxa boa sentiria a acumulação de poder antes que a tocasse. Se Louie estava atrás desta porta, perfeito. Entraria e o protegeria até que meus gritos trouxessem a cavalaria. Se não estava atrás dessa porta, poderiam entrar em pânico e matá-lo.

A maioria de bruxas, boas ou más, são crentes da natureza até certo ponto. Se tivesse sido Wicca, a área cerimoniosa estaria do lado de fora, em alguma parte.

Mas para esta, a escuridão e um terreno fechado podia ser suficiente.

Se eu fosse realizar um sacrifício humano, iria querer ele guardado tão perto da zona cerimoniosa como me fosse possível. Isto era uma hipótese. Se me equivocava e matassem Louie... Não. Não devo pensar na pior hipótese.

Era ainda de dia. Era tarde. A luz do sol de inverno era de um suave cinza, mas não estava escuro. Minhas habilidades não surgem até depois do anoitecer. Posso detectar aos mortos e outras coisas a certa luz do dia, mas estou limitada. A última vez que fiz isso estava escuro. Abordei a magia da mesma forma em que faço todo o resto. Diretamente, com força bruta. No que realmente apostava era que meus poderes fossem maiores que os de quem colocou o feitiço. A teoria era que eu poderia agüentar melhor uma surra do que ela ou ele poderiam repartir.

Era possível à luz do dia? Descobriríamos. A pergunta era, o feitiço estava só

na maçaneta? Eu teria apenas trancado a porta, com feitiço ou sem feitiço. Por que apenas não abri-la como uma pessoa normal?

Tirei a Browning e retrocedi. Coloquei-me no centro, concentrei-me em um ponto perto do ferrolho mas não nele. Esperei até que esse pedaço de madeira fosse tudo o que havia. Um profundo silêncio em meus ouvidos. Chutei a porta com tudo o que tinha. A porta se estremeceu, mas não se abriu. Mais dois pontas pés e a madeira se estilhaçou. A fechadura cedeu.

Não foi um desdobramento violento de luz. Se alguém tinha estado observando, não tinham visto uma maldita coisa, só a mim caindo para atrás. Meu corpo inteiro zumbiu como se tivesse metido meu dedo em uma tomada elétrica.

Ouvi o som de passos que corriam dentro da casa. Engatinhei para a porta aberta. Engatinhei em meus pés utilizando o balaustre. Uma brisa de ar fresco varreu minha cara. Comecei a descer as escadas antes de estar segura de que podia caminhar. Tinha que encontrar Louie antes que Elvira me apanhasse. Se não encontrasse a prova, poderiam me prender por invasão de propriedade e estaríamos pior do que estávamos antes.

Tropecei descendo as escadas, com uma mão peguei o corrimão em um aperto de morte, na outra minha arma. A escuridão era negra como o veludo. Não poderia ver uma maldita coisa além de um dedo. Inclusive minha visão noturna precisava de um pouco de luz. Ouvi ruído de passos atrás de mim.

“Louie, você está aqui embaixo?” Algo se moveu entre a escuridão debaixo de mim. Soou grande. “Louie?”

Elvira estava de pé no começo da escada. Iluminada pela luz, como em um halo dimensionado em um corpo humano. “Sra. Blake, devo insistir que saia de minha propriedade neste momento.”

Minha pele ainda florescia a saltos com o que fora que tinha estado na fechadura. Só minha mão no corrimão me mantinha de pé.

“Fez o feitiço da porta?”

“Sim.”

“Você é boa.”

“Não boa o bastante aparentemente. Agora, realmente, devo insistir que suba as escadas e saia de minha propriedade.”

Um grunhido baixo surgiu da escuridão. Não soou como um rato, e certamente, não soou humano.

“Saia, saia de qualquer lugar que esteja” eu disse.

Os grunhidos se tornaram mais fortes, mais próximos. Algo grande e peludo se lançou através da franja pálida de luz. A olhada foi suficiente. Sempre poderia dizer que pensei que era Louie. Apoiei-me contra o corrimão e gritei. Pedi ajuda a gritos com cada som que pude fazer. Elvira retornou sobre seus passos rapidamente. Ouvi

os gritos distantes da polícia chegando pela porta principal.

“Eu a amaldiçoo.”

“Palavras não são nada” eu disse.

“Serão mais que palavras quando eu tiver tempo.”

“Você me impressiona.”

Retornou correndo para a casa, não longe. Eu estava enganada? E se Louie estava dentro da casa todo este tempo, e eu estava aqui embaixo com um tipo diferente de peludo? Isso era Jason?.

“Jason?”

Algo chegou às escadas e olhou com atenção para a fraca luz. Era um cão. Um cão grande, peludo como um cão mestiço, do tamanho de um pônei, mas não era um transmorfo.

“Merda.”

Grunhiu pra mim outra vez. Levantei-me e comecei a retroceder pelas escadas. Não queria machucá-lo se não tinha que fazê-lo.

Onde estava Dolph?. Neste momento já deveria estar aqui.

O cão me deixou subir as escadas. Aparentemente ele só devia proteger o porão. Bom para mim.

“Cachorrinho simpático.”

Tranquilei-me quando pude tocar a porta quebrada. Fechei-a de golpe, segurando o trinco da porta. O cão a golpeou com um choque puxador. Seu próprio peso manteve a porta fechada.

Abri devagar a porta traseira. A cozinha era larga e estreita, e em sua maior parte branca. As vozes chegavam de mais longe, do interior da casa. Um grunhido sob retumbo. O som me arrepiou o pêlo do pescoço.

“Ninguém tem que sair ferido” disse Dolph.

“Isto é certo” disse Elvira. “Saíam agora, e ninguém será machucado.”

“Não podemos fazer isso.”

Um corredor formado por uma parede e as escadas me conduziu para fora da cozinha para o salão, e às vozes. Chequei as escadas; vazias. Continuei aliviada para as vozes. O grunhido se escutou outra vez, mais perto.

Dolph gritou. “Anita, traga seu traseiro até aqui!”

Fez-me saltar. Não podia ter me visto ainda. A entrada para a sala de estar era um portal aberto.

Inclinei-me sobre um joelho e olhei com atenção pela parede. Elvira estava de pé confrontando-os. Um lobo do tamanho de um pônei estava ao seu lado. Se olhasse rapidamente, poderia ser confundido com um cachorro grande.

Era uma boa cobertura. Os vizinhos vêem isso e pensam que o lobo é um cachorro.

O outro era um leopardo. Um leopardo negro que envergonhava a cada gato do catalogo do Halloween. Tinha Zerbrowski apoiado em um canto. Suas costas, lisa e peluda chegavam à cintura. Grande como um gato do inferno. Jesus.

Por que não tinham atirado? A polícia tinha permissão de atirar em autodefesa.

“Vocês são Louie Fane ou Jason?” perguntou Dolph.

Percebi que ele perguntava aos trocadores de formas. Eu não lhe havia dito que tipo de trocadores de formas era Louie, e Jason era um lobo. O lobo podia ser Jason. Entretanto, não sabia por que ajudava a Elvira. Talvez não tivesse que saber.

Coloquei-me de pé e me aproximei. Possivelmente o movimento foi muito repentino. Talvez o gato só tivesse perdido a paciência. O leopardo saltou para o Zerbrowski. Sua arma disparou. O lobo se voltou para mim. Tudo se fez mais lento. Tive muito tempo para olhar o canhão e apertar o gatilho. Cada arma do quarto disparou. O lobo caiu com minha bala em seu cérebro. Não estava certa quem tinha conseguido um pedaço dele.

Os gritos do Zerbrowski encheram o silêncio ressonante. O leopardo estava sobre ele, esfaqueando-o.

Dolph disparou uma vez mais, logo atirou a arma ao chão e foi para ali. Agarrou ao gato e este se voltou contra ele, esfaqueando-o com suas garras parecidas com adagas. Gritou mas não desistiu.

“Dolph, abaixe e eu atiro.” Tentou afastar-se mas o gato se equilibrou sobre ele, levando ambos ao chão. Adiantei-me, com a arma estendida. Eles eram uma massa. Se atirasse em Dolph, ficaria tão morto quanto o leopardo.

Ajoelhei-me perto deles e coloquei de um empurrão a arma naquele corpo humano quente coberto de pele. As garras esfaquearam meu braço, mas apertei o gatilho duas vezes. O animal caiu bruscamente, retirou-se dando saltos e morreu.

Dolph piscou quando me olhou. Tinha um corte ensangüentado em sua bochecha. Mas estava vivo. Fiquei de pé. Meu braço esquerdo estava insensibilizado, o que queria dizer que estava realmente ferido. Quando a dormência passasse, iria querer estar em algum lugar com médicos.

Zerbrowski ficou de barriga para cima. Havia muito sangue. Caí de joelhos a seu lado. Coloquei a Browning sobre o chão e procurei o pulso em seu pescoço. Estava ali, pendia de um fio, mas estava ali. Quis chorar de alívio, mas não tinha tempo. Havia uma mancha negra de sangue na parte inferior de seu corpo, perto do ventre. Retirei-lhe o casaco e quase vomitei sobre ele. Não ria disso. O gato tinha estado malditamente perto de estripá-lo. Seus intestinos saíam pela fenda

Tentei tirar minha jaqueta para colocá-la sobre a ferida, mas meu braço esquerdo não quis funcionar.

“Alguém me ajude” ninguém o fez.

A oficial Kirlin algemou à Sra. Drew. Sua túnica verde estava aberta e estava

claro que estava nua por baixo ela. Estava chorando, chorando por seus camaradas caídos.

“Ele está vivo?” perguntou Dolph.

“Sim.”

“Pedi uma ambulância por telefone” disse o oficial de uniforme.

“Venha cá e me ajude a deter a hemorragia.”

Só me olhou, um pouco envergonhado, mas nem ele nem Kirlin se moveram para me ajudar.

“Que diabos está acontecendo com vocês dois? Me ajudem.”

“Não queremos nos contagiar.”

“O quê?”

“A enfermidade” ele disse.

Engatinhei retornando ao leopardo. Parecia grande, mesmo estando morto. Quase três vezes o tamanho de um gato normal. Toquei em sua barriga e encontrei a união. Não um botão, não um cinturão, só a união onde a pelagem se separava. Dentro havia um corpo humano nu. Movi para trás a pele, assim poderiam ver.

“São trocadores de formas, mas não são licantropos. É um feitiço. Não é contagioso, não me venha com essa merda, filho de puta.”

“Anita, não o ofenda” disse Dolph.

Sua voz soou tão estranha, tão distante, que dei atenção a ele. O homem tirou sua própria jaqueta e a colocou em cima de Zerbrowski. Fez pressão cautelosamente, como se ainda não confiasse no sangue.

“Afastese dele.” Apoiei-me no casaco, usando todo meu peso para manter dentro seus intestinos. Moveram-se sob minha mão como algo vivo, brando e depois se enfraqueceram, mantendo seu calor.

“Quando diabos vais conseguir balas de prata para sua brigada?” eu perguntei.

Dolph quase riu. “Logo, espero.”

Talvez eu pudesse comprar algumas caixas pra eles de natal. Por favor, estimado Deus, deixe que seja natal para todos. Contemplei a cara pálida de Zerbrowski. Seus óculos tinham caído durante a luta. Olhei ao redor e não podia os ver. Pareceu importante encontrar seus óculos. Ajoelhei-me sobre seu sangue e chorei porque não podia encontrar seus malditos óculos.

Zerbrowski estava sendo costurado. Nenhum dos médicos nos dizia nada. Cautelosos. Seu diagnóstico era reservado. Dolph também estava no hospital. Não muito mal, mas o suficiente para ter que ficar durante um dia, mais ou menos.

Zerbrowski não tinha recuperado a consciência antes que o levassem. Esperei. Katie, sua esposa, chegou em algum momento do dia, em meio a toda aquela espera. Só era a segunda vez que nos havíamos visto. Era uma mulher pequena, com uma juba de cabelo escuro preso em um rabo-de-cavalo solto. Sem uma gota de maquiagem, era encantadora.

Nunca tinha entendido como Zerbrowski tinha conseguido lhe jogar a luva.

Ela caminhou para mim, seus escuros olhos amplos. Agarrava sua bolsa como um escudo, com os dedos cravados no couro. “Onde ele está?” Sua voz era alta e entrecortada, como a de uma menina. Sempre soava assim.

Antes que eu pudesse dizer algo, o médico saiu pelas portas de vaivém do final do corredor. Katie o contemplou. Tudo o sangue havia desaparecido de sua cara.

Levantei-me e me aproximei para estar de pé ao seu lado. Contemplou ao médico como se fosse o monstro de seus piores pesadelos. Provavelmente mais precisamente do que desejava que fosse.

“Você é a Sra. Zerbrowski?” perguntou o médico.

Afirmou com a cabeça. Suas mãos, onde agarravam a bolsa, estavam salpicadas, tremendo com a tensão.

“Seu marido está estável. Ele parece bem. Vai superar tudo isso.”

O Natal chegava depois de tudo. Katie soltou um pequeno suspiro e seus joelhos não a sustentaram. Segurei-a e suportei todo seu peso morto. Não podia pesar mais de 40 kg.

“Temos uma salinha aqui se puder...” Ele olhou pra mim, logo encolheu os ombros.

Levantei Katie Zerbrowski em meus braços, consegui manter o equilíbrio e disse “Continue.”

Deixei Katie sentada ao lado da cama do Zerbrowski. Sua mão se agarrou ao redor da dela, como se soubesse que ela estava ali. Talvez soubesse. Lucille, a esposa do Dolph, também estava ali para segurar sua mão, só no caso.

Ficando com o olhar fixo na pálida cara de Zerbrowski, rezei para que não houvesse “só caso”.

Quis esperar até que Zerbrowski despertasse, mas o médico me disse que provavelmente não seria até manhã. Eu não poderia passar sem dormir todo esse tempo. Meus novos pontos fizeram que a cicatriz da queimadura cruciforme de meu braço esquerdo se curvasse. Marcas de garras torcidas para um lado, perdendo parte



da elevação da pele da cicatriz na curva de meu braço.

Levar Katie tinha aberto alguns de meus pontos e sangravam na atadura. O médico que tinha trabalhado no Zerbrowski e o tinha costurado de novo pessoalmente, olhou muito as minhas cicatrizes.

Doía-me o braço e estava enfaixado do pulso ao cotovelo. Mas estávamos todos vivos. Sim.

O táxi me deixou em meu edifício no que teria sido uma hora decente.

Louie tinha sido drogado e preso no porão. Elvira tinha se confessado culpada de tomar a pele de um homem lobo, de um homem leopardo e tentar levar a do naga. Jason não tinha estado na casa. Ela negou tê-lo visto alguma vez. Para que precisaria de outra pele de homem lobo?

A pele de homem rato teria sido para ela, ou isso foi o que ela disse. Quando o perguntamos para quem teria sido a pele de serpente não disse, mas havia ao menos outra pessoa implicada que não estava disposta a entregar.

Era uma bruxa e tinha usado magia para matar. Era uma sentença de morte automática. Uma vez condenada, a ação seria realizada dentro de quarenta e oito horas. Sem possibilidade de recurso. Sem perdão.

Morta. Os advogados tentavam conseguir que se confessasse culpada dos outros desaparecimentos. Se confessasse culpada, eles poderiam comutar a ação. Poderiam. Uma bruxa assassina. Não acreditei que aliviassem a sentença, mas possivelmente o fariam.

Richard estava sentado junto a minha porta. Não tinha esperado vê-lo, era noite de lua cheia e todo isso. Tinha deixado uma mensagem na secretária eletrônica sobre o descobrimento de Louie e que estava bem.

A polícia tentaria guardar tudo isto em silêncio, sobre tudo a identidade secreta de Louie. Esperava que pudessem cuidar disso. Mas ao menos ele estava vivo. O controle de animais tinha o cachorro.

“Recebi sua mensagem” disse ele. “Obrigado por salvar Louie.”

Pus a chave na fechadura. “Você é bem-vindo.”

“Não encontramos Jason. Realmente acredita que as bruxas o levaram?”

Abri a porta. Seguiu-me para dentro e a fechou. “Não sei. Isso também esteve me inquietando. Se ela tivesse pego Jason, ele deveria estar ali.” A pele de lobo tinha sido de uma mulher que eu não conhecia.

Andei para o quarto como se estivesse sozinha. Richard me seguiu. Sentia-me débil e distante, e ligeiramente irreal. Tinham cortado a manga da jaqueta e do suéter. Tinha tentado salvar a jaqueta, mas suponho que teria sido arruinada de todos os modos. Também haviam cortado a capa do braço esquerdo. Tinha-a junto com a faca colocada no bolso da jaqueta. Por que sempre cortam tudo na sala de emergências?

Ele seguiu detrás de mim, comovedor, suas mãos se abateram sobre meu braço.  
“Não me disse que tinham te ferido.”

O telefone soou. Atendi sem pensar.

“Anita Blake?” disse a voz de um homem.

“Sim.”

“Sou Williams, o naturalista do Centro do Audubon. Voltei para escutar algumas das fitas do mocho que registrei de noite. Uma delas tem o que eu juraria que eram hienas. Eu disse à polícia, mas não pareceram compreender o significado. Você sabe o que significa que haja sons de hiena aqui?”

“Um homem hiena” eu disse.

“Sim, eu pensei nisso também.”

Ninguém o havia dito que o assassino era provavelmente um homem lobo. Mas um dos trocadores de formas desaparecidos era uma hiena. Talvez Elvira realmente não sabia o que tinha acontecido com todos os licantropos desaparecidos.

“Você disse que contou à polícia?”

“Sim, contei.”

“A quem o disse?”

“Chamei o escritório do Xerife Titus.”

“Com quem falou?”

“Aikensen.”

“Você sebe se ele o disse ao Titus?”

“Não, mas por que não o faria?” Por isso mesmo. “Há alguém na porta. Pode esperar um minuto?”

“Eu não acho...”

“Volto logo.”

“Williams, Williams, não abra a porta!” Mas eu falava com vazio.

Ouvi como atravessava a sala. A porta se abriu. Emitiu um som de surpresa. O som de passos mais pesados se escutava sobre o chão. Alguém recolheu o telefone. Podia ouvir a respiração. Não disseram nada.

“Fale comigo, filho da puta.” A respiração se tornou mais pesada.

“Se lhe fizer mal, Aikensen farei você comer seu pênis a ponta de uma faca.”

Ele riu e desligou. Eu nunca seria capaz de declarar em um tribunal quem estava ao outro lado do telefone.

“Merda, maldição, infernos.”

“O que houve?”

Chamei a informação para conseguir o número do Departamento de Polícia do Willoton. Pressionei o botão de discagem automática.

“Anita, o que houve?”

Levantei a mão para lhe indicar que esperasse. Uma mulher respondeu.

“É a ajudante Holmes?”

Não era. Mas consegui ao Chefe Garroway, depois de impressionar a telefonista com que isto era um assunto de vida ou morte. Não gritei com ela.

Merecia muitos pontos por isso.

Dei a versão resumida do The Reader's ao Garroway.

“Não posso acreditar que Aikensen esteja comprometido em algo como isto, mas enviarei um carro.”

“Obrigado.”

“Por que não chamou o 911?” perguntou Richard.

“Eles chamariam à polícia do condado. Poderiam encaminhar a chamada a Aikensen. Lutava com minha jaqueta destroçada. Richard me ajudou a tira-la de meu ombro esquerdo, se não nunca poderia ter me liberado. Quando consegui, compreendi que não restavam casacos.

Tinha destroçado dois em tão pouco tempo. Agarrei o único que me sobrava. Era vermelho, comprido e grande. Eu tinha usado isso duas vezes. A última vez foi no Natal. O casaco vermelho me faria visível até de noite. Se tivesse que me mover sigilosamente sobre alguém, teria que tirá-lo. Richard teve que me ajudar a colocar o braço esquerdo na manga. Ainda doía.

“Vamos pegar Jason” disse ele.

Olhei-o.

“Você não vai a lugar nenhuma, exceto ao lugar que vão os licantropos quando há lua cheia.”

“Não podes colocar nem seu próprio casaco. Como vais dirigir?”

Ele tinha razão.

“Isto pode te pôr em perigo.”

“Sou um homem lobo adulto e esta noite há lua cheia. Acredito que posso cuidar disso.” Ele tinha um olhar perdido nos olhos, como se ouvisse vozes que eu nunca conheceria.

“Bem. Vamos, mas vamos salvar Williams. Acredito que os licantropos estão perto desse lugar, mas não sei exatamente onde.”

Ele estava ali, de pé, com seu casaco comprido de pano. Usava uma camiseta branca, uns jeans com um joelho rasgado e um par de sapatos menos que respeitáveis.

“Por que a roupa desgastada?”

“Se mudas com a roupa, sempre são rasgadas. Precaução. Estás pronta?”

“Sim.”

“Vamos” ele disse. Havia algo nele que era diferente. Uma tensão em espera, como a água presa antes de transbordar. Quando examinei seus olhos marrons, algo deslizou atrás deles. Alguma forma coberta de pele, esperando para sair.

Compreendi o que sentia. Impaciência. A besta do Richard olhava para fora com seus verdadeiros olhos marrons e estava impaciente por fazer seu trabalho.

O que eu podia dizer? Fomos.

Edward se apoiava contra meu Jipe, os braços cruzados, o fôlego confundindo-se com o ar. A temperatura tinha descido para 2 graus abaixo zero ao chegar à noite. A geada havia retornado. Toda a água derretida havia voltado a congelar. A neve rangia sob meus pés.

“O que faz aqui, Edward?”

“Estava a subir a teu apartamento, quando te vi descer.”

“O que quer?”

“Quero jogar” respondeu.

Contemplei-o. “Assim, sem mais. Não sabe no que estou implicada, mas quer um pedaço.”

“Se estiver a seu redor posso matar muita gente.”

Triste, mas certo.

“Não tenho tempo para discutir. Entre.”

Deslizou-se ao assento traseiro.

“Exatamente, a quem vamos matar esta noite?”

Richard arrancou o motor. Retorci-me.

“Vejam os. Há um policial renegado, e quem quer que seja, seqüestrou sete trocadores de formas.”

“As bruxas não o fizeram?”

“Não tudo.”

“Achas que conseguirei matar algum licantropo esta noite?” Ele estava provocando Richard, eu acho.

Richard não estava ofendido. “Estive pensando em quem poderia tê-los levado sem lutar. Teve que ser alguém em quem eles confiassem.”

“Em quem confiariam?” eu perguntei.

“Em um de nós” ele respondeu.

“Ah, rapaz” acrescentou Edward, “licantropo para o menu desta noite.”

Richard não o corrigiu. Se estava tudo bem para ele, estava tudo bem para mim.

Williams estava encolhido em uma esquina. Tinham-lhe dado um tiro no coração a queima roupa. Dois tiros. Tanto por seu doutorado. Uma de suas mãos rodeava uma Magnum 357. Apostaria a que havia até pólvora em sua pele, como se realmente tivesse disparado a arma.

A ajudante Holmes e seu companheiro, cujo nome eu não lembrava, estavam na neve, mortos. A Magnum levou a maior parte de seu peito. Suas feições, parecidas com os de um duende, estavam frouxos e já não era tão bonita. Com seus olhos olhando fixamente para cima, ela não parecia dormindo. Só parecia morta.

Seu companheiro tinha perdido a maior parte da cara. Estava caído na neve, sangue e miolos pulverizados sobre a neve congelada. A arma ainda presa em sua mão. Holmes também tinha tirado a arma. Para o que lhe serviu. Duvidei que algum deles tivesse atirado em Williams, mas teria apostado o salário de um mês que uma de suas armas o tinha feito.

Ajoelhei-me na neve e resmunguei: "Merda".

Richard se aproximou de Williams. Olhava-o como se quisesse memorizá-lo.

"Samuel não tinha nenhuma arma. Não acreditava nem na caça."

"Você o conhecia?"

"Estou em Audubon, lembra."

Afirmar com a cabeça. Nada parecia real. Parecia organizado. Livram-se disto? Não.

"Ele está morto" comentei brandamente.

Edward se aproximou de mim.

"Quem está morto?"

"Aikensen. Ainda anda e fala, mas está morto. Só que não sabe disso ainda."

"Onde o encontraremos?" perguntou Edward.

Boa pergunta. Eu não tinha nenhuma boa resposta. Meu bipper soou, e gritei. Um desses pequenos ganidos que são sempre tão embaraçosos. Chequei o número com o coração trovejando no meu peito.

Não reconheci o número. Quem podia ser? E, podia ser importante o bastante para devolver a chamada esta noite? Tinha deixado o número de meu bipper no hospital. Também não conhecia esse número. Tinha que responder. Demônios tinha que chamar o Chefe Garroway e lhe dizer que seu pessoal tinha caído em uma emboscada. Eu podia fazer ambas as ligações da casa de Williams.

Caminhei com dificuldade para a casa. Edward me seguiu. Chegamos até o alpendre antes de compreender que Richard não estava conosco.

Eu retornei. Ele ajoelhou-se ao lado do Williams. A princípio pensei que rezava, então compreendi que ele tocava a neve ensangüentada. Eu realmente queria

saber isso? Sim.

Voltei para trás. Edward ficou no alpendre sem perguntar. Ponto para ele.

"Richard, você está bem?"

Era uma pergunta estúpida, com um homem que ele conhecia morto a seus pés. Mas, o que se supunha que eu ia perguntar? Sua mão se fechou sobre a neve ensangüentada, esmagando-a. Sacudiu a cabeça. Pensei que era só raiva, ou tristeza o atingindo, até que vi o suor em sua cara.

Virou-a para cima com os olhos fechados. A lua brilhava com um branco cheio e brilhante, pesado e prateado. A luz era quase como a de um dia brilhante longe da cidade. Fibras de nuvens sulcavam o céu, brilhando com a claridade da lua.

"Richard?"

"Eu o conhecia, Anita. Fomos juntos observar as aves. Falamos sobre sua tese de doutorado. Eu o conhecia, e agora tudo no que posso pensar é no cheiro de sangue e em que ainda está quente."

Abriu os olhos e me olhou. Havia pena neles, mas acima de tudo havia escuridão. Sua besta olhava para fora através de seus olhos.

Afastei-me. Não podia sustentar seu olhar.

"Tenho que fazer essa ligação. Não coma nenhuma prova."

Afastei-me através da neve. Tinha sido uma noite muito longa. Liguei do telefone da cozinha do Williams. Primeiro a Garroway, disse-lhe o que tínhamos encontrado. Uma vez que pôde respirar, blasfemou um pouco e afirmou que teria vindo ele mesmo. Provavelmente estava perguntando-se se as coisas teriam sido diferentes se ele tivesse vindo em primeiro lugar. As decisões de comando são sempre difíceis. Desliguei e disquei o número de meu bipper.

"Olá."

"Sou Anita Blake. Este número apareceu em meu bipper."

"Anita, sou Kaspar Gunderson."

O homem cisne.

"Sim Kaspar, o que quer?"

"Pareces horrível. Tem alguma coisa acontecendo?"

"Muitas, mas por que me chamou?"

"Eu encontrei Jason."

Endireitei-me. "Está de brincadeira."

"Não, o encontrei. Ele está em minha casa agora. Estive tentando entrar em contato com Richard. Você sabe onde ele está?"

"Está comigo."

"Perfeito" ele acrescentou. "Você pode vir para levar Jason antes que ele mude?"

"Bem, sim, eu acho que sim, por quê?"

"Sou um pássaro, Anita. Não sou nenhum predador. Não posso controlar um homem lobo inexperiente."

"Bem, eu vou dizer a ele. Onde fica sua casa?"

"Richard sabe onde é. Tenho que voltar para Jason, acalmá-lo. Se ele mudar antes de Richard chegar, estou correndo para cobrir. Se eu não responder a campainha, você já sabe o que aconteceu."

"Você está em perigo com ele?"

"Só te apresse." Ele desligou."

Richard tinha entrado. Estava de pé na entrada, parecendo confuso, como se escutasse uma música que só ele podia ouvir.

"Richard?" Sua cabeça se moveu devagar, para o som de minha voz, como um vídeo em câmera lenta. Seus olhos eram de um dourado pálido, de cor âmbar. "Jesus" exclamei.

Ele não desviou o olhar. Piscou e seus olhos me focaram.

"O que aconteceu?"

"Kaspar chamou. Encontrou Jason. Ele esteve tentando te encontrar. Diz que não pode controlá-lo uma vez que mude."

"Jason, está bem" ele afirmou. Pronunciou isso com uma deixa melodiosa.

"Sim. Você está bem?"

"Não, tenho que mudar logo ou a lua escolherá o momento por mim."

Não entendi exatamente o que ele queria dizer, mas poderia me explicar isso no carro. "Edward pode dirigir, se por acaso a lua decidir sair no melhor momento do caminho da estrada quarenta e quatro."

"Boa idéia, mas a casa do Kaspar está em cima da montanha."

"O que quer dizer?"

"Kaspar vive acima da estrada."

"Ótimo, vamos."

"Terá que deixar Jason e eu lá encima" ele assegurou.

"Por quê?"

"Posso me assegurar de que ele não machuque ninguém, mas tem que caçar. Levarei ao Jason para fora. Há cervos no bosque."

Contemplei-o. Ainda era Richard. Ainda era meu amorzinho, mas... seus olhos eram da cor do âmbar pálido, assustavam sobre sua cara escura."

"Não vais mudar no carro, certo?" perguntei.

"Não. Nunca te poria em perigo. Tenho controle completo sobre minha besta. Essa é a maneira de um lobo alfa. "

"Não me preocupa ser comida" eu presumi. "É só que não quero que suje meus bancos novos totalmente."

Dirigiu-me um sorriso. Teria sido mais confortante, se seus dentes não tivessem



sido mais bicudos que o de costume.  
Jesus!

A casa do Kaspar Gunderson era feita de pedra, ou ao menos parte dela. Partes de granito formavam as paredes. Era branca, as telhas do teto de madeira em cinza claro. A porta era igualmente branca. Era limpa, ordenada e ainda conseguia parecer rústica. Estava igualmente limpa toda a área da montanha. O caminho terminava em um lado da casa. Havia um retorno, mas a estrada não passava por ali.

Richard tocou a campainha. Kaspar a abriu. Parecia surpreso em nos ver.

"Richard, graças a Deus. É muito difícil para ele continuar em forma humana, mas não acredito que consiga agüentar muito tempo mais." Ele manteve a porta aberta para nós.

Entramos e encontramos dois estranhos homens sentados na sala de estar. O homem à esquerda era pequeno, escuro e usava óculos com armação metálica. O outro homem era mais alto, loiro e com barba avermelhada.

Eram as únicas coisas que não faziam jogo com a decoração. A sala de estar era inteiramente branca; o tapete, o sofá, as cadeiras, as paredes. Era como estar no meio de um cone de sorvete de baunilha. Tinha o mesmo sofá que eu. Eu precisava de móveis novos.

"Quem são eles?" perguntou Richard. "Eles não são dos nossos."

"Você pode dizer isso" disse Titus. Ele estava na porta que conduzia à cozinha, com uma arma em sua mão. "Ninguém se mexe" ele disse.

Seu sotaque sulista era grosso como o pão de milho. Aikensen apareceu na porta que ligava com o resto da casa. Tinha outra Magnum na mão.

"Você pegou esta pelo que conversamos?" perguntei.

"Eu gostei da ameaça por telefone. Deixou-me quente."

Dei um passo para frente, não tinha pensado em agradar.

"Por favor" disse Aikensen.

Ele apontava para meu peito com a arma. Titus apontava para Richard. Os dois homens das cadeiras também tiraram suas armas. Uma grande festa feliz.

Edward se encontrava ainda a minhas costas. Eu quase podia senti-lo medindo as probabilidades. O disparo de um rifle soou atrás de nós. Todos saltamos, inclusive Edward. Outro homem estava atrás de nós na porta. Seu compacto cabelo cinza era calvo. O homem cinza tinha um rifle nas mãos, apontou a cabeça do Edward. Não havia tempo suficiente para surpreendê-lo.

"Mãos pra cima, agora!"

Levantamos nossas mãos. Que mais podíamos fazer?

"Coloquem as mãos em cima da cabeça" disse Titus. Edward e eu o fizemos como tínhamos feito antes. Richard foi mais lento.

"Agora lobinho, ou você fica onde está, e sua pequena namorada poderia

receber alguns tiros durante a confusão."

Richard levantou suas mãos.

"Kaspar, o que está acontecendo?"

Kaspar estava sentado no sofá, não, deitado era a palavra. Parecia confortável, feliz como um gato bem alimentado... errr, cisne.

"Esses cavalheiros pagaram uma pequena fortuna para caçar licântropos. Ofereci pra eles as presas e um lugar onde caçar."

"Titus e Aikensen se asseguram que ninguém os encontre, certo?"

"Eu falei pra você que caçávamos um pouco, Sra. Blake" disse Titus.

"O homem morto era um dos caçadores?"

Os olhos pestanejaram, não exatamente desviando o olhar, mas sobressaltando-se.

"Sim, Sra. Blake, ele era."

Olhei aos dois homens com as armas. Não me virei para ver o acinzentado na porta. "Acreditam que vale a pena morrer por machucar a um transmorfo?"

O moreno me olhou através dos óculos redondos. Seus olhos estavam distantes, calmos. Se o incomodava apontar a arma em seres humanos da mesma espécie, não demonstrava.

Os olhos do barbudo percorreram ao redor do quarto, sem decidir-se por algo. Não passava um bom momento.

"Porquê Aikensen e você não limparam a bagunça antes de Holmes e seu companheiro vissem o corpo?"

"Caçávamos ao homem lobo" disse Aikensen.

"Kaspar, somos sua gente" disse Richard.

"Não" disse Kaspar. Ele ficou de pé. "Você não é. Não sou um licântropo. Não tenho uma condição herdada. Fui amaldiçoado por uma bruxa faz tanto tempo que não consigo lembrar."

"Supõe-se que isso é para nos fazer sentir pena de você?" Perguntei.

"Não. De fato, não acredito que tenha que me explicar. Ambos foram decentes comigo. Suponho que me sinto culpado sobre isso." Ele encolheu os ombros.

"Esta será nossa última caçada. Um acontecimento de gala."

"Se você tivesse assassinado Raina e Gabriel, quase poderia entendê-lo" eu disse.

"Mas o que os licântropos assassinados fizeram pra você?"

"Quando a bruxa me disse o que tinha feito, me lembrei de ter pensado que eu ser uma grande besta voraz seria algo incrível. Ainda poderia caçar. Ainda poderia matar violentamente meus inimigos. Em vez disso converteu-me..." pulverizou suas mãos largas.

"Mata-os porque eles são o que você quer ser" eu disse.

Deu-me um pequeno sorriso. "O ciúmes, Anita, inveja. São emoções muito amargas."

Eu pensei a respeito de chamá-lo de desgraçado, mas não ajudaria. Sete pessoas tinham morrido porque esse filho da puta não gostava de ser um pássaro.

"A bruxa deveria tê-lo matado, lentamente."

"Ela quis que eu aprendesse minha lição e me arrependesse."

"Não estou a favor do arrependimento" eu disse. "Eu gosto mais da vingança."

"Se não tivesse certeza que morreria esta noite, poderia estar preocupado."

"Preocupe-se" eu disse.

"Onde está Jason?" perguntou Richard.

"Nós vamos te levar até ele, não vamos, rapazes" disse Titus.

Edward não havia dito uma só palavra. Não estava certa do que ele pensava, mas esperava que não fosse uma arma. Se ele fizesse isso, a maioria das pessoas neste quarto estariam mortas. Três deles seríamos nós.

"Reviste-os Aikensen."

Aikensen sorriu abertamente. Embainhou a arma. O que nos deixava com um revólver, duas automáticas e um rifle de alta potencia. Era muito. Sendo uma equipe dos sonhos, Edward e eu ainda tínhamos limites.

Apalpou ao Richard, em uma busca rápida. Passou um bom momento até que viu os olhos do Richard. Tornou-se pálido simplesmente olhando nos olhos do lobo. Nervoso estava ótimo.

Chutou minhas pernas as separando. Fulminei-o com o olhar. As mãos revoaram sobre meus peitos, não era onde eu iniciaria uma busca.

"Se fizer qualquer movimento, exceto procurar minhas armas, vou atirar e correrei o risco."

"Aikensen, trate à Sra. Blake como uma senhora. Nenhuma trapaça."

Aikensen se ajoelhou ante mim. Deslizou claramente a palma de sua mão sobre meu peito, roçando meus mamilos. Investi meu cotovelo direito contra seu nariz. O sangue brotou para fora. Rodou no chão, as mãos sobre o nariz machucado.

O homem de cabelo escuro estava de pé. Apontava a arma muito firmemente para mim. Os óculos refletiam a luz escondendo os olhos.

"Todo mundo se calme, agora" disse Titus. "Suponho que Aikensen o mereceu." Aikensen ficou de joelhos, o sangue cobria a metade inferior da cara. Procurou apalpando a arma.

"Se essa arma sair do coldre, atirarei em ti" disse Titus.

Aikensen respirava rápido e pesadamente pela boca. De vez em quando borbulhas de sangue apareceram pelo nariz quando tentou respirar através dele. Estava definitivamente quebrado. Não era tão bom quanto estripá-lo, mas era um começo. Conservou a mão sobre a arma, mas não a tirou. Ficou de joelhos durante

muito tempo. Pude ver a luta em seus olhos. Desejava atirar em mim o suficiente para tentá-lo. Bem. O sentimento era mútuo.

"Aikensen" disse Titus brandamente. A voz era muito séria, como se justamente se desse conta de que Aikensen podia decidir-se por isso.

"Farei o que disse, rapaz. Não jogue comigo."

Ele ficou de pé, cuspendo sangue, tentando tira-lo da boca.

"Você vai morrer esta noite."

"Talvez, mas não por ti."

"Sra. Blake, se pudesse deixar de fazer sarcasmos ao Aikensen tempo o suficientemente para que eu o afaste de você, eu apreciaria isso."

"Sempre é agradável cooperar com a polícia" eu disse.

Titus riu. O muito bastardo. "Bem, agora os criminosos pagam melhor, Sra. Blake."

"Foda-se."

"Não há necessidade de ficar ofensiva." Ele guardou a arma no coldre lateral.

"Agora, só vou revistar a procura de armas. Mais um desses disparates e vamos ter que atirar em um de vocês para provar que falamos a sério. Você não quer perder seu amor. Ou seu amigo." Sorriu. Simplesmente o bom xerife Titus. Amigável. Jesus!

Encontrou ambas as armas, logo me aplaudiu pela segunda vez. Devo ter recuado porque ele disse: "Como machucou o braço, Sra. Blake?"

"Ajudava em outro caso de polícia."

"Deixam um civil machucar-se?"

"O sargento Storr e o detetive Zerbrowski estão no hospital. Foram feridos no cumprimento do dever."

Algo passou por cima da cara gordo. Podia ter sido pena.

"Os heróis só se fazem ao morrer Sra. Blake. Melhor se lembrar disso."

"Os tipos maus também morrem, Titus."

Levantou a manga de meu casaco vermelho e tomou a faca. Pesou-a, provando seu equilíbrio. "Fez sob medida?"

Assenti com a cabeça.

"Admiro a boa equipe."

"Conserve-a. Vou buscá-la mais tarde."

Ele riu. "Você tem coragem, garota, eu respeito isso."

"E você é um covarde filho da puta."

O sorriso desapareceu. "Sempre tendo que dizer a última palavra, é uma má educação, Sra. Blake. As pessoas se irritam completamente."

"Essa é a idéia."

Moveu-se para Edward. Diria uma coisa do Titus; era cuidadoso. Tomou as

duas automáticas, uma Derringer e uma faca o suficiente grande para confundi-lo com uma pequena espada. Não tinha nem idéia de onde ele tinha estado escondendo a faca."

"Onde vocês dois pensam que estão? Na cavalaria maníaca?"

Edward não disse nada. Se ele podia guardar silêncio, então eu também o faria. Havia muitas armas para que alguém se zangasse e tentasse saltar sobre o resto. Estávamos em desvantagem e desarmados. Não era uma boa maneira de começar a semana.

"Agora todos vamos descer pela escada" disse Titus. "Queremos que se unam a nossa caçada. Serão liberados no bosque. Se puderem se afastar de nós, então estarão livres. Se chegarem ao posto policial mais próximo podem nos delatar. Façam algo engraçado antes que o soltemos, e mataremos vocês. Todos compreenderam?" Nós só o olhamos.

"Eu não posso ouvi-los."

"Eu ouvi o que você disse" eu disse.

"O que me diz loiro?"

"Eu o ouvi também" disse Edward.

"Lobinho, você me ouviu?"

"Não me chame assim" disse Richard. Não soou particularmente assustador. Ótimo. Se fosse morrer, que fosse ao menos valente. Os inimigos não gostam muito.

"Podemos baixar nossas mãos agora?" perguntei.

"Não" disse Titus.

Meu braço esquerdo começava a pulsar. Se isso era o mais doloroso que eu passaria esta noite, suportaria isso.

Aikensen saiu primeiro. Richard depois com o homem de cabelo escuro e olhos tranquilos atrás dele. O barbudo. Depois eu. Titus. Edward. Cabelo cinza e seu rifle depois. Kaspar cobriu a retaguarda. Era um desfile.

As escadas levavam a entrada de uma caverna natural debaixo da casa. Era, aproximadamente, de 18 x 10m, com um teto que não era mais alto que quatro metros. Um túnel conduzia a uma parede longínqua. As luzes elétricas davam um resplendor amarelo rude a tudo. Duas jaulas estavam colocadas nas paredes de granito. Na mais afastada estava Jason em posição fetal. Não se moveu quando entramos.

"O que você fez a ele?" disse Richard.

"Tentamos conseguir que mudasse para nós" disse Titus.

"O passarinho aqui disse que seria uma presa fácil."

Kaspar parecia desconfortável. Se era pelo comentário do passarinho ou pela teimosia do Jason, era difícil saber. "Ele mudará para nós."

"Isso é o que você diz" Cabelo cinza disse.

Kaspar olhou de cara amarrada para ele.

Aikensen abriu a jaula vazia. O nariz continuava sangrando. Segurava um montão de lenços de papel, mas não ajudava muito. Os lenços estavam carmesins. "Entre agora, lobinho" disse Titus. Richard vacilou. "Sr. Carmichael, o moço, por favor."

O de cabelo escuro colocou sua 9mm e tirou uma 22mm do cinto. Apontou para a forma atarracada do Jason. "Estivemos discutindo em lhe colocar uma bala de qualquer maneira. Ver se isso ajudaria a persuadi-lo a mudar para nós. Agora entre na jaula."

Richard ficou ali. Carmichael apontou a arma através das barras, apontando por debaixo do braço.

"Não" disse Richard. "Eu faço isso." Ele entrou na jaula.

"Agora você, Loiro." Edward não discutiu. Só entrou. Tomava isso melhor do que eu pensava.

Aikensen fechou a porta. Trancou-a com cadeado, depois atravessou a sala andando por volta da segunda jaula. Não a abriu. Esperou com o lenço empapado pressionado o nariz. Uma gota de sangue caiu no chão.

"Você vai compartilhar alojamento com nosso jovem amigo."

Richard agarrou as barras de sua jaula. "você não pode colocá-la ali dentro. Quando ele mudar, precisará alimentar-se."

"Duas coisas ajudam para que ocorra a mudança" disse Kaspar, "sexo e sangue. Vi o quanto Jason gosta de sua amiga."

"Não faça isto, Kaspar."

"Muito tarde" ele disse.

Se eu entrasse na jaula, ia terminar comida viva. Isso era, de fato, uma de minhas cinco formas de não morrer em minha lista. Não ia me meter na jaula. Faria com que eles atirassem em mim primeiro.

"Aikensen abra a jaula, depois entre, Sra. Blake."

"Não" eu disse.

Titus me olhou. "Sra. Blake, o Sr. Fienstien aqui atirará em você, não atirará Sr. Fienstien?"

O barbudo, de olhos incertos e demais, apontou-me com uma Beretta 9mm. Uma bela arma, se você não insistisse em comprar de americano. O barril parecia muito grande e firme do lado errado.

"Ótimo, atire em mim."

"Sra. Blake, não estamos brincando."

"Nem eu. Minhas opções são receber um tiro ou ser comida viva. Assim atire em mim."

"Sr. Carmichael, aponte sua 22mm aqui." Carmichael o fez "Podemos feri-la,

Sra. Blake. Colocar uma bala em sua perna e depois colocá-la a força nessa jaula."

Olhei diretamente aos pequenos olhos em forma de miçangas, e soube que o faria. Não queria entrar na jaula, mas na verdade, não queria entrar ferida.

"Vou contar até cinco, Sra. Blake, depois Carmichael irá atirar e a colocaremos sem oposição nessa jaula. Um... dois... três... quatro..."

"Está bem, está bem, maldito seja. Abra a maldita porta."

Aikensen o fez. Entrei. A porta soou como um sino que se fechava detrás de mim. Estava perto da porta. Jason tremia como se tivesse febre, mas não se movia."

Os homens de fora pareceram decepcionados.

"Pagamos bastante dinheiro para caçar um homem lobo" disse o cabelo cinza. "Não tiramos proveito do pagamento."

"Temos toda a noite, cavalheiros. Ele não resistirá a este delicioso petisco para sempre" disse Kaspar.

Eu não gostei que me chamasse de petisco, deliciosa ou de outra maneira.

"Chamei o Garroway antes de que chegássemos de carro aqui. Conte-lhe sobre os agentes sendo emboscados. Disse-lhe que era Aikensen."

"Mentirosa."

Olhei diretamente a Titus. "Acredita que estou mentindo."

"Talvez, temos somente que atirar em todos vocês e fugir, Sra. Blake."

"Devolverá o dinheiro a esses cavalheiros?"

"Queremos uma caçada, Titus." Os três homens armados não estavam dispostos a ir antes que a diversão acabasse. "A polícia não sabe nada da participação do homem pássaro" disse Carmichael, o da 22mm. "Ele pode ficar lá em cima. Se eles perguntarem, ele pode responder."

Titus limpou as palmas contra suas calças. Suando as palmas, nervoso? Esperava que sim.

"Não chamou por telefone. Simplesmente está blefando" disse Aikensen.

"Faça-o transformar-se" disse Carmichael.

"Ele não está dando nenhuma atenção a ela" disse Canitas.

"Lhe dêem tempo, cavalheiros."

"Você disse que não temos tempo."

"Você é o perito, Kaspar. Pense em algo."

Kaspar sorriu, cravou os olhos em algo atrás de mim. "Não acredito que tenhamos que esperar muito."

Virei-me lentamente, olhando atrás. Jason estava ainda acurralado no chão, mas a cara estava voltada para mim. Rodou por cima das pernas com um movimento fácil. Os olhos me olharam rapidamente, logo cravou os olhos nos homens no exterior da jaula.



"Não farei isso. Não mudarei para você." A voz estava tensa, mas normal. Soou humano.

"Manteve-se firme muito tempo, Jason" disse Kaspar, "mas a lua se levanta. Cheire o medo dela, Jason. Cheire seu corpo humano. Você sabe que a quer."

"Não!" Ele dobrou sua cabeça para trás, as mãos e os braços até o chão, os joelhos encolhidos. Negou com a cabeça, a cara apertada contra a rocha. "Não." Levantou a cara. "Não o farei como um monstro de atração secundária."

"Você acha que ajudaria dar ao Jason e à Sra. Blake um pouco de privacidade?" perguntou Titus.

"Pode ser" disse Kaspar.

"Ele não parece gostar da platéia."

"Nós vamos lhe dar apenas uma pequena pausa, Sra. Blake. Se não estiver viva quando retornarmos, pois bem, foi agradável conhecê-la."

"Não posso dizer o mesmo, Titus" eu disse.

"Bem, isso é uma verdade honesta de Deus. Adeus, Sra. Blake."

"Apodreça no inferno, cadela." Era o tiro de despedida de Aikensen.

"Lembrará de mim cada vez que se olhar no espelho, Aikensen."

Sua mão se dirigiu ao nariz. Embora o toque doesse, olhou-me ameaçadoramente, mas era difícil de parecer feroz com um lenço tapando o nariz. "Espero que mora devagar."

"Da mesma forma que você" eu disse.

"Kaspar, por favor" disse Richard. "Não faça isso. Eu mudarei para você. Deixarei você me caçar. Só tire Anita dali."

Os homens se detiveram e o olharam.

"Não me ajude, Richard."

"Darei-lhes a melhor caçada que alguma vez tenham tido." Pressionava-se contra as barras, as mãos as agarrando. "Você sabe que posso fazer isso, Kaspar. Conte a eles."

Kaspar o olhou por um longo momento. Negou com a cabeça.

"Acredito que você os mataria."

"Prometo a você que não."

"Richard, o que está dizendo?"

Ignorou-me. "Por favor, Kaspar."

"Você deve amá-la muito."

Richard cravava os olhos sobre ele.

"Não importa o que você faça, Richard, não vão me deixar ir." Ele não estava me ouvindo. "Richard!"

"Sinto muito" disse Kaspar. "Confio em você, Richard, mas a besta... Penso que a besta não é tão confiável."

"Vamos logo, estamos perdemos tempo. Garroway não sabe onde procurar mas ele pode passar por aqui. Vamos dá-los um pouco de privacidade" disse Titus.

Todos saíram em grupo seguindo ao delegado gordinho. Kaspar foi o último a subir as escadas.

"Eu desejava que fossem Gabriel e Raina os das jaulas. Sinto muito." O homem cisne desapareceu no túnel de rocha.

"Kaspar, não nos abandone aqui. Kaspar!" Os gritos do Richard ressonaram na caverna. Mas nada respondeu aos ecos. Estávamos sozinhos. Sons de luta me fizeram virar, Jason estava de joelhos outra vez. Algo se moveu atrás de seus olhos azuis claros, algo monstruoso e nada acolhedor. Eu não estava tão sozinha quanto queria estar.

Jason deu um passo repentino para mim e se deteve. “Não, não, não.” Cada palavra era um gemido baixo. A cabeça caiu para frente. O cabelo loiro caiu na testa o tempo suficiente para roçar o chão. Usava uma camisa azul de corte muito grande e calças jeans. A roupa que você não se importaria em arruinar se sofresse a mudança usando elas.

“Anita” disse Richard.

Mudei de posição, assim podia ver a outra jaula sem perder Jason de vista. Richard tentava me alcançar através das barras. Uma mão estendida para mim como se pudesse cruzar o espaço e de certa forma pudesse me arrastar para ele.

Edward engatinhou para a porta e começou a trabalhar na fechadura. Ele realmente não podia ver a fechadura do interior da jaula. Pressionou a bochecha contra as barras e fechou os olhos. Quando você não podia usar os olhos, eles se tornavam uma distração. Ele se inclinou para trás e tirou uma fina tira de couro do bolso. Abriu-o e revelou um jogo de pequenas ferramentas. Dessa distância não podia vê-las claramente, mas eu sabia o que eram. Edward ia abrir a fechadura. Poderíamos sair e estar na floresta antes que soubessem que fugimos. A noite estava melhorando.

Edward se reacomodou contra as barras, um braço ao lado da fechadura, uma mão em cada lado. Os olhos estavam fechados, a cara em branco, totalmente concentrado nas mãos.

Jason fez um pequeno som com o peito. Engatinhou para mim, dois passos lentos, arrastando-se. A cabeça jogada para cima. Os olhos eram ainda azuis como o céu na primavera, mas não havia ninguém em casa. Olhou-me como se pudesse ver dentro de meu corpo humano, observando meu coração pulsar pesadamente em meu peito, cheirando o sangue em minhas veias. Ele não tinha aparência humana.

“Jason” disse Richard, “agüente. Estaremos livres em poucos minutos. Apenas agüente.”

Jason não reagiu. Eu não acreditava que ele tivesse escutado. Pensei que esses poucos minutos eram excessivamente otimistas, mas ouça, estava disposta a acreditar se Jason acreditasse.

Jason engatinhou para mim. Apertei minhas costas contra as barras da jaula.

“Edward, como vai com essa fechadura?”

“Estas não são as ferramentas que eu teria escolhido para esta fechadura em particular, mas eu conseguirei.”

Havia algo na forma em que Jason engatinhava para mim, como se tivesse músculos em lugares que não devia ter.

“Ande logo, Edward.”

Não me respondeu. Não tive que olhar, sabia que ele trabalhava na fechadura. Tinha fé em que abriria a porta. Joguei-me para atrás contra as barras, era difícil manter distância entre o homem lobo e eu. Edward podia abrir a porta, mas seria a tempo? Essa era a pergunta do milhão.

Um som na entrada fez com que eu desse uma olhada atrás de mim. Carmichael entrou na caverna. Tinha a 9mm na mão. Sorriu. Era o mais feliz que lhe tinha visto. Edward o ignorou, trabalhando na fechadura como se um homem armado não tivesse entrado no quarto.

Carmichael levantou a arma e apontou para Edward. “Afastese dessa fechadura, agora.” Ele martelou a arma, não era necessário, mas sempre dramático. “Não precisamos de você vivo. Pare... de trabalhar... na... fechadura.” Ele deu um passo à frente com cada palavra.

Edward olhou pra ele. A cara estava ainda em branco, como se a concentração estivesse ainda nas mãos, sem enfocar-se completamente na arma que estava sendo apontada para ele.

“Atire para longe as ferramentas. Agora.”

Edward cravou os olhos nele. A expressão não mudou, mas atirou descuidadamente as duas pequenas ferramentas.

“Tire o jogo completo do bolso e jogue-o para fora da jaula. Não tente me dizer que não tem um. Se tiver essas duas peças, tem o resto.”

Perguntei-me o que Carmichael tinha feito na vida real. Algo não agradável. Algo aonde sabia quantas ferramentas eram necessárias para romper uma fechadura.

“Não vou avisá-lo de novo” disse Carmichael. “Jogue-o no chão ou aperto o gatilho. Estou cansado desta bagunça.”

Edward atirou no chão a fina tira de couro. Fez um pequeno som ao ricochetear nas rochas.

Carmichael não fez nenhum movimento com intenção de recolhê-la.

Estava fora de nosso alcance. Era tudo o que importava. Caminhou para trás, mantendo todos à vista. Dirigiu uma parte de sua atenção a Jason e a mim. Oh, alegria.

“Nosso pequeno homem lobo está acordado. Esperava que o estivesse.”

Um baixo grunhido, quebrado, saiu da garganta do Jason. Carmichael riu a gargalhadas, muito contente.

“Queria vê-lo mudar. Que bom que vim checá-lo.”

“Estou emocionada que você esteja aqui” eu disse.

Aproximou-se fora do alcance de nossa jaula. Cravava os olhos no Jason.

“Nunca os vi mudar.”

“Deixe-me sair e o observaremos juntos.”

“Agora, por que eu faria isso? Paguei pelo espetáculo completo.”

Seus olhos brilhavam com antecipação. Brilhantes e luminosos como uma criança na manhã de Natal. Merda.

Um grunhido levou minha atenção completamente de volta ao Jason. Estava agachado no chão de pedra, as mãos e as pernas recolhidas debaixo dele. Observar esse grunhido sair de entre os lábios humanos arrepiou o cabelo de minha nuca. Ele não estava olhando para mim.

“Acho que ele está rosnando para você, Carmichael.”

“Mas eu não estou na jaula” ele disse.

Ele tinha muita razão.

“Jason, não te zangue com ele” disse Richard. “A raiva alimentará a besta. Você não pode se dar ao luxo de ficar zangado.” A voz do Richard era assombrosamente calma, inclusive sossegada. Ele estava tentando acalmar Jason, ou independentemente do que falasse, evitar que o homem lobo emergisse.

“Não” disse Carmichael, “zangue-se, lobo. Vou cortar sua cabeça completamente e a colocarei em minha parede.”

“Ele retornará à forma humana depois que morrer” eu disse.

“Eu sei” disse Carmichael.

Deus. “Se polícia o descobrir com uma cabeça humana em sua posse, pode achar um tanto suspeito.”

“Tenho uma boa quantidade de troféus que não gostaria que a polícia descobrisse” ele disse.

“O que faz na vida real?”

“Isto é real.”

Neguei com a cabeça. Era difícil discutir com ele, mas queria fazê-lo.

Jason engatinhou para as barras. Não era elegante, mas tinha uma energia como se fosse saltar pelos ares. Como se pudesse voar.

“Fique calmo, Jason, fique calmo” disse Richard.

“Vamos, rapaz, experimente. Chegue perto das barras e aperte o gatilho.”

Observei-o reunir cada músculo e lançar-se contra as barras. Bateu forte contra elas, as mãos lhe dando arranhões. Os braços tão esticados quanto podia. Cunhava um ombro entre as barras como se passasse por elas. Por um momento Carmichael se viu inseguro, logo riu.

“Atire em mim” disse Jason. Sua voz era mais grunhido que palavras. “Atire em mim.”

“Acho que não” disse Carmichael.

Jason agarrou as barras com as mãos e deslizou até ficar de joelhos, a testa pressionada contra as barras. A respiração estava acelerada, ofegante, como se tivesse percorrido uma milha em uma maratona. Se fosse humano estaria hiperventilado e teria desmaiado. A cabeça se voltou lentamente para mim,

dolorosamente lenta, como se não quisesse fazê-lo. Tinha tentado obrigar Carmichael a atirar nele. Se arriscou a ser assassinado para não jogar-se sobre mim. Não me conhecia o suficiente para arriscar sua vida. Conseguiu uma boa quantidade de pontos em meu livro.

Olhou-me, a cara estava em branco, dura com necessidade. Não pelo sexo, não pela fome, ou ambos, ou nenhum, eu não compreendia a aparência de seus olhos, e não queria fazê-lo. Engatinhou para mim. Retrocedi, quase correndo para trás.

“Não corra” disse Richard. “Excita-o.”

Olhei perdidamente a expressão vazia do Jason, agarrei tudo o que tinha para me manter em pé. Minhas mãos apertaram as barras atrás de mim, forte o suficiente para me machucar, mas parei de correr. Correr era mau.

Jason se deteve quando o fiz. Agachou-se fora de alcance. Pôs uma mão sobre a terra e engatinhou para mim. Era lento, como se não quisesse, mas continuou se aproximando.

“Mais idéias brilhantes?” perguntei.

“Não corra. Não lute. É excitante. Tente ficar tranqüila. Tente não ficar assustada. O medo é muito excitante.”

“Falando por experiência própria?” perguntei.

“Sim” ele disse.

Eu queria mudar de posição, ver sua cara, mas não podia fazer isso. Eu tinha olhos só para o homem lobo que engatinhava para mim. O homem lobo na outra jaula podia cuidar-se.

Jason se ajoelhou a quatro patas a meus pés, como um cão esperando uma ordem. Levantou o pescoço e me olhou. Os olhos eram de uma cor verde clara. O azul da íris se afogou em um redemoinho de novas cores. Quando terminaram de mudar, os olhos eram da cor da nova erva primaveril, verde claro, e absolutamente nada humano.

Fiquei sem fôlego. Eu não podia ajudá-lo. Moveu-se mais perto, farejando o ar ao redor de mim. As pontas de seus dedos roçaram minha perna. Avancei a saltos. Ele deixou sair um longo suspiro e esfregou sua bochecha contra minha perna. Ele tinha feito mais que isso no Café Lunático, mas os discernimentos ainda tinham sido em sua maior parte humanos.

Eu estava armada. Eu teria dado quase qualquer coisa para ter uma arma. Jason agarrou a prega de meu casaco, convertendo-o em uma bola com as mãos formando punhos, atirando do tecido. Ele ia atirar-me no chão. De maneira nenhuma. Tirei o casaco dos ombros. Jason o afastou de mim. Saí do círculo de tecido. Aproximou o vulto do casaco na cara com ambas as mãos. Virou sobre a terra com isso pressionado ao corpo humano como um cão com um pedaço de carniça. Derrubando-se no perfume.

Ele se ajoelhou. Engatinhou para mim, movendo-se com uma graça fluída que era inquietante como o inferno. Os seres humanos não engatinhavam graciosamente.

Retrocedi lentamente, sem correr. Mas eu não queria que ele me tocasse outra vez. Acelerou o passo, cada movimento era preciso. Os olhos verdes centrados em mim como se eu fosse tudo o que existia no mundo. Comecei a retroceder mais rápido. Moveu-se comigo.

“Não corra, Anita, por favor” disse Richard.

Minhas costas se chocaram com o canto da jaula. Dei um pequeno grito. Jason cobriu a distância entre nós em dois movimentos simples. As mãos tocaram minhas pernas.

Engoli um grito. Meu pulso ameaçava me afogando.

“Anita, controle seu medo. Fique calma, pense com tranqüilidade.”

“Você acha a merda da calma.” Minha voz soava estridente, pânico.

Jason enganchou as pontas dos dedos em minha cintura. Pressionou seu corpo humano contra minhas pernas, me imobilizando contra as barras. Tomei um fôlego pequeno e odiei. Demônios, não ia choramingar. Eu escutava os batimentos de meu coração em meus ouvidos, e tomei fôlegos lentos, acalmando. Olhei perdidamente para aqueles olhos verdes primaveris e lembrei de como se respirava.

Jason pressionou a bochecha contra meu quadril, deslizando-se ao redor de minha cintura. Meu coração deu um pequeno salto e me engasguei. Concentrei-me em meu coração até que meu pulso desacelerou. Era o tipo de concentração utilizada para conseguir fazer um novo golpe em judô. A concentração que alimentava um novo zumbi.

Quando Jason levantou a cabeça e me olhou outra vez, meus olhos estavam calmos. Senti minha cara vazia, neutra, tranqüila. Não estava certa de quanto tempo duraria, mas era o melhor que eu podia fazer.

Os dedos se deslizaram sob meu suéter, para meu torso. Traguei e meu pulsado acelerou. Tentei retardá-lo, tentei me concentrar, mas as mãos deslizavam por minha cintura, sobre minha pele. Os dedos rastrearam subindo por minhas costelas. Agarrei seus pulsos, parando suas mãos sobre meus peitos.

Como se levantou, minhas mãos ficaram nos braços. Com as mãos ainda sob meu suéter, levantou o tecido, deixando meu estômago descoberto. Jason pareceu gostar da visão da pele nua. Ajoelhou-se outra vez, me deixando manter seus braços. Sentia o fôlego quente em meu estômago nu. Colocou a língua para fora, um toque rápido por um lado de meu umbigo. Os lábios roçavam minha pele, suaves, acariciantes.

Senti-lhe tomar um fôlego profundo, agitado. Pressionou a cara na carne suave de meu ventre. A língua lambendo meu estômago, sua boca pressionando duro. Os dentes raspavam minha cintura. Me fez retorcer, e não de dor.

Suas mãos em punhos sob meu suéter, minhas mãos tremendo. Realmente eu não queria soltar seus pulsos, mas o queria longe de mim.

“Ele vai me comer ou...”

“Foda-se” acrescentou Carmichael.

Eu quase tinha esquecido dele. Tinha descuidado do homem com a arma. Talvez isso indicasse que ele não era um perigo para mim. O perigo estava ajoelhado a meus pés.

“Jason só foi um dos nossos durante uns meses. Se puder canalizar a energia no sexo em lugar de na violência, tomará. Eu tentaria mantê-lo longe do desejo de matar.”

“O que você quer dizer com isso?”

“Mantenha-o longe de sua garganta e de seu estômago.”

Fiquei com o olhar fixo no Jason. Contemplava-me, deixando os olhos em branco. Havia uma escuridão naqueles olhos pálidos, uma escuridão intensa para me afogar dentro.

Tirei as mãos do Jason de debaixo de meu suéter. Deslizou as mãos nas minhas, meus dedos tentaram bloqueá-lo. Acariciou com o nariz meu estômago, tentava enterrar a cara onde o suéter se deslizou de minha pele. Levantei-o com nossas mãos ainda juntas.

Levantou nossas mãos para cima, pressionando meus braços para trás contra as barras. Opus-me ao desejo de lutar, de afastá-lo. Lutar era excitante, e isso era algo mau.

Tínhamos quase a mesma altura. Os olhos estavam alarmantemente a uns centímetros de distância. Os lábios se abriram e vi, momentaneamente, presas. Jesus.

Esfregou a bochecha ao longo da minha. Os lábios se moveram por minha mandíbula. Virei minha cabeça tentando mantê-lo longe do pulso forte em meu pescoço. Levantou-se e roçou sua boca contra a minha. Pressionou seu corpo humano contra o meu o suficientemente duro, e eu soube que ele gostava de estar ali. Ou ao menos ao corpo humano gostava. Enterrou a cara em meu cabelo e se pressionou contra mim, nossas mãos contra as barras da jaula.

Podia sentir o pulso em seu pescoço pulsando pesadamente contra o osso de minha mandíbula. A respiração era muito acelerada, o peito levantando-se e caindo como se estivesse fazendo muito mais que me acariciar.

Estava a ponto de passar de me acariciar a me converter em um aperitivo?

O poder formigou ao longo de minha pele mas não era Jason. Eu havia sentido esse poder antes. O espetáculo estava excitando Richard? Gostaria de me ver morrer? Seria tão excitante como ver a mulher no filme?

“Ela é minha, Jason.” Era Richard, mas com uma voz muito baixa. A mudança



estava chegando.

Jason choramingou. Era a única palavra para isso.

O poder do Richard montou o ar como um trovão distante, aproximando-se.

“Te afaste dela, Jason. Agora!” Essa última palavra se converteu quase em um grito. Mas era o tipo de grito que os pumas faziam. Sem medo, só uma advertência.

Senti que Jason sacudia a cabeça contra meu cabelo. As mãos se agitaram contra as minhas. A força disso me fez arquejar. Foi o movimento errado a fazer.

Soltou minhas mãos tão repentinamente que eu teria tropeçado, mas a linha do corpo humano me manteve direita. Avançou a saltos longe de mim e tropecei. Agarrou-me ao redor das coxas e me levantou no ar, muito rápido para eu conseguir detê-lo. Golpeou-me contra as barras. Recebi o golpe em minhas costas. Arroxeadas, mas viva.

Segurou-me com um braço e levantou meu suéter com a outra. Eu meti o suéter para baixo fazendo ele retornar ao seu lugar, me cobrindo. Ele fez um som baixo com a garganta e me deixou cair ruidosamente ao chão. Bater na rocha tinha parado a briga só por um minuto. Ele rasgou o suéter como se fosse papel, espalhando-o para fora de meu estômago. Levantou a cabeça para o céu e gritou, mas a boca que abriu não era humana. Se eu tivesse ar o suficiente teria gritado.

“Jason, não!” A voz não era mais humana. Com isso o poder do Richard alagou a jaula, tão espesso para nos sufocar. Jason lutou como se o poder fosse mais denso que ar. Ele golpeou o nada e pude ver que as mãos tinham garras no lugar de dedos.

“Para trás,” as palavras eram um grunhido, mal reconhecível.

Jason grunhiu de volta, dente mordendo o ar, mas não a mim. Rodou longe de mim, engatinhando ao longo da rocha, grunhindo.

Só fiquei ali, sobre minhas costas, com medo de me mover. Com medo que qualquer movimento o fizesse perder o equilíbrio e o fizesse terminar o que tinha começado.

“Merda” disse Carmichael. “Eu volto já, pessoal, e é melhor que o homem pássaro pense sobre algo que para fazê-lo mudar.”

Ele foi, nos deixando em um silêncio que foi substituído por um som baixo, estável. Dei-me conta de que não era Jason.

Levantei-me lentamente sobre meus cotovelos. Jason não tentou me comer. Richard estava ainda de pé junto às barras da jaula, mas a cara tinha se alargado. Tinha um focinho. O cabelo café grosso era mais longo. Parecia ter crescido para as costas, como se estivesse preso à coluna. Segurava-se a sua humanidade com uma corda. Uma corda fraca, brilhante.

Edward estava de pé muito perto da porta. Não tinha tentado correr quando Richard se tornou aterrador. Edward sempre tinha nervos de aço

Titus foi o primeiro em atravessar a porta. “Estou muito decepcionado com todos vocês. Carmichael me disse que quase conseguiu e aquele interferiu.”

Kaspar cravou os olhos em Richard como se nunca o tivesse visto antes. Talvez nunca o tenha visto como meio humano, meio lobo, mas algo na forma em que ficou com o olhar fixo me indicou que era algo mais.

“Marcus não poderia ter feito o que você fez.”

“Jason não quer machucá-la” disse Richard. “Quer fazer o que é certo.”

“Pois bem, homem pássaro” disse Carmichael, “e agora o que?”

Fiquei ali sentada sobre o chão de pedra. Jason estava agachado contra a parede mais longe, sobre as mãos e os joelhos, balançando-se da aqui para lá, daqui para lá. Um som baixo, um gemido, saía de sua garganta.

“Está perto” disse Kaspar. “O sangue o fará reagir. Nem sequer um alfa pode se controlar na presença de sangue fresco.” Eu não gostava do som disso.

“Sra. Blake, se aproxime das barras, por favor.”

Movi-me, assim poderia vigiar ao homem lobo que gemia e ao homem armado de fora. “Por quê?”

“Faça isso ou Carmichael atirárá em você. Não me faça começar a contar outra vez, Sra. Blake.”

“Não acredito que queira me aproximar das barras.”

Titus tirou a 45mm e caminhou para a outra jaula. Edward estava sentado. Olhou-me através do quarto, e eu sabia que se alguma vez saíssemos daqui, eles morreriam. Richard ainda estava de pé obstinado às barras, com as mãos as envolvendo.

Titus ficou com o olhar fixo na cara animal do Richard e fez um assobio baixo. “Bom Deus.” Ele apontou a arma para o peito do Richard.

“Estas são balas de prata, Sra. Blake. Se chamou o Garroway, não temos tempo para duas caçadas, de qualquer forma. Garroway não sabe que está aqui, assim temos um pouco de tempo, mas não temos toda a noite. Além disso, acredito que o homem lobo aqui poderia ser muito perigoso. Assim se continuar me contrariando muito o matarei.”

Cruzei meu olhar com o Richard. “Vão nos matar de qualquer maneira. Não faça isso” ele disse.

A voz era ainda mais baixa e profunda que avançou lentamente por minha coluna.

Eles iriam nos matar. Mas eu não podia estar ali e ficar tranqüila, não se pudesse encontrar a forma de prolongar o inevitável. Caminhei para as barras mais próximas a eles. “Agora?”

Titus mantinha a arma apontada para Richard.

“Passe seus braços através das barras, por favor.”

Queria lhe dizer que não, mas já tínhamos estabelecido que não estava disposta a ver Richard morrer. Deslizei meus braços através das barras, o que me colocava perto do homem lobo. Não estava bom.

“Segurem seus pulsos, cavalheiros.” Formei punhos com minhas mãos, mas não os puxei para trás. Eu ia fazer isso, certo.

Carmichael agarrou meu pulso esquerdo. O Fienstien barbudo tomou meu direito. Fienstien não me agarrava muito forte. Eu podia ter me afastado, mas a mão do Carmichael era como aço ardente. Olhei perdidamente para os olhos, e não encontrei piedade ali. Fienstien era afetado. Cabelo cinza, com seu rifle, estava no meio do quarto, distanciando-se deles. Carmichael estava aqui para a função completa.

Titus se aproximou e começou a desfazer o curativo de meu braço. Lutei com o desejo de lhe perguntar pelo que estava fazendo. Tinha uma idéia. Esperava estar errada. “Quantos pontos você ganhou, Sra. Blake?”

Não estava enganada. “Não sei. Parei de contar no vinte.”

Deixou cair os curativos no chão. Tirou minha faca e a segurou no alto onde refletia a luz. Nada como um pouco de talento para o espetáculo.

Pressionei minha testa contra as barras da jaula e aspirei profundamente.

“Vou reabrir esta ferida. Cortarei seus pontos.”

“Eu já sabia” eu disse.

“Não lutará?”

“Continue com isso.”

Aikensen se aproximou. “Deixe-me fazer isso. Deve-me um pouco de sangue.”

Titus me olhou, quase como se estivesse pedindo permissão. O concedi meu melhor olhar inexpressivo. Deu a faca ao Aikensen.

Aikensen segurou a faca sobre o primeiro ponto perto do meu pulso. Senti meus olhos aumentarem.

Não sabia o que fazer. Parecia-me uma má idéia. Não olhar me parecia pior.

Suplicar que não o fizesse me pareceu inútil e humilhante. Algumas noites não existiam boas escolhas.

Cortou o primeiro ponto. Senti-o estalar, mas surpreendentemente não doeu tanto. Desviei o olhar. Os pontos foram cortados, cortados e cortados. Poderia suportar isso.

“Precisamos de sangue” disse Carmichael.

Olhei para trás a tempo de ver Aikensen colocar a faca contra a ferida. Ele ia reabrir a ferida, lentamente. Isso ia doer. Vi momentaneamente Edward em sua jaula. Estava de pé agora. Olhando-me. Estava tentando me dizer algo. Os olhos baixaram

à direita.

O de cabelo cinza tinha se afastado da cena. Estava de pé perto da outra jaula. Evidentemente, ele podia atirar, mas não gostava da tortura. Edward me olhava. Eu achava que sabia o que ele queria. Esperava que fosse assim.

A faca deu uma dentada em minha pele. Fiquei sem fôlego. A dor era intensa e imediata, como todas as feridas pouco profundas, mas essa ia durar muito tempo. O sangue fluíu em uma linha grossa por minha pele.

Aikensen cortava um ponto quase do tamanho de uns dois centímetros. Puxei repentinamente de meus braços. Fienstien perdeu sua força. Tentou agarrar meu braço. Carmichael reforçou seu aperto. Não podia me libertar, mas podia cair para o chão e fazer um movimento com meu braço para usar a faca.

Comecei a gritar e a brigar sério. Se Edward precisava de uma distração, eu podia dar.

“Uma mulher em uma jaula e vocês três não podem controlá-la.” Titus caminhou como um pato. Agarrou meu braço esquerdo enquanto Carmichael agarrava meu pulso. Minha mão direita estava de volta na jaula, comigo. Fienstien revoava perto da jaula, sem estar seguro do que fazer.

Se ia pagar para caçar monstros, deveria ser mais violento. O coldre estava próximo às barras.

Gritei repetidas vezes, sacudindo meu braço esquerdo. Titus o segurou, prendendo-o ao lado do corpo. O aperto de Carmichael em meu pulso me machucava. Tinham-me no fim de contas.

Aikensen colocou a faca sobre a ferida e começou a fazer um corte. Fienstien se inclinou para ajudar. Gritei e me apoiei nas barras. Não tirei a arma. Agarrei o gatilho e o puxei com força sobre o corpo. O disparo o acertou no estômago. Caiu de costas.

Um segundo disparo ecoou na caverna. A cabeça do Carmichael estalou sobre Titus. O chapéu Smokey Bear estava coberto de sangue e matéria cinza.

Edward estava de pé com o rifle no ombro. O de cabelo cinza estava caído contra as barras da jaula. O pescoço estava em um ângulo estranho. Richard estava ajoelhado sobre o corpo humano. Tinha-o matado?

Houve um som detrás de mim. Um grito fraco gutural. Titus havia tirado a arma. Ainda segurava meu pulso. Fienstien era uma massa no chão. A arma dele estava fora de alcance. Escutou-se um grunhido baixo vindo de trás de mim. Ouvi movimento. Jason voltava a jogar. Demônios.

Titus sacudiu com força meu braço para frente, quase o tirando de meu ombro. Meteu a sua 45mm contra minha bochecha. O canhão estava frio.

“Solte o rifle ou disparo.”

Minha cara se apertou contra as barras e a arma. Não podia olhar para trás, mas

podia ouvir algo avançando lentamente, cada vez mais perto.

“Mudou?”

“Ainda não” disse Richard.

Edward ainda tinha o rifle levantado, apontando para Titus. Aikensen parecia congelado, ali de pé com a faca ensanguentada.

“Ponha-o no chão, loiro, agora mesmo, ou ela morre.”

“Edward.”

“Anita” ele disse.

A voz soou como sempre o fazia. Ambos sabíamos que ele podia acertar Titus, mas se o dedo do homem se movesse nervosamente enquanto morria, eu também morreria. Escolhas.

“Faça” eu disse.

Ele puxou o gatilho. Titus caiu contra as barras. O sangue salpicou minha cara. Uma bola de algo um pouco mais grosso que o sangue deslizou por minha bochecha.

Respirei em baforadas vazias. Titus caiu ao longo das barras, ainda tinha a arma presa nas mãos.

“Abra a jaula” disse Edward.

Algo tocou minha perna. Sacudi-me e virei rapidamente. Jason agarrou meu braço que sangrava. A força era incrível. Podia ter esmagado meu pulso. Aproximou a cara para a ferida e bebeu a lambidas o sangue, como um gato com um gole de leite.

“Abra a porta agora ou também morrerá.” Aikensen só estava ali, congelado.

Jason lambeu meu braço. A língua acariciou a ferida. Doeu, mas traguei o ofego. Sem ruído. Sem luta. Ele tinha feito malditamente bem ao opor-se para não saltar sobre mim enquanto eu lutava com os homens de fora. Mas a paciência de um homem lobo não era infinita.

“Agora!” disse Edward.

Aikensen saltou, logo foi para a porta. Deixou cair minha faca pela porta e abriu na fechadura.

Jason mordeu meu braço, só um pouco. Fiquei sem fôlego. Não podia ajudá-lo. Richard gritou, rouco e ruidoso. Jason retrocedeu a saltos para longe de mim. “Corra” ele disse.

Enterrou a cara em um atoleiro de sangue no chão, chapinhou nela. A voz era forçada, mais grunhido que palavra. “Corre.”

Aikensen abriu a porta. Caminhei de costas como um caranguejo. Jason levantou sua cabeça para o céu e gritou. “Corre!”

Fiquei de pé e corri. Aikensen fechou de repente a porta atrás de mim. Jason se contorcia no chão. Caiu nele com convulsões. A espuma escapava de sua boca. A mão tremia, alcançado nada que pudesse ver. Eu tinha visto as pessoas transformar-

se antes, mas nunca tão violentamente. Pareceu uma viagem má ou alguém morrendo de estricnina.

O lobo saiu precipitadamente da pele como um produto quase acabado, como uma cigarra tirando a pele velha. O homem lobo correu rapidamente para as barras. As garras para nós. Ambos retrocedemos. A espuma caía da mandíbula do homem lobo. Os dentes estalavam no ar. E eu sabia que me mataria e comeria depois. Era o que ele fazia o que ele era.

Aikensen cravava os olhos no homem lobo. Ajoelhei-me e recolhi a faca que ele tinha deixado cair.

“Aikensen?”

Olhou-me, ainda alarmado e pálido.

“Gostou de ter atirado no peito da ajudante Holmes?”

Olhou-me de cara amarrada. “Deixei-a ir. Fiz o que ele me pediu.”

Dei um passo me aproximando dele. “Lembra-se do que eu te disse que aconteceria se machucasse Williams?”

Olhou-me. “Lembro.”

“Bem.” Deslizei a faca para cima por sua virilha. Empurrei-o até o punho profundamente. O sangue emanou sobre minha mão. Cravou os olhos em mim, uns olhos que se tornaram frágeis. “Uma promessa é uma promessa” eu disse.

Caiu e deixei que o peso da faca rachasse o abdômen. Os olhos se fecharam e a tirei.

Limpei a faca em seu casaco e tirei as chaves da mão inerte. Edward pendurou o rifle sobre o ombro pela correia. Richard me observava como se nunca tivesse me visto antes. Ainda com a cara de forma estranha, os olhos âmbar me podiam dizer que reprovava.

Abri a porta. Edward saiu andando. Richard o seguia, mas cravava os olhos em mim.

“Não tinha que matá-lo” ele disse.

As palavras eram do Richard, ainda assim a voz não era sua.

Edward e eu olhamos ao homem lobo alfa.

“Sim, eu tinha.”

“Matamos porque temos que fazê-lo, não por prazer e não por orgulho” disse Richard.

“Talvez você faça assim” eu disse. “Mas o resto do bando, o resto dos trocadores de formas não são tão seletivos.”

“A polícia pode estar em caminho” disse Edward. “Não devemos estar aqui.”

Richard percorreu com o olhar à besta voraz na outra jaula. “Dê-me as chaves. Tirarei Jason através do túnel. Posso sentir o cheiro do lado de fora.”

Dei-lhe as chaves. As pontas de seus dedos roçaram minha mão. A mão

convulsionou sobre as chaves.

"Não posso agüentar muito mais tempo. Vão."

Olhei diretamente aqueles estranhos olhos âmbar. Edward tocou meu braço.

"Devemos ir. Escuto sirenes. Devem ter ouvido os disparos."

"Tenha cuidado" eu disse.

"Terei."

Deixei Edward me empurrar enquanto subíamos as escadas. Richard caiu no chão, a cara escondida entre as mãos. A cara surgiu e os ossos se alargaram. Brotaram da cara como se fosse barro.

Tropecei nas escadas. Só a mão do Edward evitou que eu caísse. Dei a volta e subimos correndo as escadas. Quando olhei para trás, Richard não estava à vista.

Edward deixou cair o rifle nas escadas. A porta se abriu de repente e a polícia entrou através dela. Só então notei que Kaspar tinha desaparecido.

Nem Edward nem eu fomos presos, embora os policiais tenham encontrado as pessoas que matamos. Todo mundo pensou que era um milagre que tivéssemos escapado com vida. Pessoas ficam impressionadas.

Edward me surpreendeu mostrando a identificação de um tal, “Ted Forrester”, caçador de recompensas. A morte de um montão de caçadores ilegais de licântropos tinha realçado a reputação de todos os caça recompensas, e do Ted Forrester em particular. Consegui uma boa quantidade de publicidade também. Bert estava encantado.

Perguntei a Edward se Forrester era seu sobrenome real. Só sorriu.

Foi dado alta para Dolph a tempo para o Natal. Zerrowski teve que ficar um pouco mais. Comprei a ambos uma caixa de balas de prata. Era só dinheiro. Além disso, eu não queria ver nenhum deles enquanto a vida lhes gotejava de uns tubos.

Fiz uma última visita ao Café Lunático. Marcus me disse que Alfred tinha matado a garota e que tudo foi idéia dela. Gabriel não sabia o que ia acontecer, mas uma vez que estava morta, ele não quis desperdiçar. Os licântropos eram práticos. Raina tinha distribuído o filme pela mesma razão. Realmente eu não acreditava neles. Era horrivelmente conveniente culpar um homem morto. Mas não eu não disse isso a Edward. Eu disse a Gabriel e a Raina que se algum outro filme desse tipo fosse filmado, podiam dar o beijo de despedida em seus traseiros peludos. Incitavam-me a atacá-los com Edward. Embora eu não disse isso a eles.

Dei de presente ao Richard uma corrente com uma cruz de ouro e lhe fiz prometer que a usaria.

Ele me deu de presente um pingüim de pelúcia que dizia "Paraíso Invernal", uma bolsa de pingüins preto-e-branco, e uma caixa pequena do veludo, como as que se usam para os anéis. Pensei que ia engolir meu coração. Não havia um anel ali, simplesmente um bilhete que dizia: "Promessas a manter."

Jean Claude me deu de presente uma escultura de pingüins de vidro em um campo de gelo. Era bonita e cara. Eu teria gostado mais se tivesse sido do Richard.

O que se dá de presente ao Amo da Cidade no Natal? Um litro de sangue? Conformei-me com um camafeu antigo. Parecia grande na gola de uma das camisas.

Em algum momento de fevereiro me chegou uma caixa do Edward. Era uma pele do cisne. A nota dizia: "Encontrei uma bruxa para quebrar a maldição." Levantei a pele com plumas da caixa, e uma segunda nota revooou ao chão. Esta dizia: "Marcus me pagou". Eu devia saber que ele encontraria uma maneira de ganhar dinheiro de uma matança que ele tinha feito de graça.

Richard não entendia por que matei ao Aikensen. Tentei explicar a ele, mas sem dizer a ele que eu tinha matado um homem porque havia dito que o faria já que isso



soava como orgulho. Mas não era orgulho. Era por Williams, que nunca terminaria seu doutorado ou veria seus mochos outra vez. Por Holmes, que nunca chegaria a ser a primeira mulher chefe da polícia. Por todas as pessoas que ele tinha matado que nunca teriam uma segunda oportunidade. Se eles não a podiam ter, então ele também não poderia. Não perdi o sono por matar Aikensen. Talvez a falta de sono tenha incomodado mais que o assassinato, o fato é que o assassinato não me incomodou absolutamente. Nah.

Coloquei a pele do cisne em um quadro de bom gosto, atrás de um vidro. Pendurei-o na sala de estar. Fazia jogo com o sofá. Richard não gostou. Eu gostava simplesmente por isso.

Fim

Este *ePub* teve como base a tradução em *Doc* feita por Isadora Vecchietti e Thayná-H, com revisão de Caroline Galvão, membros da comunidade **Traduções de Livros**.

*Abril de 2014*

***LeYtor***

- <sup>[1]</sup> Língua oficial do Quênia e Tanzânia, falada no leste e centro africanos.
- <sup>[2]</sup> Musical dos anos 50.
- <sup>[3]</sup> Mugger, assaltante em espanhol, por isso se supõe que se refere ao hábitat natural do assaltante americano utilizando um término em latim.
- <sup>[4]</sup> Os gêmeos Bobsey são os personagens principais de uns contos infantis que durante anos escreveu a Stratemeyer Syndicate (produtora numero um de séries para meninos) sob o pseudônimo da Laura Lê Hope, o primeiro em 1904 e o ultimo em 1979).
- <sup>[5]</sup> Som que se escuta ao acender o televisor e sintonizá-lo em um canal que não capta sinal algum.
- <sup>[6]</sup> Smokey Bear é a imagem de uma das campanhas americanas de serviço público mais bem-sucedidas de todos os tempos.
- <sup>[7]</sup> Rima infantil que acompanha um jogo no que os participantes se agarram pelas mãos e giram em uma direção entoando a melodia.
- <sup>[8]</sup> Grupo de policiais que se passavam o filme muda correndo com o porrete na mão detrás de atores como Buster Keaton, Chaplin ou Oliver e Hardy, e companhia...
- <sup>[9]</sup> Denominação que recebem as fadas na Irlanda.
- <sup>[10]</sup> Gíria em inglês para café.
- <sup>[11]</sup> Detetive privado fictício criado pelo Raymond Chandler em seus romances.
- <sup>[12]</sup> Shapeshifters, mudam de forma.
- <sup>[13]</sup> Tipo de munição.
- <sup>[14]</sup> Papel fabricado a partir do cânhamo.
- <sup>[15]</sup> Filme em que se filma um assassinato ou a morte real de uma pessoa.
- <sup>[16]</sup> Assobio, ressona, som ao caminhar.
- <sup>[17]</sup> Relativo a bispos; referente à igreja episcopal no cristianismo.
- <sup>[18]</sup> Intravenosa.

# Table of Contents

[Prefácio](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[16](#)

[17](#)

[18](#)

[19](#)

[20](#)

[21](#)

[22](#)

[23](#)

[24](#)

[25](#)

[26](#)

[27](#)

[28](#)

[29](#)

[30](#)

[31](#)

[32](#)

[33](#)

[34](#)

[35](#)

[36](#)

[37](#)

[38](#)

[39](#)

[40](#)

[41](#)

[42](#)

[43](#)